

As primeiras arquiteturas
em pedra
no centro de Portugal

Alexandra Figueiredo

Ficha Técnica

Título: As Primeiras Arquiteturas no Centro de Portugal
- O Caso do Complexo Megalítico de Rego da Murta

Tipo: Monografia

Autora:

Alexandra Figueiredo

alexfiga@ipt.pt

Instituto Politécnico de Tomar

Laboratório de Arqueologia e Conservação do Património

Subaquático, Centro de Geociências – FCT

Composição Gráfica

CAAPortugal e Gabinete Comunicação e Relações Públicas

- Instituto Politécnico Tomar

Revisor Externo:

Adolfo Silveira

Edição:

Museu Municipal de Alvaiázere

Instituto Politécnico de Tomar

Universidade Autónoma de Lisboa

Ano:2021

1ª Edição

ISBN: 978-989-8840-52-3

Depósito Legal:



Projeto Medice

*Memórias, dinâmicas e cenários
da Pré-história à Época Clássica*



As primeiras arquiteturas no centro de Portugal

O CASO DO COMPLEXO MEGALÍTICO
DE REGO DA MURTA (ALVAIÁZERE)

ÍNDICE

PREFÁCIO	9
APONTAMENTO AO LEITOR	10
1. INTRODUÇÃO À PROBLEMÁTICA E ESTRUTURAÇÃO DA OBRA	13
2. SOBRE O MEGALITISMO: PONTO DE SITUAÇÃO	21
2.1. Existe tal coisa como o megalitismo?	22
3. OS MONUMENTOS MEGALITICOS DE REGO DA MURTA	35
3.1. O cenário: breve caracterização da paisagem	36
3.2. Habitando o Complexo Megalítico de Rego da Murta	38
3.2.1. Anta I do Rego da Murta	40
3.2.2. Anta II do Rego da Murta	43
3.2.3. Os menires	48
3.2.4. Sítios atípicos e indeterminados	50
3.2.5. Lajes com arte rupestre	51
3.2.6. Tabela síntese	51
3.3. Quadro da ocupação do Complexo Megalítico de Rego da Murta	52
4. ENTRE A PAISAGEM, A PERCEÇÃO E AS ACÇÕES	57
4.1. Espaços de transformação: análise da implantação dos monumentos e relações diacrónicas	58
4.2. Na linha do tempo	64
4.2.1. Entre a cronologia registada e a temporalidade interpretada	64
4.2.2. Datações Absolutas	69
4.2.3. Análise e discussão	76
4.3. Conexões e Paralelos	79
4.4. Correlações espaciais entre o complexo megalítico de Rego da Murta e os sítios pré-históricos localizados nas imediações	92
5. A OCUPAÇÃO PRÉ-HISTÓRICA NO ALTO RIBATEJO	101
5.1. Entre as últimas comunidades de caçadores-recolectores e as primeiras sociedades produtoras	103
5.1.1. Introdução	103
5.1.2. Em torno dos modelos que explicam a neolitização	104
5.1.3. Análise da ocupação do Alto Ribatejo no Neolítico antigo	109
5.1.4. Algumas considerações finais	118
5.2. A emergência das primeiras estruturas arquitetónicas e a sua associação com as primeiras sociedades produtoras	123
5.2.1. Introdução	123

5.2.2. Continuidades e descontinuidades	124
5.2.3. Correlacionando os dados	130
5.3. Análise espacial dos monumentos megalíticos do Alto Ribatejo: estruturas arquitetónicas, implantação e características.	132
5.3.1. Introdução	132
5.3.2. As Estruturas	133
5.4. Cultos e Rituais no Alto Ribatejo	137
5.4.1. Introdução	137
5.4.1. Entre as grutas e os monumentos megalíticos	135
6. CONCLUSÃO DAS PROBLEMÁTICAS LEVANTADAS: NA INTERPRETAÇÃO PARA UM CAMINHO TEÓRICO	149
BIBLIOGRAFIA	171
ANEXO 1 - SÍTIOS E MAPAS	225
ANEXO 2 - ESTAMPAS E FOTOGRAFIAS	277

PREFÁCIO

A obra que agora publicamos reúne as principais ideias defendidas pela autora na sua dissertação de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, em 2007, integrando alguns dados posteriores referentes aos diferentes projetos arqueológicos realizados no Complexo Megalítico e de Arte Rupestre de Rego da Murta até 2019.

A investigação deste complexo foi concebida sob a necessidade de compreender as manifestações do fenómeno megalítico numa área que, até meados da década de 90, se mostrava desprovida deste tipo de estudos e quase que exclusivamente relacionada com rituais realizados nas grutas.

Foi no ímpeto de perceber uma região tão vasta e charneira às influências vindas do interior e do litoral, bem como do Norte e do Sul do território central de Portugal, que ao longo de vários anos se direcionaram vários projetos de intervenção para os sítios que se expõem.

No início dos trabalhos eram conhecidos, nesta área, dois monumentos: a Anta I e Anta II do Rego da Murta. Até 2006 tinham sido inventariados mais oito, contando-se atualmente com catorze monumentos/sítios somente integrados num espaço de 1 km².

Este trabalho de investigação não se encontra de forma alguma concluído, deixando-se a maior parte das questões em aberto. Este processo é bem visível pela constante descoberta de novos monumentos e uma laje com arte rupestre, que têm dado origem ao desenvolvimento de novas investigações, algumas atualmente em curso. Torna-se, por isso, necessário aprofundar assuntos menos conseguidos, analisar as hipóteses e as explicações levantadas, ensaiar novos modelos que expliquem e abarquem pontos tão complexos como os que rodeiam as atividades relacionadas com estes locais de culto, bem como examinar mais pormenorizadamente possíveis relações com outras áreas semelhantes e com as zonas de habitat dos seus construtores.

APONTAMENTO AO LEITOR

A arqueóloga Alexandra Figueiredo, nesta obra propõe a apresentação do Complexo Megalítico de Rego da Murta, localizado em Alvaiázere, composto atualmente por catorze monumentos, integrando também um painel de arte rupestre, preenchido por covinhas gravadas.

Atendendo à relevância do tema e extensão da dissertação apresentada em 2007, publica nesta nova edição, um resumo dos trabalhos realizados, acrescentados novos e importantes dados para a compreensão do complexo, obtidos nas prospeções realizadas após esta data.

Ainda que se trate de um trabalho de investigação manifesta numa linguagem acessível ao leitor, os possíveis cenários e dinâmicas comportamentais associadas aos cultos e rituais dos nossos antepassados, no período da Pré-história recente, nomeadamente entre o Vº e o Iº milénio a.C.

A investigadora centra a abordagem numa interpretação exaustiva do fenómeno e da sua emergência e fixação, sobretudo na região centro de Portugal, extravasando num raciocínio lógico e objetivo analogias com diversos monumentos e sítios arqueológicos da Península Ibérica, num processo de análise que parte do sítio para a região, posteriormente da região para o país e por fim, para a Península Ibérica.

Ao comparar o quadro crono-estratigráfico das estações arqueológicas da região que integra o Complexo Megalítico de Rego da Murta com o contexto geral do País e apresenta de forma consistente e elucidativa uma aproximação interpretativa no que concerne às ocupações das cavidades cársicas e posteriormente a emergência dos primeiros monumentos megalíticos.

Com base nos dados arqueográficos obtidos, sobretudo das escavações da Anta I e II de Rego da Murta e do Menir I e II de Rego da Murta, apresenta um quadro evolutivo que se estende para lá das cronologias registadas, das respostas perfeccionadas pela análise dos materiais e estruturas, da compreensão construtiva dos espaços, ou até das relações entre sítios e paisagem. Nesta linha de perceção abrange as transformações socio-comportamentais e de interação ideológica, que optou por designar como praxis, modas e habitus, elevando a compreensão dos conceitos a um nível cosmológico complexo inerente ao ser humano, que estará na base da adoção de práticas e comportamentos, que se refletem nas construções e no uso de determinados materiais em determinados períodos.

Os profundos e meticulosos trabalhos metodológicos optados pela investigadora que foram realizado, na época nas intervenções dos sítios apresentados, bem como a aplicação das tecnologias de ponta no tratamento de dados, na relação espacial dos contextos e individualização das ações, garantiram uma fina e completa perceção dos comportamentos, que permitiram à autora trilhar um modelo que assenta em pressupostos conclusivos que se definem na compreensão de uma multiplicidade de grupos e tradições que se espelham em dinâmicas sociais, económicas e ideológicas, que ora se aproximam, ora se destacam, conforme as influências que recebem de comunidades vizinhas e dos comportamentos que estruturam os seus atos.

Trata-se de uma obra de referência nacional, não apenas dirigida aos investigadores e interessados nestas matérias, mas de um trabalho atento sobre a herança patrimonial e cultural do nosso país. Sabemos hoje mais sobre as manifestações do fenómeno megalítico graças ao contributo deste trabalho que também nos abre novos percursos de investigação e proporciona novos caminhos sobre os territórios e povos que lá viverem.

Adolfo Silveira
(Historiador e Arqueólogo)
Universidade Autónoma de Lisboa





1. INTRODUÇÃO À PROBLEMÁTICA E ESTRUTURAÇÃO DA OBRA

Os dados que a seguir apresentamos foram estudados sob a influência de um conjunto de circunstâncias que têm sido talhadas para a compreensão da pré-história recente nesta região. Resulta de um conjunto de informações provenientes de um complexo megalítico composto atualmente por catorze sítios, que se agrupam num espaço relativamente restrito e aparentemente isolado de outros vestígios do género.

No entanto, o tempo disponível para a realização da tese, foi muito curto para perceber uma região tão ampla e complexa, localizada numa zona de limite entre diferentes afluências culturais, vindas quer do interior, quer do litoral e acedidas, em grande parte, pelos cursos fluviais. Estes terão sido, pelo menos numa fase inicial, os grandes responsáveis pela introdução de novas ideias; pressuposto que também tem sido defendido pela grande parte dos investigadores que se dedicam a esta região, destacando-se a tese de doutoramento de Luíz Oosterbeek (1994), publicada em 1997 e a tese de mestrado de Ana Rosa Cruz (1996), publicada em 1997. Outras foram, entretanto, desenvolvidas não tendo sido, os dados, integrados na tese de dissertação em questão.

Na realidade existe um certo vazio de informação sobre contextos bem datados para o megalitismo no Alto Ribatejo, que têm sido relativamente ultrapassados com os últimos estudos e com os novos elementos extraídos deste núcleo.

Desta forma, esta obra evidencia um conjunto de questões e problemas encetados durante os trabalhos de pesquisa realizados até 2006. Um dos monumentos estudado, a Anta II do Rego da Murta, só foi finalizado após a defesa da tese, tendo as escavações sido prolongadas até 2012. Este monumento tem-se revelado como sendo um dos monumentos mais bem conservados do Alto Ribatejo, à semelhança da Anta I de Val da Laje (Cruz e Oosterbeek 1989; 1991 e Oosterbeek et al. 1992; Oosterbeek, 1994; Cruz, 1997) e em que as informações obtidas se têm mostrado cruciais para a percepção deste fenómeno e da sua relação com as deposições verificadas em gruta.

Assim, no início desta tese eram conhecidos pouco mais de trinta e cinco monumentos no Alto Ribatejo, muitos deles destruídos ou já então desaparecidos, a que se juntaram, posteriormente mais trinta, alguns deles detetados no ano de 2006, altura da apresentação da tese, tendo o número aumentado nos anos seguintes.

O eixo desta obra, em termos de problemática, fundamenta-se no estudo

exaustivo da documentação exumada do núcleo de Rego da Murta e da sua interpretação, registando-se, as considerações mais pertinentes. Em alguns casos acrescentamos um ou outro dado mais pertinente obtido após a defesa e aprovação da mesma.

Assim, tendo como ponto de partida a região do Alto Ribatejo e os trabalhos que foram desenvolvidos por diversos investigadores (Oosterbeek, L. 1994; Cruz, A. 1997; Zilhão, J. 1992; Lillios, 1991), foi nossa pretensão dar resposta a uma série de questões, que têm sido discutidas na comunidade arqueológica, a respeito da interligação de dois temas fundamentais: a neolitização e o fenómeno megalítico.

Apesar do tema se centrar expressamente neste último, não o podemos entender sem tentar buscar as raízes concretas que terão levado à sua emergência.

A importância desta relação será também de ordem antropológica, no sentido de perceber como é que estas sociedades se estruturavam desde o Mesolítico e de que maneira as novas influências e “modas” que iam surgindo em algumas sociedades e grupos foram das ou descartadas pelas comunidades que com elas contactavam.

O problema da percepção do fenómeno em questão estende-se para além da interpretação cronológica dos acontecimentos, das respostas às múltiplas funções dos objetos e estruturas, da panóplia polimorfológica das arquiteturas, ou da ocorrência de uma mudança económica. Cinge-se, a nosso ver, por transformações sociocomportamentais, que determinadas sociedades vão registando, emergindo em novas praxis, que rapidamente são das por outras comunidades, ainda que com algumas transformações de base, fruto das características próprias de cada grupo. Ocorrem num cenário de intercâmbio de ideias que, de alguma forma, são acompanhadas por novos artefactos e conceitos, traduzindo-se em novas relações do homem com o outro homem e com o espaço que o rodeia.

Os pressupostos teóricos porque nos orientamos permitem entender a complexidade social (no seu conjunto) e humana (na individualidade de cada um dos membros) explicada pela dinâmica das sociedades, que interagem a diferentes ritmos na tentativa de satisfazerem as suas diversas vontades e necessidades (incluindo as simbólicas). Assim, na percussão deste trabalho tornou-se imprescindível compreender os atos. A análise dos comportamentos foi para nós o pano de fundo para o entendimento destas sociedades.

Dentro desta perspetiva, o nosso trabalho desenvolveu-se em duas linhas significativas:

1 – Por um lado esboçou-se as diferentes práticas regionais, explorando o problema que tem sido debatido (Oosterbeek, 1994; 1997; Zilhão, 1992; Cruz, 1997) sobre a origem das primeiras sociedades produtoras e na existência ou não de uma continuidade entre o Mesolítico e o Neolítico. Esta abordagem passou essencialmente pela caracterização e análise de um conjunto de pontos fulcrais presentes nas comunidades do neolítico antigo e na definição das grandes linhas teóricas que as explicam, criando a ponte para a perceção dos rituais que se observaram imediatamente antes ao fenómeno megalítico.

2 – Por outro lado relacionar, tanto quanto possível, estas diretrizes com o início das construções megalíticas na região, tentando compreender os motivos da adoção de tais práticas e do seu desenvolvimento. Esta perspetiva pretendeu ainda correlacionar os dados conhecidos noutros contextos semelhantes, tentando encontrar pontos de concordância com o que nos parece visível no Alto Ribatejo.

Neste sentido, o sistema de organização da estrutura interna deste trabalho foi pensado no sentido de criar uma melhor aproximação aos dados obtidos, estudos de relação e conclusões observadas. Assenta sobre dois planos fundamentais e articulados, que se registam em todos os trabalhos arqueológicos: os dados e as interpretações. Parte, assim, de uma base já estruturada para esta região, onde o fenómeno dos cultos e rituais se torna essencial para a compreensão das chamadas primeiras sociedades produtoras (Oosterbeek, L. et al. 2002: 261-322).

Os parâmetros e as conceções teóricas que tecem as principais ideias que são apresentadas, não se centram numa perspetiva teórica singular, mas numa conjugação de pensamentos e visões, que os diferentes postulados arqueológicos nos trouxeram; não numa tentativa de conciliação, como foi defendido por Jorge de Alarcão (1996), mas numa interligação do que cada corrente desenvolveu de positivo para o estudo do passado humano. Nesta linha de pensamento, a análise da chamada cultura material (artefactos e estruturas) e do seu conjunto (os sítios), em aliança com as modernas ferramentas informáticas (bases de dados e sistemas de informação geográfica) permitiram dar o impulso inicial nos estudos de relação, numa tentativa de encontrar as respostas para o comportamento simbólico e estruturas cognitivas; certamente o problema mais complexo

e entusiasmante do foro humano.

Sofrendo das influências que se registavam no início do século XXI e das problemáticas que se fundamentavam em torno da compreensão do fenómeno do megalitismo (Hodder, I. 1990; Thomas, J. 1991; Ingold 1993; Tilley, C. 1996; Bradley, R. 1993; 1998; Jorge, V. 1999), orientamos as questões estruturais da dissertação, no sentido de uma interpretação mais simbólica e ideológica associada a uma perspectiva fenomenológica da relação do homem com a paisagem (Ingold, 1993; Tilley, 1994; Bradley, 1998; Cooney, 2000; Scarre, 2002) e com o outro homem. É, pois, neste domínio, e buscando todo um conjunto de soluções de análises espaciais, que se colocam as discussões mais pertinentes.

No que diz respeito a esta obra apresentamos as conclusões em quatro diferentes escalas, que se apresentam interligadas nos capítulos dois, três e quatro.

Assim, após uma pequena introdução ao tema exposto, desenvolve-se a descrição resumida dos monumentos que perfazem o Complexo Megalítico de Rego da Murta.

A condicionar qualquer análise referente a este ponto colocam-se os problemas de ordem interpretativa da estrutura arquitetónica, da ocupação cronológica dos atos de deposição, bem como da presença de arte. No entanto, os processos rituais só são entendidos aquando da conjugação da perspectiva diacrónica e sincrónica dos vestígios arqueológicos materiais e osteológicos. Esta aproximação foi fulcral para a resolução de problemas concretos que se colocavam na interpretação das práticas funerárias e rituais observadas no Alto Ribatejo.

Levantam-se três conceitos chave: Paisagem, Perceção, e Ação, procurando explicar os problemas sobre a forma/relação entre o cenário – o palco das ações humanas; os conceitos – entendimento que o homem tinha do seu cosmo, e as práticas – as ações desempenhadas.

Desde logo e apesar de muitas destas práticas se apresentarem com características comuns, elas não se terão dado ao mesmo tempo; resultaram de processos sucessivos, tal como se observa na construção dos monumentos e na utilização de qualquer área simbólica, podendo, as suas funções e conceitos terem sido alterados (Jorge, V. 2000: 317). Assim, “a soma de informação num monumento megalítico [bem como num espaço] faz com que as coisas não percam totalmente o seu significado: ganham outros” (Gonçalves, V. 2000 a): 304). Esta perceção surge como ponte de transição para a segunda

escala de análise: o núcleo. Nesta fase integramos os dados referentes aos modelos hipotéticos de relação, salientando-se os aspetos de conectividade espacial e de implantação. A possível relação, entre os vários monumentos, a sua localização e os vestígios materiais observados, emerge no sentido de traduzir possíveis hipóteses de construção de uma área.

Um dos muitos problemas do megalitismo situa-se na dinâmica de transformação do monumento/espço, onde, com o tempo, são adoçadas novas infraestruturas, no sentido de preservação dos elementos ou alteração da base anterior. As novas opções empreendidas revelam mudanças da conceção arquitetónica, paisagística ou mesmo do processo de culto. Este ponto interliga-se em grande medida com o terceiro, ao tentar encontrar as respostas para a dinâmica destes espaços, procurando compreender para além dos atos, os símbolos, os sinais e as mensagens que a eles estão inerentes. Para atingir este objetivo é necessário estudar as comunidades humanas geradoras destas práticas (Joussaume, R. 2000: 319). É nesta escala de médio alcance conseguida pela relação entre os diferentes núcleos e as estações localizadas na periferia destes conjuntos e nas regiões vizinhas que se tenta chegar a uma compreensão essencialmente regional. Convém perceber como funcionavam e se expressavam, que mecanismos sociológicos, mentais, económicos e religiosos detinham, quais os seus "habitus" quotidianos e como tudo isto se interrelacionava no espaço que ocupavam (Ingold, 1993; Tiley, 1994; Bradley, 1998; Cooney, 2000; Scarre, 2002). Buscam-se as semelhanças, mas também as diferenças, tenta-se compreender as forças e necessidades que estariam por detrás destas práticas. É, também, neste nível que os dados conhecidos para a "ocupação" da pré-história recente e para a emergência das primeiras sociedades produtoras são conjugados.

Apesar da falta de conhecimentos que se tem relativamente às comunidades criadoras destes monumentos e dos motivos que lhes permitiram r tais práticas, torna-se claro que poderão estar relacionados com múltiplos conceitos, cronologias e utilizações. Sem querer desenvolver extrapolações gerais da perspetiva regional obtida, desenvolvem-se comparações com outras áreas essencialmente de índole peninsular.

Estas diferentes escalas, não se encontram completamente seccionadas ao longo desta obra, visto se interrelacionarem de uma maneira natural. Neste sentido, elas misturam-se implicitamente.

No último capítulo objetivam-se os problemas levantados e as interpretações retiradas, como que em remate final.





2. SOBRE O MEGALITISMO: PONTO DE SITUAÇÃO

2.1. Existe tal coisa como o megalitismo?

O megalitismo é um fenómeno que se processou um pouco por todo o mundo, centrando-se, tal como o conhecemos em Portugal, na Europa Ocidental.

Os seus conceitos, ainda que não definidos em concreto, englobam características que os descrevem como monumentos arquitetónicos construídos com grandes pedras. No entanto, a utilização do termo é uma “convenção dos arqueólogos” (Jorge, V. 2003: 401) e tem abrangido diversas manifestações, constituindo várias faces de uma realidade que passa essencialmente pelo ato e pelo modo como se encara o espaço (Ingold, 1993; Tilley, 1994; Bradley, 1998; Cooney, 2000; Scarre, 2002).

Reflete, tal como o Paleolítico ou o Neolítico, uma divisão tecnológica, muito à moda das primeiras correntes da arqueologia, criada para o seriar e o dividir de outras expressões arquitetónicas.

À medida que foi usado foi abarcando todo um conjunto de formas estruturais com ou sem os grandes monólitos que o caracteriza. De facto, existem estruturas muito diversas que enquadram o mesmo tipo (ou tipos semelhantes) de rituais.

Para além disto, os dólmenes, os tholoi, as cistas, os cairns, as galerias cobertas, os hipogeus ou as grutas naturais, referindo só os mais característicos dos contextos sepulcrais, não devem ter sido as formas estruturais mais comuns (Jorge, V. 2003: 397) mas, tão-somente, as mais visíveis ou preservadas; outras terão existido, como é o exemplo dos megalíticos de madeira que têm sido descobertos na Bretanha (Le Roux, 2000: 318; Scarre, 2002d; 2004).

A somar a estas evidências, a observação de diferentes monumentos de estruturas atípicas sem a presença de grandes monólitos, como é o caso do Monumento de Colos, localizado em Abrantes e integrado nos períodos do Neolítico e Calcolítico (Gaspar e Baptista, 2001), só vêm confirmar esta suposição. Neste monumento, para mencionar um caso concreto do Alto Ribatejo, observaram-se estruturas de fossa, em contexto funerário, abertas em afloramentos e delimitadas por pequenas estruturas pétreas, sem grande monumentalidade (idem, 2001). Do mesmo estilo e relativamente próximo deste local, ainda que apontado para uma fase mais tardia, encontra-se o Monumento 5 da Jogada (Cruz, A. 2003: 9-21; 2004: 89-114), que conjuga estruturas de fossa abertas em afloramentos (figura 20), sob abrigo e com associação de grandes blocos encostados, com uma aparente

funcionalidade de delimitação da área (Idem, 2004). Estes monumentos, que se associam a grandes blocos rochosos naturais, não são incomuns no nosso território, evidenciando diferentes formas de culto que, em alguns casos, se associam espacialmente a áreas que possuem organizações arquitetónicas megalíticas, tal como se observa no Alto Ribatejo, estabelecendo, segundo Bradley, uma interconexão entre ambas as estruturas (1998b: 18). Na Beira Alta, o Complexo 1 do Penedo da Penha (Canas de Senhorim, Nelas), ainda que tenha sido considerado como possível habitat, apresenta um aglomerado de blocos graníticos, onde nas cavidades foram recolhidos diversos artefactos pré-históricos, entre eles cerâmica com analogias ao campaniforme, normalmente associadas aos monumentos megalíticos (Senna Martinez, 1989: 257-258); o mesmo se terá observado, ainda que discutível, no Abrigo 1 do Penedo do Com (Pontão, Viseu). Esta estrutura, composta por um conjunto de blocos também em granito e encimada por uma grande laje apresenta uma morfologia muito idêntica ao Monumento 5 da Jogada e encontra-se relativamente próxima de uma anta – Arca do Penedo do Com (Gomes, L. e Carvalho, P. 1993: 31). Um pouco mais a sul, no Buraco da Moura de S. Romão, numa das cavidades existentes entre os blocos graníticos, foi possível exumar mais de cinco centenas de contas de colar, alguns materiais líticos e fragmentos cerâmicos atribuíveis a um período tardio do Calcolítico ou mesmo à Idade do Bronze. Em algumas zonas mais interiores e à semelhança do Complexo 1 do Penedo da Penha, a percentagem de cerâmica decorada toma valores muito significativos (66%), podendo ter sido alvo de deposições rituais (Senna Martinez, 1989: 156-176).

A noção relativa da importância das formações rochosas naturais para as populações pré-históricas tem sido apontada por toda a Europa, evidenciando utilizações, mais ou menos, verificáveis desde o Mesolítico (Bradley, 1998: 15; Ingold, 1996). Segundo Ingold, no início do processo da emergência do fenómeno do megalitismo, estes elementos seriam monumentos “megalíticos não domesticados” (1996: 165) que a partir do Neolítico incorporam significados mais complexos, cumprindo um papel fulcral na organização do espaço, já desempenhado pelas estruturas naturais, em épocas anteriores (idem, 1996; Bradley, 1998b). Estes elementos seriam como pontos fundamentais de estruturação da paisagem, conceptualizados para serem vistos e marcarem um espaço à semelhança dos monumentos artificiais. Como Tilley advoga, o domínio da paisagem pela captação da atenção visual seria o fator principal que os imbuía de significados de controlo social

(1996). Nesta ordem de ideias Bradley defende ainda que para as populações pré-históricas, algumas destas formações rochosas terão sido identificadas como monumentos megalíticos, não havendo distinção na perceção entre “o que é natural e o que é cultural” (1998b: 21), desencadeado, desta forma, as deposições rituais registadas.

Para além destes elementos naturais, que facilmente se destacam na paisagem, convém ainda referir a grande quantidade de mamoaas sem aparentes megalitos (Jorge, V. 2000: 313), que poderão ter desempenhado o mesmo pressuposto que o defendido para os afloramentos (Bradley, 1998: 21) das quais, no Alto Ribatejo, destacámos duas, pelas suas dimensões: a mamoa do Castelo de Bode e a mamoa de Mendroa (ambas em Martinchel, Abrantes). Ainda que não tenham sido observados artefactos nas suas imediações, correspondem em aparência às mamoaas artificiais já considerados no megalitismo (Jorge, V. 2003: 401). Esta última apresenta uma altura de 3 a 4 metros, com um diâmetro superior a 20 metros e uma posição estratégica que a coloca no topo da cumeada que possui mais controlo sobre o vale da ribeira da Pucariça, afluente do Tejo. Esta implantação desempenharia uma certa conetividade com a zona de entrada nesta área e com os monumentos megalíticos do Zêzere, mantendo visibilidade direta com o menir de Vale dos Chãos e com o possível habitat do mesmo núcleo, descoberto em 2006.

A diversidade arquitetónica alarga-se ainda às possibilidades de conjugação estrutural, observando-se monumentos simples, fechados ou abertos; outros com câmara e corredor; outros com paredes constituídas por lajes em associação com telhados de falsa cúpula, destacando-se, neste caso, alguns dos monumentos de Vale do Rodrigo, no Alentejo (Leisner, G. 1944: 1-30); monumentos com átrio, bem delimitado, como o dólmen de Antelas (Viseu) (Cruz, D. 1995: 81-112); alguns apresentam anel periférico, onde destacamos a Anta I de Val da Laje, Tomar (Oosterbeek, et al. 1992) ou a Anta da Lajinha, em Mação; outros ainda adoçam estruturas percíveis (postes de madeira ou adobe), como se verifica na Anta I do Rego da Murta (figura nº48), existindo aqueles que jogam com todos os elementos.

Coloca-se, também, a questão, cada vez mais pertinente da existência de outros cultos ou rituais de deposição, visto estes enterramentos (que correspondem maioritariamente ao apogeu do megalitismo) só se consideram como “coletivos” pelas sucessivas deposições que neles foram realizadas e não por receberem a totalidade dos elementos que integravam a sociedade.

A componente de seletividade dos indivíduos, seja por questões sociais ou simbólicas, é uma característica que parece estar inerente a estes sepulcros no início do fenómeno. Veja-se por exemplo os monumentos protomegalíticos alentejanos, considerados como sendo as estruturas do advento do megalitismo (Silva e Soares, 2000: 129-132), onde se observa maioritariamente enterramentos individuais, ou ainda as deposições mais antigas das grutas do Nabão, como se verifica por exemplo na gruta do Caldeirão (Zilhão, 1984a; 1992), na gruta da N^a Sr^a das Lapas (Oosterbeek, 1993a) ou na gruta do Cadaval, e que, a partir do III^o milénio “cedem lugar a enterramentos coletivos” (Oosterbeek, 1994: 144) registados na Gruta do Cadaval (Oosterbeek e Cruz, 1985; Oosterbeek 1985; 1987a), na Gruta dos Ossos (Oosterbeek, 1987b; 1993b) ou Morgado Superior. Contudo, este conceito deve também ser bem discutido, pois em algumas situações, sobretudo após os inícios do calcolítico, os rituais de culto apresentam enterramentos ou deposições secundárias que englobam contextos intencionais, sem qualquer seletividade em género ou idade dos indivíduos ou das partes ósseas que os compõem. Esta situação, no Alto Ribatejo, é bem visível na gruta dos Ossos e na Anta II de Rego da Murta (Figueiredo, 2007, vol.2, p.) demonstrando a insignificância do estatuto ou da posição social ou económica que é referida por alguns autores, mas carecendo de profundas interpretações a nível dos significados simbólicos destas praxis.

Assim, a grande maioria dos indivíduos seria sepultada em estruturas invisíveis ao nosso registo arqueológico (Jorge, 2003: 401) e provavelmente sob outro tipo de rituais também impercetíveis. As inclusões destes indivíduos nos rituais dos monumentos megalíticos poderão, desta forma, obedecer a intenções socio-culturais, que ainda não estão absolutamente claras.

Alguns conjuntos artefatuais de algumas grutas são relativamente semelhantes aos exumados em alguns monumentos megalíticos, tal é visível nos contextos de Torres Novas e Alcanena (Gonçalves et. al. 1977; Gonçalves, 1978; Oosterbeek, 1988), como é o caso da Lapa da Galinha, da gruta dos Carrascos e da necrópole das Lapas, juntando-se agora também o registo observado nas grutas do Nabão, como é o caso da gruta dos Ossos. Os dados obtidos são muito semelhantes com os rituais e até com o registo artefactual das antas do Complexo Megalítico de Rego da Murta, sendo contrário ao pressuposto defendido de que as grutas do Nabão e os grupos que construíram e cultuavam em megalitos pertencem a diferentes “tradições” culturais (Oosterbeek, 1997). Neste caso concreto temos chamado à atenção

para a importância de uma comparação cronológica fina da relação entre as deposições nas cavidades e nos monumentos megalíticos (Figueiredo, 2007) pois, mesmo dentro destes monumentos, observam-se, em contextos de deposição bem delimitados, sobretudo nas deposições de fossa, diferenciação do registo artefactual. Neste sentido, o desenvolvimento de estudos que permitam perceber as diferenças e semelhanças destes registos só poderão ser realizados, tendo em consideração estratos ou contextos muito bem datados e delimitados das outras unidades estratigráficas.

A compreensão da real fronteira física e conceptual entre o que designamos de necrópoles, povoados ou áreas de culto também carece de aprofundamento interpretativo, pois espólios de cariz megalítico, como é o caso das placas de xisto de tipo alentejano, ou mesmo estruturas arquitetónicas monolíticas, designadas por “menires” têm também sido registadas em associação com zonas de habitat (Gomes e Cabrita, 1993: 192-198). É no sentido da percepção de tal grande variedade que incluem, como Alasdair Whittle defendeu para os recintos, “tantos agentes, tantas diversas construções, tantas variedades de contextos” (2006: 16), que o uso de uma simples designação se torna limitativo.

O que não é indubitável é que, a partir do Vº milénio a.C. se assiste a uma verdadeira alteração na arquitetura. Aquilo que tinha sido um estilo perecível de construir, em que se integravam elementos naturais que dificilmente se distinguem do resto da paisagem, dá lugar a elementos monumentais construídos com grandes blocos líticos e normalmente localizados em zonas de grande controlo visual, próximos de grandes rios, em áreas de fácil acesso e entrada em determinadas paisagens ou implantados em zonas de antigas vias (Guijarro, J. 2000). Este último pressuposto é também defendido por nós, para o Alto Ribatejo, visível pela localização das mamoinhas (possíveis cistas) que vão desde esta localidade a Água das Casas (Abrantes), percorrendo um antigo caminho, onde se registaram alguns troços (Baptista, A. 2006: 5) ou ainda da posição estratégica do Complexo Megalítico de Rego da Murta, situado na zona ótima e central de movimentação populacional e de transumância do Alto Nabão (figura nº 1, 2, 6 e 7).

São os primeiros vestígios de uma modificação da paisagem, feita com elementos que ao mesmo tempo são retirados e reintegrados no espaço. Trata-se de um processo de transformação do meio, envolvendo alterações nas práticas rituais e associando, estes novos impulsos, às antigas ações dos seus ancestrais (Bradley, 1998). Representa, por isso, uma mudança de

pensamento (Hodder, 1990), que não se encerra somente na religiosidade, mas que transparece nos primeiros sinais de uma comunidade que começa a alterar o seu entorno, enchendo-o de novos significados, materializados em atos simbólicos e relativamente duradouros, com vista à obtenção de determinados objetivos com implicações concretas no quotidiano destas populações.

Não nos parece ser traduzido como um ato criativo completamente novo derivado da prática de uma economia produtiva, mas de uma necessidade que a determinada altura emergiu exponencialmente em várias localidades, sendo comum a diferentes estratégias de exploração. O fator de adoção desta prática deverá ser entendido segundo a consciência da multiplicidade de situações que poderiam ter despoletado a construção destas arquiteturas e não ser limitado a explicações únicas e gerais a todas as comunidades, baseadas na defesa da introdução por povos alógenos ou à simples noção de que o conhecimento tecnológico ou mudança do sistema económico terá jogado como elemento fundamental na opção de uso deste método. Tal como tem sido observado para outras situações de mudança de habitus, a comunidade que reproduz a ação, até certa altura, poderia não ver benefícios na prática de tal atividade e, a determinado momento, independentemente dos outros habitus, decidir desenvolvê-la (Bourdieu, 1992).

Em determinadas áreas, elas foram realizadas esporadicamente em tempos mais remotos, como é exemplo os monumentos de Saint Germain de la Rivière, do Solutrense final, onde se verificou uma cista claramente megalítica associada a um enterramento e à utilização de ocre; ou ainda Riparo Villabruna A, em Itália, com uma datação aproximada a 10.000 a.C., em que associado à inumação se observou um conjunto de pinturas de motivos antropomórficos (Balbín-Behrmann 2000: 311). O que é visível é que a sua grande impulsão se registou numa estrutura mais sedentária, provavelmente relacionada com fortes mecanismos sociais de integração de novas conceções e numa sociedade mais amplamente interconectada.

Este fenómeno, caracterizado por uma representatividade polimorfa (Jorge, V. 2003: 401), quer em termos morfológicos, cronológicos, sociais e simbólicos, só tem sentido se entendido num estudo a diferentes escalas, começando, naturalmente, pela escala a que se refere cada uma das estações e ir subindo gradualmente, sem nunca tentar estabelecer explicações únicas para a sua origem. Estes tipos de postulados são muito comuns da corrente processualista, onde se destacaram os trabalhos de Colin Renfrew,

sobressaindo as ideias de que a construção dos monumentos tinha sido uma resposta das primeiras sociedades produtoras ao crescimento demográfico e aos conflitos sociais, numa procura pelo controlo do território e dos recursos que nele se integravam (Renfrew, C. 1972; 1976; 1983).

Conceptualmente o conceito de megalitismo não possui qualquer característica unificadora concreta, visto este reunir uma identidade própria, que de facto é muito diversificada. Muito menos, podemos associar o megalitismo a um período cronológico. Tal não só seria enganador, como limitaria o termo a algo cuja utilização poderia ser tão, ou mais, perigosa do que qualquer horizonte tecnológico e/ou espacial. A discussão da temporalidade do uso de determinadas estruturas tem sido debatida na arqueologia (Ingold, 1993), pelo que os estabelecimentos de cronologias carecem sempre de interpretações específicas tidas caso a caso e naturalmente correlacionadas com toda a área habitada (no sentido de Daisen de Heidegger), isto é, com todo o espaço entendido e vivido por estas populações (Inwood, 2000: 22-24).

Assim, no sentido literal da palavra, o termo é muito redutor, tal como o são todas as outras convenções criadas para seriar a pré-história. Apesar de sermos apologistas da ideia da existência de “modas”, qualquer que seja o fenómeno não ocorre sobre condições básicas necessariamente existentes, isto é, a adoção de determinada prática é normalmente baseada em pressupostos tão diferentes quanto as sociedades envolvidas, resultando em situações tão diversificadas, quantas as registadas no megalitismo. Algumas delas poderão mesmo absorver, ao mesmo tempo, diferentes morfologias estruturais. Por este mesmo motivo e em alguns casos, o polimorfismo registado não representa necessariamente cronologias distintas (Jorge, 2003: 401), nem tão pouco comunidades diferentes. A variedade de estruturas de monumentos ou rituais podiam ser absorvidos relativamente ao mesmo tempo e construídos por um mesmo grupo, como advogamos para Rego da Murta, onde se regista um monumento em ferradura (Anta II de Rego da Murta - figura nº 11) a par com um de câmara e corredor diferenciado (Anta I de Rego da Murta - figura nº 10), numa área onde também se observam uma diversidade de menires (figura nº 5, 12, 13, 14, 15 e 16) e numa região onde também existem deposições em gruta (Figueiredo, 2007, 2019).

Com este postulado é fácil de entender a multiplicidade de situações que têm sido defendidas no nosso território; quer se observe inicialmente monumentos de câmara fechada e normalmente de dimensões reduzidas,

que posteriormente avançam para uma fase mais monumental, também ela associada a implantações mais destacadas na paisagem, como se verifica no Alentejo (Silva, 1987; Soares, 1996; Silva e Soares, 2000); quer de adoções de monumentos de maiores dimensões que depois declinam ou, então, basicamente associações contemporâneas de diferentes monumentos ou espaços de culto, como parece registar-se no Alto Ribatejo, com a continuação das deposições em gruta a par da construção de dólmenes e menires, em zonas muito próximas (figura nº 6 e 7).

No entanto, o termo congrega um conjunto de ideias que facilmente são observáveis. Neste sentido, parece existir um conjunto de parâmetros, mais ou menos comuns a todos os elementos e que, como tal, poderão caracterizar este fenómeno, que não passa necessariamente pelo uso de grandes blocos pétreos:

Em primeiro lugar trata-se de construções monumentais, normalmente mais visíveis que as anteriores e construídas com materiais mais duráveis, mas podendo integrar outros elementos perecíveis. Tal como já referimos, mesmo a par destas organizações, poderiam ter sido construídas outras, que não são observadas. Neste sentido, a construção diferenciável de estruturas (mais monumentais e duráveis, exigindo uma maior coesão grupal e planeamento na sua construção vs estruturas mais perecíveis e impercetíveis no terreno) pressupõem uma intenção clara da forma de como se presta esse culto, revelando a importância e necessidade destes elementos para estas comunidades.

Um outro ponto poderá ser relacionado com a grande difusão desta prática, sendo um sinal de um significado estruturante de um sistema social que seria partilhado, compreendido e aceite por uma multiplicidade de grupos sociais distintos, ainda que na absorção desta ideia introduzissem ou associassem atos tradicionais isolados. A associação destas práticas (inovações-tradições) compreende o motor gerador de uma grande diversidade de elementos arquitetónicos, rituais e simbólicos, sem que, no entanto, alterem o sistema de significados necessários que levam à construção destes monumentos e ao desempenho das suas funções. Atendendo a este ponto o megalitismo existe como um fenómeno de congregação de diferentes grupos, com diferentes praxis económicas, sociais e simbólicas.

Numa terceira alínea registamos a evidência de que a maior parte dos monumentos são zonas rituais de deposição de artefactos, em casos concretos apresentam também contextos funerários. No entanto, consideramos tal

como Hodder (1991) que não deverão ser encarados como simples locais de culto ou necrópoles. Na realidade estes espaços encontravam-se interconectados com todos os outros lugares, fazendo parte de um complexo de significados que interfeririam na vivência diária destas comunidades. No caso do Complexo Megalítico de Rego da Murta, a par dos monumentos que recebiam deposições humanas, registamos outras estruturas atípicas e a presença de vários menires (figura nº5) onde no seu contexto observamos uma grande quantidade de lascas e núcleos intensivamente explorados. Os núcleos e as lascas são de pequenas dimensões, rondando os 3cm de altura máxima e de um tipo de material muito puro e de pouca qualidade – tipo chert. Os vestígios observados em conexão com os menires aparentam ter sido desenvolvidos numa intenção de que consideramos ser ritual, pois a presença de artefactos é rara, isto é inferior a 1% em comparação com os materiais de descarte do talhe destes núcleos. Sobre este assunto é importante referir que estes materiais terão sido trazidos propositadamente para esta área para poderem ser trabalhados. Pelo tipo de material (chert) pressupomos serem originários da serra de Sicó, concelho de Ansião. Também não podemos deixar de mencionar a interessante disposição dos menires, na sua relação com a Anta II. Os mesmos encontram-se localizados em redor do monumento, posicionando-se numa grande escala numa certa circunferência. Ainda, no centro do complexo identificamos a presença de lajes com covinhas e motivos lineares (figura nº 65 e 66). E próximo a esta zona, entre os menires observamos um espaço, com uma dimensão de pelo menos 2500m², com presença de materiais compostos por pequenos fragmentos cerâmicos lisos e líticos, observando-se alguns raspadores e lamelas, sendo que, contudo, a compreensão e funcionalidade deste local está ainda por determinar. As sondagens realizadas no sítio XIII e III, não permitiram observar a existência de qualquer estrutura associada, a não ser um conjunto de grandes afloramentos horizontais ao nível do solo.

Para demonstrar a conjugação das diferentes tarefas que o homem produzia num determinado espaço e que a divisão conceptual das coisas na realidade não existia, Ingold apresentou a noção de taskscapes (1993), relacionando-a com o conceito de temporalidade, onde a delimitação de tempo de um acontecimento ou produção está ligado com os diferentes processos que rodeiam essa mesma atividade (idem, 1993), e onde, tal como afirma Lesley McFadyen, a “duração e o efeito da atividade cria um processo de troca. O sujeito desta troca é a percepção das pessoas, da relação entre o natural e a

cultura através da experiência vivida” (2006: 92).

Esta situação parece ser mais visível após o Neolítico, visto no Mesolítico ser relativamente comum a associação entre estes diferentes espaços. Veja-se, por exemplo, o caso do concheiro da Moita do Sebastião (Roche, J. 1960; 1973), onde em associação com o espaço habitacional se registaram vários enterramentos. A consideração deste ponto permite compreender, logo à partida, que, acompanhando a mudança arquitectural registou-se uma mudança conceptual na forma como se encara o morto e o espaço que este ocupa e provavelmente do papel que estas práticas vão conter nas paisagens. Os atos que se verificavam nestes monumentos teriam uma grande carga simbólica, transcendendo o mero espaço arquitetónico, fornecendo significativas conotações ao espaço envolvente, monumentalizando e organizando a própria paisagem (Ingold, 1993; Tilley, 1994; Bradley, 1998; Cooney, 2000; Scarre, 2002). Temporalmente extrapolam-se para além dos momentos em que se registam os rituais e as deposições, abarcando todo um conjunto de acontecimentos desde as relações sociais que se estabeleciam para a troca de produtos que neles eram depositados, até à percepção dos significados que neles se encontravam imbuídos e reforçavam a necessidade da realização de tais práticas.

Este pensamento tem-se alargado a diferentes atos, sendo também considerados, por exemplo, no talhe de artefactos (McFadyen, 2006).

Lesley McFadyen, na continuação das defesas de Edmonds (1997), Conneller (2000; 2004), Warren (2000) e Hind (2004a e b), advoga que a rede de trabalho da prática tecnológica do sílex, para além da construção de um ou outro objeto, produzia paisagens (idem, 2006: 92-93). Como defende é “esta rede de ação e processo de trabalho que cria a “taskscape” e dá ao trabalho passado uma dimensão espacial e temporal. Um objeto, e a localização final de um objeto, só são considerados como um pequeno aspeto do trabalho” (ibidem, 2006: 93). Na verdade, tal como foi possível registar nos menires de Rego da Murta, já referidos, o próprio trabalho do talhe de artefactos pode conter significados muito complexos, podendo-se encontrar ligados a um processo ritual, em que não contava só o ato da sua deposição, mas todo o processo tecnológico de manipulação destes mesmos objetos. Não nos parece que esta zona fosse o que a escola inglesa definiu como um workcamp, no sentido de servir na produção de artefactos pelo talhe da matéria-prima, mas um espaço que pela sua importância detinha um conjunto de preceitos que fazia com que os habitantes locais transportassem a matéria-prima, de

onde ela era originária e a trabalhassem junto a estes monólitos, sem que contudo, tenhamos a certeza que deste ato resultariam artefactos, como também já foi mencionado.

Toda esta percepção e significância dos atos, que englobam os monumentos megalíticos, as deposições efetuadas ou o espaço que estes ocupam, parece ter sido transposto, no Calcolítico, para outras zonas monumentalizadas, como tem sido advogado por Susana e Vítor Oliveira Jorge (Jorge, S. 1994; 2002, 2005; Jorge, S. et al. 2004, 2005; Jorge, V. et al. 2002; 2003; 2006), registando-se um maior investimento nas delimitações de grandes espaços, normalmente de cumeada, e na construção dos grandes bastiões que integram estas áreas.

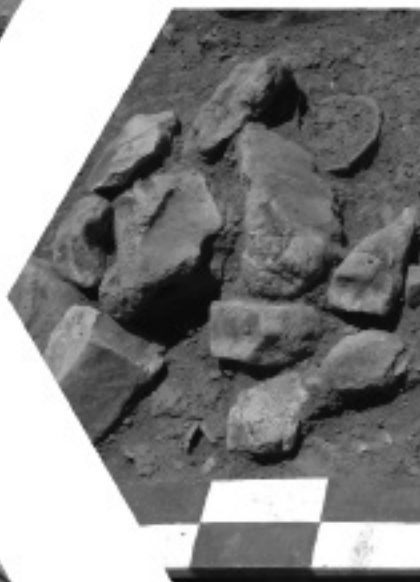
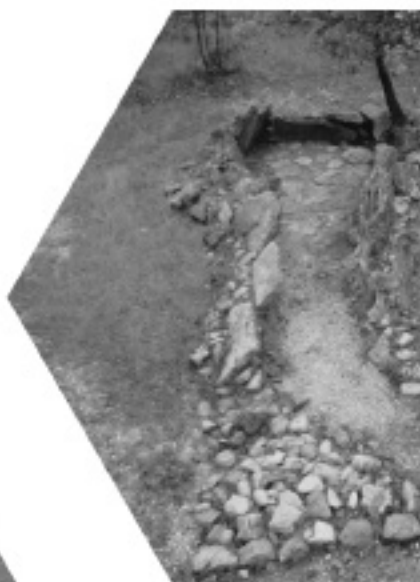
Também, neste ponto, os diferentes atos registados parecem encontrar-se conectados com uma nova percepção que aparenta residir nas atividades que se relacionam com o pensamento que terá dado origem à emergência do fenómeno da construção de estruturas arquitetónicas duráveis, podendo este ser um fator de convergência. Esta diferença da conceção do espaço, acentuada pelo esforço e tipo de rituais observados e marcada, em alguns monumentos, pela associação de restos osteológicos humanos, faz com que se relacione com um conjunto de significados distintos dos atos registados no Mesolítico, mas que já poderiam vir a ser formados nesta época, e com uma linguagem que se estabelece a dois níveis: o de coesão “que permite a cada um reconhecer-se membro do grupo e a ele ligado por compromissos permanentes” (Soares, J. e Silva, C. 2000: 131) e o de interação, determinando regras e limites com as populações com que contactam, marcando a paisagem, estabelecendo laços com os antepassados e com o espaço que estes ocupam (Bradley, 1998). Surge, assim, conjugando diversas influências das sociedades que os adotam, sejam elas materiais, estruturais ou simbólicas. É neste jogo do antigo e do novo habitus, do natural e artificial, da marcação e ocultação que se vai afirmando em novas ações sociais, criando os primeiros monumentos de intenção duradoira.

Desta forma, dólmenes, cromeleques, alinhamentos, tholos, menires, cistas, hipogeus, e outros monumentos, como estruturas de fossas, esteios ou estas isolados ou em grupo, são alguns exemplos de uma panóplia de expressões entre vestígios de memórias locais e migrações de pensamentos simbólicos que se dão por toda a Europa Ocidental. A sua dispersão espacial varia, não se podendo, no entanto, pintar um quadro absolutamente claro sobre as possíveis dinâmicas existentes. Tudo o que a investigação nos permite reco-

nhecer são meros resquícios de uma realidade complexa já muito destruída.

Ainda que o conceito do megalitismo não seja o mais indicado, pois o fenómeno observado converge diferentes tipos de estruturas (mais ou menos monumentais, com ou sem grandes pedras) é verdade que aparentemente se assiste no registo arqueológico a uma mudança na forma de habitar o mundo (Ingold, 2000) e na maneira como se organiza e percebe o espaço (Ingold, 1993; 2000; Tilley, 1994; Bradley, 1998; 2005; Cooney, 2000; Scarre, 2002).

É, neste sentido, que nós o entendemos e usamos.





3. OS MONUMENTOS MEGALITICOS DE REGO DA MURTA

3.1. O cenário: breve caracterização da paisagem

Os monumentos que destacamos nesta obra centram-se na carta nº 287 “Alvaiázere” sobre os terrenos calcários do Mesozóico (Cunha, L., 1990), numa zona de depressão entre o rio Nabão e o rio Zêzere, na zona oriental de S. Saturnino e do Vale de Rodrigo e a sul da Serra de Alvaiázere (Cunha, L., 1990) (figura nº 1, 2 e 5).

Nesta região, abundam os conglomerados, arenitos, calcários, calcários dolomíticos, calcários margosos e margas dos períodos Cretácio e Jurássico e o grés vermelho do Triásico. Ainda a Este se observa, com algumas intercalações, formações do período Precâmbrico (Carta Litológica, Atlas de Portugal, 1:1000 000).

Assim, com orientação norte-sul surge-nos, do lado esquerdo da cidade de Alvaiázere, toda uma cordilheira calcária, onde se desenvolve os estratos do Dogger (Romariz, C. et al. 1987), que se vai desvanecendo à medida que caminha para sul, até encontrar o Nabão, que se estende a oeste desta.

A Este e a Nordeste encontram-se os únicos quartzitos, do Ordovícico ao Devonico. Nestas zonas observam-se, também, os xistos, os xistos argilosos, os grauvaques, os micaxistos, os anfíbolitos, os quartzitos e os gnaisses, do Pré-câmbrico.

A Sudeste do concelho, sobre o grés vermelho (de Silves), implantam-se os monumentos de Rego da Murta, onde, também, abundam os conglomerados, margas e os calcários geralmente dolomíticos, do Triásico ao Jurássico (Carta Litológica, Atlas de Portugal: 1:1000 000).

Pedologicamente, segundo o esquema da FAO, para a Carta dos Solos da Europa, os monumentos assentam sobre os cambissolos crónicos (Carta dos Solos, Atlas de Portugal, 1:1000 000) de classe A. Quanto à permeabilidade do solo, segundo o Esboço Geral de Ordenamento Agrário, do SROA, apresenta-se variável e reduzida, mas por vezes elevada (Carta Hidrogeológica de Portugal, Atlas do Ambiente, 1.1000.000). Em redor desta região observam-se, para este e oeste, solos de classe F (utilização não agrícola - Florestal) (Carta de Capacidade de Uso do Solo, Atlas de Portugal, 1:1000 000).

O tipo de utilização do solo é essencialmente dedicado a culturas arbóreas (Carta Agrícola e Florestal, Atlas do Ambiente, 1:1000 000).

A caracterização eco-fisiómica engloba o concelho de Alvaiázere numa paisagem do tipo ribeira subatlântica (regadio dominante), pertencente à região Natural da Beira-Serra. Todo o resto do Alto Ribatejo, segundo esta classificação, pertence à região da Estremadura, variando entre a paisagem

do tipo policultura submediterrânea, em toda a zona do Nabão, Zêzere e Tejo e subserra erminiana, no extremo oeste e noroeste do Alto Ribatejo (Carta das Regiões Naturais, Atlas de Portugal, 1:1000 000).

Os monumentos implantam-se numa planície, com um declive de classe 2, entre 4% e 8%, entre o rio Nabão e o rio Zêzere (Carta de declives, Atlas de Portugal, 1:1000 000).

Em redor dos monumentos observa-se um conjunto de cumeadas, com declive de classe 3 e 4 (entre 8 a 25%), com vestígios pré-históricos, datados por comparações relativas do Neolítico à Idade do Bronze. Os mais próximos destacam-se a noroeste, com o Castelo da Loureira, localizado a 3250 m dos monumentos e Penedos Altos, a 4500 m; a oeste, com a estação de Relvas, a cerca de 2400 m; a norte, com a Serra do Mosqueiro, a cerca de 3900 m; para és-nordeste, o Outeiro de São Pedro, a 3000 m; e, por fim, a gruta de Avecasta, a 2000 m de distância, para oés-sudoeste (figura nº 1, 2, 4, 8 e 9).

A nível morfológico e climático estamos perante uma zona de transição com os Hortos antigos de Portugal Setentrional, que culminam em escarpamentos de folhas e flexões, orientadas no sentido do eixo norte-sul e dominadas por largas camadas aplanadas de grés infraliásico (Cunha, L. 1990).

A cobertura vegetal é caracterizada por uma plantação de eucaliptos embora em seu redor, também, se encontrem carvalhos, fetos e algumas oliveiras.

O acesso é feito pela estrada nacional nº 348 – Tomar - Alvaiázere – entre os quilómetros 63 e 64. Após a passagem do quilómetro 64, entra-se à esquerda, num caminho de serventia, em terra batida, até um antigo moinho. Os monumentos localizam-se em seu redor.

A zona de implantação ronda os 200 a 230 metros de altitude. Nesta zona corre (ribeiro do Rego da Murta), que seca completamente durante o Verão. Os monumentos encontram-se localizados na margem esquerda deste ribeiro (figura nº 5).

A área de implantação destes monumentos ocupa uma extensão de cerca de 1, 5 Km².

Também, a poucos quilómetros para norte existem registos de pelo menos duas antas na zona de Penedos Altos e uma nas Cabreiras, que não foram confirmadas nas prospeções desenvolvidas aquando a investigação.

3.2. Habitando o Complexo Megalítico de Rego da Murta

A palavra habitar, escolhida para o título deste subcapítulo, corresponde a uma posição mais elevada do sujeito sobre o objeto, no sentido de que habitar é próprio daquele que habita e das observações e experiências que regista. Tal como adverte Peter Kings, na sua obra *Private Dwelling*, habitar “é algo que todos experimentamos, mas não necessariamente juntos” (Kings, 2004: 18).

Assim, habitar, ou no dizer dos ingleses “dwelling”, é um conceito ambíguo, que permite ser usado numa multiplicidade de conjugações (idem, 2004: 17), podendo ser aplicado, tal como o queremos aplicar, ou achamos mais indicado fazê-lo ao ato de analisar e estudar um conjunto complexo de estruturas, anteriormente também elas habitadas.

Habitar significa segundo Schmidt estar/viver, visto que “a vida é um abrigo [e] os significados são o que criamos para a transformar” na nossa casa (Schmidt, 2002: 212). O ato de habitar um local é, assim, expresso em tudo aquilo que é construído, observado, registado e interpretado, quer seja numa perspetiva vivenciada pelos pré-históricos, quer seja numa tentativa de compreender o passado humano, usando um qualquer processo metodológico.

Neste sentido, “considerando o desenvolvimento da paisagem como um continuum cultural complexo e incorporando tanto as arquiteturas como os acidentes naturais pré-históricos, reinterpretados através da experiência ambiental de gerações sucessivas, torna-se possível produzir “lugares de habitação”... em que possamos habitar, e... desenvolver... narrativas” (Cripps et al. 2006: 25).

Estas narrativas expressam a nossa forma de habitar, ou no dizer de Tim Ingold a nossa “dwelling perspective” (2000) que de alguma forma permitem transmitir o registo arqueológico observado.

No entanto, os monumentos megalíticos, caracterizados como as primeiras arquiteturas artificiais em pedra traduzem deposições que possuem momentos próprios, sejam elas contínuas ou descontínuas, e que revelam diferentes formas de habitar/estar, no sentido em que são independentes em si.

A nós chega-nos o último instante de um longo processo, que foi sendo alterado, nos diferentes momentos em que o monumento foi habitado. O caso da Anta I de Rego da Murta, mais remexida, sobretudo em épocas posteriores à pré-história, é o exemplo concreto da dificuldade inerente

à percepção dos atos que ali foram realizados. Neste sentido, restam-nos um conjunto de vestígios que, mais ou menos conjugados, permitem tirar ilações sobre a problemática levantada, obrigando-nos a um esforço suplementar na reconstrução das interpretações.

Qualquer elemento que implique uma construção arquitetónica tem como propósito primordial ordenar e organizar o espaço para determinada finalidade. O ato pressupõe uma intenção que será expressa num conjunto de normas que representam a utilidade para o qual esse elemento foi criado (Rapoport, 1998: 462). O jogo de adição de estruturas, objetos e ações humanas, mesmo que perecíveis, implicará um controlo efetivo sobre a área onde se localizam, estabelecendo para cada um desses objetos limites espaciais de mínimo e máximo, pelo que, mesmo que inconscientemente as ações desenham na paisagem o uso que as populações fizeram delas. Efetivamente, segundo Tim Ingold, “a paisagem é constituída como um registoduradouro-etestemunho-dasvidasetrabalhosdasgeraçõespassadas[...], e ao fazê-lo, deixaram qualquer coisa de si próprios” (Ingold, 1993: 152). Estes cálculos são preconizados pela técnica que transformaram a matéria-prima e o meio numa construção complexa com determinados fins (Costa, 2002).

Foi neste sentido que nos debruçamos sobre os monumentos estudados, considerando-os como tal por serem lugares de deposições voluntárias, mais ou menos ritualizadas no tempo. Estes lugares possuem um conjunto de características (bom controlo de visibilidade, construções duradoiras, proximidade de vias de circulação e rios, associação com manifestações de arte, presença de objetos sem aparente funcionalidade prática, ligação com vestígios osteológicos, etc.) que permitem considerá-los como elementos fundamentais de interligação de significados organizadores de um espaço. A diferenciação entre espaços e lugares têm sido apontados em vários estudos (Tuan, 1974; Morphy, 1995; Thomas, 1999; Oosterbeek et al 2004), efetivamente alguns autores consideram que “a transformação de um espaço para um lugarenvolveaimposiçãodeordensconceptuais, que poderão envolver um longo processo cognitivo de criação de “centros de significado” na paisagem” (Thomas, 1999). Neste sentido “um espaço, torna-se lugar quando é nomeado” (Oosterbeek et al. 2004). Os monumentos megalíticos têm sido apontados como os principais elementos emergentes de um novo processo de relação com a paisagem (Bradley, 2005), ainda que possamos considerar que estes mesmos significados possam ter sido aplicados anteriormente aos grandes afloramentos rochosos (Tilley, 1996; Bradley, 1998: 20).

Assim, o Complexo Megalítico do Rego da Murta, disperso por uma área de cerca de 1,5 km², compreende 14 estruturas arquitetónicas/monumentos, incluindo a descoberta de uma laje com gravuras rupestres com covinhas e motivos lineares (Figueiredo, 2007) (figura nº 5). Para um entendimento abreviado do complexo apresentamos os sítios registados, destacando sobretudo nos sítios intervencionados as principais características e achados.

3.2.1. Anta I do Rego da Murta

A Anta I do Rego da Murta apresenta um estilo muito comum à generalidade dos monumentos funerários. Trata-se de um dólmen de corredor médio diferenciado, possuindo uma câmara de planta subpoligonal, composta por oito esteios, registando-se dois deles na zona de cabeceira (figura nº 10, 35, 45 e 46). Ainda que a maioria dos monumentos registem uma só laje principal, não é incomum a presença de dois esteios. Esta situação tem sido observada na Bacia do rio Sever (Oliveira, 1995, 1997) e em Reguengos de Monsaraz, como é o exemplo dos monumentos da Vidigueira I e Comenda 2 (Gonçalves, V. e Sousa, A. 2003: 211). O corredor, por seu turno, apresenta seis lajes de várias dimensões (figura nº 45 e 46). Duas localizadas na parede direita e quatro na esquerda. Sensivelmente ao centro da parede esquerda observou-se um buraco de poste escorado, com cerca de 30 cm de largura por 11 cm de espessura (figura nº 46 e 48).

Entre o corredor e a câmara observa-se um desnível acentuado, atingindo quase 50 cm de profundidade no centro da câmara. Na realidade, pelo corredor, a entrada para o monumento fazer-se-ia sob uma dimensão que não ultrapassaria o meio metro de altura, indo progressivamente aumentando até à área central, onde a base do solo já permitiria a posição ereta. O revolvimento registado no monumento não permitiu separar com segurança as diferentes camadas de deposição. No entanto alguns contextos mais preservados permitiram concluir a existência de pelo menos três áreas de deposição preferencial, uma ao centro do monumento, junto a uma estrutura pétreo semicircular, outra à entrada do corredor e ainda outra, junto ao esteio c), entre o corredor e a câmara (figura nº 35 -43).

Algumas estruturas circulares, tal como a registada no centro da câmara, aparentam ter sido utilizadas para escoramento de materiais perecíveis, onde entre as diferentes hipóteses levantadas consideramos mais exequível corresponderem a suportes de um possível mobiliário em madeira, prova-

velmente semelhante aos ídolos de pedra detetados um pouco por todo o território peninsular, desde a Galiza, com Dombate (Bello Diéguez, 1994: 300); a Cádiz, com o dólmen de Alberite (Bueno Ramírez e Balbín-Behrmann 2000: 289). As existências de estruturas de madeira, incluindo monólitos, associadas a monumentos megalíticos também têm sido reconhecidas noutros contextos europeus (Briard e Fediaevsky, 1987: 62-65; Le Roux et al. 1989; Le Roux, 2000: 318), revelando, cada vez mais a presença de uma arquitetura de conjugação de diferentes elementos (Scarre, 2002; 2004).

Os artefactos observados (anexo 2) revelam uma grande diversidade morfotecnológica (Figueiredo, 2007), verificando-se no caso das cerâmicas sete tipos de vasos e quatro formas decorativas distintas, entre elas dois vasos com incisões de ziguezagues, um fragmento de bordo com um mamilo; um pequeno fragmento com um cordão com impressões a dedadas e um outro recipiente aberto com impressões de dedadas sobre o bordo (estampa nº 14). Alguns dos fragmentos apresentam vestígios de adição de soluções aquosas avermelhadas ou alaranjadas. Á que ter em conta que não foram encontrados fragmentos que permitissem reconstruir a totalidade, ou quase, de uma forma. Este problema foi, também, a principal causa das limitações observadas, não tendo permitido ultrapassar uma fase embrionária na sistematização empírica dos dados. O estudo de relação dos parâmetros permitiu reduzir os fragmentos a grupos com características iguais. Pela análise do diâmetro da boca (de 23 fragmentos) foi possível concluir que no mínimo estamos na presença de doze vasos distintos, que variam entre os diâmetros registados nos monumentos megalíticos a sul, como a Anta I de Val da Laje (Oosterbeek, 1994) e os vasos de diâmetros largos observados nas grutas, como Cadaval (Oosterbeek, 1985; 1986b; 1987a). Contudo, a dissemelhança das pastas dos fragmentos encontrados, observada pela cor, textura, desengordurante e calibre dos elementos não plásticos permitiu chegar a um valor mínimo de 40 vasos (Figueiredo, 2007, vol.2). A consistência das pastas é, na maioria, compacta (75%) e homogénea (66%), com um tratamento alisado das superfícies (64%), tal como se regista na Anta I de Val da Laje (Oosterbeek, 1994) e na Anta I de Rego da Murta (Figueiredo, 2007, vol.2). Quanto aos líticos foram exumados artefactos em pedra lascada nomeadamente: mais de uma centena de lascas simples, nove objetos com uma ligeira carena; dois com um afeiçoamento a buril; duas poderão ser consideradas como pontas; quatro como furadores; três objetos apresentam ligeiros levantamentos

que os incluem no grupo dos denticulados; dezasseis foram considerados como elementos de foice; nove raspadeiras; vinte e cinco raspadores; treze compósitos, sendo que cinco possuem a dupla função raspadeira / raspador e dez micrólitos (anexo 2).

Quanto às lâminas e lamelas foram inventariadas cento e trinta e sete peças e no caso das pontas de seta, trinta e três, correspondendo a doze tipos distintos. A maioria destes elementos, à exceção das pontas de seta, foi construída em chert, de possível proveniência da serra de Sicó. O número de artefactos polidos é relativamente reduzido contando-se somente com uma goiva e um machado com gume macerado, em anfíbolito (estampa nº 10 e 20).

Dos objetos de adorno, simbólicos ou em osso destacamos a presença de dois pendentes, um em esteatite e outro em quartzito; quarenta contas de colar, na maioria em xisto talcoso, seguidas das variscites; três dentes de javali; um botão, em osso, esférico, com perfuração em V, típico dos contextos do campaniforme; um disco e uma placa em micaxisto; três fragmentos de placa do tipo alentejano, em xisto, sem decoração; e um cossoiro ou peso de rede, em quartzito (estampa nº 8). Os macrolíticos observados apresentaram-se pontualmente e foram essencialmente recolhidos da câmara. Todos estes materiais, ainda que analisados em conjunto, poderão corresponder a duas fases de ocupação do monumento, observadas pelas datações absolutas obtidas sob AMS, em osso. Um primeiro período, que datará a altura da construção e primeiras deposições, corresponde ao Neolítico final/ Calcolítico inicial que, atendendo aos erros de calibração, se poderá prolongar entre 3360 a 2900 a.C. (Quadro 1). E um outro período mais tardio, correspondente ao Calcolítico final/ Idade do Bronze inicial.

Neste monumento foi possível registar a presença de uma gravura em zig-zague e cinco manchas de pinturas a vermelho. Quanto às deposições de vestígios orgânicos (fauna e vegetais) recolheu-se um conjunto de fragmentos de animais que perfazem um número mínimo de dezanove deposições, sendo que a maioria pertence a coelhos ou lebres, registando-se também animais associados à domesticação como o porco, cabra/ovelha e o cão (Detry, 2003: 3-4; 2005: 3). Foi ainda identificada a presença da espécie *vulpes vulpes* e da *capreolus capreolus* (idem, 2005: 3, relatório em apêndice VI, CD anexo, em Figueiredo, 2007). As sementes recolhidas pertencem aparentemente a um único tipo. Foram exumadas na camada C2, ao longo de todo o monumento.

Os rituais de deposição humanos pautam-se pela inumação e presença de dois locais com incinerações, um deles localizado por baixo do esteio 1 da câmara, tendo um dos fragmentos ósseos sido datado de Beta – 190001 Cal BC 3360 a 3090 (Cal BP 5310 a 5040); 4520 +/- 40 BP.

As conclusões obtidas pelas antropólogas de laboratório permitiram identificar um número mínimo de cinquenta indivíduos, sendo trinta e seis adultos e catorze não adultos (com idades inferiores a quinze anos). A diagnose sexual registou pelo menos seis indivíduos do sexo feminino e quatro do sexo masculino (Silva e Ferreira, 2005 – relatório em apêndice III, CD anexo, em Figueiredo, 2007). As patologias não são muito significativas observando-se algumas espigas laminares, entesopatias de grau 1 e artroses fracas (Ferreira, 2003: 9). Também o estudo odontológico manifestou uma baixa densidade de lesões cariogénicas e as hipoplasias do estalite dentário só foram observadas em sete dentes, demonstrando níveis de stress alimentar muito baixos (Silva e Ferreira, 2005: 11-15).

3.2.2. Anta II do Rego da Murta

A Anta II do Rego da Murta localiza-se a norte da área que congrega o espaço em que se integra o Complexo Megalítico de Rego da Murta (figura nº 5).

Ao contrário da Anta I do Rego da Murta, encontra-se mais bem conservada, registando-se os processos de deposição pré-histórica relativamente selados por um aglomerado pétreo de condenação do monumento, deposto aquando das últimas ocupações do monumento (Calcolítico médio/final).

O monumento é constituído por uma câmara poligonal composta, à semelhança da Anta I, por oito esteios de pequenas dimensões, em calcário, e um corredor ligeiramente alongado, indiferenciado, do tipo ferradura, com seis esteios (dois do lado direito e quatro do lado esquerdo). As lajes da câmara encontram-se ligeiramente imbricadas por lajes de menores dimensões que as firmam, ocupando os lugares vazios deixados na sobreposição dos esteios (figura nº 11, 18, 19, 49 e 50). As zonas laterais, entre a câmara e o corredor, apresentam uma pequena contrafortagem. A Norte do monumento registou-se uma estrutura, integrada na camada C2 que aparentam perfazer um possível elemento independente do monumento e que se infiltra no corte mais a norte, levantando, para já, a hipótese de poder ser alguma delimitação externa, como uma espécie de um anel periférico (figura nº 50 e 52). No entanto, esta afirmação carece da continuação das escavações para se poder

confirmar (Figueiredo, 2007, vol.2, capítulo oito).

Estratigraficamente registaram-se duas camadas de ocupação, que perante as datações absolutas observadas e paralelos estabelecidos correspondem a dois períodos distintos: a camada C2, mais recente, terá sido habitada entre o Calcolítico inicial e médio; e o segundo nível, designado por camada C3, pertencerá pelo menos ao neolítico final (Figura 1- datações). A camada onde o monumento assenta (camada C4) foi caracterizada como sendo uma camada de formação fluvial, possivelmente de origem do antigo leito do traçado da ribeira do Rego da Murta. Esta mesma camada foi registada na Anta I, na camada C3.

Sobre os níveis de ocupação registou-se a camada de superfície, onde é exercida a ação biológica e antrópica atual, contendo alguns fragmentos de artefactos cerâmicos e lascas, algumas em quartzito, de tipologia macrolítica, provenientes de processos de remeximentos dos níveis superiores do nível subjacente.

As estruturas que o monumento conservou revelaram a existência de pelo menos oito possíveis ossários integrados nas duas camadas (figura nº 21). Associado a cada um registou-se um conjunto artefactual que morfotecnologicamente apresentam certas diferenças. As datações absolutas a dois destes contextos permitiram concluir a diferença de uma geração (sensivelmente 20 anos) entre ambos. Para além destas datações foi desenvolvida outra, junto à cabeceira, muito próxima dos achados de ossos de equídeo ou zebro e bos tauros. Assim, a primeira amostra foi retirada do ossário, por nós identificado, com o número três, composto por ossos incompletos ou fragmentos de ossos de fémur, carpo, perónio, talus, rádio, cúbito, costela, calcanho, falange, coxal, astrálogo e crânio (fragmento de osso temporal direito, occipital e parietal). Estes ossos encontravam-se associados a pequenos ossos de animal (coelho cabra/ovelha e porco) e a diversos artefactos, onde se destacam: sete contas de colar entre elas três contas em azeviche (marcando aqui uma diferença em relação aos outros grupos); vários fragmentos compondo um número mínimo de cinco vasos, um deles exumado inteiro, caracterizado por ser assimétrico, de paredes e base reta e bastante grosseiro (único do tipo também registado); dois blocos em granito e dois seixos quartzitos com traços de percussão; um botão de laço, em osso (registando-se o outro também muito próximo desta área); uma placa, em calcário; três lascas, sendo que duas são em sílex e uma em quartzo leitoso; uma lâmina, de secção triangular; e três pontas de seta, do tipo C2 e B2.

Assim, todos estes materiais encontram-se associados a uma datação de: Beta – 190007 Cal BC 2890 a 2630 (Cal BP 4840 a 4580); 4190 +/- 40 BP. Uma segunda amostra foi extraída de um outro grupo de elementos (nº2, capítulo oito, vol.2, Figueiredo, 2007) que integra pequenos fragmentos de fémur, crânio, perónio, úmero, mandíbula, carpo, clavícula, costela, vértebra, tibia, talus, falange e cúbito, associados a um conjunto de artefactos compostos por vários fragmentos cerâmicos, um deles correspondendo a um bordo com um mamilo; três contas de colar (uma em variscite e duas que poderão ser ou variscite ou, então, crisoprásio); dois seixos, em quartzito, com traços de maceração; três lascas simples, em sílex (uma do tipo chert); e uma ponta de seta, do tipo B2. Este grupo, pelo estado fragmentado dos ossos, aparenta estar mais remexido, que o anterior. A datação obtida enquadra-o imediatamente numa fase anterior à primeira deposição analisada: Beta – 190004 Cal BC 2930 a 2880 (Cal BP 4880 a 4830); 4290 +/- 40 BP.

Por fim, uma terceira amostra, foi recolhida junto ao esteio da cabeceira, sensivelmente à mesma cota que as anteriores, apontando a datação para três possíveis fases Beta – 190008 Cal BC 2860 a 2810 (Cal BP 4810 a 4760) ou Cal BC 2750 a 2720 (CalBP 4700 a 4670) ou Cal BC 2700 a 2470 (Cal BP 4650 a 4420); 4060 +/- 50 BP, (que vão desde 2860 a 2470 a.C.).

Nas proximidades foram recolhidos fragmentos de fémures, vértebras, crânios, metatarsos e úmeros e um conjunto de objetos, onde se observam fragmentos de cerâmica perfazendo um mínimo de três vasos; duas contas de colar, possivelmente variscite ou crisoprásio; uma lâmina do tipo A2 (Figueiredo, 2007, vol.2); um trapézio (recolhido na passagem para a camada C3); e duas lascas, uma delas macrolítica. Próximo desta área foram recolhidos vestígios de coelho, cabra/ovelha, boi e cavalo ou zebro. No entanto, as datações absolutas apresentadas, realizadas por AMS, não datam os ossários, mas o momento à morte dos indivíduos sepultados. Esta situação, neste contexto preciso, é bastante problemática devido às questões rituais que envolveriam a deposição destes elementos. Na realidade estas organizações em ossário poderão ser contemporâneas dos primeiros contextos campaniformes. Isto porque a presença de botões em laço é normalmente associada a momentos mais tardios (Roussot-Larroque, 1987: 312-313). Este ponto será aprofundado no capítulo seguinte aquando da descrição dos rituais registados. Desta forma, ainda que tenhamos apontado, pela aparência da integração das unidades estratigráficas, uma certa cadência de deposições em diferentes alturas temporais, elas poder-se-ão ter dado ao mesmo

tempo e não corresponderem às datações registadas para cada grupo.

No entanto, pelos conjuntos artefatuais registados, que se revelam diferenciados, podemos assumir como deposições independentes e distanciadas temporalmente. Pois acreditamos que as populações que habitaram estes locais terão com certeza depositado determinados objetos, que na altura estariam em vigor e onde o significado pretendido tivesse mais ímpeto para o ato desenvolvido, diferenciando, como observamos entre os ossários, os contextos artefatuais. É neste sentido, que associamos os dados das datações obtidas, ainda que consideremos insuficiente para defender tal proposição.

Quanto aos artefactos (anexo 2) recolheu-se um conjunto de vasos cerâmicos, num número mínimo de cinquenta e quatro (análise realizada em 2006), que englobam seis tipos distintos, relativamente bem conservados, verificando-se, no entanto, alguns fragmentos que poderão ter resultado de deposições traduzidas por artefactos já fragmentados e incompletos, provenientes de outros locais ou de reutilizações. Ao todo foram registados 635 fragmentos cerâmicos. A falta de conexões entre vários fragmentos indica que estes teriam já sido depositados no estado fracturado, pois os sedimentos, no nível C2 encontram-se relativamente bem conservados. Desta forma, consideramos que os objetos que terão sido alvo de uma deposição segura e voluntária são, sobretudo, os recipientes que, mesmo fraturados, permitiram a sua reconstituição quase que completa. Quanto à pasta, a cerâmica é na maioria compacta (87,76%) e alisada (90,93%), registando-se quatro formas decorativas: dois fragmentos com decoração plástica em forma de mamilo junto ao bordo; dois recipientes impressos por bandas e outro com punccionamentos sobre triângulos incisos e por fim, um fragmento com impressão arrastada.

O espólio lítico da Anta II do Rego da Murta é, à semelhança da Anta I, composto por artefactos de pedra lascada e polida (estampa nº 1-13), verificando-se uma maior percentagem de artefactos, incluindo os macrolíticos que no outro monumento. Assim, até ao momento foram recolhidos cerca de sete centenas de objetos registando-se uma centena e meia de lascas, entre elas mais de dez alabardas ou fragmentos de alabarda (estampa nº 13) e micrólitos ou elementos de foice; cento e setenta e quatro pontas de seta, com diferentes tipologias morfológicas (estampa nº 7 e 21), mais de duzentas e cinquenta contas de colar e outros adornos (estampa nº 9, 12, 22 e 23), quarenta e cinco lâminas e lamelas (estampa nº 18), e quarenta e seis objetos

polidos ou polidores (estampa nº 11 e 20). Do grupo dos macrolíticos, destacamos percutores, seixos e moventes, com trinta e quatro elementos; estes materiais são na maioria em sílex, à exceção do grupo dos macrolíticos que se registam quase na totalidade em quartzito. No caso dos adornos, objetos simbólicos ou em osso, destacam-se os furadores e alfinetes; dois botões em laço; uma grande diversidade de cotas em variscite, azeviche, xisto talcoso, anidrite e esteatite e dois pendentes em esteatite, um deles de tipo zoomórfico. Neste mesmo local exumou-se ainda 4 objetos em cobre, uma pequena lâmina, um punção, uma possível pendente e uma pequena conta de colar (estampa nº 25).

Quanto à fauna registamos a presença associada de animais de caça a animais domésticos, sendo de salientar que no corredor só foram registados animais não domesticados, comprovando em parte a relativa antiguidade dos contextos seis, sete e oito em relação aos outros. No entanto, a presença exclusiva de animais domésticos na câmara poderá também estar relacionada com a importância do espaço no interior do monumento, podendo haver uma divisão e regras próprias na deposição dos diferentes tipos de animais conforme a importância que lhes era dada ou o simbolismo que a eles estava inerente. Os diferentes contextos analisados (Figueiredo, 2007, vol.2, cap.8.5) revelam, também, uma percentagem mais elevada do uso ou pelo menos das deposições dos ovicaprinos, que normalmente aparecem associados a três zonas distintas do monumento, revelando três aparentes deposições. Assim, foram identificadas oito espécies distintas: o cervo, o coelho, a lebre, a raposa, o porco, a ovelha/cabra; o boi e o cavalo ou zebro (Detry, 2005, apêndice VI, em CD anexo, em Figueiredo, 2007). Associado a qualquer outra deposição animal apresenta-se o coelho, determinando uma frequência significativa da caça durante toda a ocupação do monumento. A raposa (num mínimo de duas deposições) só foi registada na possível fase intermédia entre os grupos seis, sete e oito e o um, dois e três, localizando-se nas proximidades do ossário quatro e cinco.

Também deste monumento se recolheu uma grande quantidade de sementes.

A relativa preservação do monumento, permitiu que os vestígios osteológicos nos chegassem em melhores condições do que na Anta I do Rego da Murta. Á partida as constantes fraturas registadas nos ossos poderão ser atribuídas a processos pós-deposicionais de remeximentos (Figueiredo, 2002; 2003a; 2004a) ou então, em associação com os vestígios de corte verificados

em alguns ossos longos, estar relacionadas com as múltiplas manipulações que estes terão sofrido até à sua deposição final (Figueiredo, 2007, Vol. 2, cap.8). Os estudos de antropologia detetaram, até ao momento, um número mínimo de quarenta e sete indivíduos (Silva e Ferreira, 2006) de ambos os sexos e diversas idades. As patologias apresentadas revelaram baixos valores de stress nutricional (Silva e Ferreira, 2005a; 2005b e 2006, apêndice IV, V e VI, em CD, em Figueiredo, 2007), que de alguma forma é confirmado pela grande quantidade de vestígios arqueozoológicos exumados.

3.2.3. Os menires

Os Menires I e II (figura nº 12 e 14), fazem parte de um grupo de menires que se implantam nas proximidades da Anta II do Rego da Murta, distanciando-se cerca de 159 metros um do outro (estampa nº 5), observando-se o Menir I, a 87 metros, para oés-sudoeste, da Anta II e o Menir II, a 177 metros, para noroeste. Para além destes registaram-se mais cinco (Figueiredo, A.2004g; 2004i; 2005a), todos eles localizados sensivelmente na mesma área (figura nº 5, 13, 15 e 16) (Figueiredo, 2013b).

Os menires de Rego da Murta são muito diversos, observando-se, no entanto, que nenhum possui a totalidade da superfície alisada. O Menir I e II somente apresentam uma das faces arredondada, a face virada a sul, sendo a outra recortada.

Os outros são quase todos eles afeiçoados. O menir IV (figura nº 13) pode ser incluído no tipo antropomórfico (Figueiredo, 2005a).

Apresentam uma altura que ronda entre os 50 cm e os 2 metros.

Neste sentido, após o corte efetivo das rochas, eles terão sido facilmente arrastados, sob troncos de madeira, ou ainda revirados até à zona de exposição.

Na base dos monólitos I e II não foram identificados alvéolos pétreos, como acontece na maioria dos menires alentejanos. No entanto, a análise estratigráfica dos cortes possibilitou a sua inequívoca integração original.

A análise sedimentológica (Figueiredo, 2007, vol.2., cap. 6) permitiu registar a presença de três camadas distintas, observando-se a mesma formação das camadas nos dois monumentos. Os estratos detectados resumem-se: a uma primeira camada de superfície muito revolvida pelos trabalhos de lavoura e implantação recente de eucaliptos, tendo abarcado e remexido parte da camada C2 e englobando alguns artefactos descontextualizados; uma segunda unidade estratigráfica, comum aos dois monumentos, onde

se observou a integração do Menir I em associação com um conjunto de materiais líticos de debitação, e a uma ocupação efetiva do Menir II, onde se exumaram artefactos do mesmo tipo do menir I, bem como pequenos seixos rolados e dois fragmentos de cerâmica de vasos, um deles de colo estrangulado; e uma última camada C3, em que apresenta a zona de base de assentamento do Menir II. Esta camada é virgem no Menir I.

Junto ao Menir II, englobado na camada C3, observou-se uma fossa C3b, delimitada estratigraficamente, onde se registou a maioria dos artefactos líticos recuperados, em associação com uma grande quantidade de sementes, ainda não identificadas. A contextualização dos monumentos permitiu verificar que o Menir II foi erguido num período anterior ao Menir I, sendo este contemporâneo da camada C3 e o Menir I da camada de deposição C2 (figura nº 67).

Quanto aos rituais de deposição não se observam grandes diferenças entre os vestígios verificados na camada C2 (última camada de ocupação do Menir II e única do Menir I) e a camada C3 (primeira camada de ocupação do menir II). Em ambas se associam artefactos líticos e sementes, a única diferença reside na estrutura de fossa do Menir II, camada C3, onde a percentagem de material em carbono aumentou consideravelmente, podendo até ter sido usado algum ritual com fogo. A presença deste material deixou a camada com uma tonalidade mais escura em relação à camada que o integra.

Os materiais observados nas escavações dos monólitos não apresentam grandes diferenças. A quase totalidade dos artefactos é composta por pequenas lascas e núcleos corticais, em chert, talhados ocasionalmente e quase até à exaustão, num processo de debitação aleatória, com vista à extração de lascas relativamente grosseiras (Figueiredo, 2004c, 2007, 2013b).

Na totalidade foram recolhidos duzentos e cinquenta e um objetos (sendo que 69% são lascas e 31% são núcleos) no Menir I, e cento e noventa e sete no Menir II (registando-se 73% de lascas e 25% de núcleos). Só uma pequena percentagem apresenta traços de uso (26% no caso do Menir I e 16% no Menir II) e somente um conjunto muito reduzida evidência retoques (inferior a 5%).

A matéria-prima de fabrico provém possivelmente, pela aparência, de pequenos nódulos verificados na serra de Sicó e Alvaiázere, tendo sido transportados para este local e posteriormente talhados (Figueiredo, 2004c, 2013b).

. Estes elementos são essencialmente em chert, de qualidade inferior aos objetos em sílex registados nas Antas.

Associado à indústria lítica, na camada C2 do Menir II, foram, também, recuperados dois fragmentos, muito pequenos, de cerâmica alisada, com textura relativamente friável e homogénea, apresentando um desengor-durante de calibre inferior a <0,5 mm. Um dos fragmentos é de um bordo, possivelmente de colo estrangulado e com diâmetro indeterminado. Macroscopicamente, as cerâmicas são idênticas às observadas na Anta II.

3.2.4. Sítios atípicos e indeterminados

O Complexo Megalítico integra alguns sítios que foram intervencionados, mas apresentam-se como atípicos. Entre eles destaca-se o sítio III e XIII. Nos mesmos foram desenvolvidas algumas sondagens observando-se diversos artefatos líticos e cerâmicos pré-históricos, mas sem qualquer estrutura aparente associada. O sítio XIII apresenta ainda vestígios da Época Clássica, numa camada mais recente (Figueiredo et al. 2017). Na área do sítio III registamos o que pareciam ser esteios, alguns fincados, no período da pré-história. Na base dos sedimentos da segunda camada (a mesma que integra a C2 dos menires ou das antas) recolheram-se os vestígios pré-históricos. Após esta regista-se um afloramento em lapiaz.

Neste grupo colocamos ainda o sítio X de Rego da Murta, em que se denota uma ocupação ténue do período romano. Contudo na base desta estrutura indeterminada, com presença de um fragmento de uma coluna, de opus e pregos, em ferro, de cabeça chata quadrada, observou-se algumas lascas e uma lâmina, sem contudo, também se ter registado alguma estrutura pré-histórica associada. Este, o Monumento Romano do Ramalhal, como também foi designado, está localizado a 80 m, sentido sul, da Anta II do Rego da Murta (Figueiredo, 2004; 2007). No que concerne às características morfológicas, a estrutura apresenta forma semioval orientada de oeste para este, com cerca de 1,55 m de comprimento por 70 cm de largura máxima, formada por pequenos blocos de calcários e opus.

Como sítio indeterminado apontamos o local que designamos da Farroeira (figura nº 5) (Figueiredo, 2013c), não intervencionado. Este local foi assim designado pela sua proximidade a esta zona. Á superfície registou-se um conjunto de vestígios líticos e um dente humano. Não se observaram estruturas. Os terrenos têm sido lavrados, sendo que nos limites do mesmo foram registadas uma série de possíveis esteios descontextualizados, tendo-

se apontado a possibilidade de se tratar de um monumento, atualmente já destruído.

3.2.5. Lajes com arte rupestre

Atualmente somente registamos uma laje, a que designamos Covinhas 1. A mesma é em calcário, disposta horizontalmente, apresentando um conjunto de gravações de covinhas conetadas com motivos lineares. Este sítio encontra-se próximo ao sítio XIII e ao lado de uma possível via de tradição pelo menos da Época Clássica (figura nº 65 e 66).

3.2.6. Tabela síntese

Para melhor evidenciação das principais características tipológicas e ocupacionais das estruturas que compõem o Complexo Megalítico do Rego

Monumentos	Classificação	Cronologia
Anta I	Necrópole	Neolítico final / Idade do Bronze Inicial
Anta II	Necrópole	Neolítico final / Calcolítico médio
Sítio III	Indeterminado	Pré-histórico recente
Menir I	Culto	Neolítico final?
Menir II	Culto	Calcolítico/Bronze?
Menir III	Culto	Pré-histórico recente
Menir IV	Culto	Pré-histórico recente
Menir V	Culto	Pré-histórico recente
Menir VI	Culto	Pré-histórico recente
Menir VII	Culto	Pré-histórico recente
Sítio Faroeira	Indeterminado/Possível Necrópole?	Pré-histórico recente
Monumento X	Indeterminado	Pré-histórico recente e Romano
Sítio XIII	Indeterminado	Pré-histórico recente e Romano
Covinhas 1	Arte Rupestre	Pré-histórico recente

da Murta, montamos uma tabela síntese:

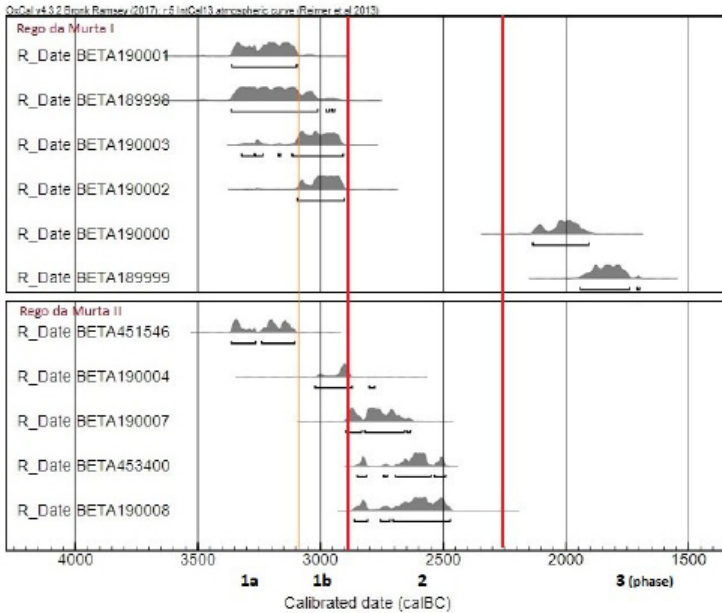
Tabela 1 - Sítios do Complexo Megalítico do Rego da Murta - classificação e quadro ocupacional local.

3.3. Quadro da ocupação do Complexo Megalítico de Rego da Murta

A interpretação do quadro de ocupação do Complexo Megalítico de Rego da Murta permitiu registar quatro diferentes momentos, designados de 1a, 1b, 2 e 3:

Momentos	Monumento	UEs/Camada	Contexto	Datação
1a	Anta II do Rego da Murta	Camada C3 (por baixo de nível de laje) e Ossário.....	Vestígios registados por baixo da construção das lajes da câmara e no corredor, onde associamos, por comparação relativa dos contextos observados, os ossários; <i>seja, seta e oito</i> . Artefactos – Depósitos contendo essencialmente machados e lâminas pontiças, alabardas e lascas simples. Os vasos cordmicos apresentam impressões a pontilhado e arrastadas. A fauna associada peute-se pelo coelho e cervo.	Neolítico Final (datação absoluta BETA451548)
	Anta I do Rego da Murta			Neolítico Final (datação absoluta BETA190001 e 190008)
1b	Anta I do Rego da Murta	Associação a estrutura central e entrada da câmara. Camada C2	Artefactos – Grande quantidade e diversidade de tipos de lascas (raspadores, microlitos, furadores), lâminas em chert, machado e goiva polida, contos de colar essencialmente em sílex talcado. Os vasos esféricos são lisos, bords denteados e mamilo, alguns apresentam almagre.	Passagem entre o Neolítico Final e Calcolítico Inicial
	Anta II de Rego da Murta			BETA190004
2	Anta II do Rego da Murta	Camada C2	Depósitos em ossários, número um, dois, três e quatro, contidos por estruturas pedreas. Artefactos – Grande diversidade de pontas de seta (predominando as de base côncava), diversidade de matérias-primas nas contos de colar (predominando as variadas). Vasos com gajoga baixa, sem decoração, esféricos e ovóides, recipientes de colo estrangulado e presença de mamilo e vasos almagrados. Registam-se botões em laje, pendentes (triangular e cocoonitos), placas de sílex, microlíticos, objetos em cobre (fusador, conta de colar e lamina). A fauna é caracterizada pelo coelho e lebre associada a porco, ovelha ou cabra, cavalo ou zebro e boi.	Calcolítico inicial/medio (datação absoluta a quatro amostras A1/S)
3	Anta I do Rego da Murta	Sporádico presente no corredor e entrada da câmara.	Artefactos – Vasos de maiores dimensões lisos, com diâmetros associados às grutas do Nablão (Oosterbeek, 1994), pontas de seta essencialmente de base triangular, placas de sílex lisas, contos essencialmente em variada e botão de perfuração em V. Presença de porco, ovelha ou cabra e cão.	Calcolítico final/idade do Bronze inicial (datação absoluta a duas amostras A1/S)

Tabela 2 – Quadro esquemático divisorio dos momentos de ocupação da Anta I e II de Rego da Murta



Quadro 1 – Representação da divisão das fases temporais consideradas para análise.

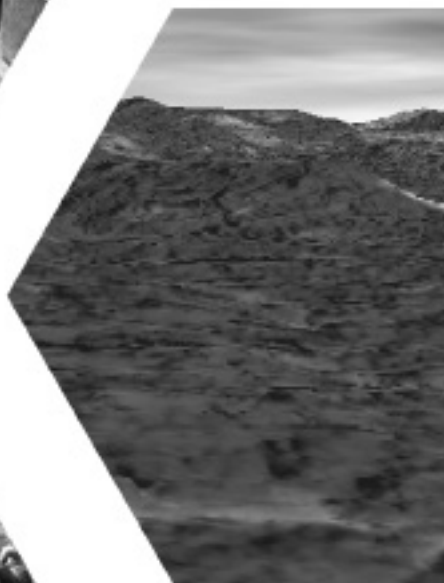
A falta de datações aos menires e a dissemelhança artefactual registada não permitem com segurança integrá-los num dos quatro momentos registados na ocupação das antas. No entanto, a grande quantidade de material em chert, o tipo de lascas grosseiras e o fragmento de cerâmica de colo ligeiramente estrangulado leva-nos a considerar o Menir II mais antigo, provavelmente integrado no Neolítico final e o Menir I no nível do Calcolítico.

Desta forma, conectando todos os dados e em comparação com os mobiliários registados na Anta I de Val da Laje (Oosterbeek, 1994), na Anta da Foz do Rio Frio, nas grutas do Nabão (Oosterbeek, 1987; 1988; 1989; Zilhão, 1991; Cruz, 1997); e noutras estações da região, bem como atendendo às datações absolutas obtidas, após a deposição de um conjunto de artefactos, visível no nível C3 da Anta II (se comparados com os períodos posteriores), baseado em cerâmicas decoradas com incisões e puncionamentos e impressões arrastadas associadas a artefactos polidos e a alabardas (no Neolítico); se seguiram atos na Anta I de Rego da Murta, que integravam ainda artefactos polidos, juntamente com um avultado número de materiais em chert, onde se destacam as lâminas e lamelas, algumas retocadas; contas em xisto talco-

so; pendentes em dente de javali; um grande número de lascas de morfologias variadas; alguns micrólitos; buris; raspadores; raspadeiras e furadores; a par com vasos de cerâmica esféricos lisos, vasos com impressões de dedadas sobre o bordo ou sobre cordões e recipientes almagrados ou com mamilos (Neolítico final / Calcolítico inicial).

Por volta desta altura ter-se-ia deixado de desenvolver deposições na Anta I, retomando os rituais num período já contemporâneo ao campaniforme e prolongando-se até ao Bronze inicial. Contudo, a perduração dos mesmos hábitos, após o “abandono” do primeiro momento da Anta I, foi reconhecido na Anta II de Rego da Murta, com deposições de trapézios; vasos carenados; recipientes com mamilos ou almagrados; alguns tronco-cónicos; pontas de seta essencialmente de base côncava, registando-se também outros tipos, mas com uma predominância menos significativa; botões em laço; contas de azeviche, esteatite e variscite, observando-se também o crisoprásio e outros materiais mas em menor percentagem; placas de xisto decoradas e pendentes, em esteatite, entre eles um zoomorfo; diminuindo consideravelmente o número de lâminas, lamelas e lascas (Calcolítico inicial / médio). Ainda deste período, do interior centro do monumento exumou-se uma lâmina, uma conta de colar, um furador e um possível pendente todos em cobre.

A reocupação da Anta I no Calcolítico final / Bronze inicial englobou, entre outros objetos o botão de perfuração em V, a maioria das pontas de seta de base triangular, os objetos de adorno em variscite, bem como as plaquinhas de xisto sem decoração, escasseando as lascas e lâminas líticas.





4. ENTRE A PAISAGEM, A PERCEÇÃO E AS ACÇÕES

4.1. Espaços de transformação: análise da implantação dos monumentos e relações diacrónicas

Os diferentes monumentos que conjugam a área de Rego da Murta (Figueiredo, 2004; 2005; 2007, 2010; 2013c; 2017) farão parte de um complexo, que ao longo do tempo foi sendo estruturado, relacionando-se com mecanismos simbólicos que teriam sido herdados dos seus antepassados (Bradley, 1998a:20; 2005). Estes mecanismos traduzem os alicerces de uma arquitetura do espaço que culminaria na construção de elementos arquitetónicos artificiais que de todo se encontram conectados com o ambiente em que se implantavam. Tal como Rapoport defendeu, em 1980, “os ambientes são pensados antes de serem construídos” (1980: 298). Isto significa que a compreensão de um espaço, engloba tudo aquilo que nele existe, tomando-se sempre em consideração o conjunto de significados que possui.

Neste sentido, a relação que se desenvolve entre o homem e a paisagem é sempre dinâmica, refletida e complexa (Pearson e Richards 1996: 3):

- dinâmica porque o espaço funciona como uma construção social, em que o Homem age usufruindo das características que ele conserva ou que lhe são imputadas pelo próprio Homem, no sentido de tirar partido (seja social, simbólico ou económico) de todos os elementos que o compõe;
- refletida, porque todas as ações têm em conta a organização desse mesmo espaço, mesmo que todos os elementos que nele existam sejam somente naturais, pois os significados que possuem podem ser tão importantes como os que estão inerentes a qualquer estrutura arquitetónica artificial (Bradley, 1998; Fowler e Cummings 2003);
- e complexa, porque é subjetiva, depende dos diferentes olhares com que estão conetados (Ingold, 2000: 179), que por sua vez se interrelacionam mutuamente formando novos conceitos que estruturam a própria paisagem e que conferem a ela a sua forma de estar, que no dizer de Heidegger se traduz por Daisen (Inwood, 2000: 22).

Foi num espaço tão complexo como o que habitamos ao longo do processo de investigação, e que foi escolhido pelas populações pré-históricas, para a construção destes monumentos, que registamos uma relação inequívoca entre a paisagem, o lugar e cada uma das arquiteturas verificadas.

Neste sentido, este espaço de transformação (pela dinâmica de adição ou abandono de atos e ou conceitos) parece interligar os diferentes elementos naturais da paisagem com os monumentos construídos. Primeiro pela possível relação com a ribeira ou com o posicionamento dos astros,

verificando-se que as diferentes estruturas (quer os monumentos, quer os menires) possuem uma orientação determinada e relacional com alguns pontos relevantes na paisagem, seja terrestre, seja astral (Figueiredo et al. 2018); depois com o relevo que os rodeia, encontrando-se no centro de um espaço, onde se registam diversas cumeadas com vestígios pré-históricos (Figueiredo, 2007, 2020) (figura nº 1, 2, 3, 4, 6, 7, 8 e 9); e por fim, com a zona de melhor circulação, que com certeza funcionaria como entrada nesta microregião e teria uma importância social acrescida. Para nós, toda esta conexão espacial teria desempenhado um papel preponderante na escolha de implantação dos monumentos e no uso desse espaço. Em alguns casos, do Alto Ribatejo, eles parecem ter sido erguidos de acordo com a proximidade de afloramentos ou rios, tal como se observa para outros monumentos do género (Tilley, 1996; Bradley, 1998b e c; 2005; Fowler e Cummings 2003; Fleming; 2005).

Para além disto, a construção de cada novo monumento corresponderia a uma relação com o plano de ocupação dos monumentos preexistentes. Como Vítor Oliveira Jorge referiu “a escolha de implantação era condicionada pela implantação de todos os monumentos anteriores e mesmo quando os primeiros monumentos eram colocados muito provavelmente eram condicionados pela disposição topográfica da paisagem” (1994: 155). Esta reestruturação do espaço pela adição de novos elementos, restauro e reutilização dos monumentos antigos ter-se-á verificado, pelo menos, nesta região, até à Idade do Bronze, como comprovam as constantes deposições artefatuais nos monumentos megalíticos (Anta I do Rego da Murta) ou nas grutas (Gruta do Cadaval, Gruta dos Ossos, Gruta do Caldeirão) (Oosterbeek, 1994; Cruz, 1997; Zilhão, 1991), revelando um contínuo investimento de esforço, funcionando como aglutinador do tecido social (Jorge, 1990: 122) e perpetuador do sistema de significados dos seus ancestrais (Bradley, 2005).

De facto, quer se tratem de núcleos ou monumentos isolados, a sua edificação “implicava uma determinada experiência física de perceção do território, que era simbólica, e que era variável – era possível jogar com essa experiência – em relação aos vários atores intervenientes” (Jorge, 1994: 153). Sobretudo, um dos fatores principais, para a demarcação ritual e social de uma paisagem, que terá tido mais impacto é o que se refere à concentração destes monumentos em áreas com mais possibilidades de circulação, quer utilizando os rios, quer as áreas de transumância (Parreira, 1994: 153).

A relação entre os monumentos de Rego da Murta, também parece ser

registada pela associação exclusiva dos menires à Anta II do Rego da Murta, rodeando-a. Esta possível organização monumental (figura nº 68), em torno de um monumento principal, provavelmente imbuída de uma conotação simbólica mais forte, atribuída pela deposição dos antepassados, poderá ter desempenhado um papel central na articulação dos menires e, mesmo, na totalidade do conjunto dos monumentos. Esta situação tem já sido proposta para outros núcleos do nosso território e relacionada inclusive na conjugação de várias necrópoles, como é o caso dos núcleos de Monte das Antas, da Torrejona e do Marco Alto (Antunes, et al. 2003: 248), considerando-se, que o lugar de destaque era ocupado, normalmente, por um de cariz ritual mais evidenciado ou arquitetonicamente de maiores dimensões.

Na verdade, a análise de dispersão dos monólitos, atendendo ainda que só dois, o Menir I (b) e o Menir II (d) foram escavados apontam para diferentes diacronias na sua construção (Figueiredo, 2007, vol.2, cap.6; 2013b). Esta ilação foi notada pela descoincidente integração estratigráfica que ambos mantêm, considerando-se o menir II mais antigo que o menir I. No entanto, a falta de datações dos menires, bem como a dissemelhança das deposições observadas, não nos permite assegurar uma maior antiguidade destes em relação às construções dolménicas, ou vice-versa. Efetivamente o que se pode advogar é que o espaço, considerado como a área onde se localizam a totalidade dos monumentos, não foi elaborado, pensado e previsto ao mesmo tempo, mas desenhado, tal como o conhecemos hoje, por diferentes momentos de ocupação, culminando num sistema mais complexo que o original. Neste sentido, a nossa unidade de estudo não pode somente concentrar-se no monumento, mas em toda a paisagem e conjunto de monumentos que o rodeia (Jorge, 1994: 155).

Sob este prisma convém salientar que os diferentes momentos de ocupação observados no núcleo de Rego da Murta se referem, exclusivamente, às alterações efetuados nos atos, que implicavam uma relação direta com estes locais, podendo, no entanto, esta zona ter sido habitada (segundo o conceito de Ingold, 2000), continuamente, por processos de relação entre os vivos, com esta mesma área, sem que para tal se perdessem os significados a ela inerentes ou se desenvolvessem ações visíveis no registo arqueológico. Quero dizer com isto que, o processo vivencial do espaço, no tempo, não implica necessariamente estruturas de transformação ou deposições rituais. Na verdade, acreditamos que estas serviriam mais para reformular ou reafirmar os significados estabelecidos.

O desenrolar dos diferentes acontecimentos e do processo de uso deste espaço poderia não passar somente pela realização de atos rituais nestas estruturas, mas também pela sua presença, que seria já por si determinante para estas comunidades. O simples facto destes monumentos se localizarem numa zona central de fácil movimentação, onde se pressupõe que serviria como via de penetração e contato entre os grupos que habitavam o Alto Nabão, bem como permitia uma certa visibilidade de qualquer área das cumeadas mais próximas, onde também se registaram vestígios pré-históricos, poderia ser o suficiente para se estabelecer um conjunto de significados que automaticamente faziam parte do dia-a-dia destas populações.

Assim, quando analisamos o conjunto dos monumentos, eles parecem-se estruturar segundo uma ordem, ainda que, os menires se localizem a uma distância relativa, uns dos outros, se comparados com os recintos de menires, quer no que diz respeito aos cromeleques (Gomes, 1994; 1996; 2002; Albergaria, et al. 1995; Calado, 2006) quer no que diz respeito aos alinhamentos (Rocha, L. 2000; Calado, 2002). Neste sentido e de acordo com as propostas de organização já apresentadas para outros recintos alentejanos, como Vale de Maria do Meio (Calado, M. 2000: 179), optamos por, numa primeira tentativa e sob muitas reservas, organizar o espaço sob um traçado circular (este traçado teve em atenção, sobretudo a proximidade de alguns menires que parecem estar dispostos em arco numa certa harmonia conetável, nomeadamente o menir c) d) e e), bem como na observação que a figura circular, a existir, estaria direcionada para sul, unindo o maior número de monólitos. O resultado registado (figura nº 68) demonstrou uma certa equidistância entre a Anta II do Rego da Murta (II), localizada ao centro e os monólitos observados em seu redor, englobando, o primeiro círculo, cinco dos menires inventariados.

Esta figura engloba no seu interior todas as outras estruturas, à exceção da Anta I (nº2) e sítio III do Rego da Murta (nº4), distanciadas a mais de 230 metros do limiar da circunferência.

O menir nº 9 poderá ser facilmente associado a este círculo considerando a sua pequena deslocação face ao traçado ponderado. Note-se, no entanto, que destes menires, só o menir II (nº6) se encontra seguramente em posição in situ, todos os outros estão tombados à superfície, podendo ter sido deslocados do seu local original.

O menir I (nº5), também in situ, encontra-se já muito afastado. Desta maneira estabelecemos outra linha circular interna à primeira circunferên-

cia (figura nº 68). Uma questão que aqui poderá ser relevante é a posição estratigráfica deste menir, que aponta para um período mais recente do que o menir II, podendo desta forma pertencer a outra delimitação arquitetónica, mas, contudo, conectada com as anteriores.

Assim, pressupondo a existência da segunda circunferência, exatamente concêntrica à primeira, observamos que a linha percorre uma zona que passa muito próxima do monumento romano (nº37), que na última camada (Figueiredo, 2007) forneceu uma lâmina em sílex, podendo ter abraçado, em tempos, uma estrutura pré-histórica, completamente destruída, ocultada e disfuncionalizada pelo processo de monumentalização da estrutura posterior, tal como se verificou, por exemplo em Dombate (Bello Diéguez, s/d) com a sobreposição de um monumento megalítico sobre um monumento mais pequeno pre-existente. Se a considerarmos de forma a abarcar a localização do monumento romano, observamos que a Anta II se encontra no centro da figura (figura nº 68).

Ainda que apesar de estas proposições carecerem de dados e estando nós perante uma descontextualização de alguns elementos analisados e de um espaço já muito modificado, cremos que é notório e podemos afirmar que se observa uma certa conexão espacial entre os diferentes monumentos.

Os estudos no Alto Ribatejo, não permitiram até ao momento, detetar uma outra área com que possamos estabelecer paralelos à nossa proposta, no entanto a associação de menires ou grupos de menires a monumentos dolménicos, a estruturas de fossa com deposições osteológicas ou a habitats, começa a ser relativamente comum, registando-se no núcleo de Vale do Chãos, a descoberta de um menir próximo a zona de habitat e na Quinta do Paço (Caron e Freitas, 2005), onde nos trabalhos de estudo de impacto da construção do IC3, se registou pelo menos cinco menires, descontextualizados, nas proximidades de uma zona de fossas pré-históricas.

Para além disso, a sul, junto ao Zêzere, no lugar do Alqueidão (Martinchel) detetamos um grupo de mais de sessenta menires, que se dispersam por um espaço de 1 Km² e que diferem dos chamados cromeleques. Esta diferença prende-se exclusivamente pela distância que se regista entre cada um dos monólitos, que é muito maior que o normal, mas que nem por isso deixará de ser um recinto todo ele interconectado. O levantamento topográfico da implantação dos monumentos que realizamos em 2002 aparenta descrever uma associação de círculos concêntricos que se unem em volta uns dos outros (Figueiredo, 2007, vol.2).

A relação destes monumentos com a paisagem é também inequívoca quanto à sua proximidade com afloramentos de onde terá sido extraída a matéria para a construção das estruturas. Na realidade, quer em Val da Laje (Cruz e Oosterbeek, 1989; 1991), Anta das Pedras Negras (Cruz e Oosterbeek, 1998j) ou no núcleo de Rego da Murta (Figueiredo, 2002; 2003; 2004; 2005; 2006) registam-se aparentes cortes artificiais de alguns afloramentos. No caso do núcleo de Rego da Murta, esta observação é feita a norte do complexo, onde afloram rochas arredondadas e outras aplanadas, que facilmente podiam ser cortadas e transportadas por um grupo de pessoas relativamente reduzido. Estas observações, no que diz respeito à obtenção da matéria-prima em afloramentos próximos aos monumentos funerários têm sido observadas um pouco por todo o território (Gonçalves, V. e Sousa A. 2003; Calado, M. 2006: 112), bem como em estações da Bretanha (Le Roux, 1999), Espanha (Bueno Ramirez, P. 2000: 40) ou da Inglaterra (Burl, 1993: 6; Scarre, 2004; Giot, 1988: 320).

Segundo Martin Höck e Kalb, as conexões materiais dependem de “mecanismos de significância”¹ (2000: 161) que diretamente relacionam a escolha da matéria-prima com que os monumentos eram construídos. Estes mecanismos poderão também estar relacionados com o transporte de terras de outras zonas para o interior destes monumentos e depositadas juntamente com objetos e vestígios osteológicos, como acreditamos que terá sido desenvolvido na Anta II do Rego da Murta, onde a camada C2 correspondente

1 Muitos destes mecanismos poderiam levar as populações a transportar as lajes de grande distância, mesmo que se registem afloramentos nas suas imediações, como, por exemplo se verificou com o Menir da Pedra Talha, Vale de Cardos e Vale de Rodrigo I ou nas Antas I e II de Monte da Ponte (Kalb, P. e Höck, M. 1995a; 1995b). Noutros casos poderá ter existido uma adaptação dos monumentos a espaços marcados por afloramentos. Esta ideia parece ser a defendida para um grande número de sítios, como a Bacia da Arda, o núcleo megalítico do Baixo Vouga (Silva, F. 1999:526), a área de Pavia, em Mora (Rocha, L. 1999: 422) ou para a Estredura espanhola, onde os monumentos aparentam ter sido posicionados de acordo com o substrato geológico, “adaptando-se perfeitamente... à matéria-prima mais fácil de obter” (Bueno Ramirez, P. 2000: 40). Na realidade, teorias enquadradas na corrente pós-processualista apontam para uma possível conexão simbólica entre estes elementos e os monumentos megalíticos (Bradley, 1998: 20, Ingold 1996), no sentido em que estes poderiam ter atraído a atenção pela forma de como dominavam a paisagem (Tilley, 1996: 171), providenciando inicialmente meios e sistemas de controlo, tendo iniciado o processo simbólico de marcação de um espaço, pela ligação que poderiam ter com os antepassados (Bradley, 1998: 20), Tal como Bradley defende, em Inglaterra, os “túmulos de Cornish foram inspirados pelas características da geologia local” (1998: 19).

aos sedimentos que guardam os vestígios datados do calcolítico não tem coexistência direta na deposição sedimentar natural observada no exterior do monumento (Figueiredo, 2007, vol.2, cap.8), mas aparentemente se mescla com estes sedimentos, formando uma nova camada no interior do monumento pela associação e deposição de sedimentos provenientes de outros espaço. Os pressupostos da presença de sedimentos alógenos aos de formação local têm sido apontados ao longo de todo o território, como para o caso da Mamoa 2 de Pena do Mocho, no planalto mirandês (Sanches, 1996: 40), do monumento proto-megalítico de Marco Branco, em Santiago do Cacém (Silva e Soares, 2000: 128) ou da Anta 2 do Couto da Espanhola, na Beira Interior (Cardoso, et al. 2000: 200).

Um outro ponto que consideramos relevante refere-se aos blocos que foram registados na base da Anta I de Rego da Murta (figura nº 44), por baixo do solo de regularização do monumento. Estes elementos, em que apontamos algumas propostas de interpretação (Figueiredo, 2007, vol. 2, cap.7) corroboram com a defesa de que estas populações deteriam um sentido de planificação refletida e provavelmente usando fórmulas matemáticas, baseadas, segundo cremos em cálculos de triangulações e ângulos. Estas metodologias poderiam ser usadas, quer para a formulação de estruturas arquitetónicas, quer para análise e previsão de acontecimentos astrológicos, orientações ou cálculos de distâncias.

4.2. Na linha do tempo

4.2.1. Entre a cronologia registada e a temporalidade interpretada

Segundo Tim Ingold, na sua obra sobre a “temporalidade da paisagem”, a cronologia é “qualquer sistema regular de datar os intervalos de tempo, em que se diz que eventos tomaram lugar” (1993: 157). Neste sentido compreender a pré-história é integrar um conjunto de eventos sucessivos datados, em que, neste caso, o autor distingue dois tipos de séries temporais: série A, onde o tempo “é imanente na passagem do evento”, sendo que cada um possui “retenções” dos eventos passados e “pretensões” para o tempo futuro, foi nesta série que desenvolveu a noção de *taskscape*, que se opõe ao tipo de eventos traduzidos pela série B, que são normalmente isolados e sucessivos (idem, 1993: 157-158). Estes dois tipos de conceitos sobre a temporalidade permitem detetar diferentes acontecimentos históricos, ora centrando-se em acontecimentos relativamente independentes, ora em momentos que se

interligam e que constituem o processo de habitar (ibidem, 2000) das sociedades pré-históricas.

A expressão *taskscape* engloba a coesão dos diferentes sentidos que são percebidos numa sociedade, sendo que a interpretação de uma paisagem e da vida destas comunidades só poderá passar pela junção de vários eventos. O conceito de *dwelling perspective* que o mesmo autor defendeu (2000), só poderá ser entendido tendo em conta o *taskscape* (ibidem, 1993) de uma sociedade, no sentido em que todos os atos se encontram relacionados e estruturados antes de serem reproduzidos e, mesmo depois de reproduzidos, geram novos processos interconectados. Tal como afirma “os mundos são feitos, antes de serem vividos; ou por outras palavras, os atos de habitar são precedidos pelos atos de fazer o mundo” (Ingold, 2000: 179). Nesta linha de ideias e seguindo Heidegger, Inwood descreve que “teorias, questões, artefactos, cidades, tudo isto depende da sua existência, e do seu modo de ser, pelo facto em que são produzidos, perguntados, usados, habitados e interpretados pelo Homem” (2000: 22), continua descrevendo, que este simplesmente vive, ou na expressão de Heidegger – *Dasein* – não no sentido único de ocupar um espaço, “mas, no sentido de que continuamente interpreta e acopla” coisas do mundo (idem, 2000: 22). Neste sentido, “*Dasein* e o mundo não são duas entidades distintas que podem ser independentes” elas complementam-se (idem, 2000: 37). Delimitar a temporalidade das ações é reverter o tempo a fases ou estádios com um princípio e fim que naturalmente são abstratas. A vivência humana (*Dasein* ou *Dwelling*) mantém uma relação intrínseca com o tempo, mais do que como o espaço, pois “é um processo que continuamente decorre... não começa aqui, com um plano pré-formado, e termina ali, com um artefacto finalizado” (Whittle, 2006: 20). “Ele corre adiante no futuro e regressa ao passado... é a temporalidade de *Dasein* que faz o mundo genuinamente temporal, que abre o mundo-tempo e divulga o mundo resistente” (Inwood, 2000: 68). Citando Shanks e Tilley (1987), Alasdair Whittle descreve que a “cronologia não explica, nem permite prover um contexto. É parte daquilo que se pretende compreender” (2006: 20). Desta forma à que distinguir cronologia e temporalidade, no sentido em que cronologia é um momento datado dentro da temporalidade existencial de um ato, acontecimento ou uso de um objeto.

É dentro deste pensamento que seguimos. Na realidade, tentar analisar o tempo e estabelecer um processo crono-deposicional dos atos realizados nos monumentos de Rego da Murta levantou uma série de questões sobre a sucessão dos acontecimentos, sobretudo daqueles que diziam respeito

aos rituais. Uma delas centra-se no que se refere ao momento em que teria começado o ato, englobando nele a planificação, pois como defende Whittle, também consideramos que é imprevisível que “qualquer fase de construção [arquitetónica ou ritual] fosse realizada sem um sentido de planificação” (2006: 21). Esta situação é bem evidente nos vestígios observados na última camada da Anta I de Rego da Murta, onde foi possível exumar um conjunto estrutural que claramente reflete um planeamento na opção pela orientação e dimensões do monumento aquando da sua construção (Figueiredo, 2007, vol.2, Cap.7), (figura nº 44).

Na análise do registo arqueológico podemos considerar que este espaço terá sido habitado, durante um período que abrange pelo menos do Neolítico ao Clássico, traduzido pelas constantes deposições de artefactos registados na Anta I e II de Rego da Murta e sítio X, também designado por Monumento Romano do Ramalhal (quadro 2 e 3). No entanto, esta ocupação corresponde a diferentes momentos que, mesmo interrelacionados num taskcape (Ingold, 1993), poderão consistir em atos com funções e significados muito distintos dos originais.

No que diz respeito à pré-história e de um ponto de vista mais objetivo, os dados obtidos nas datações absolutas realizadas, seis para a Anta I e cinco para a Anta II, permitiram integrar as deposições em quatro momentos cronológicos distintos.

O primeiro problema revela-se sobre os intervalos de erro dados pelas datações, que em algumas situações (dentro de cada grupo) ocupam áreas contemporâneas.

Noutras apresentam um certo distanciamento, fornecendo vários momentos, dentro de um mesmo grupo. Neste sentido, e sobretudo no que diz respeito à Anta II, mais preservada, é possível reconhecer que o monumento recebeu várias deposições, podendo corresponder cada uma delas a um momento singular. Os artefactos reconhecidos em associação com alguns ossários, como já foi referido, corroboram esta ideia. Assim, concluímos que os diferentes ossários correspondem a diferentes momentos de deposição intervalados por poucos anos (uma a duas gerações), e que os eventos, conforme as necessidades e opções ora se faziam na Anta I, ora na Anta II, sendo que os intervalos de ocupação dos monumentos se faziam por tempos mais longos, com uma média de cinco séculos. Esta mesma sucessão de acontecimentos, ainda que sob reservas, foi interpretada para duas das grutas do Nabão (gruta dos Ossos e do Cadaval), localizadas muito próximas

uma da outra, onde se considerou que o ossário da gruta dos Ossos pertenceu “a um momento intermédio, entre as camadas D e C da gruta do Cadaval” (Oosterbeek, 1987: 106).

Um outro apontamento refere-se ao número e tipo de amostras usadas. O número de datações obtidas é ainda muito reduzido para percebermos os diferentes momentos isolados. O tipo de amostras coloca algumas questões pertinentes, pois ao tratar-se de datações por AMS, sobre osso, datam o momento à morte do indivíduo e não o tempo de manipulação dos ossos ou da sua deposição no ossário. Desta forma, a cronologia obtida poderá não corresponder à cronologia da deposição, levando à interpretação errónea de determinadas ilações, como é o caso de tendermos a datar os vestígios associados aos ossários com as datações obtidas pelas amostras ósseas. Este problema alarga o intervalo de erro de cada datação, pelo que as datações verificadas para o Calcolítico inicial/médio da Anta II poderão corresponder a um período de deposição em ossário posterior. Foi atendendo a esta situação que os paralelos e as analogias estabelecidas no próximo ponto foram considerados, quando os comparamos com os resultados das datações de outros monumentos conhecidos, que por sua vez, também poderão conter graves problemas conjunturais de interpretação cronológica.

A dificuldade de interpretação do fator temporal dos atos que se registaram nos monumentos pode ser alargada à dificuldade inerente na separação dos diferentes acontecimentos que se desenvolveram nas sucessivas ocupações do mesmo. Quando observamos os diferentes ossários registamos a presença de ossos longos muito fraturados de diferentes indivíduos. Alguns apresentam marcas de corte e outros de contato com o fogo, pelo que consideramos que estas deposições poderão também estar relacionadas com ossos provenientes de outros locais (Figueiredo, 2007, vol.2, Cap.7 e 8). No entanto, as diferentes manipulações e atos realizados ao longo do tempo poderiam abarcar uma multiplicidade de opções, porque, na verdade, do interior da Anta I e II de Rego da Murta foram recuperados diversos ossos de pequenas dimensões, como falanges, dentes, vértebras, entre outros. A presença destes poderão indicar a deposição de enterramentos primários, que a determinado momento poderão ter sido levantados, desocupado o espaço e reocupando com outros depósitos. Estes elementos, num processo ritual distinto, poderão então ter sido organizados, posteriormente, em ossários, como se manifestou na gruta dos Ossos (Oosterbeek, 1993b). Acreditamos que este terá sido o caso da Anta II de Rego da Murta, expli-

cando o motivo de existirem pequenos fragmentos por baixo do lajeado da câmara, datados do Neolítico final. Antes da construção do lajeado a câmara terá com certeza recebido deposições, provavelmente primárias, a considerar pelos registos dos sítios arqueológicos da região e que posteriormente terão sido limpos, dando lugar à construção de um lajeado de base, onde se começaram a desenvolver as deposições de ossários. Estas, com o tempo, foram-se sucedendo umas às outras, quer reaproveitando os espaços abertos, quer revolvendo, limpando algumas áreas para receber novas deposições. Assim, na primeira situação, a temporalidade do ato, poderá envolver um tempo totalmente diferente, em que estes ossos poderiam ter sido trazidos de outros locais necropolizados, preparados já com o intuito de, sempre que necessário, os desenterrarem para desenvolverem deposições no interior dos monumentos. Na segunda situação, as datações que apontamos para o desenvolvimento de rituais em ossários referir-se-ão a momentos em que na realidade se realizava deposições primárias. O problema encontra-se no tempo que traduz a altura inicial do processo ritual. É sobre este ponto de vista que consideramos que é quase impossível delimitar os diferentes momentos.

Para além dos problemas apontados e que normalmente são comuns à grande parte dos monumentos, os problemas inerentes às próprias datações que se têm vindo a desenvolver na arqueologia, bem como a diversidade de tipos de datações registadas, quer sejam pelos métodos de C14, termoluminescência, AMS, entre outros, que por si próprios apresentam dificuldades derivadas das condições químicas ou físicas da análise, e que traduzem situações de difícil integração num quadro comum para o registo cronológico destas práticas. Sobre este assunto não nos iremos alargar. Também optamos por não desenvolver as argumentações sobre a valorização de umas datas em relação a outras, nem os problemas que os diferentes autores consideraram na exumação das amostras, no entanto sempre que possível tentamos apresentar os dados contextuais e as informações mais pertinentes de cada exemplar de forma a permitir uma melhor compreensão na tradução do quadro e da sua possível relação com as ocupações de Rego da Murta. O nosso objetivo, ainda que limitado pelas disposições apresentadas, centrou-se na elaboração de um esquema relacional de contemporaneidade dos atos, tentando perceber influências culturais e analogias entre as práticas observadas.

4.2.2. Datações Absolutas

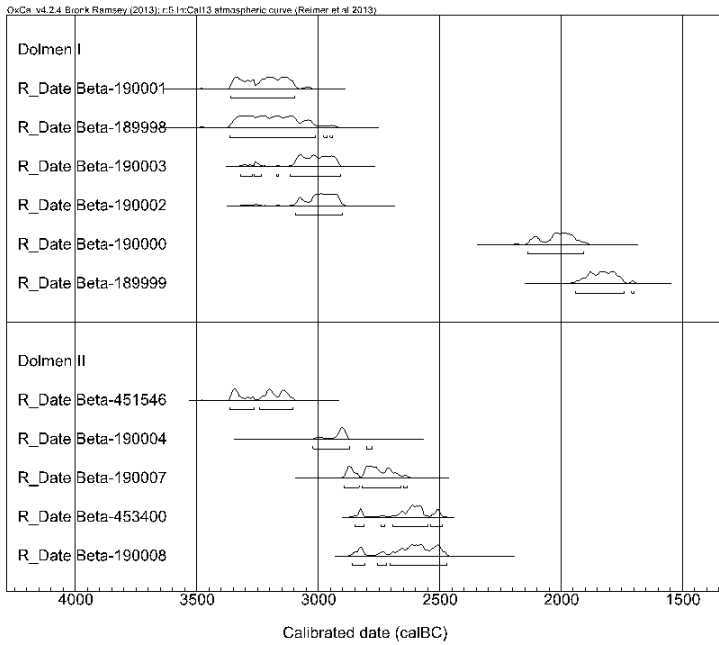
As datações apresentadas centraram-se nos cálculos calibrados a 2 sigma (Stuiver, 1993), tendo por base o trabalho de Monge Soares, apresentado ao II Congresso de Arqueologia Peninsular (1999) e completado com novos dados ou datações que não tinham sido integrados anteriormente. No que diz respeito ao monumento do Poço da Gateira, Gorginos 2, Anta Grande da Comenda da Igreja, Farisoa I e Tholos da Farisoa, por falta de uma calibração a 2 sigma, teve-se em conta as datações calibradas a 1 sigma.

Da gruta do Caldeirão só integramos as datações referentes ao nível que mais se aproxima com os atos detetados nos monumentos megalíticos, isto é a camada Ea (Na1) pertencente ao neolítico antigo evolucionado.

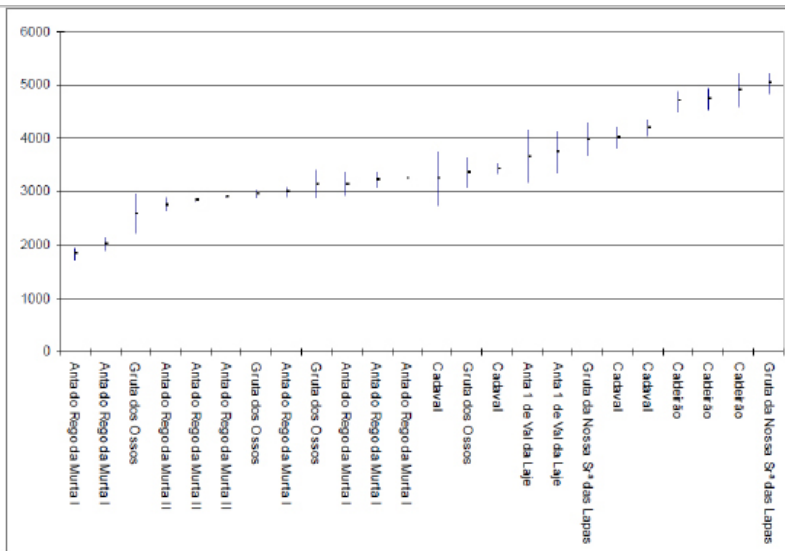
Na análise das datações, optamos por diferenciar na tabela os sítios localizados no norte, no centro e no sul de Portugal, apresentando-as da mais recente para a mais antiga. Assim, são expostas as datações do complexo por nós estudado, seguindo-se a sua integração com os dados obtidos para o Alto Ribatejo, posteriormente no centro de Portugal, expondo-se depois os quadros com as datações para o norte e sul do nosso território, existentes à data de 2006.

Sítios	Código laboratório	Uncal BP	Cal BC (95%)
Anta I Rego da Murta	Beta-190001	4520 ± 40	3370— 3090
	Beta-189998	4490 ± 60	3370— 2940
	Beta-190003	4400 ± 40	3330— 2900
	Beta-190002	4370 ± 40	3100— 2900
	Beta-190000	3640 ± 40	2140— 1900
	Beta-189999	3510 ± 40	1950— 1700
Anta II Rego da Murta	Beta-451546	4540 ± 30	3370— 3100
	Beta-190004	4290 ± 40	3330— 2770
	Beta-190007	4190 ± 40	2900— 2630
	Beta-453400	4070 ± 30	2860— 2490
	Beta-190008	4060 ± 50	2870— 2470

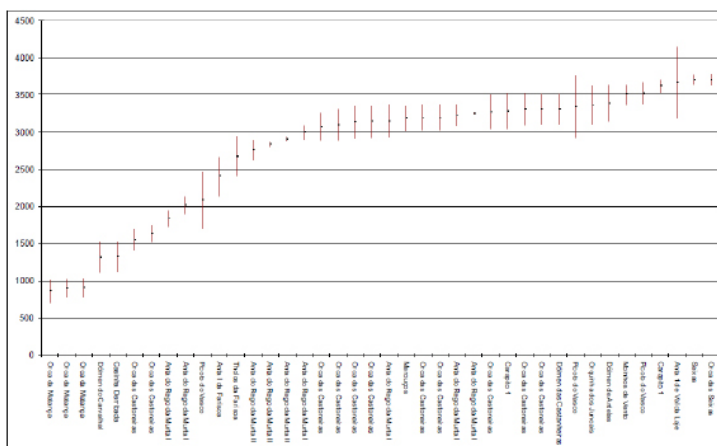
Quadro 2 - Datações absolutas de Rego da Murta I e II



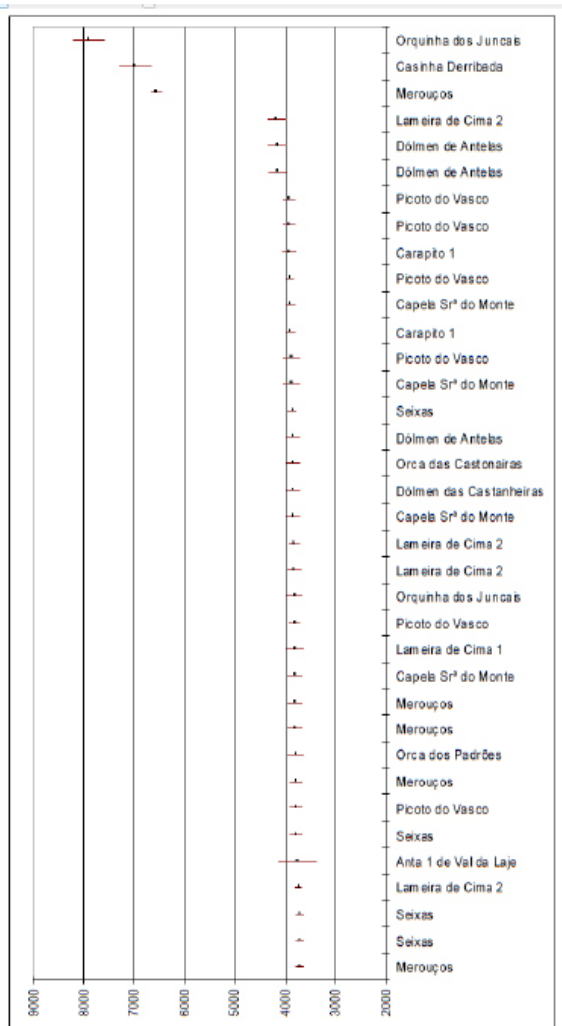
Quadro 3 - Tabela de dados cronológicos com as datações absolutas registadas para Anta I e II de Rego da Murta.



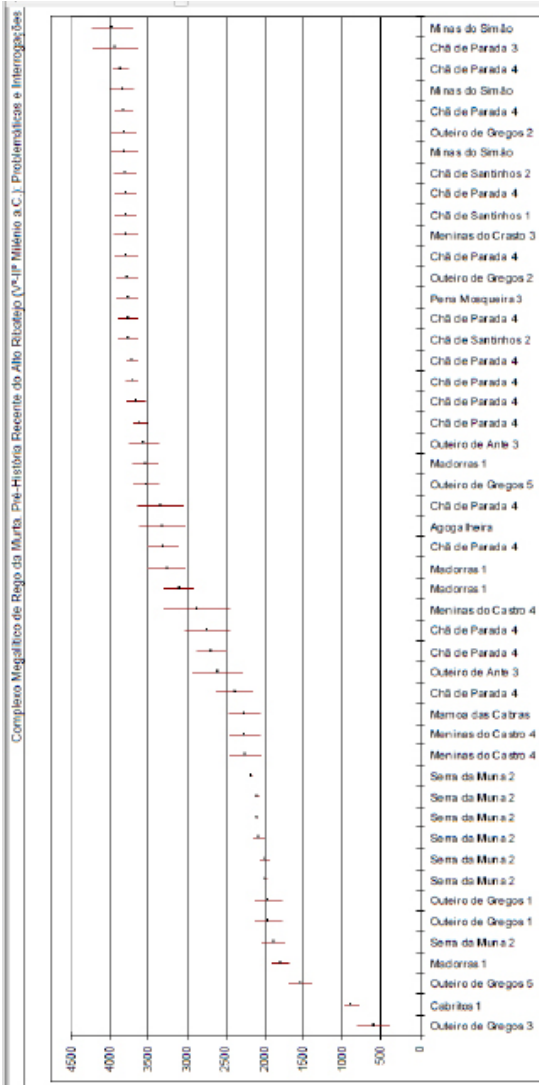
Quadro 4 - Quadro com as datações observadas para os diferentes sítios arqueológicos com deposições osteológicas presentes no Alto Ribatejo (Figueiredo, 2007).



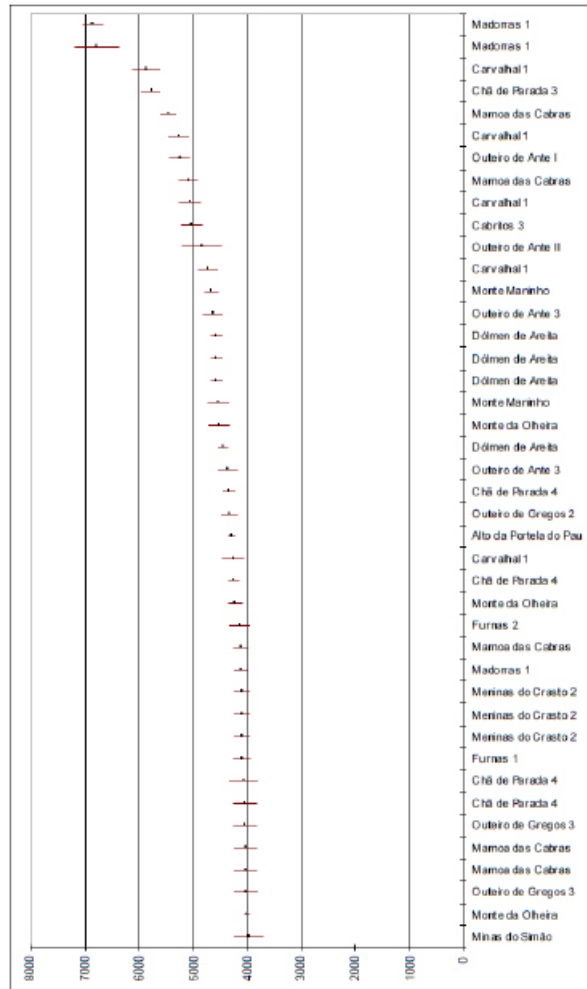
Quadro 5 - Mapa com a distribuição das datações obtidas nos monumentos do centro de Portugal, integrando as primeiras datações do Complexo Megalítico de Rego da Murta (Figueiredo, 2007).



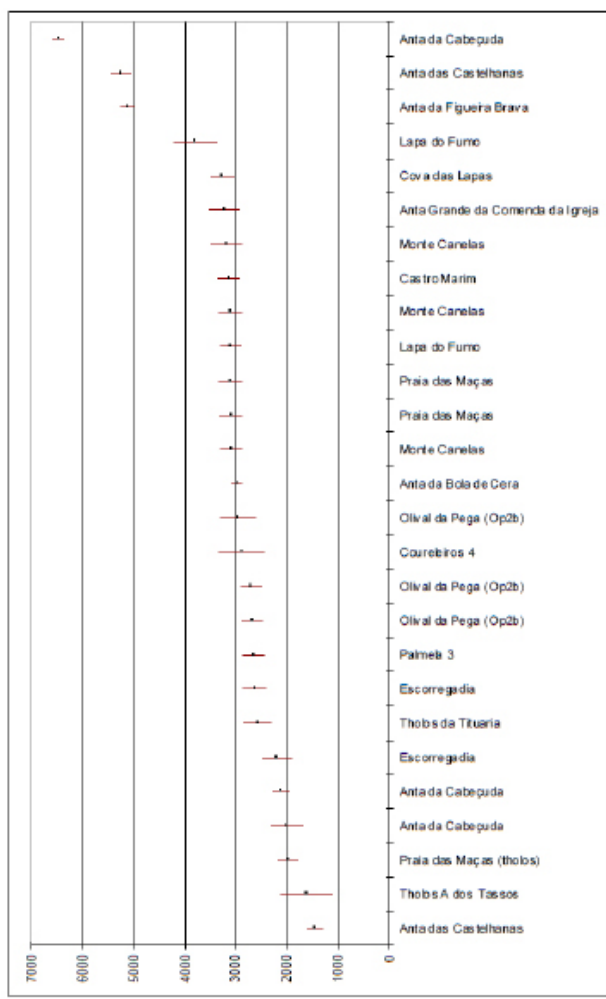
Quadro 6 - Continuação do mapa com a distribuição das datações obtidas nos monumentos do centro de Portugal (Figueiredo, 2007)



Quadro 7 - Mapa das datações obtidas nos monumentos megalíticos do Norte de Portugal (Figueiredo, 2007)



Quadro 8 - Continuação do mapa das datações obtidas nos monumentos megalíticos do Norte de Portugal



Quadro 9 - Mapa das datações obtidas nos monumentos a Sul de Portugal

4.2.3. Análise e discussão

Analisando os diferentes quadros apresentados (quadro 2 a 9) podemos concluir que a primeira ocupação da Anta II e, um pouco depois na Anta I do Rego da Murta terá sido dada num momento onde se reconhecem deposições na gruta do Cadaval e na gruta dos Ossos, sendo que as deposições da gruta do Cadaval aparentam ser mais antigas. Anteriores a este momento parecem ser as primeiras deposições da Anta I do Val da Laje. Estas datações são também coincidentes com ocupações observadas na gruta da N^a Sr^a das Lapas e na gruta do Cadaval.

A correspondência da Anta I do Rego da Murta às duas grutas assinaladas é visível pelas analogias artefactuais exumadas, quer no que diz respeito à presença de vasos de diâmetros relativamente elevados (rondando os 20 cm), que não são comuns nos monumentos megalíticos conhecidos da região (Oosterbeek, 1994), quer pela presença de recipientes com resíduos de almagre, mamilos e bordos denteados, por pressão digital, que se registam sobretudo na gruta do Cadaval (Oosterbeek, 1985: 150-151), bem como pelo registo de artefactos polidos, que no entanto são mais abundantes nos níveis mais antigos da Anta II de Rego da Murta e na Anta I de Val da Laje (Oosterbeek, 1994).

No que diz respeito aos rituais, não nos foi possível, pelos remeximentos registados na Anta I, comparar os dados. No entanto o registo de ocupação na Anta II foi mais evidente, inscrevendo semelhanças com os depósitos da gruta do Cadaval e da gruta dos Ossos. Esta semelhança não se deu somente a nível do conjunto de artefactos associados, composto essencialmente por objetos polidos, alabardas e vasos com impressões pontilhados, mas também com a evidente preocupação pela preparação e regularização do solo que viria a receber tais deposições. A gruta do Cadaval, por exemplo, evidenciou uma deposição primária, com regularização da superfície pela utilização de blocos de abatimento para a delimitação do enterramento (Oosterbeek, 1985: 151), já a gruta dos Ossos assinala, numa primeira fase, enterramentos primários, seguidos da aglomeração desses vestígios em ossários, delimitados por um alinhamento de blocos e cobertos por estruturas pétreas que em tudo são semelhantes aos ossários, condenados por estruturas pétreas, que registamos numa fase mais tardia, no interior da Anta II de Rego da Murta. Também na Anta II de Rego da Murta, no nível C3 da camara, observamos um primeiro momento de enterramentos, que terá sido, numa determinada altura desocupado e limpo para dar lugar a um espaço que foi lajeado

com blocos em calcário planos, formando uma superfície horizontal, com vista à delimitação de um espaço e à preparação do solo para um segundo momento de deposição, a ser realizado durante o Calcolítico, em estruturas de fossa. Esta primeira fase de ocupação poderia corresponder à primeira fase de enterramentos primários observados na gruta dos ossos, da qual só restam agora vestígios. Os materiais, extremamente escassos, recuperados por baixo deste lajeado foram datados do Neolítico final. Estas mesmas conexões são observadas no tipo de arquitectura e na relação com os outros monumentos. No primeiro ponto observa-se, quer nas grutas (sobretudo na gruta dos Ossos), quer nos monumentos de Rego da Murta e mesmo em Anta I de Val da Laje, um acesso relativamente restrito, com uma largura à volta de um metro, que era acentuada pelo desnível do solo, possuindo menos de um metro de altura à entrada, “impondo uma postura de veneração” (Oosterbeek, 1994b: 145). Na gruta dos Ossos essa restrição parece ter sido construída pela estruturação de um conjunto de blocos de abateamento. No segundo, os diferentes monumentos aparentam distribuir-se em núcleos, mantendo em alguns casos contatos visuais directos com os outros monumentos. Esta situação é observada em quase todos os monumentos megalíticos do Alto Ribatejo, concentrando-se em espaços relativamente circunscritos ou conectados. Por exemplo a Anta I de Val da Laje possui um domínio visual sobre as restantes quatro antas que compõem o núcleo e as grandes deposições desta época em gruta registam-se numa pequena faixa do Nabão, relativamente próximas umas das outras (idem, 1994b).

Posteriormente à fase de ocupação calcolítica da Anta II do Rego da Murta, também visível na gruta dos Ossos, seguiu-se a utilização da Anta I do Rego da Murta e o total abandono da primeira. Ainda que não se registem datações, as diferentes grutas, incluindo a do Caldeirão (Zilhão, 1992), bem como a Anta I de Val da Laje, apresentam reocupações que se prolongam até ao Bronze, encontrando-se analogias com os vasos carenados, placas de xisto e alguns adornos registados em Rego da Murta.

Aumentando a escala de análise e analisando os quadros cronológicos já apresentados é possível reconhecer possíveis contemporaneidades entre os monumentos de Rego da Murta e alguns sítios arqueológicos registados no centro do país, destacando-se o momento mais tardio da ocupação do Dólmen 1 do Carapito, a ocupação da Orca dos Castonairos, o Dólmen de Antelas, o Dólmen das Castanheiras, a Orquinha dos Juncais, o Picoto do Vasco ou Merouços; bem como com o norte, com a Anta da Abogalheira, o

sítio de Madorras, Chã de Parada 4 e Outeiro de Gregos 5; e com o sul: com Coureleiro 4, Olival da Pega, Anta da Bola de Cera, Monte Canelas, Tholos da Praia das Maças, Lapa do Fumo, Castro Marim, Cova das Lapas e Anta Grande da Comenda da Igreja, sendo notório uma correlação mais positiva, com esta última área, onde, na realidade, também encontramos mais paralelos técnico-morfológicos para os nossos monumentos e objetos neles depositados.

Os momentos datados do Calcolítico da Anta II apresenta por seu turno analogias cronológicas com a Anta e o Tholos da Farisoa e Orca dos Castonairos, ao centro; com Meninas do Castro 4, Chã de Parada 4 e Outeiro de Ante 3, no norte; e com uma grande parte das ocupações em tholos ao sul, como Tholos da Tituaria, Palmela 3, Tholos do Olival da Pega, bem como Escorregadia, Coureleiros 4 e Anta da Bola de Cera. Também os artefactos exumados deste nível apontam um grande contato com o sul. As datações mais recentes da Anta I integram-na no Calcolítico final / Idade do Bronze inicial, registando-se datações semelhantes a norte, em Outeiro de Gregos 1, Serra da Muna 2 e Madorras 1 e ao sul, nos Tholos da Praia das Maças, em A dos Passos e nas Antas das Castelhanas e da Cabeçuda. Para as Beiras, os paralelos mais próximos encontram-se na Orca dos Castonairos.

Numa análise geral de todas as datações observadas, torna-se notório que:

a) no centro, as datações percorrem um período que vai desde 4500 a.C. a sensivelmente 800 a.C., à exceção de três datações (Merouços, Casinha Derribada e Orquilha dos Juncais) que apontam para uma antiguidade que ronda 7000 a.C., que com certeza se relacionam com processos anteriores à construção do monumento, integrando-se, desta forma, considerando as datações posteriores entre o Neolítico médio e o Bronze final.

b) no que diz respeito ao norte verifica-se uma maior antiguidade dos monumentos, onde as datações se prolongam para além dos 4500 a.C. (Dólmen de Areita, Outeiro de Ante 3, Monte Maninho, Carvalhal 1, Cabritos 3, Mamoá das Cabras, Chã de Parada 3, Madorras 1 e Carvalhal 1), decorrendo à semelhança das estações das Beiras até ao Bronze final. Convém, contudo, referir que se observa um hiato temporal entre 1000 a.C e sensivelmente 1500 a.C.

c) por fim, o Sul apresenta uma certa continuidade até sensivelmente os 4000 a.C., registando-se, no entanto, três datações que integram valores muito semelhantes das ocupações funerárias em gruta, como é o caso da Anta da Cabeçuda, da Anta das Castelhanas e da Anta da Figueira Brava,

mas em que a consideração destes valores será sempre discutível. As datações mais recentes registam-se maioritariamente em tholos, sendo de assinalar uma reutilização da Anta das Castelhanas durante o Bronze médio.

Se compararmos os monumentos do Alto Ribatejo, com o panorama geral evidenciado torna-se bem visível o quadro de ocupação desta área, registando-se até sensivelmente 4000 a.C. ocupações essencialmente em grutas, com deposições primárias e individuais. Próximo deste período registou-se uma profunda alteração no tipo de ritual de deposição, passando-se à prática de deposições coletivas em ossários.

Também, por esta altura, se terão construído os primeiros monumentos dolmênicos, dos quais destacamos a Anta 1 de Val da Laje (Tomar) e, posteriormente a Anta II do Rego da Murta (Alvaiázere). Estas construções, que se dão sensivelmente ao mesmo tempo que a grande parte dos monumentos observados a sul, não implicaram o abandono das grutas, antes pelo contrário, em quase todas elas se vão observar uma continuação dos atos, tendo provavelmente a ocupação inicial da gruta dos Ossos ter-se dado relativamente ao mesmo tempo que o início das edificações das primeiras antas.

Os trabalhos de investigação recentes no Algar da Água (Figueiredo, 2019; Figueiredo et al. 2020), localizada na serra de Alvaiázere permitiram registar a presença de possíveis enterramentos datados do Bronze Médio, através da análise AMS de um dente de uma criança (Figueiredo, 2019).

4.3. Conexões e Paralelos

O estabelecimento de paralelos com núcleos relativamente próximos permitirá tecer algumas interpretações, no sentido de traçar um quadro mais coerente para a pré-história desta região.

Os contextos que possibilitaram estabelecer analogias mais fidedignas, pela proximidade com os monumentos em questão, centram-se na zona do vale do Nabão, nas grutas dos Ossos (Oosterbeek, 1987a; 1988; 1989; 1993b; Cruz e Oosterbeek, 1988), do Cadaval (Oosterbeek e Cruz, 1985; Oosterbeek, 1985; 1986b; 1987a) e do Caldeirão (Zilhão, 1982; 1983; 1984a; 1984b; 1985), por serem estas as que registam uma estratigrafia mais bem preservada. À parte das grutas, os dados exumados, mais a sul, junto ao Zêzere, quer na Anta I de Vale da Laje (Cruz e Oosterbeek, 1989; 1991; Oosterbeek, et al. 1992; Oosterbeek, 1994), no Monumento de Colos (Gaspar e Baptista, 2001) e no Monumento V da Jogada (Cruz e Oosterbeek, 1998g; 2000a; 2001a; Cruz, 2003; 2004) ou ainda junto ao Tejo, na Anta da Foz do Rio Frio, contribuíram para

corroborar considerações relativas às semelhanças ou diferenças existentes entre os depósitos em gruta e os depósitos nas arquiteturas megalíticas.

A primeira proposta de integração dos dados obtidos nas grutas em associação com um conjunto de estações de habitat e com as informações provenientes da escavação da Anta I de Val da Laje foi tentada por Luíz Oosterbeek (1997), aquando da sua tese de doutoramento em 1994, publicada em 1997. A análise sobre a indústria lítica permitiu-lhe reunir elementos, tendo-o levado a considerar seis estádios evolutivos, pela presença ou não de determinados artefactos (1997: 109). Ainda que, consideremos que não podemos fasear a pré-história em patamares, pois a dinâmica das sociedades revela que não existem processos independentes que progridem em relação às etapas anteriores, assistindo-se muitas vezes, como defende Bradley, na sua recente obra *Ritual and Domestic Life in Prehistoric Europe* (2005), a recuos e avanços entre os diferentes sistemas e, atendendo a que cada estação possui mecanismos próprios, devendo dessa maneira ser analisada caso a caso, podemos verificar certos momentos específicos, característicos pelo uso de determinados objetos, que podem proceder, entre outras situações, das influências que se encontravam em voga na altura.

Assim, a análise do espólio da Anta I e II de Rego da Murta permite-nos compreender quais os materiais que foram adotados por estas sociedades e depositados no contexto característico em questão. A base metodológica deste trabalho baseou-se no estudo da predominância de materiais em associação com os diferentes grupos ossários datados ou contextos bem preservados. Assim, da amálgama de ações registadas no processo arqueográfico da análise da ocupação do complexo de Rego da Murta tentamos individualizar diferentes momentos. Nesta análise consideramos pertinente particularizar, ao longo dos vários momentos de ocupação, dois tipos de objetos: objetos transitórios, de influência externa que são integrados na vida destas populações e que em tempo relativamente curto são substituídos por outros, fruto de novas influências ou inovações; e objetos locais, de longa tradição, normalmente verificáveis nas estações que rodeiam este núcleo, como é exemplo o caso dos objetos feitos em chert, registados essencialmente em contextos do Neolítico final da Anta I do Rego da Murta e na estação de Cumes (Ferreira do Zêzere) (Cruz e Oosterbeek, 1998m) e dos macrolíticos exumados do nível do Calcolítico inicial/médio da Anta II do mesmo núcleo, também, visíveis nos primeiros momentos de ocupação na Anta I de Val da Laje (Tomar) (Oosterbeek, 1994; 1997), no Monumento

V da Jogada (Cruz e Oosterbeek, 1998g; 2000a; 2001a; Cruz, 2003; 2004) ou no Monumento de Colos (Gaspar e Baptista, 2001) (Abrantes), atribuídos ao Calcolítico/Idade do Bronze, e nas camadas do Neolítico/Calcolítico das grutas do Vale do Nabão (Oosterbeek, 1987d).

Consideramos os macrolíticos como “fenómeno de convergência” (Jorge e Serrão, 1971; Jorge, 1990: 195), traduzida numa exploração de uma macro-utensilagem quartzítica, que no Alto Ribatejo, se traduz num processo de lascagem prático e eficaz de uma matéria-prima que é abundante e vantajosa, quer pela rentabilidade económica, quer pela contenção nos gestos em obter artefactos verdadeiramente válidos (Cruz, et al. 200b; Cruz e Oosterbeek, 2000b; Cura, S. 2002; Cura et al. 2004) e, por esse mesmo motivo, susceptível de ter sido usada nas mais diversas épocas. Ora na região em estudo, o uso dos macrolíticos prolonga-se, pelo menos, desde o Paleolítico superior, com a estação da Ribeira da Atalaia (Oosterbeek e Cruz, 2003; Cruz et al. 2000) até à Idade do Bronze, sendo reconhecido em estações de habitat: como Santa Margarida, no Tejo (Baptista, A. 2004); Maxial, localizado junto ao Zêzere (Cruz e Oosterbeek, 1998p); Castelo da Loureira, no vale do Nabão, muito próxima do complexo megalítico que tratamos nesta dissertação (Figueiredo et al. 2014); em deposições rituais em gruta (Zilhão, 1991; Oosterbeek, 1994, Figueiredo, 2019; Figueiredo et al. 2020); ou nos monumentos megalíticos do Zêzere (Oosterbeek, 1997; Cruz, 1997; 2004; Gaspar e Baptista, 2001) e do Nabão (Cruz e Oosterbeek, 1998h; Figueiredo, 2002; 2003a e c; 2004a e d; 2005b). Esta macro-utensilagem surge, em alguns sítios, associada a uma indústria microlaminar e a geométricos (estampa nº 17), tendo sido usada a par com a tecnologia do polimento e mesmo após o aparecimento das primeiras metalurgias. Nos monumentos megalíticos de Rego da Murta, estes materiais encontravam-se essencialmente depositados na câmara e englobados, no caso da Anta II, nos últimos contextos de deposição, datados do Calcolítico inicial/médio. Estes objetos apresentam analogias com os objetos recuperados da camada C e D da Anta I de Val da Laje (Oosterbeek, 1997); das estruturas de fossa do Monumento V da Jogada (Cruz, A. 2003; 2004) e do Monumento de Colos (Gaspar e Baptista, 2001), bem como dos níveis C e D da gruta do Cadaval, em associação com o ossário da gruta dos Ossos e na fase mais tardia do Caldeirão (Oosterbeek, 1997: 113). Fora da região, estes objetos aparecem sobretudo ligados a espólios de tradição do Mesolítico/Neolítico antigo, como é o caso do habitat de Pipas, em Reguengos de Monsaraz, e que poderão corresponder à fase

inicial e média do megalitismo de Reguengos (Silva, C. 1987: 90). Neste local e à semelhança do que se regista na Anta II de Rego da Murta aparecem associados a lâminas e lamelas de dorso, crescentes e recipientes cerâmicos decorados com impressões a punção (idem, 1987).

A comparação entre as datações absolutas obtidas para o nível em que estes objetos se integram na Anta II de Rego da Murta, atribuindo-os ao Calcolítico inicial/médio, e a correlação dos mesmos, por Luíz Oosterbeek (1997), a contextos do neolítico médio da Anta I de Val da Laje; e que não são visíveis nos níveis seguintes deste monumento ou, no caso da Anta II, nos ossários considerados mais antigos, leva a crer que, a associação aos rituais obedecesse a mecanismos de significância, reconhecendo a importância da deposição destes objetos, somente em determinadas alturas. Na realidade, não parece existir, entre os dois monumentos uma similitude diacrónica, que é confirmada com a Anta I do Rego da Murta, em que tais objetos, também confinados à câmara, só aparecem pontualmente, provavelmente relacionados com as últimas deposições da primeira ocupação do monumento (Neolítico final/ Calcolítico inicial). No caso da Anta I de Val da Laje, o autor considera a possibilidade de estes estarem associados a um momento inaugural da construção, representando, em parte, a ligação destas comunidades aos seus antepassados (Oosterbeek, 1994). Este problema identitário terá sido, provavelmente, também colocado em Rego da Murta, mas num processo que os associa à fase de datação final das últimas deposições na Anta II do Rego da Murta e no final do primeiro grande momento de ocupação da Anta I de Rego da Murta (Neolítico final / Calcolítico inicial). Em Alvaiázere registámo-la ainda em sítios da Proto-história, como Algar da Água, na UE6 (Figueiredo, 2019; Figueiredo et al., 2020) e em Castelo da Loureira (Figueiredo, 2014).

Também associados aos ossários mais recentes da Anta II recolheu-se um conjunto de pequenos seixos rolados, de dimensões médias de dois a quatro centímetros de diâmetro (estampa nº 19). Estes objetos têm paralelos com os verificados em prospecção, nas estações de habitat, como Castelo da Loureira, bem como em monumentos dolménicos, destacando-se o exemplo da Mama do Furo (Figueira da Foz), pela sua relativa proximidade e número de peças exumadas (trinta e quatro) (Vilaça, R. 1986: 111-112). Para além dos elementos referidos, mas com diâmetros relativamente inferiores, foram recolhidos alguns seixos no monumento 1 e 2 de Chão Redondo (Castro, 1960: 155-156), no Cabeço da Mina, no Alto Alentejo (Silva e Soares, 1976-77:

193) e a Norte, na serra da Aboboreira, nomeadamente nas Mamoas 2 e 3 de Outeiros de Gregos (Jorge, 1979: 260 e 262).

A interpretação destes elementos é, ainda, muito discutível, sendo admissível a sua relação com os rituais funerários (Jorge, 1979: 260 e 263; Vilaça, R. 1986: 112). No entanto, a presença de um pequeno polimento em dois elementos, transformando uma superfície romba numa ligeiramente aplanada, bem como a recolha de elementos nas estações de habitat (Castelo da Loureira ou Cabeço das Minas), como já havíamos mencionado, levamos a considerar que, pelo menos alguns, terão sido usados como possíveis polidores, provavelmente de materiais brandos. No Cabeço das Minas, estes materiais são efetivamente descritos como peças que apresentam “as superfícies preparadas através de um picotado fino [visível em pelo menos um exemplar na Anta II]. Alguns ... possuem, juntamente com as superfícies de percussão, faces polidas que parecem corresponder à superfície natural dos seixos suportes” (Silva e Soares, 1976- 77: 179).

Deste mesmo nível destacam-se os botões em osso, sendo que dois são de tipologia em laço (estampa nº 22), recuperados em associação com o ossário três da Anta II de Rego da Murta, datado de Beta-190007 2890 a 2630 a.C. (Cal 2 sigma), e um de perfuração em V, recolhido do corredor da Anta I. Ambos os tipos de botão são normalmente associados a contextos do campaniforme, apresentando os botões em laço analogias com os verificados no povoado de Vila Nova de São Pedro (Roche et al. 1961: 70). No entanto a datação registada sob uma amostra de AMS a um osso humano recolhido no mesmo contexto, aponta o seu uso para um possível período pré-campaniforme. Já o botão de perfuração em V, de Rego da Murta I, integra uma relação fidedigna com o período mais tardio, englobando o segundo grande momento da ocupação da Anta I do Rego da Murta, que decorre nos finais do Calcolítico a inícios da Idade do Bronze. Estes tipos de botões são mais comuns nos contextos portugueses, encontrando paralelos no monumento do Monte da Várzea (Viana, et al. 1953: 104), neste caso associado a pontas de base côncava cavada (registadas na Anta II); em Pai Mogo, associado a um punhal de cobre do tipo Palmela e a braçais de arqueiro (Gallay et al. 1973: 77), que por sua vez poderão encontrar correlação com os braçais recuperados na camada C da gruta do Cadaval, a par com as cerâmicas de carena alta, também recuperadas em Rego da Murta. A relação entre as pontas de Palmela e os dois tipos de botões, transvazam a Península Ibérica, tendo sido registados, por exemplo, na zona centro-atlântica francesa, associadas aos recipientes

campaniformes (Roussot-Larroque, J. 1987). A situação de desfasamento temporal registado na Anta II de Rego da Murta, pelo facto destes objetos poderem ter sido associados a uma datação anterior à verificada na maioria dos outros contextos, poderá ser explicada se atendermos que os vestígios dos ossários podem corresponder a corpos de gerações anteriores, desenterrados e aglomerados em associação com objetos contemporâneos à nova deposição, como referimos no capítulo anterior.

Quanto às pontas de seta da Anta II de Rego da Murta parece haver uma correlação espacial com os contextos número um, dois, três, quatro, seis, sete e oito, somente não se tendo verificado, pelo menos para já, no número cinco (figura nº 69; estampa nº 7 e 21). Estes artefactos são muito raros na camada C3, tendo, os únicos, sido observados no topo da mesma. Neste ponto, convém salientar que se tratando de ossários, as deposições mais recentes poderão ter revolvido deposições anteriores, bem como a abertura de fossas poderão ter abrangido camadas mais antigas, dando-nos a aparência de pertencerem à camada C3. Analisando os diferentes tipos torna-se notório, na Anta II, que as pontas do tipo B1 (Figueiredo, 2007, vol.2, cap.2, 7 e 8) só foram exumadas do corredor, da proximidade do grupo seis e as C2, tipo mitriforme, da câmara, com associação ao grupo um, o que consideramos mais recente. Este tipo de ponta foi atribuído a um período anterior ao campaniforme, tendo-se registado várias num nível inferior à última fase de ocupação de Zambujal (Sangmeister et al. 1966: 22), o que de alguma forma coincide com a datação obtida da proximidade deste grupo. O tipo A5, presente com dois exemplares e com analogias às pontas da Estremadura espanhola (Bueno Ramírez, 2000: 49), também, se registaram na câmara, nas proximidades uma da outra, junto ao grupo três e quatro, bem como na camada B da Anta I de Val da Laje (Oosterbeek, 1994). Estas pontas de base côncava, muito cavada e de bordos convexos são mais comuns nas sepulturas de falsa cúpula e com conexões ao mundo de Los Millares, registando-se, no nosso território, a sua presença na Anta do Olival da Pega, no tholos da Farisoa, bem como na necrópole de Alcalar (Leisner, V. e G. 1951: 62). Uma delas foi exumada do local de proveniência da datação Beta 190007 – Cal BC 2890 a 2630 (Cal BP 4840 a 4580), 4190 +/- 40 BP e que se associa aos botões de laço, em osso, e às contas de azeviche. Estas últimas também registadas em muitos monumentos da Estremadura espanhola e observadas ao longo do Tejo, como no caso da Anta da Foz do Rio Frio (Mação) ou na gruta da Rexaldia (Oosterbeek et al, 1992: 70). Esta cavidade apresentou ainda um

conjunto de placas de xisto, objetos de adorno, lâminas, lamelas, raspadeiras, vasos de cerâmica lisos e com decoração incisa do tipo campaniforme, que a integram num nível semelhante à camada C2 da Anta II de Rego da Murta, sobretudo ao ossário três e quatro (figura nº 69). Próximo a estes ossários registamos também a presença de uma placa de xisto decorada (estampa nº 23). Na Estremadura espanhola e ainda referindo-nos às pontas de base côncava e cavada foram exumadas do dólmen de Lacara, em associação com pontas de Palmela e fragmentos de campaniforme (Almagro Bach, 1959: 261-263); na câmara do monumento de Trincones 1 (Bueno Ramírez et al. 2000: 157), bem como no dólmen de falsa cúpula de Manchones, Azuaga, a par com vasos de colo estrangulado, trapézios, pontas de base côncava (tipo A4) e pontas com pedúnculo (tipo D4) (Bueno Ramírez, 1987), elementos que também se verificam associados na Anta II de Rego da Murta.

A grande diversidade de pontas de seta, observadas nas Antas de Rego da Murta (Figueiredo, 2007, vol.2) é visível nas estações dolménicas que mantêm uma certa proximidade ao Tejo, ou que com ele contactam através dos grandes afluentes, como é o caso dos dólmenes do Couto da Espanhola (Beira Interior) e que é explicada, pelos investigadores destes sítios arqueológicos, pela existência de um “comércio transregional” fortemente enraizado (Cardoso et al. 2000: 201). Nesta estação, em associação com estas pontas registaram-se artefactos polidos, placas de xisto, taças de carena alta, trapézios e contas de colar em pedra verde, uma delas muito idêntica à conta alongada em variscite ou crisoprásio, recolhida da Anta II.

O tipo de ponta de seta G1 (base triangular com aletas laterais) tem sido verificado em estações junto à Foz do Sever, como por exemplo no dólmen da Charca Grande de la Regañada, a par com pontas do tipo E2, D2, A5 e B2, associadas a machados polidos muito semelhantes aos recuperados no núcleo de Rego da Murta, bem como a taças esféricas e hemisféricas lisas, a vasos de colo estrangulado, a vasos carenados e a lâminas e contas de colar em pedra verde (Oliveira, 2003), que relacionada com uma arquitetura semelhante à Anta I apresenta uma correlação muito fiável com os espólios por nós recolhidos. Na nossa região estes tipos de elementos também foram recolhidos na Anta I de Val da Laje (Oosterbeek, 1994).

No caso da Anta I de Rego da Murta, as pontas, na sua maioria de base triangular, são normalmente atribuídas já ao calcolítico pleno, resultando em deposições posteriores às de base côncava (Leisner, et al. 1961: 34), observadas maioritariamente na Anta II.

Neste sentido, e porque não as podemos correlacionar com nenhum contexto bem conservado na Anta I atribuímo-las às últimas deposições do monumento, observando-se três zonas preferenciais de deposição: no centro da câmara, junto à estrutura circular; na passagem do corredor para a câmara, associadas a fauna doméstica (ovicaprinos, porcos e cão); e à entrada do corredor, podendo esta ser posterior às outras unidades detetadas (figura nº 70). Alguns destes elementos apresentam uma serrilha perfeita com similitudes às pontas da Anta I de Vale da Laje (Oosterbeek, 1994). Estes elementos são também do tipo mais comum na gruta da Nossa Senhora das Lapas, associados a algumas pontas de base côncava e pontas de base triangulares com aletas laterais.

As pontas de seta mais alongadas, designadas pela comunidade arqueológica normalmente como torriformes, têm analogias com as alongadas da Anta I de Vale da Laje, tendo-se registado, também, a norte, nos monumentos megalíticos do curso inferior do Alva, como a Anta 1 dos Moinhos de Vento, em Arganil, em associação com pontas de base triangular e bicôncava, alabardas, lâminas de dorso e contas de colar (Nunes, J. 1974: 17-18).

Estas alabardas são também de dimensões muito semelhantes às obtidas no nível C3 da Anta II do Rego da Murta. Paralelos para estes elementos são também reconhecidos na região, na Anta I de Val da Laje (Oosterbeek, 1994) e na Anta da Foz do Rio Frio. Fora desta área os melhores exemplares registam-se na Península de Lisboa, como é o caso da Anta I do Zambujal (Leisner e Leisner, 1953: 258), tendo também sido exumadas do Alentejo, como é o caso da Anta Grande do Olival da Pega 2, com que também encontramos uma série de analogias para outros artefactos (Gonçalves, 1999: 105) ou na Estremadura espanhola. São normalmente considerados de artefactos votivos, praticamente inexistentes nas estações de habitat.

Na Anta I do Rego da Murta, os materiais polidos exumados (um machado e uma goiva) verificaram-se na câmara, nas proximidades do esteio da cabeceira, em sedimentos revolvidos. No caso da Anta II, todos os machados e enxós exumados até ao momento, bem como as alabardas, foram registadas, lado a lado, junto dos esteios do corredor, englobados na camada C3, disposição semelhante à verificada na Anta I de Val da Laje (Oosterbeek, 1994). Os artefactos polidos aparentam certas diferenças com as estações da região, apresentando formas mais retangulares que os elementos extraídos da gruta do Cadaval, da gruta da Nossa Senhora das Lapas, da gruta dos Ossos e da Anta 1 de Val da Laje (Oosterbeek, 1987d, 1994). No entanto estas diferenças,

sobretudo quanto ao tratamento e uso, também são visíveis entre os objetos do núcleo de Rego da Murta, variando entre gumes muito macerados como se registou nas grutas e gumes com poucos traços de uso e com um acabamento mais cuidado. Pelo que foi possível observar as diferenças na indústria polida não parecem resultar de modelos evolutivos ou diferentes contatos, mas do aproveitamento oportuno que os blocos de matéria-prima, registados a sul da região, ofereciam. A goiva, obtida na Anta I (estampa nº 20), é fina e alongada, apresentando um intenso polimento generalizado. Este objeto apresenta similitudes com a goiva registada na camada D da gruta do Cadaval, também aqui associada a um machado e uma enxó. Fora da região, morfologicamente, apresenta paralelos com as recuperadas da Anta 1 de Terá (Pavia) (Moita, 1956: 138), da Anta 4 de Portugal, também designada por Anta da Malhada dos Porcos (Montargil) (Leisner e Leisner, 1953: 258), do túmulo de Vedro Vello (Valcarce, R. 1992: 105) ou da estação de Vidigueiras 2 e Gorginos 3 (Gonçalves, 1999: 49-50).

No que diz respeito aos adornos, a variedade da matéria-prima com que foram fabricados, associados às diferentes morfologias indica que estaremos perante diferentes tipos de influências, algumas de longa distância, como é o caso dos materiais realizados em crisoprásio.

Efetivamente a diferença entre os dois monumentos também se pauta no tipo de matéria-prima preferencial com que os objetos foram construídos, tendo-se registado na Anta I de Rego da Murta uma maior percentagem de xisto talcoso e, na Anta II, de variscite e esteatite, que poderá estar relacionada com os objetos em vigor na altura das deposições. Esta ilação é tida tendo em conta as próprias diferenças registadas entre os diferentes ossários de Rego da Murta II. Neste monumento, uma das contas, em variscite, é discóide achatada, sendo normalmente atribuída aos contextos do Neolítico final / Calcolítico inicial (Rodrigues, 1990: 147), corroborando a associação com a datação obtida no ossário dois de onde foi recolhida (Beta-190004, quadro 2, 3).

A pequena escultura zoomórfica, em esteatite, aparenta ser posterior, tendo sido registada junto à cabeceira, nas proximidades dos vestígios ósseos de fauna bovina.

Estes elementos são, normalmente, mais comuns nas grutas, observando-se um exemplar idêntico na gruta de Nossa Senhora das Lapas (Oosterbeek, 1994). Estes pendentives zoomórficos, sobretudo os de tipo lagomorfo (estampa nº 9), foram exumados da Anta Grande da Comenda da Igreja (Alentejo)

(Eogan, 1990: 125); na Conchadas; em Trigache (Estremadura) (Rodrigues, 1990: 149); e na Anta Grande do Olival da Pega (Gonçalves, 1999: 73), associados a cerâmica com triangulações incisas preenchidas a pontilhado e a placas de xisto votivas, também observadas na Anta II do Rego da Murta.

O pendente triangular em esteatite é, por sua vez, mais comum aos monumentos de falsa cúpula, tendo, um muito parecido, sido encontrado, em Veja del Guadancil (Bueno Ramírez, 2000: 46), em Juan Ron 1, (Alcântara) (Bueno et al. 2000: 152) e na Anta Grande da Comenda da Igreja, em Évora (Eogan, G. 1990: 125). No entanto, em todos estes casos apresenta somente uma perfuração central superior, ao contrário que na Anta II se registaram três orifícios (estampa nº 9).

No que se refere às placas de xisto são comuns aos monumentos megalíticos do Alto Ribatejo, tendo sido observados na Anta I de Vale da Laje (Oosterbeek, 1994), no Monumento de Colos (Gaspar e Baptista, 2001) e na Anta da Foz do Rio Frio (Pereira, 1970). No entanto, na Anta I e II de Rego da Murta a maioria são lisas, somente se registando uma com decoração (estampa nº 23).

A norte, na estação de Fraga da Pena, em Fornos de Algodres (Valera, 1997: 77) registou-se um pendente em seixo ovóide, com analogias ao pendente em quartzito recuperado da Anta I do Rego da Murta. Este objeto encontrava-se associado a um punção em cobre, semelhante ao registado por nós na Anta II, bem como cerâmicas com cordões impressos a dedadas, vasos carenados e recipientes impressos a punto y raia (idem, 1997: 72), também verificados em ambos os contextos.

O disco em micaxisto, da Anta I (estampa nº 8), é muito semelhante aos recuperados do monumento de Reboredo I (Coruña), tendo sido, num deles, observado uma pequena perfuração (Fábregas Valcarce e Vilaseco Vazquez, 2003: 301), ou da Anta 2 do Couto da Espanhola (Cardoso et al. 1997: 15 e 18). Para além deste disco exumaram-se, da Anta I e II de Rego da Murta, duas placas relativamente retangulares. Estes materiais poderão ser relacionados com a placa recolhida em Pena Mosqueira, tendo neste caso apresentado vestígios de pintura (Sanchez, 1987: 13).

Quanto às lascas, lâminas e lamelas é de destacar a grande diferença observada entre os dois monumentos estudados. Na Anta I de Rego da Murta elas representam uma alta percentagem dos materiais exumados, sendo muito mais escassos na Anta II.

Na maioria, quer num monumento, quer no outro, são do tipo chert,

seguido do sílex, observando ainda uma pequena percentagem na matéria quartzítica, no quartzo leitoso, no quartzo hialino e no quartzo esfumado. A totalidade dos micrólitos, que se registam na Anta II, foi observada na camada C2 e normalmente associados ou nas proximidades dos macrolíticos. Esta mesma relação nas deposições (micrólitos e macrolíticos) foi observada na gruta dos Ossos (Oosterbeek, 1994). Os instrumentos do tipo buril, furadores, raspadores, raspadeiras, denticuladas, entre outros, que se manifestaram na Anta I, são em qualquer dos níveis ou ossários da Anta II, raros ou inexistentes. Neste monumento, as lascas observadas são quase na totalidade simples e grosseiras. O mesmo se observa para as lâminas e lamelas que se verificaram muito fracturadas, ao contrário da Anta I, onde aparecem em grande quantidade e normalmente inteiras ou de dimensões mais alongadas. As melhores semelhanças com estes elementos manifestam-se na gruta dos Ossos, na Anta 1 de Vale da Laje e na gruta de Nossa Senhora das Lapas (Oosterbeek, 1994). É interessante referir que, na Anta II, estes objetos se encontram dispersos observando-se, essencialmente as retocadas, na zona externa ao mesmo, apresentando pouca relevância nos contextos datados do Calcolítico Médio. Neste pressuposto aparentemente a sua associação torna-se mais evidente em deposições que são do Neolítico, decrescendo a sua relevância nos períodos posteriores.

Também a cerâmica apresenta divergências significativas entre os monumentos e os diferentes contextos registados no interior da Anta II. No entanto, é visível que uma grande parte, sobretudo no corredor do mesmo monumento, se apresentava virada ao contrário (emborcada). Tal facto também foi registado na Anta I de Val da Laje, concentrando-se junto às paredes do corredor, à semelhança deste último monumento (Oosterbeek, et al. 1992). Na câmara elas situam-se mais ao centro, ocupando uma cota semelhante à das calotes cranianas mais bem preservadas. A posição encimada das calotes em relação às estruturas aparenta analogias com o tipo de ossário registado na gruta dos Ossos (Oosterbeek, 1993b). Na análise de dispersão também se verifica uma associação dos recipientes inteiros aos grupos ossários interpretados, coroando, normalmente as deposições, como se verificou no grupo ossário cinco da Anta II de Rego da Murta. Os fragmentos cerâmicos encontram-se mais dispersos pelo monumento, registando-se alguns que não colam com mais nenhum elemento. Esta associação de objetos inteiros ou semi-inteiros (com possibilidade de reconstrução em mais de 50%) e pequenos fragmentos isolados podem ser explicados pelas

constantes limpezas de deposições anteriores, para dar lugar a novas deposições ou, também considerado, pelo tipo de sedimentos observados, pelo facto de transferência de vestígios osteológicos e terras de outro local para deposição no interior da Anta II, registando-se também a transferência de pequenos fragmentos de objetos que teriam sido depositados aquando dos enterramentos primários nesses outros sítios.

Assim e numa primeira abordagem, correlacionando os objetos com as datações obtidas podemos dizer que:

Os vasos com mamilos que se apresentam de maiores dimensões que os restantes, corresponderão, no nosso núcleo, a deposições que nos parecem integráveis no Calcolítico, tende sido registados na camada C2 da Anta II do Rego da Murta (Calcolítico inicial) e no corredor da Anta I do Rego da Murta, associado a um contexto datado do Calcolítico final. Estes vasos, juntamente com os de morfologia ovóide têm paralelos com a camada D da gruta do Cadaval (Oosterbeek, 1987d: 103), encontrando-se, nesta estação relacionados com artefactos polidos (uma goiva, um machado e uma enxó), trapézios, lascas e uma indústria laminar raramente retocada, semelhante a alguns objetos recuperados da Anta I do Rego da Murta. O autor refere a possibilidade de o vaso com mamilos ter sido “uma reserva de ocre” (idem, 1897d: 104). Estes elementos são, contudo, no geral, atribuídos a contextos que precedem desde o neolítico, registando-se em quase todo o território peninsular (Silva e Soares, 1976-77).

Um fragmento muito idêntico ao vaso com associação de triangulações incisas preenchidas no interior a punção, proveniente da Anta II de Rego da Murta, foi exumado na estação de Santa Margarida (Baptista, 2004: 103), em Constância e na camada C do Cadaval (Oosterbeek, 1994). Esta mesma estação também revelou a presença de vasos com mamilos, de morfologia idêntica aos observados em Rego da Murta, em associação com trapézios e crescentes, bem como pontas de seta de base côncava, do tipo A4, predominante na Anta II. A associação destes dois tipos de vasos é bem visível nas estações ao longo do Tejo, sendo de destacar o sítio de los Castillos de Las Herencias (Álvaro Requena e Piñón Valera, 1987: 283), onde a esta decoração se observaram incrustações de pasta branca e, onde, também, foram exumadas pontas de seta de base côncava ligeiramente cavada. Segundo os autores, este tipo de decoração é muito característico da Idade do Cobre. Na realidade registam-se exemplares em Los Millares (Leisner e Leisner, 1943); na Andaluzia (Gonçalves, 1971), na Estremadura espanhola (Álvaro

Requena e Piñón Valera, 1987), em Toledo (idem, 1987) e em Portugal em contextos pré-campaniformes, como se observa com a Anta II do Rego da Murta. A mesma associação técnica de incisões a puncionamentos, mas com uma organização decorativa um pouco diferente é atribuída às estações da região de Sines, como é o caso do sítio da Salema, estudado por Joaquina Soares e Carlos Tavares da Silva (1981), normalmente associados a objetos de pedra polida. Efetivamente, o fragmento recolhido com estas características encontra-se muito próximo da zona de onde se exumaram as duas enxós, em anfíbolito, encontrando-se conectadas com o ossário seis.

A presença de machados e enxós polidos, bem como a sua implantação junto às paredes do corredor e em parte associadas a vasos esféricos ou hemisféricos e a alabardas poderá ser associado ao primeiro momento de ocupação da Anta I de Vale da Laje (camada C e D) (Oosterbeek, 1994).

Os vasos com aplicação de uma solução aquosa alaranjada ou almagre, verificados nos dois monumentos têm paralelos com o tratamento dado a três vasos presentes na camada D da gruta do Cadaval (Oosterbeek, 1987d: 104), muito semelhantes aos recipientes detectados, a sudoeste do Alto Ribatejo, na Conheira do Penascoso, em Mação (Pereira, 1972), sendo, estes, no entanto, de maiores dimensões que os observados nas antas. Segundo Luíz Oosterbeek e no que diz respeito a estes vasos “ao neolítico evolucionado da gruta do Caldeirão sucederia um Neolítico médio de tradição arcaica, caracterizado pelo predomínio de cerâmicas lisas, por vezes com engobe ou aguada...” (1987d: 107). Um dos vasos que apresentava um tratamento com uma solução alaranjada foi recuperado por baixo da queda do esteio c) do corredor da Anta I, tendo, uma das amostras ósseas recolhidas, apontando para o neolítico final (3370 a 3090 a.C.). Outros paralelos registam-se na Bacia Interior do Mondego, a norte (Valera, 1998), ou na Anta I do Poço da Gateira, a sul (Gonçalves, 1999: 48), associados a espólios muito semelhantes aos observados na Anta I de Val da Laje e nos monumentos de Rego da Murta.

As carenas, pela relação que mantêm com os ossários número cinco e seis aparentam ser do Neolítico final/Calcolítico inicial. Estes objetos têm analogias com artefactos integrados na camada C da gruta do Cadaval (Oosterbeek, 1987d: 103) e com a camada B da Anta I de Val da Laje (idem, 1994).

Os bordos denteados e a cerâmica incisa a ziguezague, recuperados exclusivamente da Anta I de Rego da Murta, aparentam ter mais analogias com a camada C da gruta do Cadaval (Oosterbeek, 1987d: 102-103), ainda

que no caso do bordo denteado se tenha verificado a impressão de unha e não de dedo como registamos no nosso monumento. Estes tipos de bordos encontram paralelos na Estremadura portuguesa, também sob a forma de recipientes de colo estrangulado, em contextos do Neolítico final, como é o caso da estação do Penedo do Lexim, em Mafra (Sousa, 2003: 328) e que vem corroborar com os contextos e cronologias registadas na Anta I de Rego da Murta. É, também, com esta estação que podemos apresentar analogias para o fragmento de bordo espessado recuperado do mesmo monumento.

O vaso de decoração impressa arrastada, do tipo punto y raia, também designado de tipo boquique, exumado da camada C3, da Anta II de Rego da Murta, em associação com o ossário seis, tem analogias com contextos do neolítico, aparentando paralelos com estações a norte, como Lavra I (Sanchez, 2003: 161), Complexo 1 do Penedo da Penha (Valera, 1997: 134), Buraco da Moura de São Romão (idem, 1998: 137) e mamoa 2 de Furnas (Jorge, et al. 1988: 37); na Estremadura, ela regista-se em São Pedro de Canaferrim (Simões, 2003: 132) ou no nível III de Cerro de la Horca, onde em associação foram observados vasos com mamilos e bordos denteados (González Cordero et al. 1991; Bueno Ramírez, 2000: 40); ou a sul, com Valada do Mato (Diniz, 2003: 729). Nesta última estação também se registaram vasos com cordões, impressos a dedadas, semelhantes a um dos fragmentos observados na Anta I do Rego da Murta.

O fundo de cerâmica com onfalo recuperado da Anta I de Rego da Murta corresponderá ao momento das últimas deposições (Idade do Bronze final), registando-se na Anta 2 do Amieiro, onde também se recolheram macrolíticos (Cardoso et al. s/d).

4.4. Correlações espaciais entre o complexo megalítico de Rego da Murta e os sítios pré-históricos localizados nas imediações

A ocupação do território no Alto Nabão durante a pré-história está condicionada à escassez de informações seguras com que possamos estabelecer um quadro coerente, incidindo nos materiais recolhidos à superfície, aquando das prospeções. A descrição das estações permite-nos antever possíveis relações entre as cumeadas que rodeiam o núcleo e os monumentos de Rego da Murta. No entanto, faltam-nos dados cronológicos, escavações em área e correlações significativas para que possamos apresentar modelos de ocupa-

ção. Neste sentido a análise será muito superficial, numa tentativa que criar algumas associações hipotéticas.

Numa primeira apreciação torna-se patente que a maioria destas estações (com datação relativa do Neolítico à Idade do Bronze) se implantam em zonas de cumeeada ou encosta, controlando uma vasta área de visibilidade, com condições de defesa variáveis e com uma interrelação visual bastante acentuada.

Analisando as estações mais próximas (figura 13): Relvas, serra Mosqueiro, Castelo da Loureira, Forno do Cal, Penedos Altos, Sobral Chão e Castelo da Ameixeira, verificamos que se trata de estações que se implantam a uma altitude superior a 250 m, à exceção de Forno de Cal que possui uma altitude absoluta de 210 m, mas com um declive que se mostra ser mais acentuado que as suas vizinhas, atingindo os 140 m junto à ribeira das Quebradas, que passa a norte, possuindo, desta forma, uma visibilidade sobre a paisagem idêntica às outras estações.

O máximo de altitude é obtido pela estação de Penedos Altos, a cerca de 350 m.

Parte do espólio recuperado deste local aponta para uma ocupação mais tardia² (Idade do Bronze), ainda que se possa remontar a um período anterior, contemporâneo a uma fase de ocupação dos monumentos megalíticos.

Também, nesta zona foi registada a presença de duas antas (Oosterbeek, L. 1994: 430) que, contudo, nunca foram observadas por nós em prospeção.

Possivelmente do Calcolítico final / Idade do Bronze serão, também, as estações de Sobral Chão e Outeiro de São Pedro. Em ambas, apesar de aflorem à superfície uma maior quantidade de artefactos atribuíveis à Idade do Ferro (Antunes, M. 1994: 26-27; Silva, M. 1994: 29-30, Marques, P. 1996), foi possível recolher indústria lítica e alguns fragmentos cerâmicos pré-históricos com analogias aos recuperados na Anta II do Rego da Murta. Em Sobral Chão, alguns destes fragmentos aparentam correlações com a camada B da gruta do Cadaval (Cruz, A. e Oosterbeek, L. 1998 o):153-165) e com a camada C2 da Anta II do Rego da Murta.

2 Visto daqui se terem recuperado vários artefactos, dos quais se destacam um machado de talão, em Bronze, com um anel lateral e três nervuras centrais numa das faces (Rocha, S. 1899-1903: 135-136 e 1904: 13-14; Coffyn 1985: 392; Aquino 1986: 31-32; Luís, L. e Silva, P. 1992: 126; Moura, M. 1994: 55; Silva, M. 1994: 34) e um pequeno fragmento de espada de Bronze (Marques, P. 1996:84).

A estação do Castelo da Ameixoeira possui características relativamente idênticas a Sobral Chão, quer pela implantação, quer pelos vestígios artefatuais e estrutura de muralha que apresenta, que por sua vez é também muito idêntica a Castelo da Loureira. Dos vestígios pré-históricos, que foram observados, destacam-se dois fragmentos de polidores, em anfibolito; dois fragmentos de mó, de arenito (Silva, M. 1994: 64-69); fragmentos de cerâmica manual lisa e um grande número de lascas e núcleos, em quartzito (Marques, P. 1996: 62-63). Os materiais recuperados, sobretudo a indústria quartzítica, são em tudo semelhantes aos outros locais supramencionados, registando-se, também, na camada C2 da Anta II de Rego da Murta e na grande parte das estações de gruta (gruta do Cadaval, gruta dos Ossos ou gruta do Caldeirão, só para dar alguns exemplos) podendo ser incluídos no tipo dos artefactos macrolíticos “languedocenses” do pós-glaciar (Cruz, 1997).

Estes utensílios têm, também, sido observados nos monumentos megalíticos do Zêzere (Oosterbeek, L. 1997; Cruz, A. 1997), destacando-se a presença na camada de construção (camada C) da Anta I de Val da Laje, bem como em zonas de habitat (Povoado da Amoreira, Monte Pedregoso, Santa Margarida ou Ribeira das Boas Eiras), claramente associadas a aluviões holocénicos.

Segundo Ana Rosa Cruz e Luíz Oosterbeek os materiais pré-históricos observados, também, possuem paralelos com as estações calcólicas de Cumes e Arrascada e a indústria lítica em quartzito, que apresenta maior rolamento, poderá integrar os depósitos de cobertura Plio-Quaternários (1998 I: 119-130).

Um pouco a norte desta zona, na serra de Alvaiázere, podemos observar a estação de Alvaiázere, que possui características muito idênticas às anteriormente assinaladas e de onde foi possível recuperar uma série de artefactos que, também, se enquadram nos já mencionados para a Idade do Bronze e Ferro (Félix, P. 1999).

A estação de Relvas, localizada a uma cota inferior aos referidos, foi considerada, por Luíz Oosterbeek (1994: 431), como um local de cronologia aproximada ao Neolítico / Calcólítico. Na realidade, nas prospeções realizadas, reconhecemos que à partida os artefactos examinados aparentam ser anteriores aos presentes nas estações citadas, sendo compostos por fragmentos de cerâmica lisa e artefactos talhados sobre sílex, chert e quartzito.

No que diz respeito à Serra do Mosqueiro, apesar dos achados não serem relevantes, tem sido considerado como um local, possivelmente, enquadra-

do no Neolítico (ARQSOFT 1997, nº inventário 361).

A estação de Forno de Cal apresenta, já, características um pouco diferentes. Trata-se de uma zona aberta, de ampla dimensão, sem estruturas de muralha, localizada num plateau, sobre a ribeira das Quebradas, importante afluente do Nabão. Após os incêndios do Verão de 2005, as prospeções empreendidas a esta zona permitiram recuperar uma série de artefactos que saem completamente dos parâmetros das outras estações analisadas. Os materiais obtidos são essencialmente lascas, fragmentos de lâminas e lamelas de sílex e alguns fragmentos de cerâmicas lisas. De referir que a maior dissemelhança apontada está, sobretudo, relacionada com a presença de uma baixa percentagem, ou quase nula, de instrumentos em quartzito, material que se verifica mais abundante nas outras estações, incluindo em Castelo da Loureira (Figueiredo, et al. 2013). Os materiais em sílex são de melhor qualidade, sendo muito poucos os de tipo chert. Sem um estudo mais aprofundado desta estação não nos é possível explicar o porquê desta desigualdade, sendo que poderá estar relacionada com uma multiplicidade de fatores, incluindo uma diferente funcionalidade no seu uso.

A disposição das estações descritas aparentemente circunda o núcleo de Rego da Murta, que parece ser único nesta zona. A possibilidade da existência de outros agrupamentos ou monumentos não foram confirmados nas prospeções, mas não deverão ser descartados.

Aparentemente, pelos cálculos de melhor movimentação espacial, atendendo ao tipo de orientação de pendente e inclinação, os monumentos megalíticos localizam-se na zona central de passagem (figura nº 1, 3, 6 -9)), podendo este ter servido os diferentes polos de habitat que se encontram nas imediações.

A proximidade entre as diferentes estações, se as considerarmos relativamente contemporâneas, é muito análoga, rondando entre 1,5 km e os 3 km de distância, resultando, isto, num território de exploração muito curto, o que revelaria uma forte coesão e relação entre as várias comunidades, traduzida num tipo de povoamento disperso, implantado em zonas de cumeada, com domínio visual direto sobre os vales férteis do Nabão e das zonas de transumância ou de comunicação.

No caso das estações de Castelo da Loureira, Penedos Altos e Sobral Chão, o controlo visual é mais orientado para norte (figura nº 3), permitindo um domínio da paisagem sobre a serra de Alvaiázere. Castelo da Loureira possui ainda uma visibilidade direta com o espaço onde se implanta o complexo

megalítico de Rego da Murta. Mais isolados, sem contato visual entre outras estações encontra-se a estação de Forno da Cal e a Ameixieira. Contudo, o controlo sobre a paisagem é igualmente eficiente, detendo Forno de Cal uma posição estratégica sobre a entrada da ribeira das Quebradas, que vai dar origem, a nordeste, à ribeira do Rego da Murta, e se liga a oeste ao Nabão. Todas as outras estações registam um contato intervisual muito acentuado.

Esta forte relação de visibilidade é mais notória na zona do Nabão e Tejo, característico pelas condições geomorfológicas do terreno, do que no Zêzere, que devido a um relevo caracterizado por vertentes mais abruptas, evidenciam assentamentos mais individualizados, com fraca ou nula inter-relação. Nesta região, o tipo de implantação poderia ter levado a formas de organização espacial diferentes das regiões vizinhas, revelando sociedades possivelmente detentoras de uma ocupação mais concentrada, como parece evidenciar a estação do Maxial (Abrantes) ou Santa Margarida (Constância) (Baptista, 2004), onde os vestígios artefatuais observados se implantam por uma área superior a 10Ha (Oosterbeek, 1994b: 141), sem que contudo, registem uma tradição cultural distinta, como defendeu Luíz Oosterbeek (1992, 1994a).

Efetivamente o espólio exumado destes locais, como se observou no capítulo anterior, possui semelhanças com as deposições obtidas no nível C2 da Anta II de Rego da Murta e com a camada B de Val da Laje 1 (idem, 1994b:141). Para além disso, as mesmas analogias são tidas para a Conheira do Penhascoso (Mação) (Pereira, 1974), sobretudo no que diz respeito aos recipientes almagrados registados, quer nas grutas (ibidem, 1994b: 142), quer no núcleo de Rego da Murta.

Esta mesma interação é apontada para a zona de Torres Novas e Alcanena (Gonçalves, 1978; Gonçalves, 1977; Oosterbeek, 1988), onde as estações da Lapa da Galinha, Carrascos ou Lapas apresentaram contextos idênticos aos registados nos monumentos megalíticos.

O anterior estudo das características de captação de recursos ensaiado por Luíz Oosterbeek (1994), atendendo a quatro áreas (Canteirões do Nabão, Maxial, Val da Laje, Amoreira), apontava que: os locais de enterramento tendiam a se localizar afastados dos locais de possível habitat, situando-se este sempre a um mínimo de 3 horas de distância; que os monumentos se dispõem maioritariamente por núcleos, incluindo as ocupações de gruta, implantados em zonas próximas a rios e a menos de 1 hora dos solos de classe A20; e que os territórios dos habitats não se sobrepõem aos dos contextos megalíticos,

evidenciando estratégias diferenciadas.

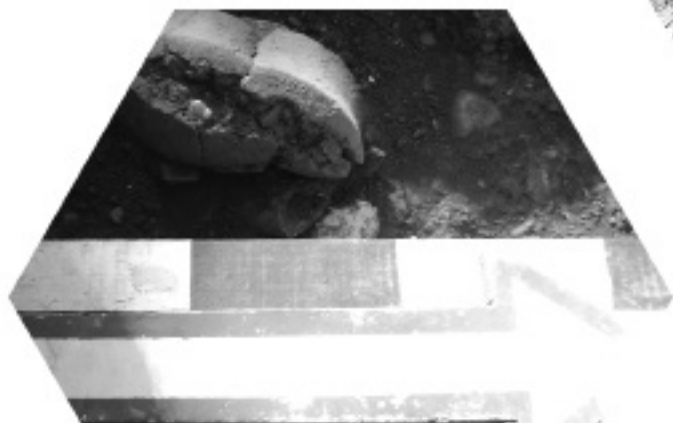
As últimas investigações e descobertas tidas essencialmente no concelho de Abrantes vêm contrariar parte das proposições tomadas em conta. Ora o que se observa no Zêzere é uma relativa proximidade entre outras estações e os núcleos megalíticos. Tal observação é registada no núcleo da Jogada, onde na zona mais elevada onde se implanta o núcleo se observa, numa área de quase 2km², um conjunto de artefactos muito semelhantes aos reconhecidos nos monumentos, sendo de salientar a grande quantidade de fragmentos de materiais polidos e macrolíticos. Também a sensivelmente 1 km, a sul, sobranceiro a área de implantação dos monumentos megalíticos de Vale de Chãos verificou-se, muito recentemente, um menir que se associa a toda uma área, de possível habitat, com uma extensão de pelo menos 1km², onde foram exumados vários fragmentos cerâmicos, pequenas lascas e alguns macrolíticos. Também a estação do Maxial, localizada a norte, reconhecida até há bem pouco tempo como uma estação isolada, aparenta ter uma certa relação com as pequenas mamoadas registadas ao longo da zona de festo, entre os diferentes afluentes do Tejo e do Zêzere, que vão desde a zona de concentração dos dólmenes de Vale de Chãos até Água das Casas (figura 8, 9 e 10).

No Nabão, para além de todas as estações, já mencionadas, que rodeiam o núcleo de Rego da Murta, foi reconhecido, a norte, a menos de 200 metros da Anta II de Rego da Murta, toda uma área com cerca 500m², onde se recolheram uma grande quantidade de macrolíticos, lascas em chert e algumas lâminas, que poderá corresponder a uma estação com uma funcionalidade distinta, mas possivelmente conectada, com os monumentos megalíticos registados.

Na realidade estes dados levantam outros problemas, que dizem respeito, entre outros, ao tipo e funcionalidade destas estruturas, visto, ao contrário da maior parte das estações consideradas como povoados, onde se reconhecem estruturas pétreas de delimitação da área, estes locais são normalmente abertos e dispersos, registando-se artefactualmente uma dissemelhança com estes locais, pelo número reduzido de fragmentos cerâmicos que apresentam. No caso da estação de Rego da Murta, entre os diferentes artefactos foi possível exumar ainda um dente humano.

Quanto ao segundo ponto salientado por Luíz Oosterbeek (1994b) parece-nos claro uma preferência, no Alto Nabão, por uma aglomeração destas estruturas, funcionando como pólos nucleares de concentração destas práticas, normalmente associados a grandes rios ou afluentes e conectados

com as vias de melhor comunicação ou terrenos férteis. Estes monumentos possuem ainda um excelente contato visual. A interrelação que se observa entre os diferentes contextos permite-nos considerar uma organização da paisagem, em que a localização de cada estação atenderia à implantação de todas as outras estruturas existentes, artificiais ou naturais (Ingold, 1996, Bradley, 1998). Neste sentido, consideramos que o espaço não possui diferentes territórios que se associam às necrópoles ou aos povoados, como defende o autor, sendo que o estudo de sobreposição dos mesmos não é eficiente para a análise de ocupação da pré-história. O que provavelmente se regista, como defende Ingold, é um espaço habitado em que todos os elementos se conjugam numa unidade espacial e temporal, definida pela noção de *taskscape* (1993; 2000), tal como já mencionamos nos capítulos anteriores. No entanto, para tentar perceber o tipo de ocupação durante a pré-história no Alto Ribatejo e em que medida é que a construção de monumentos megalíticos se relaciona ou não com as antigas práticas e tradições que já se evidenciavam nesta região, teremos de remontar a análise às informações que possuímos para o período anterior a estes atos e que aprofundaremos no capítulo seguinte.





5. A OCUPAÇÃO PRÉ-HISTÓRICA NO ALTO RIBATEJO

5.1. Entre as últimas comunidades de caçadores-recolectores e as primeiras sociedades produtoras

5.1.1. Introdução

Entre os diferentes postulados defendidos para a origem destas sociedades é seguro afirmar-se que as primeiras formas arquitetónicas se encontram associadas a uma mudança económico-social caracterizada pela emergência de um conjunto de elementos, dos quais se destacam: a produção de alimentos, a domesticação, a presença de cerâmica, uma maior sedentarização e de uma nova tecnologia de fabricar os instrumentos em pedra (Bradley, 2001). A mudança do comportamento humano também estaria representada na forma como o homem encarava o mundo transcendental/simbólico. A forma de materializar esses conceitos era conseguida pela prática de um conjunto de cultos e rituais onde, entre eles, figurava o papel da morte.

O início da construção destas estruturas megalíticas é atribuído, no nosso território, ao Neolítico médio. Esta fase surge como um patamar de consolidação de um fenómeno que se inicia com a passagem de uma vida de caçador-recolector para uma de produtor e que engloba varias problemáticas que tentaremos tratar nos subcapítulos seguintes.

No Alto Ribatejo são ainda muito poucos os dados conhecidos que nos permitam traçar uma ocupação concreta para esta época. As únicas estações, correspondentes ao Neolítico antigo, onde foi desenvolvido um estudo mais aprofundado dizem respeito à gruta do Caldeirão, Nabão (Zilhão, J. 1992), à gruta da Nossa Senhora das Lapas (Oosterbeek, L. 1993a) e ao povoado da Amoreira, Tejo (Cruz, A. 2006), podendo ainda ser incluído o abrigo de Pena d'Água e a gruta do Almonda (Zilhão, J., Maurício, J., Souto, P. 1991, 1993), localizadas no extremo sudoeste desta região e a gruta do Casal do Papagaio, em Ourém, atribuída ao Mesolítico (Arnaud, J; Bento, J. 1988: 27-34).

Integrando estas estações no quadro de povoamento regional pode-se estabelecer correlações com as estações a norte, na bacia inferior do Mondego (Vilaça, R. 1988), nomeadamente Forno da Cal, Várzea do Lírio e Junqueira; a oeste, na Estremadura (Gonçalves et. al. 1977; Gonçalves, 1978; Aubry et al. 1997; Zilhão, 2000), com as estações Pelónia, Buraca Grande, Amoreira, Forno da Telha, Fonte Pinheiro, Abrigo Grande das Bocas, grutas da Eira da Pedrinha, Cabeço da Ministra, Calatras, grutas de Nossa Senhora

da Luz, Cabeço do Porto Marinho, gruta da Furninha, Casa da Moura, Lapa do Suão, gruta dos Carrascos e gruta das Pulgas; e a uma distância mais considerável, com as estações localizadas a sudoeste, no litoral Alentejano (Soares, 2003), como é o caso de Vale Pincel I, Oliveirinha, Medo Tojeiro ou Castelejo. Estas correlações ainda que positivas ou negativas traçam um quadro de ocupação que, como poderemos observar, revelam diferentes implantações, sistemas económicos e funcionalidades.

Desta forma e estruturando o nosso discurso, integrando-o nos modelos já apresentados por vários autores (Arnaud, 1993; Zilhão, J. 1993, 1998; Oosterbeek, L. 1994; Silva, C. 1993; Soares e Silva 2003; Bicho et al. 2003; Carvalho e Cardoso 2003), pretendemos levantar algumas questões, relacionando os possíveis fatores de emergência deste novo modo de vida com os possíveis condicionalismos que terão permitido ou condicionado as primeiras construções arquitetónicas em pedra.

Se entendermos o megalitismo como um novo fenómeno, dando uma maior importância ao fator construtivo, em detrimento dos atos e práticas observadas, e que provavelmente apontam para uma relativa continuidade com os tradicionais atos mesolíticos (Calado, M. 2006), poderemos estar perante um despoletar de uma nova mentalidade (Ingold, 1993; 2000; Tilley, 1994; Bradley, 1998; 2005; Thomas, 1998; 2000; Cooney, 2000; Scarre, 2002). Convém, neste sentido, compreender o contexto arqueológico existente imediatamente antes à elevação destas estruturas.

É através da perceção do problema da origem destas comunidades que tentamos encontrar uma solução para a problemática relacionada com o tema da tese.

5.1.2. Em torno dos modelos que explicam a neolitização

O estudo do processo de neolitização em Portugal é essencialmente caracterizado por duas correntes teóricas. Foi sobretudo após o trabalho de Arnaud, apresentado em 1982, que se estabeleceram os dois modelos alternativos para a origem desta nova prática socioeconómica, a que a comunidade arqueológica designa de Neolítico.

Assim, de um lado observamos uma vertente, essencialmente defendida por João Zilhão (1993, 1998) que atribui a origem destas comunidades à chegada de colonos, por via marítima, que se fixaram no território, entrando pela Estremadura e Algarve. Segundo o autor, estas populações alógenas terão sido as portadoras dos elementos caracterizadores do Neolítico, tais

como a cerâmica cardial, a agricultura e a domesticação. Estabeleceram-se, numa primeira geração, a norte dos estuários do rio Tejo e Sado, onde se observava um hiato de ocupação mesolítica, “esta posição de enclave corresponde às áreas que durante o Mesolítico estão despovoadas” (idem, 2003: 511), sendo os seus vestígios registados em estações tais como: gruta do Caldeirão, abrigo da Pena de Água ou gruta Nascente do Rio Almonda.

Uma outra geração de ocupação, segundo Zilhão, ter-se-á verificado a sul, no Algarve, com as estações da Cabranosa e do Padrão (Carvalho, A. et al. 2003: 23-43; Bicho, N. et al. 2003). O tipo de materiais observados, essencialmente os vasos com decoração cardial, tem paralelos com algumas estações cardiais da Andaluzia oriental (Carigüela) ou Valência (Cova d’Or e Cedres), onde o mesmo processo de colonização, também, teria ocorrido. A par destas comunidades, próximo das zonas estuarinas, como Mira, Tejo e Sado, encontrar-se-iam as comunidades autóctones detentoras de práticas económicas baseadas na recollecção, pesca e caça, tendo sido absorvidas, numa época posterior, pelas comunidades neolíticas (ibidem, 2003).

A contemporaneidade das diferentes comunidades é justificada pela existência de diferentes grupos: os locais – Mesolíticos, caracterizados por “ocupações de caçadores-recolectores sem qualquer evidência de economia doméstica... isto é, sem cerâmica, sem pré-tratamento térmico do sílex, sem pedra polida e sem uma série de outros itens da cultura material que só aparecem em associação com as espécies domesticadas” (idem, 2003: 510); e os colonos – caracterizadores do Neolítico antigo cardial, onde normalmente se observa também a associação de animais domésticos. Assim, numa primeira fase e segundo esta corrente, por volta do VIº milénio, o território português era ocupado por manchas de povos distintos que viriam a se homogeneizar, passado relativamente pouco tempo, naquilo a que se designa por Neolítico epicardial.

O autor propõe claramente a divisão da designação das comunidades pela presença de um factor tecnológico: a cerâmica cardial, considerando as outras estações do mesmo período, com ou sem cerâmica impressa, como estações mesolíticas. Entre elas destacam-se Vale Pincel, Samouqueira I, Medo Tojeiro, Vidigal e Fiais, na costa Sudoeste; e Abrigo das Bocas, Forno da Telha, Moita do Sebastião ou Buraca Grande, na Estremadura (ibidem, 2003: 510-511), podendo o mesmo conceito se alargar às estações do Neolítico antigo da Figueira da Foz (Forno da Cal) (ibidem, 2003: 511).

A comprovar a introdução destas comunidades refere:

- a descontinuidade observada na cultura material, em alguns casos com a presença de pendentes sobre caninos de veados característicos do cardial da Cova de L'Or;

- as ruturas dos rituais de enterramento;
- as diferenças na dieta das populações;
- as diferenças na antropologia física (diminuição do tamanho dos dentes, dimensão e morfologia dos membros)
- e nos modos de vida.

Ainda na defesa desta teoria se registam as ideias de António Faustino Carvalho e João Luís Cardoso (2003: 23-43), mas sobretudo para o Algarve, considerando que a cultura material observada, em associação com uma economia de produção, evidenciada sobretudo pela presença de animais domésticos nas estações de Cabranosa é prova concreta da existência de duas comunidades distintas. Segundo os autores, os vestígios arqueológicos representam em conjunto, e na comparação com as estações mesolíticas locais, uma ruptura significativa na passagem para o Neolítico, que só se pode explicar pela introdução de comunidades alógenas (idem, 2003: 27).

Como principais elementos de descontinuidade são referidos:

- a inexistência de restos de animais observados nas comunidades do Alentejo e nas estações do Algarve, à excepção de Cabranosa e Padrão;
- a tipologia cerâmica observada é muito semelhante nos níveis de topo das estações ditas mesolíticas e diferente das estações do Neolítico, neste caso da Cabranosa e Padrão. Estas apresentam, por sua vez, paralelos com as estações neolíticas da Estremadura, estudadas por Zilhão (2003b);
- a presença do motivo decorativo cardial nas estações neolíticas, sendo inexistente nas mesolíticas, ocupando uma percentagem de 20% na Cabranosa;
- e por fim, a presença de tratamento térmico na indústria lítica e o recurso ao talhe por pressão e/ou percussão indireta, que parece ser ausente das estações do Mesolítico (Carvalho, A. ;Cardoso, J. 2003: 40-41).

Consideram ainda, tal como defendeu Mariana Diniz (1996: 683-688), que se deve colocar a possibilidade de “a neolitização das regiões do Alentejo poder ter-se processado a partir de “influências neolíticas”, chegadas através do Guadiana e com origem na Estremadura e na Andaluzia ocidental” (Carvalho, A. e Cardoso, J. 2003: 41).

Um segundo modelo, defendido entre outros por Joaquina Soares e Carlos Tavares da Silva (1993), aponta numa direcção oposta, destacando a origem

do Neolítico baseada em factores demográficos e desequilíbrios ecológicos. “A partir do final do Mesolítico, no Atlântico, à volta de 7300-7100 BP, surgem acampamentos de base, com estruturas de ar livre ... e revelam indícios de semi-sedentarização”, esta nova estratégia terá, segundo os autores, “desencadeado um processo de instabilidade demográfico-ecológica e a necessidade de intensificar os processos económicos” (Soares, J. 2003: 519-520). Na observação dos dados cronológicos apontam para uma neolitização com origem na costa alentejana, que depois se terá difundido. Esta neolitização terá sido dada pela adoção seletiva de alguns elementos externos de importação, conforme as necessidades prementes destas comunidades (idem 2003: 517-520). A primeira adoção verificada parece ter sido a cerâmica (ibidem, 2003: 518). Assim, os povos indígenas em contato com influências vindas do exterior absorveram certas inovações introduzindo-as posteriormente no interior do território. Regista-se, segundo os autores, uma continuidade de ocupação de alguns locais que começam inicialmente, nos seus níveis médios do Mesolítico, a utilizar a cerâmica lisa ou impressa e vão desenvolvendo novas infraestruturas de associação com o nível socioeconómico das comunidades neolíticas.

Criticam a teoria colonizadora, no sentido em que não se observam rupturas, nem descontinuidades na cultura material, mas adição de novos elementos, que não alteram “drasticamente, nesse primeiro momento, o modo de vida dominante” (ibidem, 2003: 519) e que surgem ligadas a uma necessidade demográfica e ambiental. A contemporaneidade dos dois tipos de economias é explicada pelos recursos biológicos que existiriam em determinadas zonas, permitindo a estas populações se atrasar no fator da neolitização.

A origem deste processo por chegada de colonos à Península Ibérica, como é defendido por Zilhão (2003: 503-517), é também contraposta pelos estudos genéticos e osteológicos, que demonstram estar perante o mesmo quadro populacional do Mesolítico à Idade do Ferro (Hernando, A. 2000; Jackes, M. e Meiklejohn ref. Soares, J 2003: 518).

Nesta mesma direção parecem ir outros investigadores (Bicho, N. et al. 2003). Os recentes estudos empreendidos a sul, por Nuno Bicho e a sua equipa, apontam para uma possível multilinearidade do processo de neolitização. Na realidade, concordam com a possibilidade de estarmos perante os dois sistemas de emergência. O primeiro, no caso da região da Estremadura, pela colonização e introdução de comunidades alógenas e o segundo, para

o Sudoeste, que de certa forma também se aplica ao Algarve, composto por comunidades indígenas que introduzem nos seus hábitos inovações, por contatos com outras populações. Segundo este postulado, na costa algarvia a ocupação parece ser constituída por “acampamentos base no interior onde são explorados os recursos cinegéticos de médio e grande porte, enquanto os recursos aquáticos são explorados com base em pequenos acampamentos localizados junto ou perto da linha da costa” (idem, 2003: 21). Por volta de 5500 a.C. terão entrado em contato com populações alógenas, que chegaram à zona de Sagres e se fixaram por períodos curtos. O registo arqueológico aponta para que a primeira adoção tenha sido a cerâmica, tal como acontece na costa alentejana, seguindo-se, provavelmente já no Neolítico médio/final, a agricultura e a domesticação dos animais. Entre as estações do puro Mesolítico e as primeiras neolíticas observa-se uma certa continuidade, desde o tipo de material observado, ao tipo de implantação ou exploração realizada (ibidem, 2003).

Uma terceira via de explicação da emergência do neolítico foi defendida por Luíz Oosterbeek, na sua tese de doutoramento (1994), tendo sobretudo como ponto de partida o estudo da região em que incidimos. O modelo apresentado, a que designou de multilinear, propõe uma perspetiva polimorfa sobre as sociedades que habitavam o Alto Ribatejo, que conectadas em rede, partilhando soluções pragmáticas na forma como interagem entre si, vão desenvolvendo diferentes estratégias e soluções sociopolíticas que lhes permitem r mecanismos de relação eficazes no dia-a-dia. Em vez de considerar as grandes transformações centradas nas diferenças económicas, como pontos essenciais no estudo da mudança comportamental destas sociedades, o autor propõe o reconhecimento de uma hierarquia de estações que interagem, recebendo inputs externos que traduzem “ecos” de inovações vindos do Alentejo, Estremadura, Sudoeste de Espanha e Mediterrâneo (1997: 214). Mas como qualquer eco, este pode ser distorcido ou rejeitado pela comunidade que o adota (idem, 1997: 217).

Ora, parece-nos que o panorama teórico português para a emergência do Neolítico é pautado por um conjunto de soluções baseadas em pressupostos de investigação regional que carecem de desenvolvimento.

A realização da maioria das investigações a sul levou a traçar um quadro de ocupação que quase se limita até ao Mondego, havendo um intenso vazio no resto do território. No entanto, algumas das investigações começam a apontar para a presença de ocupações deste período em zonas tão recuadas

como o Prazo (Vila Nova de Foz Côa) (Rodrigues, S. 2000: 149-180) ou Fraga d'Áia (S. João da Pesqueira) (Jorge, V. 1991: 181-185). Neste último caso, ainda que discutível, a datação aos carvões vegetais aponta para uma antiguidade que irá até ICEN-402 7935-7523 a.C. 2 sigma, proveniente da camada 3 (D3) (idem, 1991).

No caso da estação do Prazo, o estudo tem revelado uma certa continuidade de ocupação entre o Mesolítico e o Neolítico, onde anteriores aos níveis com cerâmica e artefactos polidos, se registaram artefactos do tipo microlítico em quartzo, quartzito e rochas siliciosas, essencialmente resultantes de produto de talhe (lascas e esquirolas), sendo muito poucos os típicos artefactos (lâminas, lascas, raspadores ou raspadeiras). Entre as diferentes datações observadas, o sector I e VII, integram-na entre o VIIº e o VIº milénio (CSIC-1514 6376-6071 a.C. e CSIC-1422 5511-5374 a.C. 2 sigma) (Rodrigues, S. 2000).

Do VI milénio parece ser também o povoado da Lavra (Marco de Canaveses) e Cabeço Branco (Oliveira do Bairro, Aveiro) (Silva, F. 2000). Referente a Cabeço Branco, a escavação permitiu registar uma indústria microlaminar, em sílex, associada a resíduos de talhe, núcleos de lamelas, raspadeiras, furadores e buris. O estudo artefactual levou, o autor, a considerá-la como uma oficina de talhe, do VII e VI milénio (Silva, F. 2000).

Os estudos polínicos verificados no interior de Portugal, também revelam indícios de grandes alterações da cobertura vegetal, provocada por processos artificiais de influência humana, revelando, ao contrário do que defendem alguns autores (Zilhão, J. 2003) uma cobertura relativamente contínua da ocupação humana durante os finais do Mesolítico e inícios do Neolítico (Van der Knaap e Van Leeuwen 1994, 1995; Cordeiro, Denèfle e Vergne, 1991; Cordeiro, 1992; López et al. 2000, 2001; Castro et al. 1999 ref. Cruz, D. 2001: 297).

5.1.3. Análise da ocupação do Alto Ribatejo no Neolítico antigo

As jazidas que, na faixa do médio Tejo e na média e alta Estremadura, têm vindo a ser atribuídas, pela comunidade científica, ao Mesolítico, não são muito numerosas se as comparamos com o território mais a sul, no baixo Tejo ou no sudoeste alentejano (Carvalho, A. 2003: 148). Para além do povoado da Amoreira (Cruz, A. 2006), localizada no centro do Alto Ribatejo, destaca-se a Amoreira, mais a oeste, no Arrife da Serra d'Aire, a Pelónia e a Buraca Grande (Aubry e tal. 1997), a norte, já próximo da Figueira da Foz, e

Fonte Pinheiro (Bicho, 1994), Abrigo Grande das Bocas ou Forno da Telha no coração da Estremadura. No entanto, a revisão das indústrias líticas do Tejo tem permitido considerar que as estações arqueológicas atribuídas até há pouco a ocupações pleistocénicas correspondam de facto a estações holocénicas, aumentando significativamente o número de sítios reconhecidos como pertencentes ao período do Mesolítico.

Os dados observados e em comparação com as estações da Estremadura (zona lógica de analogia pela relativa proximidade) apontam para uma tipologia tripartida de implantação. Por um lado, ao ar livre, vamos observar ocupações com uma preferência pelo estabelecimento junto às margens do Tejo; por outro, possuímos situações de ocupação de gruta, maioritariamente relacionadas com contextos sepulcrais e por fim, abrigos sob rocha, onde também se realizaram deposições rituais.

Assim, enquanto nos possíveis habitats, o tipo de implantação parece indicar uma preferência por zonas que permitem a prática de uma economia conjunta de exploração dos recursos de montanha e das áreas de planície, podendo jogar com um sistema de utilização de vários locais de exploração sazonal em conjugação com uma base residencial mais fixa, as estações de gruta estão condicionadas aos aspetos inerentes às suas formações, evidenciando-se exclusivamente nas zonas cársicas, sendo por isso mais abundantes no Maciço Calcário da Estremadura.

As datações conhecidas para alguns destes locais (quadro 9) encontram-se normalmente sobrepostas com os dados cronológicos atribuídos ao Neolítico antigo (quadro 10) e ao período de ocupação dos concheiros de Muge (Lubell et al. 1986), no entanto, em termos artefatuais, registam-se grandes diferenças.

A estação do povoado da Amoreira, apesar de possuir fortes indicadores de uma exploração estuarina, não apresenta, nos vestígios arqueológicos, elementos de concheiro, sobretudo no que diz respeito ao recurso de moluscos (Cruz, A. 2006), tão característicos das estações do baixo Tejo. Contudo, é a nível da indústria lítica que as diferenças mais se destacam, revelando um conjunto artefactual que assenta nos macrolíticos em associação com alguns geométricos, característicos dos concheiros.

Esta situação é também ela observada na camada 8a da Buraca Grande (Aubry et. al. 1997) ou em Fonte Pinheiro (Bicho, 1994).

Os estudos técnicos, traçológicos e experimentais que têm sido desenvolvidos sobre os macrolíticos quartzíticos do Alto Ribatejo têm demonstra-

do que o talhe está sujeito a uma série de constrangimentos técnicos e a uma gestão oportuna e eficaz das possibilidades de talhe, não oferecendo grandes simetrias, figuras estandardizadas ou objetos delgados (Cura et al. 2004: 73). Como defende na grande maioria são objetos corticais com uma aparência relativamente grosseira onde “explorando os ângulos naturais dos seixos rolados e utilizando diretamente as superfícies corticais como plataformas de percussão é possível estabelecer uma sequência de lascas consideravelmente estandardizadas, cuja durabilidade do gume na intersecção do córtex com a superfície ventral favorece a sua utilização sem retoque” (idem, 2004: 73-74), resultando em núcleos e lascas simples, com uma convergência formal semelhante às indústrias reconhecidas do paleolítico, visível, por exemplo, na estação de Fonte da Moita (ibidem, 2004: 75). Estes artefactos apresentam-se muito eficazes para trabalhar materiais duros e compactos, possuindo uma capacidade mais resistente e duradoira do que o sílex e maiores facilidades na manipulação (Lemorini et al. 2001), sendo registados numa percentagem muito elevada nas estações do Neolítico e Calcolítico do Alto Nabão.

O estudo das grutas, por apontar um caminho diverso aos contextos de habitat, relacionado essencialmente com uma funcionalidade distinta, deverá ser tratado à parte, pois revelam deposições normalmente intencionais e não representam fielmente os artefactos de uso quotidiano destas populações. Na realidade e tal como se observa posteriormente no megalitismo, os contextos de necrópole e deposições rituais incluem artefactos não registados nos contextos domésticos e muitas vezes importados, podendo esta situação ser bastante relevante para a explicação da presença de dentes de veado e de cerâmica cardial nas sepulturas da Gruta da Nascente do Rio Almonda (Zilhão et. al. 1991; 1993) e na Gruta do Caldeirão (Zilhão, J. 1985; 1992), e não verificados nas estações ao ar livre, consideradas como possíveis áreas de habitat. Da mesma forma, isto poderá explicar a percentagem reduzida dos macrolíticos associados aos monumentos megalíticos, que incluem na maioria dos casos elementos transregionais comuns à grande maioria dos dólmenes, mas que estão bem presentes nas estações pré-históricas (de carácter habitacional) que se localizam nas proximidades destes núcleos (Jogada, Vale dos Chãos ou Rego da Murta).

Creemos que o padrão de povoamento desta área deverá passar pela compreensão dos tipos de estações que estão a ser analisados e não, somente, no tipo de materiais que elas integram.

No entanto, coloca-se aqui outro ponto fundamental, que corresponde à presença de algumas espécies domesticadas em determinadas estações. A gruta do Caldeirão e o Abrigo de Pena d' Água parecem ser os casos mais importantes a salientar, pela sua relativa antiguidade. A presença destas espécies tem sido outro dos elementos apontados no fator da presença de comunidades alógenas mas que, também, poderá ser explicado, como itens simbólicos em associação aos enterramentos ou então, pela seletividade dos diferentes elementos pelas populações locais. Na verdade, os estudos osteológicos das populações das grutas dos Canteirões do Nabão (Cadaval, Nossa Senhora das Lapas e Ossos) revelaram, mesmo num período posterior, graves deficiências nutricionais, sobretudo de carência de ferro, provocado pela falta de proteínas existentes na carne, não se coadunando com a grande quantidade e diversidade de espécies faunísticas verificadas em associação com os defuntos (Schalling, M.1995). Em parte, isto vem corroborar com a proposição do uso de deposições simbólicas de animais, que não seriam correntes na alimentação quotidiana, pelo menos dos indivíduos ali depositados, o que por sua vez explicaria a sua não evidência na maioria dos habitats. Por esta ordem de ideias é evidente a existência de uma rede imbricada de trocas e contatos, como advoga Oosterbeek (1994), nomeadamente de longa distância, comprovada pela matéria-prima com que são fabricados alguns objetos e pelas influências tipológicas de alguns artefactos (cardial), mas não necessariamente migratória e colonizadora, como defende João Zilhão (1992).

Não seriam tanto as pessoas que se movimentavam, mas, sim, as ideias e os materiais. O que esta zona aparenta registar são comunidades indígenas, que numa preferência de implantação, ainda que semisazonal, se localizavam junto aos grandes cursos fluviais, numa procura de aumentar as fontes alimentares, mas também aptas a relações intercomunitárias, que utilizando determinados cursos fluviais ou mesmo terrestres, como terá ocorrido para as zonas de Valado do Mato, Évora (Diniz, M. 2003), ou no interior norte de Portugal, com Fraga d'Aia, (S. João da Pesqueira) (Jorge, V. 1991), ou em Prazo (Foz Côa) (Rodrigues, S. 2000), fluíam contatos de curto (com as populações vizinhas), médio (populações com outras tradições) e longo alcance (com comunidades completamente alógenas detentoras de outros hábitos e praxis).

São estes mesmos sítios que na adoção de determinados elementos ou na sua criação independente vão dando os primeiros passos para uma econo-

mia cada vez mais neolítica.

Em determinadas alturas, estas populações, associadas a outras comunidades ou não, desenvolveriam rituais, onde a par de enterramentos depositariam entre outras coisas, objetos e alimentos, preferencialmente de cariz simbólico e importância extraordinária, quer pela sua raridade, quer por serem fundamentais à própria sobrevivência.

No Alto Ribatejo, as grutas parecem ter sido a opção mais corrente para este fim, no entanto, não devemos descartar a hipótese da existência de outras áreas ainda não observadas no registo arqueológico. Esta hipótese pode, também, explicar a presença de uma percentagem irrisória de cerâmica cardial (normalmente atribuída à presença de um vaso) a par com cerâmicas de outros tipos e estilos mais locais, também observadas nas estações ditas mesolíticas do sudoeste e estremadura.

O caso das estações do tipo do povoado da Amoreira parecem enquadrar-se no estilo das estações observadas no Alentejo, Algarve e interior de Portugal, ainda que se considere que estes vestígios poderão “apenas resultar do efeito de uma ocupação prolongada no tempo de comunidades que também elas atravessaram o período de transição, como que num efeito pendular” (Cruz, A. 2006: 6).

Tendo em conta o panorama português começa a ser comum a contemporaneidade de estações que apresentam características diferentes, confirmando nuns casos a adoção de determinados elementos, e noutros, de outras, sem que por isso se deva considerar que, umas se encontram num sistema mais evoluído, ou que resultem de duas populações (Zilhão, 1992) ou tradições (Oosterbeek, 1994) distintas.

A questão da presença de determinadas espécies domesticadas em determinadas estações deverá ser bem questionada, devendo-se atender a todo o tipo de hipóteses explicativas. Se nos referirmos ao Neolítico, considerando a passagem para uma economia de produção, devemos, pois, considerar elementos suficientes da prática da domesticação animal e, ou vegetal e não somente à presença de espécies nessa estação. Isto significa que no jogo de contatos, podemos estar perante uma comunidade de caça-recoleção, como nos parece mais evidente para alguns casos, que obteve, por algum motivo, uma espécie domesticada (migração de espécies) e que nem por isso, é detentora das técnicas e praticante na criação dessa espécie, estando fora do conceito de designação de Neolítico. Isto significa que a deposição, no caso concreto das grutas, de uma ou várias espécies domesticadas, não significa

que estejamos perante uma sociedade que seja detentora da domesticação dessa espécie, mas simplesmente que a comunidade aí representada possuiria as condições suficientes para obter essa mesma espécie e a depositar nesse local.

Para além disso, nos contatos de longo alcance, a corrente de fluxo destas ideias, não terão, necessariamente, vindo, exclusivamente, pelo mediterrâneo. Após terem entrado em contato com a Península Ibérica, as inovações rapidamente se difundiriam pelo território, permitindo chegar a locais mais inacessíveis aos contatos diretos das populações alógenas. Situações de estações sem cardial, próximas de estações com cardial, com o mesmo tipo de datação, foram já apontadas em Espanha (Cueva de Nerja, Cueva Chica de Santiago, Cueva de la Dehesilla, Cova Fosca de Castellón, Cueva del Nacimiento de Jaen e Abrigo Grande 2 del Barranco de los Grajos), em França (Cap Ragnon) e mesmo em Itália (Coppa Navigata, Caverne della Arene Candide) (Lewthwaite 1985; 1986; ref. Oosterbeek, L. 1997: 159). Apesar de algumas dúvidas na interpretação de algumas estratigrafias, elas parecem coincidir com os casos portugueses assinalados.

Na interpretação deste facto, Luíz Oosterbeek, considerou que, no Alto Ribatejo, estávamos perante dois centros próprios, pelo menos até ao início do V milénio: o Nabão, com a presença de cardial; e o Tejo, com uma tradição muito forte de materiais languedocenses, onde o seu uso se prolongaria durante o Neolítico, sendo usados como tecnologia simbólica nos contextos funerários (1997: 158). Como ele expõe “este período de transição, começado no Mesolítico tardio, não deve ter grandes discontinuidades espaciais, mas seria preenchido por um mosaico de grupos e tradições, cada um com um modelo distinto de economia, mas não necessariamente numa base de competição. De facto, todos estes grupos podem ser finalmente integrados num sistema simples, sendo complementares e separados: grandes sedentários no vale do Nabão, com uma produção de economia mais importante; grupos Mesolíticos especializados com padrões sazonais de habitação (como os concheiros de Muge, e possivelmente outros grupos sítios ainda não identificados); grupos nómadas, eventualmente importantes agentes paratrocade informação, tecnologia e produtos ...” (1994: 175).

Contudo, e referindo-nos só à utensilagem lítica, as evidências arqueológicas observadas nos últimos anos, revelam no vale do Nabão a mesma presença dos elementos macrolíticos identificados no Tejo. Esta evidência está presente até ao Calcolítico final, sendo que estas duas comunidades, a

existirem, terão, pelo menos numa fase mais tardia, ocupado a mesma área.

Para além disto, consideramos que a existência de comunidades alógenas, um pouco por toda a parte, num período tão curto, implicaria um conjunto de estruturas de sustentação desses movimentos, ainda não confirmada nos registos arqueológicos. Logo a atribuição da designação de Neolítico cardial como sinónimo do Neolítico antigo, utilizado por Zilhão (2003) deverá ser encarado com muitas reservas. O facto é que estamos perante diferentes comunidades, mas isto não significa diferentes grupos culturais; e facto é, também, que o conjunto de dados que possuímos não nos permite assegurar uma ou outra teoria.

É visível que, na Península Ibérica, o Neolítico cardial não é anterior a cerca de 5500 a.C. calibrado (Zilhão, J. 2003: 514) e, também, se pode considerar com alguma certeza que possuímos estações com cerâmica impressa ou lisa, associada a uma economia mesolítica, com datações anteriores ao VI milénio a.C., como é o caso do Povoado da Amoreira (Cruz, A. 2006) ou Barranco das Quebradas I e II (Bicho, n. et al. 2003:20). Sendo que a Amoreira se localiza, como já referimos, no decurso do Médio Tejo, no centro-interior de Portugal.

Ao considerarmos que todas estas comunidades entravam em contato direto com comunidades vindas do mediterrâneo, num período anterior ao VI milénio, temos de considerar que existiria no Mesolítico todo um sistema complexo de rotas e pontos de apoio para abastecimento e locais específicos de destino. Ora, isto é difícil de imaginar, visto estas primeiras comunidades serem ainda semissedentárias, muitas delas vivendo num sistema sazonal, como se observa no registo arqueológico.

Neste sentido, existe um certo número de elementos que devemos ter em conta e que normalmente não são considerados:

- Em primeiro lugar, estamos perante sociedades dinâmicas. Este processo encontra-se inerente à natureza humana e por isso não pode ser relegado. Numa economia de caça-recoleção esse movimento, na exploração do território, seria superior ao que possamos considerar, entrando facilmente em contato com outras comunidades.

- Em segundo lugar, esses contatos seriam permanentes, trocando-se ideias, que a pouco e pouco, seriam ou não das. Para além disso, adviriam de épocas anteriores e não sujeitos à passagem das fases periódicas estabelecidas pelos arqueólogos. Mesmo durante o Paleolítico eles terão existido, continuando durante o Holocénico. A existência de uma ocupação pré-

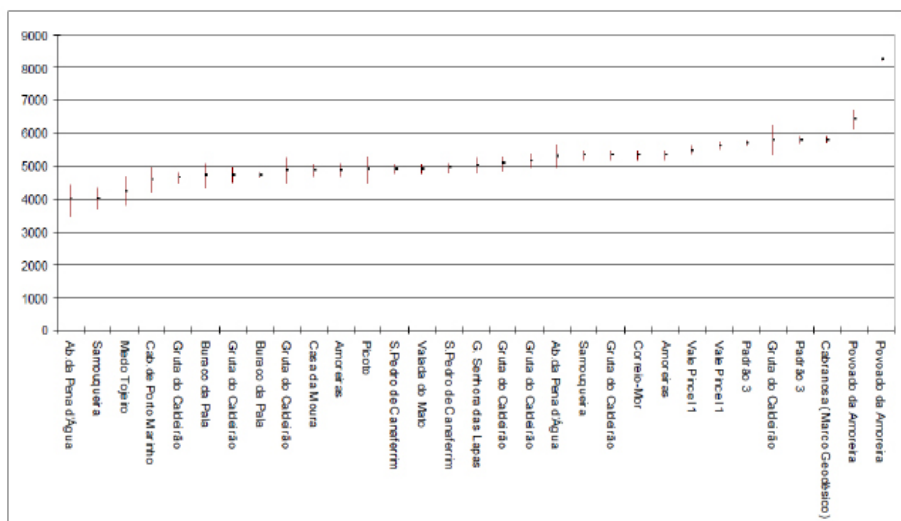
neolítica na Córsega, em Araguina-Sennola (Lewthwaite, 1983), os vestígios de colonização de Chipre, anteriores ao VII milénio a.C. (Cauvin, 1999) ou os achados na gruta de Franchthi, em Argolid, na Grécia, que remontam a datações próximas do X milénio a.C. (Cherry, 1981) confirmam a movimentação e contatos entre populações no mediterrâneo. Neste sentido, é ainda mais fácil pressupor a possibilidade de trocas de ideias e materiais por via terrestre.

- O uso de determinados materiais estará também relacionado com estruturas mentais e simbólicas muito mais complexas. Num mesmo sistema económico-social, duas comunidades distintas poderão reagir de forma diversa à incorporação de novos artefactos e práticas no seu quotidiano. Tudo depende da associação mental que elas fizerem desses elementos e dos significados que lhes atribuírem. Muitos destes elementos poderão ter sido introduzidos não para serem usados como artefactos, mas como símbolos de poder e ostentação, como tem sido defendido pela índole marxista-materialista (Miller, 1982: 89; Mauss, M. 1988) ou de carácter religioso, numa via mais pós-processualista. São por isso inúmeros os motivos que poderão ser associados a estas questões, não devendo, por isso, falar-se numa causa única e concreta para todas as comunidades.

Neste caso, a cerâmica terá sido o primeiro elemento a ser do (pelo que os vestígios arqueológicos nos deixam perceber) entre outros motivos, por ser de mais fácil transporte, de fácil aprendizagem no seu fabrico, relativamente útil para algumas sociedades, ou tão simplesmente por ser o elemento com que primeiro contactaram. No entanto, como já referimos, as sociedades teriam a opção de querer introduzi-la, ou não, na prática diária.

- Assim, a presença de materiais alógenos não é sinónimo de populações alófilas, e nem a falta desses materiais em determinadas estações revelam a presença de populações locais. Convém, para estes casos, analisar todo um conjunto de parâmetros que possam confirmar o pressuposto defendido. Não podemos negar o papel difusionista de alguns materiais (como a cerâmica cardial ou, num período posterior, o campaniforme), bem como o de uma tradição de navegação marítima, usando os rios como acesso de penetração nos territórios. No entanto, devemos também considerar os movimentos terrestres, que deveriam ser também muito significativos.

Assim, as situações observadas poderão ser tão diversas, quantas as sociedades envolvidas.



Quadro 11 – Datações absolutas para o Neolítico antigo

5.1.4. Algumas considerações finais

Como podemos observar, as várias teorias que visam explicar o aparecimento do processo de neolitização buscam uma chave primária, entendida como impulsionadora da origem dos principais aspetos destas novas comunidades.

Esta passagem para uma nova economia é, segundo alguns autores, ainda entendida como mais favorável que a anterior.

Contudo, cada vez mais, a comprovação dos dados arqueológicos e alguns etnoarqueológicos fazem entender o processo de neolitização não como um fenómeno progressivo, mas como uma nova acção prática introduzida a determinado momento.

Para além disto, também nas últimas duas décadas, com a aplicação das novas tecnologias à ciência arqueológica, surgiram novas visões prometedoras, principalmente no que diz respeito aos Sistemas Adaptativos Complexos (SAC) (Carvalho, R. 1999; Cordell, L. 1972; Dove, D. 1984; Gumerman, G. J. e Koller, T. Q. 1995; Kohler, T. A., J. D. Orcutt, K. L. Petersen, and E. Blinman,

1986; Reynolds, R. G. 1986; Sabloff, J.A. 1981; Thomas, David H. 1972). O que se tem verificado é uma implosão das práticas produtivas com base em fatores independentes, na sua maioria invisíveis e casuais.

Para além disto, num caso concreto de uma simulação por nós já apresentada em trabalhos anteriores (Figueiredo, A. e Velho, G. 2000a), as interações dos agentes demonstram que nas duas estratégias económicas (caça e agricultura) se observa uma maior eficácia da primeira, apesar de instável, em relação à segunda que, mesmo aparentando uma grande estabilidade, faz despende um maior esforço, não compensado pelo fator tempo. Também é de salientar que esta emergência do fenómeno agrícola ocorria sem qualquer alteração ambiental (clima ou outro), ou das regras comportamentais que foram definidas para os agentes (idem, 2000a).

Aquilo que os dados empíricos demonstram, sem grandes margens para dúvidas, é um conjunto de comunidades diferentes, que interagem entre si, estando por definir as bases sólidas na defesa de uma ou outra corrente, bem como o início cronológico concreto deste processo. Convém, também, salientar diferentes hipóteses na compreensão da transição do Mesolítico para o Neolítico e diferentes possibilidades nas vias de introdução, podendo, também, ter existido um movimento interno, de ideias, vindo da Estremadura espanhola para o litoral português, aproveitando os cursos do Douro, Tejo e Guadiana. Este postulado pode ser tido em conta no que diz respeito às estações do interior de Portugal, como é o caso do povoado da Amoreira, localizada na margem direita do médio Tejo (Cruz, A. 2006), Valada do Mato, situado em Évora (Diniz, M. 2003: 57-80) ou as estações do Prazo (Rodrigues 2000), Fraga d'Aia ou Buraco da Pala (Sanches, M. 2003), localizados no norte-interior de Portugal.

No processo de interpretação convém ter em conta as seguintes questões que nos parecem mais pertinentes:

1º Uma maior antiguidade das estações de tradição mesolítica, dos níveis com cerâmica, localizando-se uma delas no interior e não na costa portuguesa (Amoreira, Abrantes). Esta estação, com uma datação que a enquadra no Neolítico antigo (6706- 6157 e 8280-8200 BC 2 sigma) apresenta as datações mais antigas para as estações com cerâmica, só comparável em termos cronológicos ao Cabeço da Amoreira, Moita do Sebastião e Monte de Clarines (estas sem cerâmica) e com o intervalo de tempo mais antigo da gruta do Caldeirão, onde se recolheu cerâmica cardial. Isto comprova, para já, a existência de contatos no interior (médio Tejo), com a adaptação

de comunidades indígenas à cerâmica, numa fase anterior aos possíveis primeiros acampamentos das comunidades alógenas, apontada para os inícios do VI milénio (Zilhão, 1992; 2003).

2º A existência de concheiros nas estações referentes às comunidades alógenas parece ser uma pequena contradição ao modo de vida que atribuímos às primeiras sociedades neolíticas, o mesmo se observa nas zonas de habitat, próximo de rios, sem exploração aparente de moluscos, que não possuem economias aparentemente produtivas. Isto só nos parece aceitável se considerarmos estar perante uma associação destes dois níveis, isto é de uma adaptação do modo de vida Mesolítico a fatores Neolíticos, vivendo em regimes de mobilidade logística bastante forte, com uma exploração de espectro amplo, estabelecida de acordo com um território de amplas influências e com uma extraordinária apetência para usar vários sistemas paisagísticos, quer de serra, de rio, ou de amplas planícies.

3º Contudo, mesmo que não excluindo a possibilidade de certas comunidades (colonizadoras) ocuparem novos territórios (Zilhão, 2003a), concordamos com Tavares da Silva e Joaquina Soares, quando referem que os mapas de representação das estações mesolíticas e neolíticas antigas se sobrepõem (2003:46;51). Esta situação é bem visível no sudoeste, no Algarve e no Alto Ribatejo.

4º Um dos aspetos que também se deve ter em conta diz respeito às comunidades puras Mesolíticas, como Moita do Sebastião, Abrigo da Bocas, Forno da Telha, Cabeço da Amoreira ou Buraca Grande, não possuidoras de nenhum elemento característicos do “pacote Neolítico”, no sentido em que estas comunidades possuiriam o conhecimento da existência das inovações usadas pelas comunidades suas vizinhas (excluindo um ou outro local não precisamente contemporâneo), mas onde a adoção, por opção, não teve lugar.

5º As estações com presença de cardial, como a Gruta do Caldeirão (Zilhão, J. 1982, 1985, 1992), Gruta da Nascente do Rio Almonda (Zilhão, J., Maurício, J., Souto P. 1991, 1993), Cabeço das Amoreiras, Cabeço do Pez, ou ainda Eira Pedrinha ou Abrigo da Pena d’Água (Diniz, 2000) e que ocorrem em contemporaneidade com as anteriores, possuem um conjunto artefactual composto por uma pequena percentagem de cerâmica decorada a cardium edule, não superior a 5%, à exceção da Cabranosa que atingirá os 20% (Carvalho e Cardoso, 2003: 41) sendo por isso um elemento minoritário destes contextos. Não se comparam, por isso, às estações do Neolítico

cardial do Levante Espanhol e do sul de França, onde se observam em quantidades superiores a 50% (Silva, C. 2003: 524).

6º Adoção primária da cerâmica em quase todas as estações e só, posteriormente, a agricultura e a domesticação, no sudoeste; e associação de fauna terrestre domesticada à cerâmica cardinal na zona da Estremadura e Algarve, comprovado pelas estações da Cabranosa, Padrão, Gruta do Caldeirão ou Gruta da Nascente do Rio Almonda.

7º Um último ponto, que talvez devesse ser colocado em primeiro lugar, é dirigido para a explicitação do conceito que se observa na designação de quando devemos ou não chamar estas comunidades de neolíticas. Como observamos João Zilhão (2006) prefere a designação de Neolítico antigo quando estamos perante comunidades detentoras de cerâmica cardinal, designando as posteriores sem a presença de cardinal, por Neolítico epicardial. Quando as datações apontam para períodos relativamente idênticos às primeiras sociedades produtoras, mas que detêm mecanismos de continuidade do Mesolítico opta pela designação de Mesolítico. Ora esta interpretação parece ser muito redutora e limitada, no sentido em que a estruturação de uma sociedade não pode ser considerada como inerte, sendo o factor de passagem a um outro estágio (se o quisermos entender como tal) a presença de uma técnica, como é o caso do cardinal. Deve jogar aqui as opções económicas, sociais, simbólicas e contextuais de cada sociedade e a vontade e a necessidade de adoção de determinada praxis. Também noutras localidades europeias se observam grupos de caçadores-recolectores com a atividade do fabrico da cerâmica e/ou do polimento da pedra, ou ainda de sociedades com algumas espécies domesticadas associada à caça e recolção, e grupos que praticam uma economia totalmente produtiva, mas acerâmicos e/ou com habitats temporários, ou então detentores de tecnologia lítica epipaleolítica (Schuhmacher y Weniger, 1995: 87; Pallarés et alli, 1997: 36; Delibes 1997:407-8; Alonso Matthías y Bello Diéguez 1997; Criado y Fábregas 1989:685; Arnaud, M.1982:30 citados por Hernando, A. 2000, 385), isto não significa que estas comunidades estejam em diferentes fases de desenvolvimento, mas que adquirem as características que a sua estrutura interna social permite.

Assim, o aparecimento das características, que compõem o designado Neolítico, quer de forma isolada, quer associadas entre si, deverão, em nossa opinião, ser explicadas pela teoria da ação prática, sugerida por Bourdieu (1990) na Antropologia, não nos esquecendo, contudo, de atender

aos aspetos mais individuais, casuais e invisíveis (microaspetos) que tem sido menos prezados na arqueologia a favor de explicações mais globais (Figueiredo, A. 2000a).

Esta axiomática tem sido aplicada, como interpretação teórica, a um grande número de problemáticas socioculturais. Assenta no pressuposto de uma relação entre estrutura e prática. A ação apenas se pode enquadrar dentro do sistema em que ele próprio se encontra inserido. É a face visível da estrutura. O sistema tende a assimilar estas ações, que são entendidas dentro da conceção própria do sistema. Se elas chegarem a um ponto em que se tornam comportamento comum, passam então a caracterizá-lo.

No entanto, a nosso ver, podem sempre surgir novas ações individuais, fruto de imensas variantes, até mesmo casuais. A defesa de que a cerâmica da Amoreira poderá ter sido inicialmente aquecida ao sol (Cruz, 2006), não possuindo estas sociedades a técnica de cozedura poderá ser um dado importante para uma criação local.

Como tal, a complexidade da emergência das sociedades agro-pastoris, poderá ser entendida como fruto de uma nova ação ocorrida em determinada altura e de inúmeros tipos de adaptações de ideias às tradições locais, como também de adoções seletivas dessas inovações. Queremos dizer com isto que, segundo este pensamento e ao contrário do que referem alguns autores, não devemos pensar o Neolítico como um fenómeno importado; ou resultante de um processo determinístico ambiental e/ou de uma pressão demográfica; ou ainda de interações sociais ou de perspetivas somente percecionistas, mas como um processo que mais do que uma simples passagem de informação, emerge de uma estrutura existente que a recebe e a é capaz de reproduzir (Figueiredo, A. 2000a).

Os fatores de adoção poderão ter sido tão diferentes quanto múltiplos.

A domesticação e a agricultura, ou qualquer inovação tecnológica, espacial ou sociológica, como por exemplo o megalitismo, seriam determinados por uma sociedade em crescente expansão, que numa interação com o meio e com o ser social se encaminhava no desenvolvimento desse processo (Bradley, R. 2001).

5.2. A emergência das primeiras estruturas arquitetónicas e a sua associação com as primeiras sociedades produtoras

5.2.1. Introdução

Atendendo aos dados apresentados para o povoamento do Neolítico antigo em Portugal, observa-se bastante restringido a consideração de que este se localizava essencialmente em zonas de litoral ou ribeirinhas. Os dados obtidos em São Pedro de Canaferrim, Sintra (Simões, T. 1996); no “Grupo da Furninha”, (Guilaine e tal. 1976); no sítio de Olelas (Diniz, M. 2000), bem como nas estações do interior-norte de Portugal (Prazo, Fraga d’Aia ou Buraco da Pala) (Rodrigues, 2000; Sanches, M. 2003), ou mesmo no Sul, com Valada do Mato (Évora) (Diniz e Calado, 1998) e na Gruta do Escoural (Araújo e Lejeune, 1995: 52), apontam cada vez mais para uma diversidade na exploração dos recursos e uma grande mobilidade logística, evidenciando uma multiplicidade de opções na ocupação.

Esta pluralidade é também observada na combinatória das inovações “neolíticas” das nas estações estudadas.

Pondo de parte os problemas teóricos e de conservação, não existem dados suficientes que nos permitam considerar uma expansão da neolitização do litoral para o interior. A existência de macrorestos de cereais e leguminosas no sítio do Buraco da Pala (Serra de Passos), tem demonstrado evidências claras da utilização da prática agrícola, num tempo cronológico idêntico ao observado nas estações arqueológicas do litoral (Sanches, 1996: 12), colocando vários problemas na interpretação da difusão cultural no território peninsular. A proposição de uma entrada por via atlântica chega, pois, a ser considerada por vários autores (Sanches, 1996, 2003; Cruz, A. 1997; Diniz e Calado, 1998; Diniz, 2000).

O modelo de uma ocupação neolítica que se cinge a uma contemporaneidade efetiva com a emergência do megalitismo funerário tem sido claramente discutido na comunidade arqueológica. As datações mais antigas dos monumentos apontam-nos para uma fase mais tardia, integrada no que se designa como Neolítico médio, sendo, no entanto, de referir, que alguns locais como os registados em Évora e Montemor-o-Novo filiam-na no final do Neolítico antigo (Diniz, M. 2000), sobretudo com os monumentos de recintos, caso dos Cromeleque de Cucos, Almendres (Gomes, 1994: 327, 334) e Vale Maria do Meio (Calado e Sarantopoulos, 1995: 496-502). Contudo,

na análise das datações, os dados mais antigos são observados no Norte (quadro 5), entre o Douro e a Galiza.

Na análise deste período surgem vários problemas de interpretação, resultantes do número de dados conhecidos sobre os habitats da época correspondente, que se encontram quase ausentes do registo arqueológico, não permitindo uma interligação com as arquiteturas associadas aos mortos. Esta carência de informações poderá ser colmatada com o reconhecimento dos territórios de ocupação das comunidades pré-megalíticas, da análise da diversidade das estratégias de exploração e dos cultos e rituais observados anteriores às construções. Algumas destas analogias (entre os recintos megalíticos e os habitats mesolíticos) foram apontadas por Manuel Calado, na sua tese de doutoramento (2006).

Uma perspetiva mais fidedigna sobre a evolução dos rituais poderia ser desenvolvida nas estações em que se observa a passagem entre o Neolítico antigo cardial e os períodos posteriores, como é o caso da Gruta do Caldeirão (Zilhão, J. 1985) ou mesmo, entre o Neolítico antigo evolucionado e o Neolítico médio/final, com a Gruta da Nossa Senhora das Lapas (Oosterbeek, L. 1993). Para além do nível de base (Neolítico antigo), estas estações oferecem níveis de épocas coerentes com as arquiteturas megalíticas, permitindo traçar evoluções tecnológicas e rituais.

5.2.2. Continuidades e descontinuidades

Na comparação entre as primeiras sociedades que antecederam o megalitismo e as comunidades construtoras destes monumentos observamos algumas ruturas. Estas cisões, mais visíveis em termos da cultura material, poderão ser explicadas por mudanças estruturais da sociedade, que poderiam desencadear a emergência das primeiras formas arquitetónicas.

No desenvolver de um sistema cada vez mais sedentário e produtivo, estas sociedades vão fomentando novas relações com o espaço (Hodder, 1990; Ingold, 1993; Tiley, 1994; Bradley, 1998; Cooney, 2000; Scarre, 2002), transformando a paisagem em estruturas monumentalizadas, também conectadas com os mortos.

Sensivelmente, a partir de meados do Vº milénio, tirando alguns casos esporádicos, são erguidos por quase toda a Península Ibérica, estruturas de grandes dimensões, onde a pedra se revela como fator primordial, ainda que alguns elementos arquitetónicos possuam a adição de outros componentes, como o barro ou a madeira (Briard e Fediaevsky, 1987: 62-65; Le Roux et al.

1989; Giot et al. 1998; Roux, 1999; Bradley, R. 2002; Calado, M. 2006).

Esta nova relação com o meio terá sido essencialmente expressa em atos simbólicos e sociais revelados pelo empenho, dificuldade e difusão da prática deste fenómeno. Ainda que estejam associados a novas formas de exploração de recursos económicos (terra, agricultura, animais) ou tecnológicos (cerâmica e polimento), traduzem uma sociedade em profunda transformação social e mental.

À partida, uma das noções que normalmente transparece entre as sociedades do Neolítico antigo e as sociedades de um Neolítico médio/final, coloca-se na diferença do tratamento cerâmico, pela substituição de vasos decorados com impressões e incisões por recipiente sem decoração. Segundo Mariana Diniz estas alterações de abandono das técnicas decorativas só poderão ser justificadas por “novos comportamentos ao nível simbólico sem que se detetem transformações substantivas no “subsistema económico” (2000: 111).

Na realidade, é comum às estações do Neolítico antigo um aprumo visual dos vasos, reconhecido pelas múltiplas decorações a que são sujeitos (cardium edule, pontilhados, incisões várias, folha de acácia, etc.), que as estações datadas após o Neolítico antigo evolucionado não apresentam (camada Ea-Na1 da Gruta do Caldeirão (Zilhão, 1992); camada C e D do Abrigo da Pena d'Água (Carvalho, A. 1998); Camada D da Gruta do Cadaval (Oosterbeek, L. 1985), bem como os níveis da Fábrica da Celulose e Quinta da Fidalga (Soares, J. e Silva, C. 1992)).

Este facto, ainda que relevante por si só, poderá ser adicionado a um outro, que se relaciona diretamente com o espólio que acompanha o morto (representando as atividades do quotidiano) e com o papel de relação que estes monumentos possuem com o espaço dos vivos.

Até ao Neolítico médio são muito poucos os materiais domésticos que integram as sepulturas. As primeiras estruturas com esta funcionalidade revelam uma quantidade e variedade muito reduzida de objetos, englobando quase que essencialmente artefatos de adornos, como é o caso da Camada B da Nossa Sr^a das Lapas (Oosterbeek, L. 1993), o sítio de Marco Branco (Soares e Silva 2000) ou a Anta 6 do Couto da Espanhola (Cardoso, et al. 1995).

Os níveis mais recentes abarcam já materiais polidos (com cariz conceptual muito ligados à transformação da paisagem, abertura de clareiras e preparação da terra para a agricultura), vasos cerâmicos (idênticos aos

domésticos, com significados provavelmente conectados com a preparação dos alimentos, ainda que em algumas situações se observem elementos muito reduzidos, considerados de uso ritual) e uma diversidade de objetos líticos talhados de uso corrente (em que a grande maioria apresenta traços de uso, o que indica a sua utilização provavelmente desenvolvido pelo próprio defunto), este sistema é também visível em algumas estações do Alto Ribatejo, mas quase sempre associado a outro item – os macrolíticos. Na Anta II de Rego da Murta, este tipo de vestígios, são observados essencialmente nos depósitos registados no corredor, diferenciando-se dos materiais registados na zona da camara, datados com uma cronologia do calcolítico médio e final. As investigações desenvolvidas neste sítio arqueológico revelaram claramente uma alteração estrutural, pelo levantamento dos depósitos registados num período mais antigo da zona da camara e construção de um lajeado para receber as posteriores deposições do calcolítico. Por baixo deste lajeado foi registado a presença de poucos vestígios osteológicos, extremamente fracturados, sendo que a datação de um deles revelou uma datação que o integra no neolítico final (Cal BC 3365 to 3265 (Cal BP 5315 to 5215) and Cal BC 3240 to 3105 (Cal BP 5190 to 5055)).

Para além destes elementos, observa-se em algumas situações, ao longo do território, dormentes e moventes, que quer pela sua conotação simbólica, quer pela sua capacidade de alteração dos cereais em alimento, quer ainda pela raridade de material pétreo, como também já foi considerado (Jorge, V. 1983-84: 42) integram os túmulos ou mesmo os recintos como Monte da Têra (Rocha, L. 2000: 194). Para além disto, o transporte das terras dos habitats para as zonas tumulares (Gomes, M. 1994), bem como a ritualização de algumas atividades junto destas estruturas, como consideramos no caso dos Menires de Rego da Murta e Quinta do Paço, demonstram uma efetiva ligação simbólica entre dois espaços funcionais (habitats/necrópoles), como advoga Lesley McFadyen (2006).

Ora, até esta fase, a significância da deposição de um espólio relativamente avultado com o morto parecia não fazer sentido. Possivelmente a facilidade de se localizarem junto dos habitats já lhes oferecia a conotação necessária, ou então, o sistema igualitário da sociedade não dava a possibilidade da privatização de objetos (no sentido dos objetos pertencerem à comunidade e não a cada elemento do grupo), sendo inúmeras as hipóteses que podemos levantar. Este conceito parece só ter tido coerência na passagem para uma economia de produção, onde o “nós” da totalidade que compunha a socie-

dade começou a segmentar-se em vários “nós – famílias” e num “eu – pessoa individual”. Este processo poderá estar relacionado com a domesticação progressiva do espaço, da territorialidade e de conceitos simbólicos mais individualistas, legitimando a pertença de objetos a cada um e de um grupo ao respetivo território.

Este facto, ainda que muito discutível, e outros, com significados mais complexos, poderão explicar o desapareço a artefactos ou bens (como os alimentares) tão necessários ao dia a dia destas populações e a sua respetiva inclusão com o defunto, estabelecendo as primeiras regras de propriedade. Uma outra hipótese poderá estar relacionada com aspetos sociopolíticos, onde estes atos poderiam ser uma forma de exibição social para assinalar as habilidades competitivas destas comunidades, expostas por uma grande aptidão energética na edificação destes elementos e na deposição de materiais dispendiosos. Algumas das aproximações ao significado da construção deste fenómeno têm já reconhecido que é a demonstração da capacidade de controlo de energias e a ostentação de bens, o modo mais básico no qual o poder político e social pode ser simbolicamente reforçado ou o reconhecimento da sociedade renovada (Bradley 2001), permitindo, em alguns casos ter acesso a novos recursos ou a aliados (Trigger, 1990; Ananyosi, 1999: 356-375).

Esta cisão estrutural é também observada na forma como o homem lida com o lugar do morto.

Durante o Mesolítico e até ao Neolítico antigo, as sepulturas aparecem numa relação quase simbiótica com as atividades quotidianas, integrando-se nas zonas de habitat. Mesmo em estações de gruta parece registar-se esta fusão de domínios.

Os rituais incluem os defuntos em posição contraída ou fetal, associados a poucos artefatos de cariz doméstico, mas na presença de contas em concha, nódulos de ocre, alimentos e em alguns casos, rituais com fogo (Roche, J. 1960: 128-129). Estes espaços cingem-se a sepulturas individuais, formando, contudo, em algumas situações pequenas necrópoles (Moita do Sebastião, Samouqueira I, Vale Pincel, El Retamar) (Soares, J. e Silva, J. 2000: 129; Ramos et al. 1997: 682). No caso de El Retamar, a associação do habitat com a sepultura prolonga-se até ao Neolítico antigo pleno em associação com uma economia de largo espectro baseada na domesticação (*Ovicaprimos* e *Bos taurus*) a par com a pesca e recolha de moluscos (Ramos et al. 1997).

Este sistema simbólico englobaria significados e conceitos bastante

complexos, obedecendo, também, a regras e a normas estruturais da disposição das coisas. Os locais que integravam as sepulturas eram cuidadosamente escolhidos, observando-se uma ligeira diferenciação entre a zona de intensa atividade do habitat e os locais destinados aos defuntos (Roche, J. 1960). Contudo, esta intrínseca associação, numa mesma área, ainda que organizada, seria um sinal de uma harmonia social e simbólica entre os antepassados e os seus descendentes.

Assim, estas comunidades, para além de possuírem uma estrutura social bastante coesa, revelada por situações de auxílio a adultos incapacitados, como se observa em Samouqueira I (Soares, J. 1995: 27-45), parecem diferenciar os sistemas simbólicos etários. Esta situação, que parece ser bem identificada na separação das sepulturas das crianças da dos adultos, tão explícita em Moita do Sebastião (Roche, J. 1960), vai revelar-se, pelo menos, até ao Neolítico antigo evolucionado.

Na camada mais antiga da Gruta da Nossa Sr^a das Lapas (camada B) observaram-se duas sepulturas: uma na base da camada, datada do Neolítico antigo (ICEN-802 5230-4847 cal BC 2 sigma) e outra numa estrutura de fossa, integrada no Neolítico médio/final (I-17247 4290-3672 cal BC 2 sigma). Quer uma, quer outra revelaram uma inumação individual, havendo, contudo, algumas dúvidas para a primeira, por se terem observado vestígios osteológicos de dois indivíduos muito jovens (entre os 4 e os 7 anos) (Schalling, M. 1995: 60). É sobretudo esta que nos importa aqui referir, visto estes enteramentos se terem verificado numa zona particular da gruta e num espaço delimitado por uma pequena estrutura pétrea semicircular, que a destacava do resto do espaço, como que criando um pequeno recinto simbólico independente dos conceitos e significados inerentes à cavidade que os englobava. Fora desta estrutura, junto à parede norte, exumou-se uma mulher adulta acorçada (com corpo flectido e braços cruzados junto ao peito), mas datada de um período posterior à sepultura de criança, localizada na base da camada (Oosterbeek, L. 1993). Mesmo que não se tenham realizado mais deposições no interior da gruta, durante o Neolítico antigo evolucionado, é bem visível a intenção de “sacralizar” um espaço com vista a uma deposição exclusivamente infantil, individualizando-o do resto da área, onde poderiam ocorrer outros rituais. Esta separação (entre idades) só deixa de ser evidente a partir do megalitismo.

Esta conotação só pode ser entendida na existência de uma forte carga simbólica, provavelmente associada à passagem para a fase adulta e que

poderá ter sido transposta para o megalitismo, com o que nós designamos de culto à fertilidade. É inúmera a bibliografia peninsular e europeia que faz referência à relação entre alguns menires e o falo masculino (Gonçalves, V.1970: 157-176; Jorge, V.O. e Almeida, C. A. 1980; Gomes, 1986; Gomes, 1997: 256). Esta questão, associada ao desenvolvimento sexual, poderá não estar errada de todo, se compararmos com todas as situações dramáticas por que muitos jovens, ainda de tenra idade, têm de passar para ultrapassar esta barreira tão marcadamente imposta pela quase totalidade das sociedades primitivas atuais (Trotter, 1991; Belden e Beckmen, 1991; Warfield-Coppock 1992; Delaney, 1995; Grimes, 2000). Ora isto, numa visão dual sobre o universo e o cosmos, poderia ser a razão para uma separação inequívoca entre a classe mais jovem e a classe adulta, que poderia ser transferida posteriormente para outros atos. Outras hipóteses também podem ser levantadas, nomeadamente no âmbito da importância das mesmas para a sobrevivência da espécie, relação de maior dependência com a sociedade, etc.

A manifestação simbólica da ereção de estruturas de grandes dimensões e neste caso dos sepulcros passaria, necessariamente, para além da conexão social do espaço onde elas se encontram, pelo sistema económico que estas sociedades possuiriam, abrangendo esferas transcendentais do domínio da mente humana. Esta complexidade de novos significados poderá estar relacionada com o objetivo que o defunto, visto como antepassado, passaria a ter na sociedade, marcando um espaço ou território e transferindo-lhe valor de pertença a uma comunidade.

É essencialmente a partir do Neolítico médio que ele ganha um lugar próprio, inicialmente individual até se transformar na coletividade que caracterizam os monumentos do megalitismo pleno. Estes passam inicialmente por ocupar um espaço restrito, encarcerado nas grutas ou ao ar livre e quase sempre separado dos seus pares (sepulturas individuais). Mesmo os primeiros monumentos ditos megalíticos, em alguns casos, apresentam estruturas fechadas, como é o caso da sepultura de Marco Branco, em Santiago do Cacém (Soares e Silva, 2000: 119), da necrópole do Pessegueiro, (composto por cinco monumentos), do monumento da Quinta do Gato 5, situado em Montemor-o-Novo (Calado, M. 2003b: 353), de algumas necrópoles da Palmeira (nº 9, 10, 13 e 14) e do Buço Preto (nº 3, 4 e 5), em Monchique (Formisinho et al. 1953 ref. Soares e Silva, 2000), da Anta 6 do Couto da Espanhola (Cardoso, et al. 2000: 199) bem como dos monumentos mais antigos da Serra da Aboboreira (Cruz, D. 1992: 97). Ainda que claramente marca-

dos por uma tradição mesolítica, são estes os monumentos (designados de protomegalíticos) que marcam uma primeira rutura do sistema cultural ao separarem o doméstico/profano do sagrado/ritual.

Esta separação fá-los já obedecer a um princípio simbólico distinto da pura fase mesolítica e da posterior aglomeração de ossadas características dos grandes megalíticos (Gonçalves, V. 1992: 125). Posteriormente, os conceitos associados a estes rituais e as simbologias a eles inerentes vão-se complexificando, traduzindo em monumentos de maiores dimensões, com um maior esforço implícito, ocupando lugares de elevada visibilidade, destacados na paisagem, duradoiros (contrapondo-se aqui às bases residenciais ainda semisedentárias associadas a uma agricultura itinerante e onde os vestígios das suas estruturas, rapidamente eram varridas pelo tempo) e inaugurando uma paisagem construída por elementos que naturalmente se iam adicionando, fixando conceitos e entendimentos aos diferentes sítios habitados (Thomas, J. 1991a).

5.2.3. Correlacionando os dados

O megalitismo justifica-se pela adoção de novas diretrizes sociais, económicas, religiosas e conceptuais, onde necessariamente emerge uma paisagem transformada, integrando estruturas arquitetónicas e organizações espaciais que englobam os diferentes elementos que compõem a sociedade, incluindo neles os antepassados.

O habitat deixa de se limitar à zona circunscrita doméstica para englobar toda a paisagem onde se dispersam os diferentes elementos e até grupos sociais de uma mesma comunidade.

São as pequenas câmaras sob túmulos, em alguns casos parcialmente escavadas nas rochas, que no Alentejo parecem inaugurar estas paisagens. No entanto, esta passagem manteve-se relativamente estática até ao Neolítico antigo, tendo essencialmente eclodido a partir do Neolítico médio, onde

“dasepultura proto-megalítica a o grande dólmen decorredor parece persistir a mesma ideia estruturante de valorização do passado, do antepassado, do tempo cíclico, ao serviço da consolidação da formação social camponesa, assente em sistemas de relações estáveis, de parentesco, no quadro do modo de produção doméstico” (Soares, J. e Silva, C. 2000: 117).

No Alto Ribatejo estas sepulturas protomegalíticas não existem, mas parecem ter tido uma função semelhante aos enterramentos verificados

nas grutas (enterramentos mais ou menos individuais, percentagem diminuta de artefactos, etc.), presentes no Nabão. A passagem para as sepulturas “coletivas”, onde se associam vários corpos, como se observa nas Antas de Rego da Murta, com cerca de meia centena de indivíduos, pelo que os dados arqueográficos e de datação apontam, terá só sido optada quando, nos sistemas sociais à volta (sobretudo no Alentejo e Beiras), já se encontrava bem implementada. Mesmo assim as deposições em gruta não cessaram, observando-se enterramentos, pelo menos até ao campaniforme.

Nesta região, as criações arquitetónicas, e mencionando somente os casos dos sepulcros, parecem ter sido inicialmente todas elas fundadas sobre estruturas de dólmenes com corredor curto, tendo-se diversificado posteriormente em estruturas de fossas com ou sem associações de monólitos (Monumento 5 da Jogada, Monumento de Colos, Fossas da Quinta do Paço) a par com reutilizações das estruturas megalíticas.

As diferentes estações (grutas e dólmenes) não são muito distintas, observando-se a presença de macrolíticos em quase todas as deposições assinaladas, evidenciando uma certa continuidade cultural. Os adornos e as cerâmicas, ainda que com as suas diferenças, características da diacronia pré-histórica, também são muito semelhantes nos dois tipos de locais. O mesmo se observa nos rituais, onde as deposições na gruta dos Ossos e as deposições na Anta II do Rego da Murta parecem obedecer ao mesmo padrão.

O primeiro caso revelou, para a época sincrónica da Anta II do Rego da Murta, a presença de um conjunto de deposições sucessivas, em ossário, que se pautavam pela presença inicial de ossos dos membros inferiores de vários indivíduos, seguidos de deposições dos membros superiores e por fim dos crânios. Entre estas deposições registaram-se níveis de terra. Os artefactos foram colocados em redor, junto à entrada da cavidade (Cruz, A. e Oosterbeek, L. 1988). O caso da Anta II do Rego da Murta, como já foi exposto, revela conjuntos de amontoados de ossos, aparentemente aleatórios, que eram depositados em diferentes zonas da anta, cobertos por terra e condenados por pequenas estruturas pétreas. Os artefactos estavam dispostos junto destas estruturas ou, em alguns casos, integrados nos ossários. A maior parte dos fragmentos de crânios foram identificados numa primeira unidade estratigráfica, posterior à deposição das próprias estruturas pétreas, como que coroando as deposições. Ainda que se possa considerar a existência de enterramentos primários na anta, indiciados pelos vestígios

registados por baixo das lajes da base da camara do monumento, interpretado como tendo sido construído no Neolítico final, eles terão, numa fase posterior, sido aglomerados em ossários (Figueiredo, 2007) à semelhança da Gruta dos Ossos (Cruz e Oosterbeek, 1988).

A presença de ossários foi também observada no Sul, na sepultura de Marco Branco (São Tiago do Cacém), numa fase posterior às inumações observadas no nível protomegalítico (Soares J. e Silva C. 2000).

O que nos parece mais evidente na análise da emergência do megalitismo no centro de Portugal é que as primeiras arquiteturas que exigiam um plano de construção, um certo esforço físico e coesão grupal não foram direcionadas, tal como nos outros sítios, para os habitats, mas para a resolução de problemas que ultrapassam as questões mais práticas de sobrevivência humana. O processo aqui implicado, ainda que permitindo extrair diversas funcionalidades de ordem social e económica, parece residir numa alteração da relação do homem com o que o rodeia, que a passo e passo transfere para si mesmo e para a conceção com os seus antepassados.

5.3. Análise espacial dos monumentos megalíticos do Alto Ribatejo: estruturas arquitetónicas, implantação e características.

5.3.1. Introdução

Os vários artigos, obras e estudos sobre o megalitismo, quando se referem a estudos espaciais, centram-se maioritariamente nas descrições geológicas e geomorfológicas do meio e nas relações de visibilidade, sendo muito poucos os que aludem outros aspetos de vinculação paisagística. No entanto, convém compreender outras correlações concretas, percebendo influências positivas ou negativas no estudo da escolha da implantação destes monumentos e da sua relação com o entorno arqueológico.

Uma primeira abordagem espacial das estações pré-históricas do Alto Ribatejo foi proposto por Ana Rosa Cruz, na sua tese de mestrado, defendida em 1996 e publicada em 1997. No entanto, apesar de descrever pormenorizadamente as condições ambientais, edafológicas, geomorfológicas e geológicas de cada uma das estações, não as interliga diretamente, no sentido de observar padrões de assentamento. O uso dos sistemas de informação geográfica permite-nos, neste ponto, avançar com exposições mais concretas sobre o estudo dos monumentos funerários e das estações, possivelmen-

te contemporâneas.

A relação dos diferentes monumentos com a paisagem é, ao longo do Alto Ribatejo, muito diversificada, havendo, contudo, um conjunto de características que permanecem associadas à maioria das estações. Esta diversidade é, sobretudo, provocada pela confluência das três unidades geomorfológicas, que modelam o território de maneira distinta (Figueiredo, vol. II, 2007). Estes condicionalismos vão influenciar, entre outras situações, o tipo de matéria-prima utilizada na construção dos monumentos e o tipo de implantação.

Para além das influências físicas do meio, esta região, localizada imediatamente a norte do Tejo, é uma zona de diferentes contrastes culturais, consequência das condições permitidas pela morfologia da paisagem, visto o rio Tejo, ser considerado como um importante eixo de ligação ibérica e uma zona que propiciaria ótimas condições de sobrevivência.

Ao possuir estas funcionalidades, ele facilitaria a instalação de diferentes comunidades, bem como o contato constante destas sociedades com novas ideias ou grupos sociais. Estes aspetos ofereceriam uma abertura à circulação, potenciando uma permeabilidade cultural. A variedade artefactual observada é exemplo disso, evidenciando a ligação entre o mundo do Alentejo, com o das Beiras e da Estremadura, a par de uma tradição cultural própria, explicada pela presença de uma indústria macrolítica, evidenciada nas diferentes estações arqueológicas já mencionadas.

5.3.2. As Estruturas

A análise às estruturas que englobam deposições funerárias no Alto Ribatejo tem apontado para o uso de vários sistemas (grutas, fossas, antas) integrando datações muito equivalentes, podendo as diferenças no espólio serem resultantes de adaptações regionais em determinados períodos muito curtos.

Reconhece-se sem discussão a antiguidade da realização de rituais funerários em gruta (Gruta do Caldeirão, Gruta da Nascente do Rio Almonda, Gruta da Nossa Senhora das Lapas, entre outras), que a par das primeiras estruturas terão continuado a explorar novas cavidades, desenvolvendo novos depósitos, como é no caso da Gruta do Cadaval, Gruta dos Ossos ou Gruta do Morgado Superior (Oosterbeek, 1994) ou de Ave Casta e Algar da Água (Figueiredo, 2019).

Os dólmenes conhecidos possuem, todos eles, corredor relativamente

curto, com uma média que ronda os 2 metros de comprimento.

Na passagem para o III milénio, para além destes monumentos, começam a aparecer estruturas de fossa, associadas ou não a grandes monólitos (Monumento 5 da Jogada e Monumento de Colos) e em alguns casos a menires (Núcleo da Quinta do Paço).

Posteriormente, já na Idade do Bronze, ter-se-á optado pelas deposições em cista, das quais temos vários exemplos (Batista e Gaspar, 2013, p. 97-116).

Em alguns monumentos, na Anta 1 do Val da Laje e na Anta I e II do Rego da Murta observa-se uma ocupação faseada do Neolítico à Idade do Bronze. Tendo-se registado na Anta I do Rego da Murta duas ocupações concretas, uma atribuída ao Neolítico final/Calcolítico inicial e outra ao Calcolítico final / Idade do Bronze inicial.

Este tipo de ocupação prolongada é característico da maioria dos monumentos megalíticos conhecidos, sobretudo do Alentejo. Em determinadas circunstâncias, estas reutilizações ocorrem a par de reestruturas da arquitectura, onde em alguns casos, são adoçadas novas zonas de ritual, como acontece com o monumento de Farisoa 1, Comenda 2 ou a segunda grande Anta do Olival da Pega (Gonçalves, V. 1999), onde ao monumento original (anta) é associado um tholos. Para além destas alterações mais visíveis, ocorreram outras, com certeza, mais discretas, tais como reforços de contrafortagem e couraça, aumento do corredor, alargamento de áreas, delimitação de zonas, fecho de estruturas ou mesmo toda uma transformação e organização interna do espaço.

Alguns destes pontos estão presentes na maioria dos monumentos com uma utilização alargada. Este facto é bem visível na Anta I do Rego da Murta, com a presença de artefactos, por baixo e sobre esteios, que terão tombado durante a pré-história; uma reformulação da parede do corredor, exactamente sobre o esteio tombado; ou a observação de estruturas de sustentação de postes, colocadas na parede esquerda do monumento e que tinha de ter a sua manutenção, tendo em conta a perecibilidade do material.

Ainda que com algumas questões em aberto, por falta de trabalhos intrusivos e prospeções intensivas, podemos seriar os monumentos megalíticos do Alto Ribatejo em, pelo menos, 6 grupos tipologicamente identificáveis:

1	<p>Estruturas de dólmen de corredor curto a médio.</p> <p>Início das construções no Neolítico médio, dado pelas datações da Anta I de Val da Laje, com reutilizações funerárias durante o Calcolítico e a Idade do Bronze.</p> <p>Estes locais terão também sido usados, em épocas posteriores (Idade do Ferro, Romano), para diversos fins (arte, deposições artefactuais, cultos e rituais, etc.) comprovado sobretudo na Anta II de Rego da Murta.</p>
2	<p>a.</p> <p>Estruturas de fossa, sob mamoa, associadas a afloramentos e monólitos (Monumento 5 da Jogada). Os dados obtidos relevam analogias com contextos do Calcolítico final e Idade do Bronze (Cruz, 2003).</p> <p>b.</p> <p>Estruturas de fossa em afloramentos, com estruturas pétreas de delimitação (Monumentos do Colos). Os objetos registados integram-no no Calcolítico final (Gaspar e Baptista, 2001).</p> <p>c.</p> <p>Estruturas de fossa provavelmente associadas a menires (Fossas da Quinta do Paço). Ainda que discutível pelos poucos artefactos recuperados parecem, tal como as outras estruturas de fossa corresponder a uma época posterior enquadrada entre o Calcolítico final e Idade do Bronze.</p>
3	<p>Menires de pequenas dimensões, não ultrapassando os 2 m.</p> <p>A cronologia é muito discutível, visto os artefactos recuperados serem sobretudo de debitage, não permitindo grandes considerações. No entanto observam-se em núcleos, não necessariamente em alinhamentos ou cromeleques, associados com antas e fossas. No núcleo de Rego da Murta, o estudo do Menir I e II, permitiu considerar que terão sido construídos em diferentes alturas confirmadas pela integração estratiográfica diferenciada.</p>
4	<p>a.</p> <p>Mamoas de grandes dimensões (superiores a 15 m de diâmetro).</p> <p>Não existem dados artefactuais que permitam comparações. No entanto, têm sido atribuídas ao Neolítico.</p> <p>b.</p> <p>Mamoas / cistas de pequenas dimensões (inferiores a 3 m de diâmetro), com presença de urnas. Atribuído à Idade do Bronze.</p>
5	<p>Grutas</p> <p>Os dados observados nas diferentes cavidades que compõem o Alto Ribatejo apontam para uma ocupação que, conforme os casos, percorre toda a pré-história recente, desde o Neolítico antigo (Gruta do Caldeirão e Nossa Senhora das Lapas) à Idade do Bronze.</p>
6	<p>Agrupamentos de menires, formando grandes recintos.</p> <p>No Alto Ribatejo só foi identificado, indiscutivelmente, um recinto de menires – o Monumento do Alqueidão, tendo sido recuperados por nós, dois objetos líticos, que o enquadram numa longa diacronia, desde o Neolítico à Idade do Bronze.</p>

Quadro 12 – Quadro de seriação dos monumentos megalíticos reconhecidos em tipos característicos

À excepção dos menires ou recintos de menires, em todos os outros verificaram-se deposições funerárias, observando que maioritariamente se encontram nas proximidades destes núcleos e associados a artefactos líticos, possivelmente resultantes de algum tipo de ritual de descorticação (Menires de Rego da Murta e Quinta do Paço) (Figueiredo, 2013b). O recinto

do Alqueidão parece já ser um caso distinto. Este local composto por mais de sessenta monólitos de diferentes dimensões, todos eles afeiçoados e de morfologia ovóide, distanciam-se dos menires do Alto Nabão, normalmente mais pequenos, rudes, muito mais parecidos com estelas e lajes.

Os monumentos observados em Rego da Murta são relativamente idênticos aos reconhecidos na zona da Estremadura espanhola, ainda que nesta zona eles sejam maioritariamente em xisto, destacando-se a Anta da Tapada de Matos (Castelo de Vide) e a Anta da Charca Grande de la Regañada (Cedillo) (Oliveira, J. 2003: 259). Estes possuem adorado outras estruturas de menores dimensões, que em termos de esforço construtivo, podem ser comparáveis à Anta II do Rego da Murta, uma vez que as lajes seriam facilmente amovíveis, por um grupo relativamente pequeno de pessoas. Construtivamente as lajes eram reforçadas por pequenas lajes, que as intercalavam, sobretudo na zona de cabeceira, que também é visível na Anta da Joaninha ou na Anta da Era de los Guardas, ambas em Cedillo (idem, 2003: 259-260). Esta mesma semelhança parece verificar-se na orientação, aparentando a preferência por uma direção entre sudeste e este e na implantação da linha de ocupação, apresentando-se abaixo da linha de relevo da época (idem, 2003: 256). Os elementos artefactuais também são muito idênticos nas antas de maior volume, observando-se as pontas de seta do tipo A5, E2, D2, B2 e G1 e os machados polidos de secção rectangular. No entanto, a presença de um avultado conjunto característico da Anta II do Rego da Murta, não se verifica nos monumentos mais pequenos, que com ela comparamos.

São também de destacar algumas diferenças na construção da mamoa dos monumentos funerários, visto, nos locais em que esta é verificável, se observar que os monumentos do Tejo e Zêzere são, maioritariamente, suportadas, à excepção do Monumento 5 da Jogada, por uma forte couraça lítica, terminada em anel periférico (Anta 1 de Val da Laje e Anta do Rio Frio). Por seu turno os do Nabão são formados essencialmente por terra, não tendo sido registado nenhum anel delimitador nos exemplares conhecidos.

Também parece evidente uma outra diferença entre estas duas zonas, sendo a preparação da área para a construção mais elaborada na zona do Nabão, encontrando-se, estes monumentos, integrados no solo e, no caso excepcional da Anta I do Rego da Murta, verificando-se estruturas organizadas e conectadas com os pontos cardeais, evidenciando um planeamento construtivo e uma intensão na orientação do monumento (Figueiredo, vol. II, 2007; Figueiredo et al. 2018)

5.4. Cultos e Rituais no Alto Ribatejo

5.4.1. Introdução

Relacionado com os monumentos megalíticos e numa tentativa de perceber os cultos que se interligam com a morte, optamos por analisar todos os contextos com sepulturas, privilegiando o factor cronológico, ritual e paleodemográfico.

A construção dos primeiros monumentos funerários, nesta região, terá sido desenvolvida durante o Neolítico médio / final. As datações mais antigas que possuímos dizem respeito à Anta I de Val da Laje e às antas de Rego da Murta, sendo todas as outras referentes às sepulturas de gruta, que claramente apresentam ocupações anteriores.

Assim, do período do Neolítico pleno, fase em que se integra o início das deposições da Anta I de Val da Laje, e talvez, por analogias com os materiais registados no corredor, a Anta II de Rego da Murta, destacam-se, com datações absolutas, as necrópoles da Gruta do Cadaval, da Gruta dos Ossos, da Gruta da Nossa Senhora das Lapas e da Gruta do Caldeirão, observando-se nestas duas últimas uma ocupação mais antiga que as remonta ao Neolítico antigo. Com datações relativas, onde se desenvolveram prospecções, apontam-se a Gruta das Andorinhas e a Gruta de Casal do Freixo.

Pertencentes já ao Neolítico final foram inventariadas as cavidades da Gruta da Rexaldia, Gruta dos Carrascos (provável necrópole) (Gonçalves, e Pereira, 1977), Gruta da Pedreira do Sobral (Batata, C. 1997: 148-149), Gruta da Penha Moura (interpretada como necrópole) (Oosterbeek, 1994: 368), Gruta dos Ossos, Gruta do Cadaval, Gruta das Andorinhas, Gruta do Casal do Freixo, Gruta do Morgado Superior, Gruta do Sobreirinho (provável necrópole, os materiais têm paralelos com a Gruta dos Ossos e com a estação de Casais Novos) (Oosterbeek, 1994: 379; Cruz, A. 1997: 222-224) e Gruta do Vale do Freixo I (presença de ossos humanos) (Batata, C. 1997: 160).

Com depósitos do período posterior, integrando artefactos do campaniforme ou da Idade do Bronze, observam-se as estações da Gruta da Portucheira (os seus vestígios poderão, contudo, remontar ao Neolítico e a Gruta da Marmota (com presença de cerâmica carenada, também esta poderá remontar ao Neolítico), Ave Casta e Algar da Água (Figueiredo, 2019).

Quanto aos monumentos megalíticos são muito poucos os que apresentam um conjunto de dados significativos que nos permitam tirar algumas ilações sobre os cultos e rituais que se registaram, salientando-se para além do núcleo estudado, a já mencionada Anta 1 de Val da Laje (Oosterbeek,

1994), o Monumento 5 da Jogada (Cruz, 2003; 2004; 2005) e o Monumento de Colos (Gaspar e Baptista, 2001), estes dois últimos atribuíveis a uma fase mais tardia (idem, 2001; Cruz, 2003).

5.4.1. Entre as grutas e os monumentos megalíticos

São os dólmenes, sobretudo os de corredor, os mais numerosos no Alto Ribatejo e os que possuem um mostuário mais rico de deposições artefactuais e osteológicas.

Apesar de não se terem obtido vestígios ósseos consistentes nos túmulos do Zêzere e Tejo, devido à acidez do solo, a quantidade de material presente nestes monumentos é muito idêntica aos que possuem estes dados, especulando-se, no caso da Anta I de Val da Laje, segundo Luíz Oosterbeek, para uma possível centena de enterramentos (1994). As Antas de Rego da Murta apresentam vestígios humanos, tendo o número mínimo de indivíduos, pelo estudo osteológico e dentário realizados pelos especialistas em antropologia física, apontado para a meia centena. No caso das grutas e em sincronia com o quadro cronológico observado nos monumentos ao ar livre, não aparentam um número superior a 30 indivíduos (Schalling, M. 1995).

Num período anterior a estas construções, o número de indivíduos é bem menor, resultado de enterramentos individuais, verificáveis nas primeiras deposições em gruta.

Esta mesma situação que se observa no Neolítico antigo, tem sido registada nos monumentos proto-megalíticos reconhecidos um pouco por todo o território peninsular, verificando-se, juntamente com inumações singulares ou em número muito reduzido, a deposição de um conjunto artefactual muito limitado, em alguns casos com a completa ausência de fragmentos cerâmicos (Leisner V. 1965; 1998; Silva e Soares, 2000: 128).

Ainda que este caso seja bastante contestável pela ausência de datações concretas que permitam distanciá-los em relação aos monumentos dolmênicos de corredor têm sido considerados como os mais antigos, oferecendo a possibilidade de uma transição cultural para os inequívocos colectivos. Tal pressuposto tem sido defendido para os monumentos da Galiza (López Cuevillas, 1953; Casal, 1979: 109), para o Alentejo (Silva e Soares, 2000: 128), para a Beira Interior (Cardoso et al. 2000: 202), ou ainda para a Serra da Aboboreira, com os trabalhos de Domingos Cruz (1992). No entanto, neste último caso, a perspectiva de Vítor Oliveira Jorge (1988) é mais polimórfica, considerando uma contemporaneidade entre as várias estru-

ras, postulado também defendido por Jorge de Oliveira (2003), para a Foz do Sever. Neste último local, estes monumentos, maioritariamente de câmaras fechadas, ou sem diferenciação, localizados em zonas não muito destacadas na paisagem, encontram-se associados a outros de maiores dimensões e com um espólio mais avultado com aferências cronoculturais semelhantes, levando o autor a colocar a hipótese de todos eles serem contemporâneos, revelando “a existência de uma sociedade hierarquizada, onde a acumulação de excedentes se expressa por diferentes graus de investimento na casa dos mortos” (idem, 2003: 257), sendo esta também a explicação, segundo ele, para os locais de Arronches, Alter do Chão, Crato ou Portalegre, onde se observa situação idêntica. No núcleo de Rego da Murta, apesar da aparente contemporaneidade dos monumentos, observado pelas datações mais antigas registadas nas duas antas, as deposições parecem ter obedecido a uma ordem, realizando-se ora na Anta I, ora na Anta II. Neste sentido, o polimorfismo deve ser entendido num sentido mais amplo dos factos. Os dois monumentos poderiam ter sido construídos ao mesmo tempo e, durante todo o período em que se realizaram as diferentes deposições, possuir os mecanismos simbólicos detentores dos significados para os quais foram criados. No entanto, isto não significa que as deposições tivessem de tomar lugar em ambos, ao mesmo tempo, para que esses mecanismos vigorassem.

Quando comparamos os atos de deposição nas grutas e nos proto-megalíticos registamos que são relativamente semelhantes, recorrendo, essencialmente às inumações individuais associadas a artefatos, fauna, ocre e, em alguns casos, à utilização do fogo, sem se observar uma relação específica entre os rituais utilizados e as diferentes estações. À medida que percorremos o Neolítico, no Alto Ribatejo e mesmo em algumas estações do Alentejo, como é o exemplo de Marco Branco (Soares e Silva, 2000) regista-se a presença de outras deposições, mas de cariz mais coletivo, estruturadas em ossários mais ou menos organizados e obtendo-se para o efeito rituais que incluem o desenterramento de deposições antigas, como se registou na gruta dos Ossos (Oosterbeek, L. 1987: 80-81; 1993: 10-27; Oosterbeek, L. e Cruz A. 1991: 280-281), datada de Beta 189996 4240+/-40 BP / 3020-2890 cal BC 2 sigma; ICEN 465 4630+/-80 BP / 3628-3100 cal BC 2 sigma e I 17368 4460+/-110 BP / 3400-2880 cal BC 2 sigma (Camada I – III) e I 17248 3970+/-140 BP / 2954-2217 cal BC 2 sigma (Camada IV), coincidindo, em parte, com as datações obtidas na camada C da gruta do Cadaval, da camada D da gruta do Caldeirão e com os níveis mais antigos das Antas I e II de Rego da Murta.

A gruta dos Ossos é uma cavidade relativamente pequena, que se prolonga para oeste, onde se detetaram dois níveis antrópicos: um localizado na camada IV, correspondente a uma inumação junto à parede da gruta e o outro, que se integra entre os níveis I a III, constituído por um ossário de vários indivíduos (Cruz, A. e Oosterbeek, L. 1988), esta mesma situação, no que diz respeito à presença de enterramentos individuais e posteriormente colectivos, foi também observada para a gruta do Cadaval (Oosterbeek, L. 1985), gruta do Caldeirão (Zilhão, 1992) e na N^a S^a das Lapas (Oosterbeek, 1993). A deposição primária foi atestada pela presença de ossos conetados (somente parte de um membro inferior e pé, de um homem) localizado junto às paredes da gruta. Parte dos ossos que se encontravam no ossário pertenciam a este indivíduo. Os ossos, dispunham-se desconetados, sob um solo de blocos regularizado, sob uma ordem que aparentemente obedecia a uma deposição inicial de membros inferiores, seguida de terra, posteriormente dos membros superiores e colmatada pelos crânios e artefactos, que ficariam expostos, sobre os sedimentos (Cruz, A. e Oosterbeek, L. 1988). Dos artefactos destacam-se as cerâmicas caneladas, pontas, lâminas, lamelas, entalhes, burís, raspadores, objetos de pedra polida, micrólitos e alguns núcleos languedocenses. Os materiais aparentam ter paralelos com a camada B da Gruta do Morgado Superior, com a camada C da Gruta do Cadaval (Oosterbeek, L. 1994) e com os níveis mais antigos da Anta I de Rego da Murta. Os macrolíticos também se encontram presentes a par com os microlíticos na camada C2 da Anta II de Rego da Murta. Quanto ao processo ritual, os investigadores consideraram que numa primeira fase os defuntos seriam colocados junto à parede da gruta e numa fase posterior, transladados para o ossário. Este mesmo pressuposto é por nós equacionado para as Antas de Rego da Murta, onde nos ossos verificados se observaram pequenos cortes de possível escarnação ou outro tipo de manipulação. Apesar de não se reconhecer concretamente uma organização no tipo de ossos depositados nos ossários, as hipóteses levantadas (Figueiredo, 2007) para a Anta II, levam a crer na existência de uma prévia deposição primária (provavelmente noutra área exterior ao monumento) numa possível vala comum (tida em conta pela presença de ossos de diferentes indivíduos) que após um período de tempo eram transladados (somente uma parte diminuta dos ossos, escolhidos de forma aleatória) para este monumento, onde lhes eram associados novos objetos. Segundo cremos, parte da terra também seria transportada, incluindo nela alguns fragmentos cerâmicos (que não permi-

tem colagens) e artefactos líticos que se tinham associado inicialmente às deposições primárias. Associado ao novo ritual seriam também depostos novos artefactos, atendidos pela exumação de vasos inteiros, e fauna.

A cultura material associada apresenta contextos de origem alógena e local e os vestígios osteológicos humanos e faunísticos assinalam uma economia produtiva em expansão, que nas grutas apresentam intervalos de graves deficiências nutricionais, sobretudo durante a fase de crescimento e nos primeiros meses de vida (Osteocondrite, carências de ferro (causado por uma dieta baixa em carne ou grandes perdas de sangue) e de cálcio (atrofias do osso alveolar) a par com doenças infecciosas (porotic hyperostosis; tumores do tipo meningeoma, osteomyelitis, osteoarthritis, osteophyosis vertebral, presença das linhas de Harris nas tíbias, etc.) (Schalling, 1995) não registados nos monumentos megalíticos (Silva e Teresa, 2005; 2006). No entanto, mesmo observando esses desequilíbrios alimentares, verifica-se a deposição diversificada de animais (caça e domésticos) no interior das grutas..

Tornou-se ainda notório o grande número de fraturas observadas, nomeadamente nos crânios. Na gruta dos Ossos, seis dos nove crânios apresentavam baixa cicatrização no osso frontal, parietal e occipital, bem como dois dos fémures, na zona do eixo central, tendo sido considerado a hipótese de que “considerando a natureza e posição destas fraturas, elas foram provavelmente causadas por um golpe intencional” (Shallings, M. 1995:28-29). Também na gruta de N^a S^a das Lapas verificaram-se fraturas violentas (entre eles de um condílio lateral, possivelmente provocado por um acidente de queda e depressões cranianas provocadas por prováveis embates). Segundo a autora a causa de uma das depressões poderá estar relacionada com o impacto de um machado. (idem, 1995: 47-62). Estas anomalias não são visíveis nas antas, tendo-se somente verificado duas fraturas, uma de clavícula e outra de um úmero.

Os ossos do úmero (braço) da gruta dos Ossos, tanto femininos como masculinos, apresentam um forte desenvolvimento muscular, que a par com a patologia registada num dos fémures, provavelmente provocado por um período prolongado de agachamento, poderá ser um sinal de esforços empregues nos trabalhos agrícolas.

No que diz respeito à análise odontológica, verificou-se nas grutas uma grande perda de dentes, sobretudo nos incisivos e molares inferiores, o mesmo se pode observar na Anta II de Rego da Murta, mas no que diz respei-

to aos caninos inferiores direitos. As cáries presentes também poderão ser consideradas como elementos que corroboram a ideia de uma economia agrícola bem desenvolvida, devido à ingestão de amidos e açúcares, proveniente dos cereais cozidos. No entanto, a presença de cáries parece ser menor do que as que foram observadas em alguns concheiros do Mesolítico, detentores de uma economia essencialmente recolectora, como se observa em Moita do Sebastião (Cunha, E. 2002: 187-198; 2003: 184-188; Alves, F. 2001). Uma outra situação registada diz respeito ao grande desgaste oblíquo dos dentes (Silva e Teresa, 2005; 2006), que também é característico das comunidades agricultoras (Smith 1984, ref. Shallings, M. 1995: 33).

Ora, os vestígios patológicos deixados nos ossos nas grutas (com datações anteriores aos monumentos megalíticos) apresentam um défice enorme de proteínas, o que nos leva a concluir que a domesticação de animais seria ainda muito incipiente, ao contrário da agricultura, que aparenta ser bastante utilizada (comprovada pela constatação de cáries, artefactos polidos, fortalecimento ósseo dos braços e análises palinológicas). Para além disso a deposição de animais nas necrópoles leva a considerar que os vestígios associados aos defuntos seriam de real importância para as comunidades, inferindo mesmo na possível sobrevivência das mesmas.

Estas deficiências não são, contudo, registadas nas antas (datadas de um período mais tardio, ainda que em alguns casos se registem em contemporaneidade com algumas datações das grutas).

O pressuposto da existência de vestígios de animais domesticados em estações não deve ser logo entendido como o desenvolvimento de uma estratégia segura de pastoreio que suporte, a par com agricultura, a base de alimentação de uma comunidade. Algumas estações têm fornecido dados que indicam que, mesmo numa economia de produção, a base da alimentação ainda proviria essencialmente da caça e possível recollecção de frutos; tal exemplo é-nos apontado pelos vestígios em Roucadour, França, em que cerca de 90% das espécies não eram domesticadas (Lessur, et al. 2001). Nos dólmenes de Rego da Murta as várias espécies exumadas, entre elas o porco, cabra/ovelha, o boi, o zebro ou cavalo ou o cão (Detry, C. 2004, 2005), encontram-se associadas a uma grande quantidade de coelhos e lebres (70% das espécies) (Figueiredo, 2007, vol. II). Apesar dos dados não permitirem confirmar a domesticação clara do porco, pelo menos podemos reconhecer que as outras espécies (boi, cabra/ovelha, cavalo ou zebro e cão) o terão sido (Detry, 2005).

Esta associação de lebres e coelhos também é evidenciada na Gruta do Caldeirão (para um período anterior), a par com ovicaprídeos, bovídeos, veados, camurça, porco, cabra, raposa, cão ou lobo, lince, gato selvagem e aves (Zilhão, J. 1992).

Igualmente, na Gruta dos Ossos e na Gruta do Cadaval (datadas do Neolítico pleno / final), foram recolhidos vestígios de ovicaprídeos e veados, comprovando a existência das duas estratégias e da importância da caça na captação de alimentos e de reforço ao possível pastoreio. A caça exigiria a exploração de áreas extensas, que permitissem uma certa facilidade na movimentação, daí se observar uma associação muito positiva com estas áreas e com zonas que possuem terrenos férteis, como já foi mencionado.

No que diz respeito aos cultos e rituais relacionados com os menires, observa-se que a maior parte dos casos do Alto Ribatejo, onde estes se registam se encontram associados às áreas onde também se localizam monumentos funerários, sejam antas ou fossas. Normalmente, sempre que se observa esta associação, os menires têm sido considerados como marcos delimitadores ou identificadores destas áreas (Jorge, V. 1977; Silva, F. e Silva, A. 1994; Leisner, G. 1944; Almeida, C. 1979:14; Bénétiau, G. 2000), não detendo mais que um papel marginal na explicação do conjunto espaço-simbólico.

Apesar de não se ter observado contextos *in situ* para todos os menires inventariados, as escavações do Menir I e II permitiram concluir, com base nos processos de sedimentação estratigráfica, uma maior antiguidade do Menir II em relação ao Menir I, e uma continuação dos rituais associados ao Menir II até sensivelmente o mesmo período da elevação do Menir I.

A compreensão dos atos associados aos menires está longe de ser entendida na sua totalidade; no entanto, parece não haver margens para dúvidas de que se trata de toda uma zona ritual, onde ocorreriam diferentes tipos de práticas simbólicas, provavelmente associadas a processos de debitagem como explicamos no segundo capítulo.

No núcleo de menires da Quinta do Paço, localizado a alguns quilómetros a sul, observa-se a mesma situação (Caron, L. e Freitas, A. 2005). Os vestígios observados (núcleo de menires e estelas-menires associados a fossas e artefactos de cariz megalítico, como é o caso das placas de xisto, dispersos numa área relativamente reduzida, agrupados e relacionados com vestígios de fogo), apesar de morfológicamente distintos levam-nos a associá-los aos conceitos simbólicos e rituais observados no núcleo de Rego da Murta. Os artefactos recuperados junto dos menires, constituídos por lascas e núcleos,

essencialmente de debitação de pequenos nódulos, com uma percentagem significativa em córtex e irrisória de objetos retocados são também similares ao tipo de deposições verificadas nos menires de Rego da Murta (Figueiredo, 2007, vol.II). O mesmo se passa com as estruturas de fossa romanas. Estas estruturas circulares, com cerca de dois metros de diâmetro, são comparáveis com a estrutura do monumento romano observado em Rego da Murta (Figueiredo, A. 2004 c): 139-150), localizado a sensivelmente 50 metros a sul da Anta II, integrado na área de ocupação dos menires.

Ainda que estas estruturas apareçam completamente desfasadas no tempo, elas revelam uma intenção pela continuação do uso destas práticas e pela importância simbólica destes lugares, e seus. As constantes violações que a Anta I do Rego da Murta sofreu, ou, ainda, a presença de deposições funerárias de incineração da Idade do Ferro e da época Romana na Gruta do Caldeirão (Zilhão, J. 1992) e dos vestígios observados na Gruta do Cadaval, onde se recuperaram três moedas, são exemplos claros, fosse por que motivo fosse, da perpetuação das crenças e de deposição de bens, nestes locais. Por exemplo, na Gruta do Caldeirão, observou-se a deposição de urnas funerárias da Idade do Ferro e fragmentos de sigillata, vidro e um cabo de osso trabalhado da época romana (Batata, C. 1997: 135). No caso da Anta I de Rego da Murta, os vestígios cerâmicos a torno e a presença de escória revelam esse mesmo interesse, e, na Anta II, observou-se uma pequena fossa situada junto à contrafortagem externa esquerda da câmara, onde se recolheu um conjunto de fragmentos cerâmicos do mesmo período.

Este tipo de intrusões verifica-se um pouco por todo o território europeu, permitindo considerar, tal como defendeu Bradley para diversos casos do Norte da França e Ilhas Britânicas a sobreposição de estruturas desta época sobre antigos monumentos, incluindo alguns de cariz megalítico (Bradley, 2003: 130-146). Neste sentido, é bem provável que, numa continuação das práticas religiosas pagãs, se construíssem estruturas arquitectónicas, como o monumento romano referido, sustentando as crenças tradicionais nas áreas onde, outrora, isso ocorreria (Figueiredo, 2007, vol.II).

O conceito, que normalmente aplicamos a estas intrusões posteriores à pré-história, deveria ser reformulado, pois, em alguns casos, não se tratam de práticas com intenções destrutivas, mas de perpetuação de possíveis simbolismos identitários.

A divisão clássica dos períodos, atendendo às inovações tecnológicas, tende a seriar por compartimentos o processo evolutivo humano, procu-

rando preferencialmente as discontinuidades do que as continuidades. O processo mental que se verifica no megalitismo, ou em qualquer outro tipo de estruturas do género, tende a perdurar no tempo, até que novas estruturas mentais, como diz Bourdieu (1992), alterem a praxis e se tornem estruturantes do próprio sistema. Normalmente, quanto mais complexo e do domínio do transcendental/simbólico são os pensamentos que rodeiam estas atividades, mais tendem a se repercutir. Mesmo que o ritual e a percepção mental destes actos seja diferente, isto não significa que a intenção não estivesse presente.

O respeito pelos hábitos tradicionais parece encontrar-se bastante enraizado nas populações do Alto Nabão e mesmo em toda a área do Alto Ribatejo. Numa grande parte das estações observadas, os próprios artefactos continuam desde o Mesolítico a serem talhados com o mesmo tipo de técnica – os designados languedocenses (Raposo, L. e Silva, C. 1984; Jorge, V. 1990a; Grimaldi et al. 1998; 1999a; 1999b; Oosterbeek, L. 2004c) – que se vão associando a outros de tradição alógena, pelo menos até ao Calcolítico, contrariando a segmentação cultural que alguns investigadores (Zilhão, J. 1992) defendem para esta região.

É interessante compreender que, quer no Nabão, quer no Zêzere, os artefactos que se encontram associados aos monumentos megalíticos possuem ambas as características, reforçando os de tradição local, nos monumentos mais recentes. Isto observa-se na camada C2 da Anta II do Rego da Murta, com datações absolutas do Calcolítico final / Idade do Bronze, e no Monumento 5 da Jogada (Abrantes), com aproximações relativas à Idade do Bronze (Cruz, A. 2003: 84-114). Mesmo os outros monumentos que compõem o núcleo da Jogada e Vale de Chãos apresentam materiais semelhantes. Contudo, na Anta 1 de Val da Laje observa-se o oposto. Estes artefactos são atribuídos, com algumas reticências, a uma fase anterior à construção do próprio monumento, camada D (Oosterbeek, L. 1994), circunscrevendo-se somente a alguns locais (base do esteio da cabeceira, por baixo do pavimento externo de acesso ao corredor e na base do contraforte norte). Isto permite concluir vários possíveis modelos hipotéticos, alguns já apontados (Oosterbeek, L. 1994): o primeiro diz respeito à realização de algum tipo de ritual na inauguração da construção do monumento, ritual realizado com a deposição de materiais de uso quotidiano em algumas áreas; uma segunda perspectiva refere-se à utilização de um espaço já marcado simbolicamente por deposições rituais anteriores, notório nos diferentes exemplos

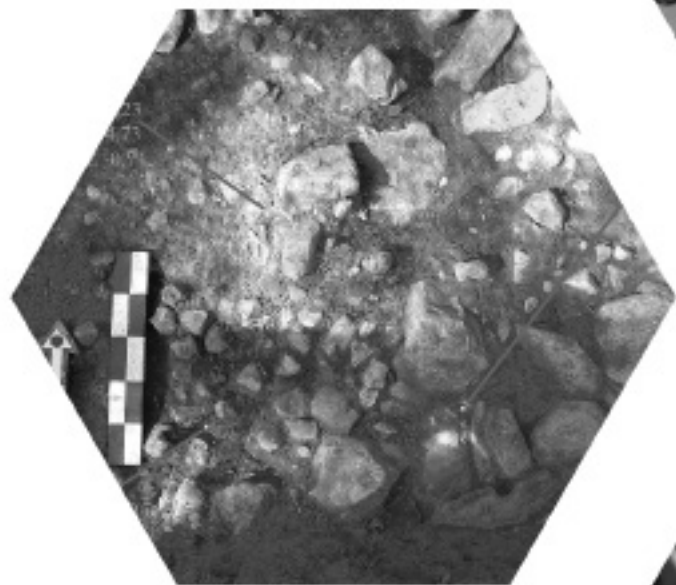
mencionados no capítulo anterior. Referimo-nos, aqui, à perpetuação de um espaço de características simbólicas, ou não, ocupado para outros fins, ou não, onde novos hábitos (construções de arquiteturas em pedra) se vieram a sobrepor, no entanto não confirmado no registo arqueológico; ainda, uma terceira hipótese refere-se a possíveis infiltrações da camada C, a que processos pós-deposicionais vieram a incluir numa aparente outra camada.

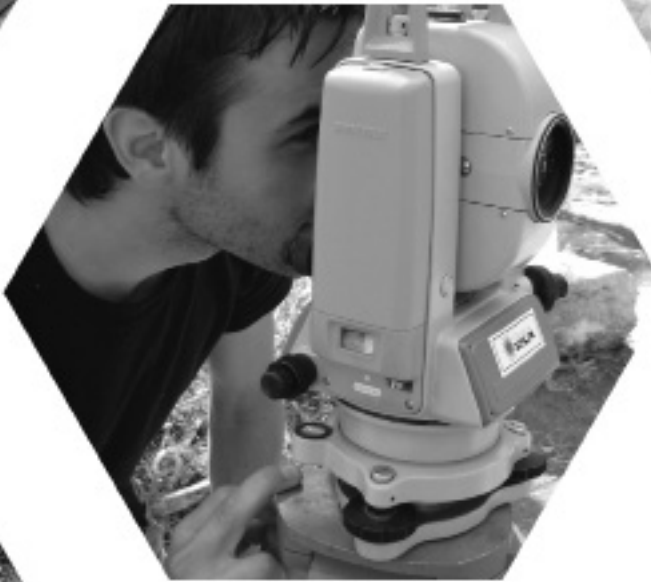
Contudo, qualquer que seja o factor, isto só reforça a ideia da importância identitária cultural da associação destes instrumentos a novas práticas, sendo um factor a relevar na defesa de uma continuidade da população desde o Mesolítico.

Na Anta II do Rego da Murta (e mesmo na Anta I, mas em muito menor quantidade) estes artefactos foram recolhidos à superfície numa área que ronda o monumento em cerca de 30 a 40 metros e na camada de ocupação mais recente (C2). Para o primeiro caso podemos, também, considerar vários pressupostos: numa primeira aproximação poder-se-á tratar de artefactos que incluiriam a mamoa, hoje completamente destruída, e que se dispersaram pelo terreno; isto poderia apontá-los para a fase de construção do monumento. Contudo, isto não explicaria o porquê da sua integração na camada mais recente conservada no interior do monumento e a sua relativa ausência, para já, na camada C3; ou ainda o porquê de serem inexistentes nas associações com os menires deste núcleo. A um segundo nível, poderá ser explicado pela importância dada à presença de artefactos languedocenses numa fase de ocupação e não noutras. Esta associação posterior poderá estar relacionada com vários conceitos, sejam eles de reforço de identidade pela presença de bens domésticos usados com longa tradição, seja pela associação, em épocas mais recentes, de diferentes grupos. O primeiro ponto, deste segundo item, parece ser o que tem mais consistência, visto o mesmo se observar a norte de Portugal para outros objetos, onde “algumas cerâmicas decoradas, oriundas de contextos habitacionais aparentemente não conectados culturalmente com os sepulcros megalíticos, surgem agora [durante o III milénio] mais frequentemente nestes monumentos” (Jorge, S. 1990: 198).

Se considerarmos os menires e as antas como fazendo parte do mesmo jogo espacial, estaremos, então, perante uma intenção clara de escolha de importância de cada objeto e do material com que era fabricado. Os rituais desenvolvidos, como o simples acto de talhar os objetos ou a deposição de artefactos na zona externa do monumento, obedeceriam a regras muito concretas, tal como a deposição no interior das antas ou mesmo no que diz

respeito às construções arquitectónicas que os concebia, como foi observado na Anta I do Rego da Murta (capítulo sétimo, segundo volume) e tem sido demonstrado no estudo de vários monumentos (Hoskin, M. e Calado, M. 1998: 77-82; Gomes, M. 2000: 17 – 192, Calado, M. 2006).





6. CONCLUSÃO
DAS PROBLEMÁTICAS
LEVANTADAS: NA
INTERPRETAÇÃO PARA
UM CAMINHO TEÓRICO

No Neolítico, sobretudo no Nabão e no Tejo, e atendendo a uma análise baseada nas informações resultantes de prospecções, mencionada no terceiro capítulo, existe uma tendência das estações consideradas como habitats se concentrarem quando a visibilidade é fraca e a se distanciarem quando é forte. As populações tendem a manter-se junto de terrenos férteis, com vertentes suaves e com grandes áreas de recursos exploráveis. Em alguns casos implantam-se muito próximos de importantes cursos fluviais, como é o caso do povoado da Amoreira, em Abrantes (Cruz, A. 2006: 25). A mesma situação tem sido apontada para o Alentejo, onde “o povoamento do Neolítico antigo e médio está representado por uma multidão de pequenos sítios. No Neolítico final, e naturalmente no Calcolítico, esta situação altera-se, surgindo na paisagem grandes povoados, presumíveis lugares centrais e redes de povoamento em contínuo contato e interação” (Gonçalves, V. 2003: 7)

Este tipo de implantação estará, possivelmente, relacionado com o tipo de economia utilizado. A estratégia de dispersão de povoados, como se observa para maioria do povoamento deste período, nesta região, e a sua localização em zonas mais planas, seria talvez a ideal para a utilização dos terrenos férteis, das rotas naturais de transumância e dos habitats dos animais selvagens.

A redução das áreas de exploração, situando-se os habitats muito próximos uns dos outros, em cumeadas e amuralhados, durante o Calcolítico / Bronze, permite concluir a existência de novas prioridades. Esta mudança, que poderá estar relacionada com múltiplos factores, quer de ordem social, quer económica, é reveladora de um aumento da prática agrícola e possivelmente de uma vida mais estabilizada e sem tanto stress alimentar. Os dados provenientes dos vestígios osteológicos confirmam este facto.

As análises antracológicas, carpológicas e palinológicas também apontam para um início de uma extensa desflorestação que atingiria o seu auge durante este período. Esta desflorestação, segundo Katina Lillios, estaria relacionada com o início da agricultura e com uma população cada vez mais consolidada, comprovando a competição pela posse da terra entre os vários grupos (1991: 136). Segundo a autora, esta situação ter-se-á iniciado por questões de sobrevivência, “particularmente se os produtos da floresta se encontravam em declínio” (idem, 1991: 137). Esta necessidade criaria cisões internas nos grupos, levando-os a estabelecerem-se em novas áreas com potencialidade para fazer face às suas exigências.

Na realidade, apesar dos estudos osteológicos, que incidiram nas grutas,

terem obtido valores que apontam para desequilíbrios alimentares, tais patologias, como anemia causada por deficiência de ferro, graves infecções e sinais de stress elevados, não foram verificadas nos indivíduos sepultados em Rego da Murta (Figueiredo, 2007, Vol.2, ppitulo I e II). O que permite concluir que estas divisões sociais, a existirem, poderiam não ter sido provocadas explicitamente por falta de recursos. Quanto a este ponto, convém salientar que os estudos dos vestígios osteológicos das grutas não foram desenvolvidos tendo em conta uma diacronia bem explícita, mas de um ponto de vista total da população encontrada. Este factor seria relevante para a compreensão das diferentes ocupações.

Na explicação desta diferença paleodemográfica podíamos apontar outras hipóteses: como estações não contemporâneas (ainda que integradas no mesmo período cronológico), que passaram por fases críticas de escassez alimentar; diferentes grupos sociais, com estratégias mais eficazes que outros; seriação dos sepultados (supondo aqui a existência de uma hierarquia e status diferenciado); divisão dos indivíduos tendo em conta os simbolismos que atribuiriam à categoria “doente” versus “saudável”, distinguindo o local profano (grutas) versus sagrado (antas); entre outras.

Esta análise é também condicionada pela fraca preservação dos vestígios osteológicos das antas (somente o núcleo de Rego da Murta forneceu uma amostra considerável), que numa situação distinta poderia revelar mais patologias.

Para além disso, o desenvolvimento de estudos microregionais têm mostrado uma grande diversidade de soluções e uma enorme dificuldade em estabelecer um modelo geral, que explique este fenómeno. Na realidade, a associação dos dois tipos de economia (Gebauer e Price, 1992: 1-10) apoiada pelos recursos fluviais de tradição do Mesolítico, bem visível nos concheiros do Tejo e Sado (Roche, J. 1973; Ferreira, O. 1974: 191-194; Arnaud, J. 1990: 53-64; Arnaud, J. 1993: 173-184), poderia colmatar um desequilíbrio num dos campos. No caso da caça, ela tem-se mostrado bastante proveitosa e em algumas situações mais eficaz, que a estratégia produtiva. Estudos de arqueologia experimental, de Jack Harlan, ou os de Richard Lee, sobre a tribo Bosquímanos !Kung, demonstraram que a vida dos caçadores-recolectores não é uma luta constante pela sobrevivência (Redman, C. 1978: 90). Estas tribos, em poucas horas, conseguiam comida para vários dias; aliás, a agricultura mostrou ser uma tarefa árdua e ineficaz, devido às condições climáticas em que viviam. Também, o etnólogo americano Marshall Sahlins,

num estudo sobre a economia das culturas actuais Bushmen da Austrália e Bosquímanes da África do Sul, observou que estas comunidades consideravam esta estratégia a mais indicada para as suas necessidades (Clark, R. 1980: 127 e 128).

Num segundo modelo, Luís Oosterbeek defende que durante este período se vivia numa dinâmica que teria por base a existência de uma longa rede de contactos entre o Sul, a Estremadura e as Beiras. Este sistema social imbricado, onde “cada elemento da rede [...] tinha laços potenciais com todos os outros elementos” seria o motor gerador de hierarquias e centros de poder. Refere ainda que, esta rede teria sido formada atendendo a estruturas anteriores, provenientes do Mesolítico (1994). Esta constante emergência de forças de diferenciação social “é ainda de natureza colectiva (embora restrita), onde o status dos vivos é ancorado nos mortos [...] por volta do 3º milénio, o aumento de complexidade do poder da rede permite que algumas linhagens imponham uma ordenação do povoamento, entrando num novo estágio de investimento de mais valia, desta vez também em estruturas para os vivos (Maxial)” (1994: 194).

O aparecimento de novas estações, com estruturas pétreas complexas que as delimitam, durante o Calcolítico, está registado nos vestígios arqueológicos. Um pouco à semelhança do que se passa no resto do país, como por exemplo em Zambujal (Sangmeister, E. e Jiménez Gómez, 1995), Castanheiro do Vento (Jorge, V. et al. 2002; 2003; 2006), Leceia (Cardoso, J. 1994; 1997; 2003), Castelo Velho (Jorge, S. 2002; Jorge, et al. 2005), Los Millares (Almagro, M. e Arribas, A. 1963) só para mencionar alguns. Estas zonas, ainda que detentoras de significados complexos e não exclusivamente caracterizadas como estações de habitat (Jorge, S. 1994; 1999; Jorge, S. et al. 2004), distribuem-se ocupando áreas de destaque na paisagem, localizando-se, na grande maioria, a cotas elevadas, com pendentes muito acentuadas e detentoras de um grande controlo visual sobre o espaço.

Na análise do tipo de povoamento observa-se, em contraposição ao Neolítico, um desdobramento de estações, sobretudo a norte, provavelmente provocado por um aumento demográfico. No entanto, a existência de estruturas percíveis aliadas, provavelmente, à presença de pequenos grupos sociais, que não ocupariam espaços muito extensos, poderá ser a causa de um número percentual muito baixo de estações conhecidas que poderemos remontar ao Neolítico.

Nesta fase terá existido uma substituição clara de uma economia de largo

espectro por uma intensiva e especializada prática agrícola e de pastoreio (Lillios, 1991: 131).

Segundo Katina Lillios, a luta pela posse da terra, evidenciada pelos “muros, sepulturas visíveis, bens de prestígio e cerâmicas decoradas” (1991: 137), poderá ter resultado numa diminuição da energia dispendida com os monumentos funerários e, por sua vez, a passagem de enterramentos coletivos para sepulturas individuais, na Idade do Bronze.

É pois durante esta fase que se observa a reocupação de estruturas anteriormente construídas, confirmadas pelas datações apontadas, mas também a edificação de outras de menores dimensões, optando essencialmente pelas deposições em fossa, associadas a afloramentos, de onde se destaca o Monumento de Colos (Gaspar e Baptista, 2001) e o Monumento 5 da Jogada (Cruz, 2003; 2004), ambos localizados no concelho de Abrantes, ou ainda, numa no Bronze, as pequenas mamoadas, reconhecidas no concelho de Abrantes (Baptista, 2006).

As evidências arqueológicas, associadas às análises espaciais, apontam para que, além desta função, possuísem conotações sociais e políticas, servindo como possíveis “identificadores” de comunidades, marcando o espaço e evidenciando as zonas de circulação, razão pela qual se localizam em áreas elevadas, com bom controlo visual, próximo de rios ou em áreas naturais de passagem.

Partindo da possibilidade destes monumentos se encontrarem directamente relacionados com estas vias, colocam-se as questões: qual a sua real função? Estaremos perante a elaboração e organização de um espaço? a que regras essa organização obedecia e que motivos estariam na base destes assentamentos? Teriam estes monumentos o papel de demarcarem um espaço neutro à passagem de estrangeiros e mercadores ou simplesmente de limite entre as comunidades vizinhas? Ou então, seriam estruturas criadas com a função de indicar o caminho até às bases residenciais? seriam elas marcadores simbólicos ou pontos de referência paisagísticos para elementos externos aos grupos desta região? se sim, que relação existia com os enterramentos em grutas e porquê que neles também se observam o mesmo tipo de rituais? se detinham uma função relacionada com o mundo dos vivos, porquê e a necessidade da associação, também, ao mundo dos mortos? poderia a crença na vida do além servir como uma âncora de segurança e intimidação às populações alógenas? teriam sido elas construídas com base na associação de vários grupos e a quem pertenciam?

Todas estas perguntas e muitas outras revelam-nos a complexidade deste sistema e da captação das múltiplas funções para o qual foi criado. A associação do território a conceitos de propriedade, pertença e reconhecimento, no qual integramos as primeiras estruturas arquitectónicas, não se terá processado somente por questões relacionadas com a apropriação do território ou a sua exploração, nem como resultado da importação de ideias, ou do desenvolvimento de estados mentais mais elevados, mas por uma pluralidade de causas (identitárias, sociais, económicas) que se misturam e que não são possíveis de se individualizar. As relações que se operavam no espaço só poderão ser explicadas por aspectos culturais e sociológicos mais complexos e dentro de um quadro de uma sociedade em expansão.

O fenómeno da consolidação do Neolítico (nos seus mais diferentes aspectos – agricultura, domesticação, sedentarização, cerâmica, técnica de polimento, etc.) comporta uma dinâmica de relação entre diferentes estruturas socio-simbólicas, que englobam demasiadas vertentes e inovações distintas entre si, e que podem, ou não, estar presentes em determinadas áreas espaço-temporais. A aceitação de uma novidade dependerá da estrutura que a vai integrar. Não existirá, por assim dizer, uma causa concreta para a adoção das novas práticas; ela resulta de factores muitas vezes imponderáveis e casuais (Velho, 2001: 152-154). Assim é a acção que determina a estrutura e é o tipo de comportamento adoptado que define e caracteriza o sistema.

A adoção do megalitismo terá emergido de estruturas aptas à sua integração. As causas poderão estar, desta forma, mais relacionadas com os aspectos sociais, pois as peças básicas do puzzle (primeiras arquitecturas de elevadas dimensões, necessitando de grandes recursos humanos; localização em áreas de circulação; adoção rápida por várias comunidades; associação com artefactos de cariz simbólico e maioritariamente exógeno, possivelmente associado a itens de prestígio, com número relativamente reduzido de indivíduos, se considerarmos o longo período de ocupação destes monumentos, entre outras situações) apontam para contextos de participação colectiva, pontuais e compreendidos pelo universo que os rodeava. A transformação destes rituais em enterramentos do tipo cista pertencerá a este mesmo processo, repetindo o círculo de adoção.

À primeira vista torna-se notório o aspecto social – a mensagem expressa é aceite e entendida pelos grupos locais e externos a estas comunidades. A adoção só é feita se a mensagem for percebida e as populações a acharem necessária ou eficaz para a acção que foi pensada. Seja por motivos

divinos ou terrenos, ela tem de ser respeitada e integrada nos hábitos da população; tal só poderá decorrer no seio de uma sociedade que lhe devolva os significados. As inovações poderiam ser assimiladas e praticadas por afirmação social de integração numa imensa rede de contatos, adaptando simbolismos e conceitos de outras comunidades vizinhas que, por sua vez, já os teriam adaptado de outras, numa espécie de linguagem universal. A par disto, surgiam modas que alterariam as práticas adoptadas, levando comunidades inteiras a adquirir novos hábitos. A prática dessas inovações (atividades, rituais e objetos) seria, por isso, partilhada com as comunidades vizinhas, no sentido de firmar acordos sociais de pertença a uma hipersociedade globalizada.

Os monumentos megalíticos passariam, então, a ser o meio de transmissão dessa mensagem, o que justificaria o tempo e o esforço dispendido nas suas construções e a zona de implantação onde se observam. No interior, seriam depositados os símbolos (expressos na arte e nos artefactos) – transmissores da mensagem – juntamente com os antepassados (que reforçavam a intenção e legitimavam o acto). Não se tratavam de enterramentos comuns, mas de práticas simbólicas que eram aceites e partilhadas por todos.

Estas “inovações” não são de todo estranhas e alguns conceitos aplicados às antas até já podiam ser utilizadas noutras situações. Antes do enterramento em dólmen, estas populações usavam as grutas e talvez outros locais ainda não identificados. Por volta de meados do Vº milénio construíram-se os primeiros monumentos. As estruturas arquitectónicas relembram as grutas e estariam, em parte, tapadas com uma mamoa, na possível intenção de a devolver à paisagem. Estávamos perante uma fase da definição ideológica do homem perante a natureza (Guilaine e Zammit, 1998: 120-125) que se manifestou no estado económico, tecnológico e, em grande medida, a nível do sistema social.

Os rituais observados são muito idênticos aos que se associam às grutas e, mesmo depois da construção destas estruturas, continuam a ser exploradas, seja pelos mesmos grupos ou por outros diferentes.

Já numa época posterior, se associam outras estruturas a esta ideia, utilizando-se os grandes afloramentos para deposições em fossa, por exemplo, podendo ter-se também vinculado novos significados.

No nosso território, e um pouco por todo o lado, onde este fenómeno ocorre, as áreas escolhidas para a maioria dos monumentos são reconhecidas pelas suas capacidades de difusão e quase sempre associadas a cursos

fluviais. As comunidades, com provável interajuda na construção destas estruturas, poderiam ter optado por áreas centrais de limites de territórios ou áreas neutras de passagem. Por outro lado, a escolha da zona de implantação poderia obedecer a regras bem definidas, que eram criadas para impor sinais e marcar um território.

A sua localização também pressupõe uma função de controlo de espaço: elas eram edificadas com características que lhes permitissem serem vistas e identificadas. Logo a mensagem deveria ser percebida por quem por ali passava, o que, aliado à sua localização confere ao sistema a sua coerência. Neste sentido, apesar de os monumentos circunscreverem áreas relativamente pequenas seriam o epicentro de paisagens monumentalizadas, a que se associavam outros espaços também eles imbuídos de significados (Ingold 1993; 1996; 2000; Bradley, 1998; 2005; Tomas, 2006).

Passar por esta paisagem seria entrar no sistema simbólico-social estabelecido. As estruturas teriam como função perdurarem no tempo; logo, pretendia-se que ultrapassassem gerações. Os descendentes herdavam esses acordos sociológicos e os repercutiam, reforçando-os com novidades e associando-os a novos rituais.

São as estruturas simbólicas que possuem, normalmente em todas as sociedades, a força e eficácia necessária para garantir a boa vontade das acções e selar o pacto entre as comunidades.

O que convém analisar são as estruturas e as conjunturas que se mantêm ao longo do tempo, são elas que firmam a identidade destas sociedades que, no caso do Alto Ribatejo, se verifica com os macrólitos. No entanto, cada comunidade possuiria a sua “personalidade” dentro de uma sociedade mais abrangente interrelacionada, criando um mosaico cultural, com transformações locais próprias, que na interacção se iam modificando de acordo com o sistema estrutural que possuíam e que as individualizava das outras, como se verifica com as diferenças apontadas entre as grutas e os monumentos megalíticos e entre as diferentes deposições registadas em cada monumento, bem visível na Anta II de Rego da Murta.

Na análise ao complexo megalítico, optamos em primeiro lugar por analisar concretamente as antas e posteriormente o conjunto de monumentos, incluindo neles os menires. A análise individualizada destes elementos seria extremamente redutora, no sentido em que se perderia a compreensão de um espaço, todo ele monumentalizado. Seria como se separássemos numa frase cada palavra perdendo-se completamente o significado da mensagem.

Estamos conscientes de que a nossa leitura é feita sobre um texto muito rasurado, no sentido de estarmos perante uma parcela de uma realidade que, com certeza, seria muito diferente. De todo não conhecemos a totalidade dos monumentos que foram erguidos e até estamos certos de que a disposição destas estruturas terá sido alterada conforme as necessidades destas sociedades, tendo-se adicionado novos elementos, à medida que outros eram usados, descartados ou selados. Muitas das estruturas que existiriam nesta área, poderiam, inclusive, ser construídas em materiais perecíveis, escapando aos olhares mais atentos dos investigadores, como tem sido defendido para outras regiões europeias (Le Roux, 2000; Scarre, 2004; Noble, 2006).

Desta forma, o conjunto que nos chegou já não traduz uma mensagem, mas um diálogo entre as várias gerações ou comunidades que utilizaram este espaço; uma espécie de “amalgama de uma paisagem milhares de vezes transformada e recriada” (Gonçalves, V. 2003: 533). Para além disso, mesmo que se mantivessem as mesmas ações, estas práticas poderiam ter respondido, ao longo do tempo, a diferentes fins, conceitos e motivos (Miller, D. 1994: 406).

Tradicionalmente, quando se procura estabelecer um quadro de ocupação para os agrupamentos, é usual seguir-se um conjunto de linhas orientadoras que permitam responder a problemáticas concretas. Ainda que não necessariamente por esta ordem, elas centram-se sobretudo na cronologia, funcionalidade e arquitectura. Buscam-se esquemas que permitam descrever ordens e comparações entre os diferentes monumentos; traçam-se paralelos e fases evolutivas e procuram-se respostas que com clareza nos ajudem a compreender estas ações.

No entanto, estas três análises, por si só, não bastam, é necessário encontrar mecanismos que nos permitam perceber o sistema simbólico, económico e social e que estarão possivelmente relacionados com a forma como se encara e organiza o espaço e com o tipo de ações nele empreendidas (Hodder, I. 1990; Ingold, 1993; Bradley, 1998; Scarre, 2002). Para além disso, não deveremos descurar que a possibilidade das diferentes opções de criação (Gonçalves, V. 2000 a): 307) se relacionam com as necessidades das comunidades que as ram (Bourdieu, 1992) e com o sistema de significados por elas imposto (Bradley, 1993; Pearson, 1984) (segundo capítulo, do segundo volume).

Neste sentido, a abordagem mais correcta da compreensão de um espaço estruturado cinge-se a uma análise conjunta desse mesmo espaço, englobando todas as estruturas e atos percepcionáveis, tal como afirma Ingold (1993, 2000).

Num agrupamento de vários elementos, como é o caso dos menires, a abordagem é feita sob a relação existente entre os mesmos. Isto é, a estratégia passa pela abordagem ao recinto.

O problema está em entender quando é que um recinto é um recinto e até que ponto se podem conjugar diferentes estruturas que se observam num mesmo espaço, como é o caso dos agrupamentos megalíticos de antas e de agrupamentos que incluem, no seu conjunto, antas e menires, como é o caso de Rego da Murta (Figueiredo, A. 2004), Vale do Chãos (Vol. III, capítulo 6.4) e os tão bem conhecidos conjuntos de Vale de Rodrigo (Leisner, G. 1944: 1-30; Kalb, P. e Höck, M. 1995; 2000;), Tojal (Calado, M. 2003) ou Reguengos de Monsaraz (Gonçalves, V. e Sousa, A. 2003). Este problema reside essencialmente na conjectura diacrónica em que estes monumentos foram construídos.

Os conceitos associados ao espaço pré-histórico seriam evidentemente diferentes dos que são aplicados hoje. A nossa cultura tem por hábito entender o espaço segundo normas do que acontece nesse espaço; um quarto serve para dormir, uma cozinha para comer, uma sala para estar, etc. O nosso significado de propriedade e privacidade relaciona-se com essas mesmas funções. Numa casa em que habite uma família numerosa, facilmente se observa que o espaço “quarto” e “sala”, têm conotações de relação social completamente distintas. Mesmo em sociedades atuais e civilizadas (como preferimos chamá-las em comparação com sociedades primitivas) o conceito de espaço diverge. Nas típicas casas japonesas um quarto pode facilmente tornar-se numa sala de receber visitas. O conceito de quarto existe quando se monta o colchão para dormir e muda quando este é arrumado no armário. E em algumas sociedades na América do Sul a casa é um amplo espaço aberto, sem portas, muito diferente do conceito que nós temos, encontrando-se completamente integrada na paisagem em que se implanta, e não fechada e transformada num espaço próprio, como a entendemos.

Também é muito comum estruturarmos a realidade com formas arquitectónicas próprias para os diferentes mundos cosmológicos: mundo dos vivos; mundo dos mortos; mundo transcendental/simbólico, como referimos no terceiro capítulo. Ora, não estamos certos de que as mesmas visões atuais

fossem, assim, entendidas na pré-história e muito menos que a nossa percepção do espaço seja relativamente a mesma.

Neste sentido, quando é que um recinto é um recinto?

A nossa percepção do conceito de recinto passa por concepções que a diferentes níveis (escalas de análise) se vão relacionando num espaço, mais ou menos delimitado (Whittle, 2006).

Numa primeira fase observamos o monumento – dólmen, alinhamento, cromeleque (no sentido da expressão inglesa) – que em si já é um recinto. Neste espaço, normalmente bem circunscrito, desenvolve-se um conjunto de acções, sendo-lhe atribuído uma função que a nós nos parece bem específica, mesmo que, em certa medida, a desconheçamos concretamente. Posteriormente a nossa percepção sobre a realidade leva-nos a relacionar essas estruturas com outras estruturas semelhantes existentes nas suas proximidades, podendo, ou não, conforme o nosso conceito de vizinhança, formar um grupo e por isso mesmo um novo recinto a ser analisado. São aquilo que nós designamos por agrupamentos.

Quando observamos um menir isolado ou mesmo um dólmen ele é sempre encarado como uma ilha, restringindo o limite máximo do nosso conceito de recinto à própria estrutura. No entanto, este parece-nos ser o caminho errado.

Um menir (apresentando um exemplo concreto), aparentemente afastado dos seus pares, pode não estar isolado, mas fazer parte de uma rede de conexões mais ampla; ser um elemento fundamental, intencionalmente implantado num local, num jogo propositado de organização do espaço, interconectado com todos os outros espaços de habitat, no sentido da expressão de Ingold (2000). O conhecimento que estas comunidades, descendentes de caçadoras-recolectores, teriam do seu entorno – e segundo comparações etnográficas tão bem apresentadas na obra “Em busca do passado” de Lewis Binford (1983b), ainda que referentes a comunidades não sedentárias – revelam que a relação que mantinham com o espaço estaria ligada a conceitos tão preciosos como segurança e sobrevivência, não sendo de descartar a hipótese de um ambiente organizado em torno de elementos que, mesmo que não necessariamente relacionados com estes motivos, se salientam na paisagem e se tornam sinais de uma composição mais extensa. Convirá, por esta mesma razão, olhá-los com um certo sentido crítico de relação com o sistema de ocupação que os rodeia.

O processo de domesticação da paisagem, como lhe preferiu chamar Ian Hodder (1990), evidente na construção de estruturas artificiais é revelador de uma nova mentalidade, que se inicia em associação com os primeiros passos de uma economia produtora.

A forma como o homem capta esse espaço, organizando-o, materializa-se nas suas acções. Qualquer alteração no pensamento será reflectida em novas acções, que por sua vez serão estruturantes do sistema conceptual que as produz (Bourdieu, 1992).

Isto pressupõe que qualquer ambiente construído obedeça a um conjunto de normas específicas que permitam traduzir esse jogo de significados.

Parece claro que as sociedades pré-históricas escolhiam concretamente os locais de implantação das suas estruturas e, em alguns casos, parece ter sido feita em função de práticas preexistentes, tal como se observa em Dombate (Bello, D. s/d), no Monumento 6 do Couto da Espanhola (Idanha-a-Nova) (Cardoso et al. 1995) ou mesmo em Stonehenge (Cleal et al. 1995).

Estes monumentos são característicos por apresentarem referências a atos de práticas semelhantes que foram substituídos por estruturas mais duráveis, de maiores dimensões ou estruturadas segundo as inovações decorrentes da época em questão.

O primeiro revela a construção de um monumento megalítico, exactamente no espaço onde existia um monumento anterior, mas muito mais pequeno. O dólmen mais antigo não foi destruído no sentido de dar lugar ao outro, mas integrado na construção do mais recente, fazendo parte da mamoa. Houve uma preocupação de estruturar o dólmen de Dombate no mesmo espaço onde o outro se localizava, mas respeitando as estruturas dos seus antecessores. Este exemplo demonstra bem a importância que determinados espaços possuem. O conceito simbólico anterior foi absorvido pelo novo sistema geracional, isto é, pelas novas práticas ou necessidades em construir o monumento maior.

Numa situação relativamente diferente observa-se a Anta 6 do Couto da Espanhola. Esta estrutura mostra claramente a existência de duas fases construtivas, onde uma câmara ovóide, de esteios relativamente curtos (menos de 1 m de altura), foi substituída por uma estrutura cistóide. A reutilização desenvolveu-se na colina tumular, não tendo interferido directamente com o monumento anterior. Houve um reaproveitamento de um local ritual para a construção de uma nova sepultura.

As descobertas de estruturas mesolíticas junto ao monumento de

Stonehenge, ainda que com reservas, poderão relacionar-se com a sua posterior construção (Cleal et al. 1995). Mesmo que neste caso seja necessário o desenvolvimento da investigação para estabelecer uma maior seriedade na associação, o facto é que são vários os elementos que apontam para estruturas de madeira que posteriormente desencadeariam a construção de estruturas pétreas, num sentido de reestruturação de um espaço conceptualmente traçado (Le Roux, 1999). A possibilidade das estruturas de pedra corresponderem a reformulações de conceitos aplicados a construções de madeira começa a ser, cada vez mais, equacionadas no seio da arqueologia, onde, sobretudo os menires e os postes de madeira, estão a ser encarados como dois elementos distintos, mas que poderão estar agregados à mesma função conceptual (Briard e Fediaevsky, 1987: 62-65; Le Roux et al. 1989; Giot et al. 1998; Bradley, R. 2002: 97; Calado, M. 2006: 140-150). Um exemplo concreto deste sistema foi observado no alinhamento de Saint-Just, na Bretanha (Briard e Fediaevsky, 1987: 62-65; Le Roux et al. 1989). As escavações em área permitiram verificar, para além dos menires, um conjunto de postes de madeira que perfilavam e compunham o monumento, não restando dúvidas na existência dessa associação (Briard e Fediaevsky, 1987: 62-65; Le Roux et al. 1989: 5- 29; Le Roux, 1999: 215). O mesmo se terá passado num alinhamento em Aosta, na Itália, onde a estrutura de postes terá possivelmente condicionado a orientação do alinhamento de monólitos (Mezzena, 1998, ref. Calado, M. 2006: 146).

Também tem sido referido, salvaguardando outras hipóteses, que as estruturas dos recintos em ferradura da Bretanha e do sul de Portugal se poderão comparar às estruturas percíveis dos concheiros (Calado, M. 2006: 143). O mesmo tem sido mencionado para as longhouses do Norte da Europa, sobretudo da Irlanda, Inglaterra e Norte da França, onde as formas dos monumentos dolménicos e as grandes mamoas parecem ter, numa primeira fase, a mesma configuração que estas estruturas, tendo mesmo, em alguns casos, substituído a concepção original (Bradley, 2001).

Estas associações também têm sido colocadas para os afloramentos naturais, em que se sugere que, estes elementos teriam uma grande carga simbólico-monumental que, normalmente, presentes nos espaços de habitat mais antigos teriam sido transferidos para o espaço dos mortos. Uma grande parte dos povoados que se conhecem apresenta uma relação expressa com estas estruturas paisagísticas, alguns deles muito sugestivos, com aparências muito idênticas aos designados menires e às construções pétreas

funerárias. À semelhança do que consideramos para os megalíticos marcam um espaço facilmente visível; tais estações como é o caso do Prazo (Foz Côa) (Rodrigues, S. 2000: 149-180), Buraco da Pala (Mirandela) (Sanches, M. 1995b; 1997), Paicão (Évora), Murteiras (Évora), Atalhos (Redondo) (Calado, M. 2006) ou Jogada (Abrantes) só para mencionar alguns, ou ainda outros pequenos abrigos da Beira Alta, como Abrigo 1 do Penedo do Com, Complexo 1 do Penedo da Penha ou o Buraco da Moura de S. Romão (Gomes, L. e Carvalho, P. 1993: 29-49; Senna Martinez, 1989), que poderão estar associados a práticas rituais, como é ainda o caso do Monumento 5 da Jogada (Abrantes) (Cruz, 2003; 2004) e que revelam factores que poderão ser tidos em conta na defesa desta ideia. Esta discussão, bastante pertinente, sobre a simbologia de alguns penedos naturais e os conceitos de monumentalidade tem sido considerada como tendo tido origem provável em tempos mais remotos (Cummings, 2002: 106-107; Calado, M. 2006: 165), ainda que alguns autores considerem que “o carácter mais inovador dos menires e, de certa forma, também dos outros tipos de monumentos, ... [fosse] ... o facto de serem inequivocamente obra humana e de traduzirem um esforço colectivo extraordinário” (Calado, M. 2006: 166). Um dos factores de implantação também parece ter sido associado à presença de afloramentos nas proximidades, tal como se observa a norte, na Bacia da Arda ou no núcleo megalítico do Baixo Vouga, na Serra do Arestal Silva, F. 1999:526) ou ainda a sul na área de Pavia, em Mora (Rocha, L. 1999: 422).

Ainda que não possamos afirmar com segurança, estes exemplos começam a apontar novas opções na compreensão do fenómeno do megalitismo, evidenciando diferentes soluções de reestruturação arquitectónica numa continuação das práticas dos seus antepassados.

A sobreposição de atos numa perpetuação das práticas não é, assim, tão fora do comum. Já durante o Paleolítico Superior e mesmo no Holocénico, a arte rupestre (seja ela em gruta ou ao ar livre) revela sobreposições temporais de gravuras (Seglie, D. et al. 2001). Veja-se por exemplo o caso da rocha nº 3, de Penascosa, em Foz Côa, onde pelo menos se observam 5 fases distintas (Zilhão, J. (coord.) 1997: 381). O reaproveitamento do mesmo espaço numa longa continuação das práticas é também observável em Alqueva, com o grupo do Molino Manzanarez (Cerrato e Novillo, 2000), ou em Lascaux (Leroi-Gourhan, 1962; Delluc e Delluc, 1990), Chauvet (Clottes et al. 1999; Clottes, 2000) e Valcamónica (Anati, 1990). À semelhança do que se observa na arte, “a acumulação de novos monumentos megalíticos terá funcionado no

contexto de uma monumentalização consciente das paisagens” (Calado, M. 2006: 151), jogando harmoniosamente com as estruturas existentes, traduzindo no que Bradley designou de “paisagens de memórias” (2001).

Aparentemente a monumentalização e a durabilidade transformavam-nos em ícones de longevidade e identidade, construídos para constituírem uma herança cultural para as futuras gerações (Miller, D. 1998: 410). Não é só pressuposto que estes monumentos ocupem um espaço e sirvam certas funções, mas também, que persistam nesse mesmo lugar durante um período longo no tempo. Esse interesse é evidenciado no esforço e no material utilizado na construção, muitas vezes originário de áreas longínquas e exigindo grande destreza e coesão social (Bradley, R. 2001).

São ainda desconhecidas as inequívocas conexões entre estes monumentos e os locais de habitat. As prospecções desenvolvidas nestes últimos anos apontam para uma série de elementos no estudo do Neolítico Antigo, ainda que esparsos, mas os dados referentes ao Neolítico Médio são ainda pouco visíveis no registo arqueológico. Entre estas duas fases e durante o tempo de uso destes monumentos têm-se observado sinais evidentes de diferentes velocidades de transformação cultural, sendo este comportamento relativamente comum a múltiplas comunidades. É o princípio individual de cada sociedade que importa perceber, que parece estar relacionado com uma estrutura mental e simbólica, visto abranger sociedades distintas em termos económicos, tecnológicos e artefactuais (Diniz, M. 2000).

O núcleo de Rego da Murta parece ser um bom exemplo de um conjunto sepulcral (antas) em associação com outros elementos rituais (menires), onde, ao longo do tempo, o espaço foi adquirindo novos significados pela adição e alteração de elementos, visível nos menires I e II (Figueiredo, 2007; Figueiredo, 2013b).

Tem sido defendido na antropologia que a conceptualização de que um espaço encarado como um ambiente construído, resulta do produto de uma atividade sempre ordenada (Rapoport, A. 1998: 460), considerando que “uma cena compreende um meio com um sistema de atividades que se desenvolvem, onde o meio e as atividades estão ligadas por regras como o que é apropriado e esperado numa cena” (idem, 1998: 462) e que podem variar com a cultura da sociedade que desenvolve esse cenário. No entanto, não é só a cultura que se relaciona nesta organização, mas também o espaço, em termos de proximidade; o tempo, no que respeita à ordem sequencial em que se desenvolvem as atividades; e a centralidade, que no dizer do autor

corresponde “às regras que são aplicadas, quem está incluído ou excluído, e por aqui fora” (ibidem, 1998: 462). Por esta ordem de ideias, o homem tende a perceber o que o rodeia e a organizá-lo mentalmente (Bradley, 1993; Ingold 2000), estabelecendo regras de ocupação e interação com a paisagem e com as suas próprias construções e atividades. O polimorfismo (Jorge, V. 2000: 316) observado nas construções destes túmulos, no nosso território e mesmo no seu conjunto europeu, é muito reduzido se o compararmos com a quantidade de grupos sociais distintos que assimilaram esta prática.

O significado de tais atos teria sido facilmente integrado nestas comunidades e repercutido em ações devidamente planeadas (Primitiva Bueno 2000: 310). Esta ilação vai de encontro ao pensamento que se tem vindo a consolidar no estudo deste fenómeno, em que se defende, que estas áreas, seriam zonas de intensa atividade (Hodder, I. 1999), ainda que, no caso dos dólmenes, interditas ao seu interior.

Algumas apresentam átrios que se constituem em “espaços de religiosidade externa para serem vistos... [numa]... espécie de teatro de encenações rituais” (Jorge, V. 2000: 313) e não só destinados a acolher os mortos, no sentido de descartar o corpo, inicialmente defendido pelas primeiras aproximações teóricas. Não devem, por isso, ser consideradas como zonas inertes e temporais, vividas só pela sociedade sua construtora e em determinadas alturas, mas para serem entendidas, reconhecidas e respeitadas por um sistema social global, composto por todas as comunidades que com eles contacta e os integra, como já mencionamos, fazendo parte de uma complexa rede de conceitos simbólicos que se extrapolavam para além dos atos que ali ocorriam.

Desta forma, são espaços abertos através dos quais o Homem criaria laços e firmava acordos sociais e também são marcos e símbolos de comunidades que pretendem ter um papel ativo na paisagem e na relação com o outro. O tipo de implantação que os caracteriza e a relação que teriam com a sociedade, transformava-os em bens materiais usados para impor ordem e estabelecer limites, não só num sentido de fronteiras territoriais, mas essencialmente de cariz social e simbólico, explicada por uma sociedade composta por diferentes grupos em ascensão, onde, à semelhança com a cultura clássica grega, a ordem permitiria a liberdade³.

3 O sistema mental aqui explícito é associado à lei clássica grega, onde a polis (conjunto das estruturas da sociedade) impunha a própria polis, no sentido de que era o comportamento social organizado que determinava a liberdade individual de cada elemento da polis e da sociedade em si.

Numa espécie de, quase, de pacto de paz entre as comunidades, materializando o fim da instabilidade que até ali viviam, mas firmando, também a sua posição numa sociedade competitiva.

Neste jogo salientam-se três estruturas: o simbólico, o económico e o social, que se conjugam num sistema em que o ponto fulcral se dá na relação do Homem com o outro Homem e com o espaço que ocupa.

O esforço empreendido por estes grupos na construção destes elementos estaria intimamente relacionado com o impacto, a ideia e o simbolismo que pretendiam passar.

Estas estruturas seriam, assim, o meio de fazer chegar a mensagem, não só ao além, se as quisermos entender como símbolos transcendentais, mas à própria sociedade. Os instrumentos artefactuais de mais valia (ou com função simbólica específica) seriam depositados nestes locais, fortalecendo a representação das estruturas intencionadas e sem os quais, tal como advogou Richard Bradley, em *The Passage of Arms* (1990), em alguns casos, não poderiam ser desenvolvidas ou alcançadas. O ato da deposição seria, provavelmente, idêntico a outro tipo de concepções, como é o caso da arte, no sentido em que consistiria na concretização de pensamentos partilhados pela comunidade e entendidos pelos grupos vizinhos.

Uma espécie de linguagem clara de uso corrente e com conceitos simbólicos e práticos bem perceptíveis, que seriam partilhados por todos. Tal como refere Colin Renfrew “os monumentos são construídos para lembrar. São frequentemente memoriais... Às vezes realmente eles são os meios pelos quais a memória é preservada que de outra forma seria esquecida” (1998: 5) Esta conexão é também relevante pelo fato de os podermos associar a sinais ou a marcas simbólicas na paisagem; daí muitos autores correlacionarem a presença destes monumentos com áreas centrais de passagem ou limites territoriais (Guijarro, J. 2000).

Ao construírem estas estruturas estavam a construir as próprias instituições em que se integravam, expressando o compromisso por uma ligação ritual com o mundo dos antepassados (Bradley, 2001), pela deposição dos mortos e por uma demonstração hereditária com as futuras gerações, evidenciada pela continuação destas mesmas práticas e na construção de estruturas duráveis.

A observação do mapa paisagístico, atendendo às análises pólinicas, carpológicas, antracológicas e ocupação do solo, permite compreender que os monumentos megalíticos ocupam zonas preferenciais de utilização

económica mista, sem que se possa afirmar a existência de uma área de exploração de eleição, e sem que haja uma relação directa com o tipo de substrato geológico. Esta associação, já debatida, por uma expressa implantação estruturada ao longo de zonas de melhor passagem é congruente com a importância de um interesse económico de carácter misto e, sobretudo, de controlo de um território altamente integrado em redes de intercâmbio com as regiões vizinhas, que a elas acediam usando essencialmente as grandes vias fluviais, como o Tejo, Zêzere e o Nabão. Esta situação multi-utilitária da paisagem tem sido observada desde as últimas comunidades mesolíticas (Cruz, A. 2006) e aparenta ser bem visível ao longo de todo o Tejo, incluindo na Estremadura espanhola, onde se observa o mesmo tipo de registo para a ocupação megalítica (Bueno Ramizez, P. 2000: 42).

A grande diversidade de artefactos registados na Anta I e II de Rego Murta, bem como o uso de diferentes tipos de matérias-primas (bem observado na presença dos distintos tipos de sílex) é sinónimo de uma elevada influência transregional. Por exemplo e para referir um caso simples e talvez mais evidente, a exuberante variedade de pontas de setas registadas em ambos os monumentos e a observação dessa mesma dissimilitude intermonumentos, correspondendo, na última fase de ocupação, a períodos muito semelhantes, revelam, por si só, a existência de uma imbricada conexão de trocas, que aparentemente poderiam obedecer a modas regionais e como tal, em períodos muito curtos, variar no tipo de artefactos selecionados para integrar as deposições, o mesmo é notório nos diferentes tipos de material com que foram construídos os artefactos de adorno (Apêndice VII, CD anexo).

Sobre a questão das “indústrias macrolíticas do pós-glaciar”, como lhe preferiu chamar Ana Rosa Cruz (1997); Luíz Oosterbeek propõe um modelo em que considera que, o processo de neolitização do vale do Tejo terá sido desencadeado por uma contribuição significativa de influências vindas do interior da Península Ibérica que, atravessando o Alto Alentejo, desencadeou diversos acampamentos característicos pela presença dos macrolíticos e terá estado na génese do Megalitismo (1994).

Apesar deste postulado nos merecer alguma concordância, sobretudo no que diz respeito ao processo de influência pelas duas vias propostas: uma vinda do litoral, caracterizada possivelmente pela absorção da cerâmica cardial por parte destas populações e outra do interior, sobretudo observável pelas conexões com a presença dos macrolíticos a sul, no Alto Alentejo (Silva, C. 1987: 90) e em épocas posteriores pelas grandes analogias artefac-

tuais e morfológicas dos monumentos megalíticos de Rego da Murta, com a zona da Estremadura espanhola, consideramos que nos faltam dados que nos permitam avançar com o postulado de serem estas as determinantes para a origem das primeiras estruturas arquitetónicas.

Na realidade, somos defensores de uma perspetiva mais liberal e independente, em parte já referida nos capítulos anteriores. A palavra absorção, de que falo no parágrafo anterior, não é inocente, pois não nos parece, pelo registo arqueológico observado, que estejamos na presença de novas comunidades, distintas das autóctones que habitavam estes locais. Estas possuíam desde o Paleolítico o mesmo tipo de tecnologia de uso dos quartzitos e este vai ser comum a quase todas as estações de habitat, pelo menos até à Idade do Bronze e facilmente verificáveis na zona do Nabão (zona normalmente atribuída às grutas) e na zona do Zêzere. Este elemento, apesar de ser baseado num aspecto tecnológico, parece-nos fundamental para a defesa da continuidade da mesma comunidade. A gruta do Caldeirão, onde se registou cerâmica cardial (Zilhão, 1985), bem como o possível povoado de Santa Margarida da Coutada, localizado na margem sul do Tejo (Constância), onde também se recolheu cerâmica do mesmo tipo (Baptista, 2004: 91) apresentam em associação vestígios de artefactos macrolíticos (idem, 2004: 89).

Outra verificação é que a dicotomia zona de grutas e zona dos megalíticos na realidade não existe, somente é condicionada, nas zonas calcárias, pela presença e utilização destas por parte das comunidades que viviam nas suas proximidades. Recentemente foram descobertos vestígios osteológicos de possíveis enterramentos associados a um conjunto artefactual relativamente semelhante no Algar da Água (Figueiredo, 2019), incluindo com a presença de macrolitos nos níveis mais recentes da pré-história. A importância do núcleo de Rego da Murta revela-se, essencialmente, neste ponto, visto observarmos os mesmos tipos de materiais (macrolíticos) associados a artefactos exógenos, que naturalmente variam pelo desfasamento temporal das deposições registadas e pelas modas (como temos defendido) que existiam à época desses actos.

Essas mesmas diferenças registam-se muito claramente no interior do próprio núcleo, entre a Anta I e a Anta II do Rego da Murta e não nos parece de todo ser fruto de povos culturalmente distintos, no sentido de se estruturarem de forma independente das comunidades vizinhas. Esta situação é até bem visível, como foi referido, entre os diferentes ossários depositados

em intervalos de tempo relativamente curtos na Anta II de Rego da Murta.

O termo hipersociedade globalizada, de que mencionei, pretende exprimir a ideia da existência de uma diversidade de grupos que partilham os mesmos conceitos, ainda que lhes introduzam pequenas alterações próprias do pensamento ideológico e da vontade de cada um, mas que, no entanto, pertencem efetivamente a um mesmo sistema social, provavelmente com origens do Paleolítico. A adoção do megalitismo por parte de uma tão vasta comunidade espacial bem como, posteriormente, o processo de construção de estruturas, muros, contrafortes ou fortificações (conforme as teorias apontadas para as zonas de habitat ou dos lugares monumentalizados do Calcolítico final) mais direcionadas para o mundo dos vivos ou as alterações nas estruturas dos mortos revelam esse mesmo pressuposto e a adoção das modas mais evidentes em determinadas alturas. Cabe a cada grupo optar, transformá-la com forme a sua vontade e reproduzi-la na altura em que entender.

Acreditamos que muitos dos conceitos, com que eles se relacionavam, teriam conotações simbólicas muito fortes, pois só assim se explica a expansão do fenómeno do megalitismo ou até mesmo da arte. Concordamos com Primitiva Bueno e Balbín Berhmann quando se referem, no caso da arte, à presença de um código comum nas representações gráficas dos monumentos, fossem elas expostas em dólmenes, menires, grutas, abrigos ou ao ar livre (2002: 605). Estes locais seriam, assim, espaços codificados transmissores de mensagens reconhecidas por esta sociedade globalizada.

A interpretação do território que engloba o núcleo de Rego da Murta, onde se integram os menires e outras zonas de ocupação atípicas, enquadra-se numa perspetiva de conjunto com as antas, que também dele fazem parte, perfazendo um espaço de cariz ritual. Mesmo que se considerem diferentes alturas na construção dos diferentes monumentos, eles assumem um espaço interrelacional, onde qualquer construção posterior atenderia aos elementos existentes nessa mesma área, numa espécie de reforço ou de adoção de novos significados aos preexistentes.

Os diferentes contatos que se faziam entre os grupos populacionais permitiam a partilha de ideias e práticas, transformando o megalitismo em algo comum a sociedades muito distintas. Neste sentido, ainda que a maior parte das sociedades se pudessem encontrar a caminho de uma atividade produtiva, não nos parece ter sido esta a chave que responde ao problema

da emergência do megalitismo.

É já evidente a defesa de que o fenómeno do megalitismo é relativamente comum a diferentes sociedades económicas e que a adoção de um sistema económico parece ser muito confuso, como refere Richard Bradley (2005); casos há em que se observa uma regressão económica, (como é apontado para o centro e sul da Suécia), em que sociedades aparentemente agricultoras desencadeariam, no neolítico médio, sistemas de caça, recolção e pesca (idem, 2005: 123-124). Estas sociedades “subneolíticas” como lhe preferiu chamar o autor (ibidem, 2005: 124) revelam a dinâmica e em parte a instabilidade da adoção do sistema económico agrícola.

Na análise da problemática da origem do megalitismo, alguns investigadores referem a grande associação que parece existir entre as estruturas do mesolítico e a construção dos grandes monumentos em pedra (Bradley, 2005; Calado, 2006). Nesta perspetiva o fenómeno do megalitismo não aparece como um momento de mudança abrupto, mas associado a um conjunto de transformações que já se vinham a verificar e que, numa sociedade em contato permanente, eclodiu num sistema comum, mesmo que somente com pequenos períodos de atividade, à quase maioria dos grupos que habitavam o Ocidente Europeu. A perspetiva estanque dos períodos cronológicos tem sido contrariada nas últimas décadas, (Thomas, 1991a; Bradley 2005), no entanto o fenómeno do megalitismo tem sido efetivamente considerado como um sinal do “corte radical” (Bradley, 1993a: 17) entre as populações com um sistema económico essencialmente de caça-recolção e as que avançavam na produção. Estas estruturas revelam-se quando se dá a verdadeira mudança da perceção do espaço (Bradley, 1993a; Ingold, 1996), onde seguindo a linha de Julian Thomas e Ian Hodder, se assiste a uma valorização do doméstico face ao selvagem (Hodder, 1990; Thomas, 1991a). Neste sentido, “mudando as suas atitudes para com a natureza e o selvagem” (Bradley, 1993: 17) o homem desenvolve novas competências e estrutura-se num sentido do desenvolvimento de uma domesticação do espaço (Hodder 1990; Thomas, 1991; Bradley, 1993; Tiley, 1996; Jorge, 1999; Gomes, 2000) da sociedade e do próprio morto (Diniz, 2000: 113 e 115). Segundo Richard Bradley é a alteração das concepções do tempo, sobretudo criadas em torno da agricultura, que vai “reflectir alterações noutras esferas, e, em particular, nas atitudes perante a morte” (2005: 204). Assim, o estudo da microregião do Alto Ribatejo e sobretudo do núcleo de Rego da Murta

aponta para a existência de sociedades autóctones, imbricadas em sistemas sociais de cooperação, de tradição, pelo menos, desde o Mesolítico, e que em contato, não necessariamente com povos alógenos à região, vão adoptando novos artefactos e ideias, que se vão transformando, elas mesmas, em novos actos de acordo com as proposições próprias de cada sociedade e com outras influências que lhes chegam.

A adoção, destes elementos, torna-as “membros” de uma sociedade muito mais ampla, que congrega todos estes pequenos grupos e que, desta forma, vivem numa dinâmica de poder social.

Finalizando, cabe-nos dizer, que o Homem como ser complexo envolve diferentes aspetos na construção do seu cosmos que têm de ser tecidos num painel mais extenso, difícil de absorver quando analisado. Os seus atos são o retrato das inúmeras variáveis e percepções que individualmente, e depois, num patamar genérico em grupo, assume ao exterior. A nós arqueólogos, olhando para um Homem passado, cabe-nos cumprimentá-lo e tentar conhecê-lo.

BIBLIOGRAFIA

- AA.VV., (2002) - Monitoring of European Drainage Basins, final report. Consorzio per lo sviluppo economico e sociale del Polesine, Rovigo
- Acosta, P. (1967) - Representaciones de ídolos en la pintura rupestre esquemática española. Trabajos de Prehistoria del Sem. de Hist.Primitiva del Hombre de la Univ de Madrid, 24, Madrid
- Acosta, P., Cruz-Auñón, R. (1981) - Los enterramientos de las fases iniciales en la "Cultura de Almería", Habis, 12, Sevilla, pp. 275-360
- Aires-Barros, L. (1991) – A Visão Holista da Preservação do Património Cultural. Alteração e Alterabilidade de Rochas, Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica
- Akoun, A. (1983) (dir.) – Dicionário de Antropologia, Lisboa, Editorial Verbo
- Alarcão, J. (1990) (coord.) – Portugal – das origens à romanização, Nova História de Portugal, vol. I, Lisboa, Editorial Presença
- Alarcão, J. (1996) – Para uma conciliação das arqueologias, Edições Afrontamento, Porto
- Allan, J. C. (1965) – A Mineração em Portugal na Antiguidade, Boletim de Minas, vol. 2, nº3, pp.137-175
- Allué Martí, E. (2000) – Pollen and Charcoal Analyses from the Archaeological sites of the Alto Ribatejo (Portugal), ARKEOS 9, Territórios e Mobilidade no Alto Ribatejo, indústrias e ambientes, Tomar, pp. 37-57
- Almagro, M. (1970) – Las fechas del C14 para la Prehistoria y la Arqueología Peninsular, Trabajos de Prehistoria, 27, Madrid, pp. 9-43
- Almagro, M., Arribas, A. (1963) – El poblado y la necrópolis megalíticas de los Millares, Bibliotheca Praehistorica Hispana, 3, Madrid
- Almeida, C. A. B. (1979) – O menhir de S. Paio de Antas (Esposende). Antas-Esposende: Associação Recreativa e Cultural de Antas-ARCA.
- Almeida, F., Veiga Ferreira, O. (1958) – Antiguidades do concelho de Torres Novas – II parte, GVIMARÃES, 31, pp. 214-217
- Almeida, F., Veiga Ferreira, O. (1959 a) – Antiguidades do concelho de Torres Novas – Estação Pré-Histórica das Lapas, Separata da Revista GVIMARÃES, nº 69, 3 lã., pp. 501-510
- Almeida, F., Veiga Ferreira, O. (1959 b) – Os vasos de boca elíptica do Museu de Torres Novas, 1º Congresso Nacional de Arqueologia, Lisboa
- Almeida, F.; Veiga Ferreira, O. (1971) – Um monumento pré-histórico na Granja de S. Pedro (Idanha-a-Velha), Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia, 1. pp. 163-168
- Alonso, N. (1997) – Agricultura a la Plana Occidental catalana durant la protohistoria. Tesis Doctoral. Universitat de Lleida
- Alves, P. e F. M. (1934) – Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança. Porto, Tomo IX.
- Alvim, P. (1996-97) – Sobre alguns vestígios de paleoastronomia no cromeleque dos

Almendres. A Cidade de Évora. Évora: C.M. Évora, II-2, pp. 5-23.

Amaral, P. (1996) – [Introdução à Quimiometria](#), Faculdade de Ciências e Tecnologia, UNL

Anastacio R., Cruz A., Oosterbeek L., Pizziolo G., Rodrigues A., Rosina P., Santos L., Santucci L. (2001) – Applicazioni GIS per la valorizzazione dei bacini fluviali: lo studio della valle dello Zezere (Portogallo) nel progetto Ecos Ouverture. Comunicação apresentada no Workshop “GIS per la tutela e valorizzazione dei beni ambientali e storico-culturali”, Firenze 24/05/2001

Anastácio R., Oosterbeek L., Piezollo G., Santos L., Rodrigues A., Rosina P. (2001) – Ecos Ouverture: A aplicação de um SIG como base de uma plataforma de análise. Comunicação apresentada ao VI Encontro de Utilizadores de Informação Geográfica 28-30 de Novembro 2001. Tagus Park, Oeiras

Anastacio, R., Cruz A., Oosterbeek, L., Pizziolo, G., Rodrigues, A., Rosina, P., Santos, L., Santucci, L. (2003) Applicazioni GIS per la valorizzazione dei bacini fluviali. Lo studio della Valle dello Zezere (Portogallo) nel progetto ECOS Ouverture- GIS applications for the evaluation of river basins: the Zezere Valley (Portugal), a case study in the project Ecos Ouverture, Geostorie, Anno 10 – nn. 1-2, pp.53, 54 (apresentação também em CD)

Antunes, M. T. (1971) – Estação paleolítica de Ramalhosa (Riachos, Torres Novas). O Arqueólogo Português, série III, vol. 5., Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcelos. Lisboa, pp. 7-35

Antunes, M. T. (1973) - Le méotien-pontien de la basse vallée du Tage (rive droite), Portugal: essai de synthèse biostratigraphique. - Lisboa: Sociedade Geológica de Portugal, - Sep. Bol. Sociedade Geológica de Portugal, vol. 18, pp. 203-217

Antunes, M.T. (1994) – A Idade do Ferro e a Romanização no Vale do Nabão – Contributo para o Estudo do Território de Sellium. Tese de Seminário do Curso de Estudos Superiores Especializados em Arte, Arqueologia e Restauro – Opção Arqueologia. Escola Superior de Tecnologia de Tomar, 2 vol.

Aquino, M. (1986) – Subsídios para o Estudo da Carta Arqueológica do Concelho de Alvaiázere, Instituto de Arqueologia de Coimbra, Coimbra – transcrita na base de dados ARQSOFIT

Aranyosi, E. F. (1999) – Wasteful Advertising and Variance Reduction: Darwinian Models for the Significance of Nonutilitarian Architecture. Journal of Anthropological Archaeology 18: 356-375.

Araujo, A. C., Lejeune, M. (1995) - Gruta do Escoural: Necrópole Neolítica e Arte Rupestre Paleolítica. Lisboa: IPPAR

Arnaud, J. M. (1977) – O Megalitismo em Portugal problemas e perspectivas, Actas das III Jornadas Arqueológicas, vol. I, Lisboa, pp. 97-112

Arnaud, J. M. (1982) – Néolithique Ancien et processus de néolithisation dans le sud du Portugal. Archéologie en Languedoc. Actes du Colloque International de Préhistoire, pp. 29-48

Arnaud, J. M. (1990) – Os concheiros mesolíticos dos Vales do Tejo e do Sado. Semelhanças e

diferenças. *Arqueologia*, 6. Porto: GEAP pp. 53-64

Arnaud, J. M. (1993) – O Mesolítico e a neolitização: balanço e perspectivas. In Carvalho, G. S.; Ferreira, A. B.; Senna-Martinez, J. C. eds. *O Quaternário em Portugal: balanços e perspectivas*. Lisboa: Colibri, pp. 173-184

Arnaud, J. M., Alves Bento, J.D. (1988) – Caracterização da Ocupação Pré-Histórica da Gruta do Casal do Papagaio (Fátima – Ourém), Algar, *Boletim da Sociedade Portuguesa Espeleológica*, nº 2, pp. 27-34

ARQSOFT (1997) – Base de dados sobre a Pré-história do Alto Ribatejo. Coordenação de Ana Rosa Cruz, Centro de Pré-História, Tomar

Arsénio, P. (1985) – A Gruta da Mendacha – Sifão, *O Morcego*, nº 3/4.

Arsénio, P. e Batata, C. (1992) – O desenvolvimento da espeleologia na Região de Tomar, *Boletim Cultural da Câmara Municipal de Tomar*, 16, pp.11-29

Aubry, T.; Fontugne, M.; Moura, M. (1997) – Les occupations de la grotte de Buraca Grande depuis le Pâleolithique supérieur et les apports de la séquence Holocène à l'étude e la transition Mésolithique/Néolithique au Portugal. *Bulletin de la Société Préhistorique Française*. Paris, 94,2, pp.182-190

Bagby, P. (1959) – *Culture and History : Prolegomena to the Comparative Study of Civilizations*, University of California press.

Bagolini, B. (1970) – *Ricerca tipologica sul gruppo dei foliati nelle industrie di età olocénica della Valle Padana*, *Annali dell'Università di Ferrara*, 1, ferrara, pp. 221-254

Baptista, A. (1995) – Breve Síntese sobre as Estações do Concelho de Abrantes, *TECHNE*, 1, *Revista da Arqueojovem*, Tomar, pp. 60-63

Baptista, A. (2004) – Carta Arqueológica do Concelho de Constância, Escora – Associação de Jovens para a Preservação Cultural e Arqueológica de Montalvo, Constância

Baptista, A. M. (2001) – *Ocreza (Envendos, Mação, Portugal Central): um novo sítio com arte paleolítica de ar livre*, *ARKEOS* 11, *Territórios, Mobilidade e Povoamento no Alto Ribatejo II – Santa Cita e o Quaternário da Região*, Tomar, pp.163-192

Baptista, A. M., Gomes, M. V., Marques, F. S. L. T., Martins, M., Monteiro, J. P., Raposo, L. F., Serrão, V. M., Silva, A. C., Querol, M. L. A., Serrão, E. C. (1974) – O Complexo de Arte Rupestre do Tejo, processos de levantamento. *Actas do III Congresso Nacional de Arqueologia*. Vila Real, pp. 293-329

Barbosa, A. D. (1971) – Mais um monumento de época megalítica assinalado em Montemor. *O Montemorense*, Ano IX, nº992, p1.

Barbosa, B. A. P. S. (1995) – *Aostratigrafia e litostratigrafia das unidades continentais de Bacia Terciária do Tejo*, Tese de doutoramento Faculdade Ciências da Universidade, Lisboa

Barker, P. (1982) – *Techniques of Archaeological Excavation*, Batsford, Londres, 2ª edição

Barker, P. (1986) - *Understanding Archaeological Excavation*, London

Batata, C. (1997) – As origens de Tomar, Carta Arqueológica do Concelho, Centro de Estudos e Protecção do Património da Região de Tomar, Tomar, pp.154-155

Batata, C.; Gaspar, F; Batista, A. (1997) – O ineditismo do 1º milénio a.C. da bacia hidrográfica do rio Zêzere no contexto da arqueologia proto-histórica nacional, in Actas do II Congresso de Arqueologia Peninsular, T.III, Zamora: Fundación Rey Afonso Henriques. pp. 25-35

Batista, A; Gaspar, F. (2013) – Dados arqueológicos inéditos a norte do concelho de Abrantes. Revista Antrope, nº0, Dezembro de 2013, Registo Centro Nacional ISSN:2183-1386, editada pelo Centro de Pré-História do Instituto Politécnico de Tomar. http://www.cph.ipt.pt/download/AntropeDownload/ANTROPE%200/revista_antrope_N0.pdf

Baudrillard, J. (1991) - Simulacros e Simulação, Porto, Relógio de Água

Bello Diéguez, J. (1994) – Grabados, Pinturas e Ídolos en Dombate (Cabana, La Coruña). Grupo de Viseu o Grupo Noroccidental? Aspectos taxonómicos y cronológicos, Actas do Seminário “O Megalitismo no Centro de Portugal” (Mangualde, Nov. 1992), Viseu, pp. 287-304

Bello Diéguez, J. (s/d) – Aproximación al monumento megalítico de Dombate, Revista Electrónica Galega de Arqueoloxía, Asociación Profesional de Arqueólogos de Galicia, nº1 <http://www.geocities.com/RainForest/1185/investig.htm>

Beneteau, G. (2000) – Les alignements de menhirs du Sud de la Vendée. Toulouse: Éditions Anthropologica.

Berducou, M.C. (1990) - La Conservation en Archéologie, Masson, Paris

Bernardes, J.P.(1985)–Subsídios para o Levantamento Arqueológico do Concelho de Vila Nova de Ourém. Trabalho realizado no âmbito da cadeira de Técnicas de Investigação Arqueológica, FLUC Coimbra, (dactilografado – BMO)

Berry, M. J. A., Gordon L. (2000) - Mastering data mining: the art and science of customer relationship management, New York

Bessa, M. R. T. (1986) – A carta dos solos de Portugal: passado, presente e futuro. Seminário sobre Cartografia, Cadastro e Emparcelamento. Lisboa

Bicho, N. (1994) – The end of the Palaeolithic and the Mesolithic in Portugal. Current Anthropology. Chicago, 35,5, pp. 664-674

Bicho, N. (1997) – A Escavação de emergência do sítio Paleolítico de Santa Cita/Tomar. Em Busca do Passado 1994/1997, JAE, Lisboa, pp. 10-29

Bicho, N., Ferring, C. R. (2001) – O Sítio Arqueológico de Santa Cita, Tomar: As intervenções arqueológicas de 1990 a 1997, ARKEOS 11, Territórios, Mobilidade e Povoamento no Alto Ribatejo II – Santa Cita e o Quaternário da Região, Tomar, pp.71-88

Bicho, N.; Stiner, M.; Lindly, J.; Ferring, C.. (2003) – Debates. Muita gente poucas antas? Origens, espaços e contextos do Megalitismo. Actas do II Colóquio Internacional sobre Megalitismo. Lisboa, pp. 15-22

Binford, L. R. (1965) – Archaeological systematics and the study of cultural process, “AA”, vol.31

(2), pp. 203-210

- Binford, L. R. (1991) – Em Busca do Passado, Mem Martins, Europa-América
- Binford, S., Binford L. R. (eds) (1968) – New perspectives in Archaeology, New York
- Biosse – Duplan, G. (1963) – Recherces géologique de la région au Nord de Tomar, D.E.S., Lyon
- Blas Cortina, M. (1980) – El megalitismo de Penausén 1, Noticiário Arqueológico Hispanico, 9, Madrid, pp. 67-88
- Bordes, F. (1961) – Typologie du Paléolithique ancien et moyen. Publication de l'Institute de Préhistoire de l'Université de Bordeaux, mém. 1.
- Bordes, F. (2002) – Typologie du paléolithique ancien et moyen. Paris: CNRS Editions
- Bordes, F., Sonneville, D. (1970) - The significance of variability in paleolithic assemblages. World Archaeology, Vol.I, London: Routledge & Kegan Paul, pp 61-73
- Botón Garcia, F. (2000) – Estudos Sedimentologicos, ARKEOS 9, Territórios e Mobilidade no Alto Ribatejo, indústrias e ambientes, Tomar, pp. 83-126
- Botón Garcia, F. (2000), Estudios sedimentologicos, ARKEOS 9, pp. 83-126
- Boulaine, J. (1975) - Géographie des sols. Suplemento da Revista Le Géographe, 17, Presses Universitaires de France, pp. 192-197
- Bourdieu, P. (1992) – The logic of practice, Cambridge
- Bradley, R. (1990) – The Passage of Arms. Cambridge, Cambridge University Press
- Bradley, R. (1993a) – Altering the Earth. Edimburgh: Society of Antiquaries of Scotland. Monograph Series 8.
- Bradley, R. (1993b) - The social foundations of prehistoric Britain. Themes and variations in the archaeology of power. Longman, Londres
- Bradley, R. (1997) - Rock Art and the Prehistory of Atlantic Europe, Signing the Land, Londres, Routledge
- Braga, M. O., Seabra, A.V. (1967) – Características Físico-químicas e Tecnológicas de Argilas utilizadas na Indústria Cerâmica Nacional, Memória nº 303, Laboratório Nacional de Engenharia Civil, Ministério das Obras Públicas
- Branco, A. J. (1985) – A Gruta das Andorinhas, O Morcego, nº 3/4, Tomar
- Braucourt, J. H. (1962) - Manuel de Typologie des industries lithiques. Commission Administrative du Patrimoine de l'Institut Royal des Sciences Naturelles de Belgique. Bruxelles
- Breuil, H., Zbyszewski, G. (1942) – Contribution a l'étude des industries paléolithiques du Portugal et de leur rapports avec la géologie du Quaternaire. Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal 23, Lisboa
- Breuil, H., Zbyszewski, G. (1945) – Contribution a l'étude des industries paléolithiques du Portugal et de leur rapports avec la géologie du Quaternaire. Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal 26, Lisboa
- Breuil, H., Zbyszewski, G. (1946) – Contribution a l'étude des industries paléolithiques du

Portugal et de leur rapports avec la géologie du Quaternaire. Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal 27, Lisboa

Brézillon, M. N. (1971) - La dénomination des objets de pierre taillée: matériaux pour un vocabulaire des préhistoriens de langue française. IV suplemento à Gallia-Préhistoire. Éditions du Centre National de la Recherche Scientifique, 2ème ed. Paris

Brézillon, M (1990) - Dicionário de pré-história. Trad. Maria Gabriela de Bragança. Lisboa: Edições 70

Briard, J.; Fediiievsky, N. (1987) – Mégalithes en Bretagne. Ouest France

Brothwell, D. R. (1972) - Digging up Bones. London: Trustees of the British Museum

Bueno Ramírez, P. (2000) – El Espacio de la muerte en los grupos neolíticos y calcolíticos de la Extremadura española: Las arquitecturas megalíticas. Extremadura Arqueológica VIII, El Megalitismo en Extremadura (Homenaje a Elias Diéguez Luengo), Mérida 2000, pp. 35-80

Bueno Ramirez, P.; Balbin Behrman, R. (1996) – El papel del elemento antropomorfo en el arte megalítico ibérico. *Révue Archéologique de l'Ouest. Sup.* 8, pp. 41-64.

Bueno Ramirez, P.; Balbin Behrman, R. (2000) – Arte megalítico versus megalitismo: origen del sistema decorativo megalítico, in *Actas do I Colóquio Internacional sobre megalitismo: Muitas Antas, pouca gente*, pp.283-302

Bueno Ramirez, P.; Balbin Behrman, R. (2003) – Grafías y territorios megalíticos en Extremadura, in *Actas do II Colóquio Internacional sobre megalitismo: Muitas Antas, pouca gente*, pp.407-448

Bueno Ramirez, P.; Balbin Behrman, R.; Barroso Bermejo, R.; Aldecoa Quintana M. A.; Casado Mateos, A. (1999) – Arte megalítico en Extremadura. Los dólmenes de Alcántara, Cáceres, Espanha. *Estudos Pré-Históricos. Viseu*, 7, pp. 85-110

Bueno Ramírez, P.; Balbín Berhmann (2002) – L'Art mégalithique péninsulaire et l'Art mégalithique de la façade atlantique: un modèle de capillarité appliqué à l'Art post-paléolithique européen, *L'Anthropologie* 106, pp. 603-646

Bueno Ramírez, P.; González Cordeiro, A. (1995) – Nuevos datos para la contextualización arqueológica de las estatuas-menhir y estelas antropomorfas en Extremadura. *Actas do 1º Congresso de Arqueologia Peninsular. Trabalhos de Antropologia e Etnologia.* 35 (1), pp. 95-106

Burket, T. G. (1979) - User Aids Document Clustering with Word Frequencies, Urbana, Illinois

Burl, A. (1993) – From Carnac to Callanish. The prehistoric stone rows and avenues of Britain, Ireland and Brittany. New Haven and London: Yale University Press.

Butzer, K. W. (1989) - Arqueología: una ecología del hombre, Barcelona, Ediciones Bellaterra, S.A.

Buxo, R. (1997), *Arqueologia de las Plantas*, ed. Crítica edition. Barcelona

Buyt, S. e Oakley, V. (1993) - The Conservation and Restoration of ceramics. Butterworth-Heinemann, Oxford

Caetano, L., Luca, D. (2003) – Ambiente e Desindustrialização Mineira. Território, Ambiente e Trajetórias de Desenvolvimento. Centro de Estudos Geográficos, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra, pp. 79-116

Calado, M. (1993a) – Menires, Alinhamentos e Cromlechs - in J. Medina e V. S. Gonçalves (dir.) História de Portugal. Lisboa: Ediclube. pp. 294-301

Calado, M. (1994-1995) – Recintos ciclópicos no Alentejo Central. A Cidade de Évora. II, 1, pp. 275-285).

Calado, M. (1997a) – Vale Maria do Meio e as paisagens culturais do Neolítico Alentejano. In Sarantopoulos, P. (Ed.) – Paisagens arqueológicas a Oeste de Évora. Évora: C.M. Évora, pp. 41-51.

Calado, M. (1997b) – Cromlechs alentejanos e arte megalítica. Actas do III Colóquio Internacional de Arte Megalítico. A Coruña: Museo Arqueológico e Histórico, pp.289-297.

Calado, M. (2000a) – Neolitização e megalitismo no Alentejo Central: uma leitura espacial. Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular. Porto: Adecap, pp. 35-45.

Calado, M. (2000b) – O recinto megalítico de Vale Maria do Meio (Évora, Alentejo). Actas do I Colóquio Internacional sobre Megalitismo (Monsaraz, 1996). Lisboa: IPA, pp. 167-182.

Calado, M. (2002a) – Standing Stones and Natural Outcrops. The role of ritual monuments in the Neolithic transition of the Central Alentejo. In SCARRE, C. – Monuments and Landscape in Atlantic Europe. London: Routledge, pp. 17-35.

Calado, M. (2003) – Megalitismo, megalitismos: o conjunto neolítico do Tojal (Montemor-o-Novo). Muita gente poucas antas? Origens, espaços e contextos do Megalitismo. Actas do II Colóquio Internacional sobre Megalitismo. Lisboa: IPA, pp. 351-369.

Calado, M. (2004) – Entre o Céu e a Terra. Menires e arte rupestre no Alentejo Central. In Calado, M. (ed.) – Sinais de Pedra. I Colóquio Internacional sobre Megalitismo e Arte Rupestre. Évora: Fundação Eugénio de Almeida.

Calado, M. (2006) – Menires no Alentejo Central, GEMA, Grupo de Estudos do Megalitismo Alentejano. <http://www.crookscape.org/>, em pdf, 1º volume

Calado, M.; Bairinhas, A. (1994) – O santuário pré-histórico da Horta da Ribeira (Redondo). Actas das V Jornadas Arqueológicas. Lisboa. 2, pp. 175-178.

Calado, M.; Sarantopoulos, P. (1996) – O Cromeleque de Vale Maria do Meio (Évora, Portugal): contexto arqueológico e geográfico. Actas do I Congrès del Neolític a la Península Ibèrica. Gavà. II, pp. 493-504.

Campillo, D., Vives, E. (1987) – Manual de Antropologia Biológica para Arqueólogos. Barcelona: Col·lecció Orígens

Canelhas, M. G. S. (1973) – Estudo Radiográfico de Calaites Portuguesas. Guimarães 83, pp. 125-145

Cardoso, D. (2002) – Étude de Peintures Schématisques dès Abris du Site Pego da Rainha: Region de L'Alto Ribatejo – Portugal, D.E.A. Institut de Paleontologie Humaine, Paris.

Cardoso, D. (2003) – Pego da Rainha (Mação), ARKEOS 14, Arte Pré-Histórica – arqueologia e valorização, Tomar, pp. 59-72

Cardoso, F. (2001) - Problemas de crescimento no mesolítico português: contribuição de alguns indicadores de stress- Coimbra- Dissertação de mestrado em Evolução humana, Departamento de Antropologia da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.

Cardoso, J. L. (1995) – O povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). Resultados das escavações efectuadas (1983-1993). Actas do 1º Congresso de Arqueologia Peninsular. Trabalhos de Antropologia e etnologia, Vol. 35 (1), pp. 115-131.

Cardoso, J.L.(1994)–Leceia1983-1993:escavaçõesdopovoadofortificadopré-histórico.Oeiras Estudos Arqueológicos de Oeiras.

Cardoso, J. L. (1997) – O povoado de Leceia (Oeiras), sentinela do Tejo no terceiro milénio a.C. Oeira: Câmara Municipal de Oeiras.

Cardoso, J. L. (2003) – O povoado pré-histórico de Leceia no quadro da investigação, recuperação e valorização do património arqueológico português: síntese de vinte anos de escavações arqueológicas (1983-2002) Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras.

Cardoso, J.; Caninas, J.; Henriques, F. (2000) – Arquitectura, espólio e rituais de dois monumentos megalíticos da Beira Interior: estudo comparado, in Actas do I Colóquio Internacional sobre Megalitismo. Lisboa, pp.195-214

Cardoso, J.; Carvalhosa, A. B.; Pais, J. (2000) – Cromleque da Portela de Mogos (Concelho de Évora) - estudos geoarqueológicos e paleobotânicos. A Cidade de Évora, 4. 2ª Série. Évora: CME. pp. 35-43

Carneiro, A. L., Cleto, J., Moreira, M., Faro, S. (1987) – Novas mamoaas no concelho de Baião, Arqueologia, notícias, pp. 158-160

Caron, L.; Freitas, A. (2005) – Relatório de Escavação Arqueológica, Quinta do Paço I, II e III, Variante à E.N. 238 entre (IC3) e Proximidades de Ferreira do Zêzere. Coord. Luíz Oosterbeek, IPA, Tomar

Caron, L. (1999) – Acompanhamento Arqueológico da Construção do IC3 (troço Alviobeira-Santa Cita), Relatório, Instituto Português de Arqueologia

Carta das Regiões Naturais, Atlas de Portugal, Comissão Nacional do Ambiente. Elipsóide Internacional – Projecção Gauss 1:1000 000

Carta de Capacidade de Uso dos Solos, Atlas de Portugal, Comissão nacional do Ambiente. Elipsóide Internacional – Projecção Gauss 1:1000 000

Carta de Declives, Atlas de Portugal, Comissão nacional do Ambiente. Elipsóide Internacional – Projecção Gauss 1:1000 000

Carta de Instrumentos de Planeamento e Unidades Territoriais, Atlas de Portugal, Comissão nacional do Ambiente. Elipsóide Internacional – Projecção Gauss 1:1000 000

Carta de Nascentes Minerais, Atlas de Portugal, Comissão nacional do Ambiente. Elipsóide Internacional – Projecção Gauss 1:1000 000

Carta dos Solos, Atlas de Portugal, Comissão nacional do Ambiente. Elipsóide Internacional – Projecção Gauss 1:1000 000

Carta Geológica, Atlas de Portugal, Comissão nacional do Ambiente. Elipsóide Internacional – Projecção Gauss 1:500 000

Carta Hidrogeológica de Portugal, Atlas de Portugal, Comissão nacional do Ambiente. Elipsóide Internacional – Projecção Gauss 1:1000 000

Carta Litológica, Atlas de Portugal, Comissão nacional do Ambiente. Elipsóide Internacional – Projecção Gauss 1:1000 000

Carvalho, A. F. (1998) – Abrigo da Pena d'Água (Rexaldia, Torres Novas): resultados das campanhas de sondagem (1992-1997). Revista Portuguesa de Arqueologia, Lisboa, 1:2, pp.39-72

Carvalho, A. F. (1999) – Os sítios de Quebradas e Quinta da Torrinha (Vila Nova de Foz Côa) e o Neolítico antigo do Baixo Côa. Revista Portuguesa de Arqueologia, Lisboa, 2:1, pp. 39-70

Carvalho, A. F. (2003) – O Neolítico antigo no Arrife da Serra d'Aire. Um case-study da neolitização da média e alta Estremadura. Muita gente, poucas antas: Orígens, espaços e contextos do megalitismo. In a Actas do II Colóquio Internacional sobre megalitismo, Lisboa, pp. 135-154

Carvalho, A. F.; Zilhão, J. (1994) – O povoado neolítico do Laranjal de Cabeço das Pias (Vale da Serra, Torres Novas). In V Jornadas Arqueológicas, 2. Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa, pp. 53-68

Carvalho, A.; Cardoso, J. (2003) – A estação do Neolítico antigo de Cabranosa (Sagres). Contribuição para o estudo da neolitização do Algarve. Muita gente poucas antas? Orígens, espaços e contextos do Megalitismo. Actas do II Colóquio Internacional sobre Megalitismo. Lisboa, pp. 23-43

Carvalho, E. A. L. (1984) – Observações sobre restos de insectos encontrados no preenchimento sedimentar da Gruta do Caldeirão (Tomar-Pedreira) durante a campanha de 1982, Boletim Cultural e Informativo da C. M. de Tomar, nº 7, pp. 195-197

Carvalho, E. A. L. (1985) – Relatório sobre a fauna etimológica da Gruta do Cadaval (Quadrado G 29), Arqueologia na Região de Tomar, nº 1, 2ª lám., pp.83-88

Carvalho, G. (1968) – Contribuição para o Conhecimento Geológico da Bacia Terciária do Tejo, Memórias dos Serviços Geológicos de Portugal, 15, Lisboa

Carvalho, P. (1989) – Roteiro arqueológico do concelho de Penedono, Câmara Municipal de Penedono, Penedono

Carvalho, P., Gomes, L. (1989) – Relatório dos trabalhos realizados nos dólmens da Lameira de Cima, Penedono

Carvalho, A. (1968) – Carta Geológica de Portugal na escala de 1/50 000. Notícia explicativa da folha 44 CD, Vila Verde de Ficalho, Lisboa

- Carvalhosa, A. (1979) – Carta Geológica de Portugal, esc. 1:50.000. Nota explicativa da Folha 27 – D, Abrantes. Serviços Geológicos de Portugal, Lisboa
- Castro, L. A. (1960) – Monumentos Megalíticos de Chão Redondo, in Estudos, Notas e Trabalhos do serviço de Fomento Mineiro, vol. XIV, fasc. 1-2, pp. 145-174
- Castro, M. J. M. (1991) – O Nível Neolítico da Gruta das Salemas (Ponte de Lousa), *Arqueologia e História*, nº4 (9ª série), 4ª lâm., pp. 399-41
- CAT. (2002) - Projecto Corpus Territorial do Sul: Arquivo digital de recursos de história territorial do Algarve e do Sul de Portugal, Campo Arqueológico de Tavira
- Cava, A. (1984) – La industria lítica en los dólmenes del Pais Vasco meridional, *Veleia*, nova série, 1, Vitória, pp. 51-145
- Chang, K. C. (1983) – Nuevas perspectivas en arqueología. Madrid. Alianza Editorial
- Chauvet, Jean-Marie (1996) – Dawn of art: the Chauvet Cave: the oldest known paintings in the world, H.N. Abrams, New York
- Chavinger, F. (1990) - Intervention sur le Terrain: le mobilier. La Conservation en Archéologie. Paris. Masson
- Childe, V. G. (1961) – Introdução à Arqueologia, Lisboa
- Childe, V. G. (1969) – Para uma recuperação do passado, Lisboa
- Choffat, P. (1907) – Contribution a la connaissance du Lias et du Dogger de la région de Thomar, Com. Serv. Geologicos de Portugal, 7, Lisboa, pp. 140-167
- Clark, A. (1990) - Prospecting methods in archaeology - Seing Beneath the Soil, Londres, Editora B.T. Batsford
- Clark, R. (1980) – O Nascimento do Homem, Edições Gradiva, pp. 127-186.
- Clarke, D. L. (1977) - Spatial Archeology, Cambridge, Academic Press
- Clarke, D. L. (1984) - Arqueologia Analítica, Barcelona, ediciones Bellaterra
- Clarke, D. L. (ed.) (1977) – Spacial Information in Archaeology, in Clarke (ed), *Spatial Archaeology*, pp. 1-32
- Clottes, J. C. (2001 ed.) *La Grotte Chauvet. L'Art des Origines*. Paris, Seuil
- Coelho, J. (1948) – Notas arqueológicas “Cidades Mortas”. Contribuição para o estudo arqueológico e artístico da Beira, *ETNOS*, 3, Lisboa, pp. 281-289
- Coffyn, A. (1985) – Le bronze final atlantique dans la Péninsule Ibérique, Diffusion de Boccard, Paris
- Connah, G. (2001) – African Civilizations. An Archaeological Perspective, 2.ª ed., Cambridge University Press
- Coroado, J. P. P. (1994) – Contribuição para o estudo da correlação geoquímica entre cerâmicas calcólicas do Vale do Zêzere e as “Argilas de Tomar”, Departamento de Geociências. Universidade de Aveiro, Dissertação de mestrado em Geoquímica, Aveiro

Corral Fernandez I. (1998) – Depositos Cuaternarios en el Área de Constância-Barquinha-Entroncamento y la Riba. Del Bezelga. Cruz, Oosterbeek, Pena dos Reis (coord.) Quaternário e Pré-História do Alto Ribatejo (Portugal), série ARKEOS vol. 4, pp. 59-144

Corral Fernandez, I. (1998) – Secciones com material arqueológico en estrato en las proximidades de Atalaia, ARKEOS 4, pp. 227-249

Corrêa, A. A. M. (1954) – Antropologia e História, Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, Instituto da Alta Cultura, Porto

Corrêa, M. (1954) – Antropologia e História, Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, Porto

Correia, P. (1997) – Fire Modification of Bone: A Review of the Literature, Haglund, W. & Sorg. M. (Eds.) Forensic Taphonomy. The Postmortem Fate of Human Remains. London. CRC Press

Cortesão, J. (1964) – Os factores democráticos na formação de Portugal, Obras completas, Portugália Editora, Lisboa

Costa, F. (1984) – Os terraços do Vale do Tejo entre os rios Torto e Alviela: notas geomorfológicas. Tese de mestrado em Geografia Física e Regional, apresentada à Fac. de Letras da Univ. de Lisboa

Costa, L. (1995) Registro de uma vivência. [São Paulo](#): Empresa das Artes

Costa, L. (2002) – Arquitetura; São Paulo: José Olympio

Coutinho, A. P. (1985) – A Gruta das Andorinhas, O Morcego, Boletim de Divulgação de Actividades Espeleológicas, nº 3/4, Tomar

Crubézy, E. (1988) – Interactions entre facteurs bio-cultureles, pathologie et caracteres discrets. Exemple d'une population medievale : Canac (Aveyron). These de doctorat Médecine. Univ. de Montpellier

Crubézy, E. (1988). Interactions entre facteurs bio-culturels, pathologie et caractères discrets. Exemple d'une population médiévale, Canac, Aveyron. Thèse de Doctorat en Medicine, Montpellier, Université de Montpellier.

Cruz, A. R. (1997 a) – Vale do Nabão: do Neolítico à Idade do Bronze, ARKEOS 3, Perspectivas em diálogo, CEIPHAR, Tomar

Cruz, A. R. (1997 b) – ArqSoft, Base de dados geo-referenciada do Alto Ribatejo, ARKEOS, nº 4, Quaternário e Pré-História do Alto Ribatejo (Portugal), pp. 251-259

Cruz, A. R. (2000) – Necrópoles de gruta no contexto da neolitização do Alto Ribatejo, Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular. Neolitização e Megalitismo da Península Ibérica. Vila Real 1999, Porto: ADECAP. Vol. 3, pp. 61-79

Cruz, A. R. (2002), Materiais arqueológicos – O Povoado da Amoreira, ARKEOS – Perspectivas em Diálogo, vol. 13, Tomar, 2003, pp. 111-206

Cruz, A. R. (2003) – Monumento 5 da Jogada, TECHNE 8, ed. Arqueojovem, Tomar, pp. 9-21

Cruz, A. R. (2004) – Monumento 5 da Jogada-Campanha Arqueológica – 2003, TECHNE, vol.9 Arqueojovem, Tomar, pp. 89-114

Cruz, A. R., Grimaldi, S., Oosterbeek, L., Rosina, P. (2000 a) - Industrias Macrolíticas do Pós-Glaciador no Alto Ribatejo. Neolitização e Megalitismo da Península Ibérica, Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular, vol. 3º, ADECAP-Porto, pp. 47-59

Cruz, A. R., Grimaldi, S., Oosterbeek, L., Rosina, P. (2000 b) - Indústrias Macrolíticas do Pós-Glaciador no Alto Ribatejo, ARKEOS 9, Territórios e Mobilidade no Alto Ribatejo, indústrias e ambientes, Tomar, pp. 9-22

Cruz, A. R., Miliken, S., Oosterbeek, L., Peretto, C. (1999) (coord.) – Human Population Origins in the Circum-Mediterranean Area: Adaptation of the Hunter-Gatherer groups to environmental Modifications, ARKEOS, vol.5, Centro Europeu de Investigação da Pré-História do Alto Ribatejo (edição on-line: www.med.abaco-mac.it/articles/aol.htm)

Cruz, A. R., Oosterbeek, L. (1998 a) – Plano Nacional de trabalhos Arqueológicos. Territórios, Mobilidade e Povoamento na Pré-História Recente do Alto Ribatejo, TECHNE 4, Tomar, pp. 267-299

Cruz, A. R., Oosterbeek, L. (1998 b) – Anta 2 de Vale Chãos (Abrantes), TECHNE, vol.4, pp. 21-36

Cruz, A. R., Oosterbeek, L. (1998 c) – Anta 1 da Jogada (Abrantes), TECHNE, vol.4, pp. 37-42

Cruz, A. R., Oosterbeek, L. (1998 d) – Anta 2 do Rego da Murta (Alvaiázere), TECHNE 4, Tomar, pp. 103-108

Cruz, A. R., Oosterbeek, L. (1998 e) – Anta 3 da Jogada (Abrantes), TECHNE, vol.4, pp. 47-52

Cruz, A. R., Oosterbeek, L. (1998 f) – Anta 4 da Jogada (Abrantes), TECHNE, vol.4, pp. 53-60

Cruz, A. R., Oosterbeek, L. (1998 g) – Anta 5 da Jogada (Abrantes), TECHNE, vol.4, pp. 61-78

Cruz, A. R., Oosterbeek, L. (1998 h) – Anta 1 do Rego da Murta (Alvaiázere), TECHNE, vol.4, pp. 92-102

Cruz, A. R., Oosterbeek, L. (1998 j) – Anta das Pedras Negras (Tomar), TECHNE, vol.4, pp. 235-249

Cruz, A. R., Oosterbeek, L. (1998 l) – Castelo da Loureira (Alvaiázere), TECHNE, vol.4, pp. 119-130

Cruz, A. R., Oosterbeek, L. (1998 m) – Povoado de Cumes (Ferreira do Zêzere), TECHNE, vol.4, pp. 181-200

Cruz, A. R., Oosterbeek, L. (1998 n) – Anta 1 de Vale Chãos (Abrantes), TECHNE, vol.4, pp. 7-20

Cruz, A. R., Oosterbeek, L. (1998 o) – Anta 2 da Jogada (Abrantes), TECHNE, vol.4, pp. 32-35

Cruz, A. R., Oosterbeek, L. (1999 a) – Prehistoric Human Occupations in the “Alto Ribatejo” (Portugal), A. R. Cruz, S. Miliken, L. Oosterbeek, C. Peretto, coord. (1999) Human Population Origins in the Circum-Mediterranean Area: Adaptation of the Hunter-Gatherer groups to environmental Modifications, série ARKEOS, vol.5, Centro Europeu de Investigação da Pré-História do Alto Ribatejo, pp. 15-18

Cruz, A. R., Oosterbeek, L. (1999 b) – La “Rete Museografica dell’ Alto Ribatejo”: Tomar,

Barquinha e Ferreira do Zêzere (Portugal), Carlo Peretto (ed.), *Landscape Changes in Relation to the Human-Environment Relationship in Southern Europe during the Pleistocene*, Forlì, ABACO-MAC Srl, pp. 75-86

Cruz, A. R., Oosterbeek, L. (1999 c) – Territories, Mobility and Settlement in the Alto Ribatejo (Portugal) – research programme outline, *PaleoExpress* 4, pp. 10-11

Cruz, A. R., Oosterbeek, L. (2000 a) - Anta 5 da Jogada, *TECHNE* 6, ed. Arqueojovem, Tomar, pp. 75-81

Cruz, A. R., Oosterbeek, L. (2000 b) (coord.) – Territórios, Mobilidade e Povoamento no Alto Ribatejo I - indústrias e ambientes, série ARKEOS, vol.9, Centro Europeu de Investigação da Pré-História do Alto Ribatejo

Cruz, A. R., Oosterbeek, L. (2001 a) - Anta 5 da Jogada, *TECHNE* 7, ed. Arqueojovem, Tomar, pp. 81-93

Cruz, A. R., Oosterbeek, L. (2001 b) (coord.) – Territórios, Mobilidade e Povoamento no Alto Ribatejo II - Santa Cita e o Quaternário da Região, série ARKEOS, vol. 11, Centro Europeu de Investigação da Pré-História do Alto Ribatejo

Cruz, A. R., Oosterbeek, L. (2002) (coord.) – Territórios, Mobilidade e Povoamento no Alto Ribatejo III – Arte Pré-Histórica e o seu contexto, série ARKEOS, vol.12, Centro Europeu de Investigação da Pré-História do Alto Ribatejo

Cruz, A. R., Oosterbeek, L. (2003) (coord.) – Arte Pré-Histórica – arqueologia, valorização, série ARKEOS, vol.14, Centro Europeu de Investigação da Pré-História do Alto Ribatejo, Tomar

Cruz, A. R., Oosterbeek, L., Grimaldi, S., Rosina, P., Mozzi, P., Boton, F., Migliavacca, M., Allué Martí, A., Pizziolo, G. (1999) – New Advances on the Prehistory of the Alto Ribatejo (Portugal), *Mediterranean Prehistory Online* www.med.abaco-mac.it

Cruz, A. R., Oosterbeek, L., Pizziolo, G. (2000) – ARQSOFT and GIS: An experience in the Nabão Valley, *Sistemas de Informação Arqueológica, Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular*, vol. X, pp.97-104

Cruz, A. R., Oosterbeek, L., Reis, R. (1998) – Quaternário e Pré-História do Alto Ribatejo (Portugal), *ARKEOS* 4, Tomar

Cruz, A. R., Oosterbeek, L., Rosina, P. (2000) – Ribeira da Atalaia. Campanha Arqueológica de 1998. *TECHNE* 6, Arqueojovem-Tomar, pp. 43-48

Cruz, A., Oosterbeek, L. (1991) - Relatório da Campanha de Anta 1 de Val da Laje, Laboratório de Pré-História da E.S.T.T. Tomar.

Cruz, A., Oosterbeek, L. (1988) - Relatório da Campanha da Gruta dos Ossos (Além da Ribeira, Tomar), Laboratório de pré-História da E.S.T.T. Tomar.

Cruz, A., Oosterbeek, L. (1989) - Relatório da Campanha de Anta 1 de Val da Laje, Laboratório de Pré-História e Arqueologia da E.S.T.T. Tomar.

Cruz, D. (1992) – A Mamoa 1 de Chã de Carvalhal (Serra da Aboboreira). Coimbra: Instituto

de Arqueologia

Cruz, D. J. (1987) – A Mamoa de “Monte da Olheira” (Serra da Aboboreira – Baião): Estudos de Paleobotânica e datações de Carbono 14, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol. XXVII – fasc. 1-4, Porto, pp. 230-234

Cruz, D. J. (1988) – O Megalitismo do Norte de Portugal, *Actas do Colóquio de Arqueologia do Noroeste Peninsular, Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol. 1, pp. 15-56

Cruz, D. J. (1991) – A Mamoa 1 de Chã de Carvalhal no Contexto Arqueológico da Serra da Aboboreira e da Pré-História Recente do Norte de Portugal, dissertação ECDU de aptidão científica e pedagógica (FLUC), policopiado, Coimbra

Cruz, D. J. (1993) – Monumentos megalíticos do concelho de Fornos de Algodres, in *Estudos pré-históricos*, vol. I, Viseu, Centro de Estudos Pré-históricos da Beira Alta, pp. 111-112.

Cruz, D. J. (2001) – O Alto Paiva: Megalitismo, Diversidade Tumular e Práticas Rituais Durante a Pré-História recente. Dissertação de doutoramento apresentado à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Vol. I e Vol. II.

Cruz, D. J., Cunha, A. M. L., Gomes, L. F. (1990) – A casa da Orca de Corgas da Matança, *Portugália*, vol. IX-X, 1988-89, pp. 31-47

Cruz, D. J., Vilaça, R. (1994) – O dólmen 1 de Carapito (Aguiar da Beira, Guarda): novas datações de carbono 14, in *Actas do Seminário “O megalitismo no Centro de Portugal: novos dados, problemática e relações com outras áreas peninsulares”*, Viseu, Centro de Estudos Pré-históricos da Beira Alta, pp. 63-68.

Cubero, C. (1998) – La agricultura durante la Edad del Hierro a partir de las semillas y los frutos. *Monografies del SERP 2*. Universitat de Barcelona, Barcelona

Cunha, A. L. (1995) – Anta da Arquinha da Moura (Tondela), *Actas do 1º Congresso de Arqueologia Peninsular*, Porto, SPAE, vol. VII, pp. 133-151

Cunha, E. (1996) – Viajar no Tempo através dos Ossos, a investigação paleobiológica. *ALMADAM*, II, 5, pp. 130-133

Cunha, E., Cardoso, F., Umbelino, C. (2002) - New anthropological data on the Mesolithic communities from Portugal: the shell, middens from Sado, *Human Evolution*. - Vol. 17, no 3-4 (2002), p. 187-198

Cunha, E., Cardoso, F., Umbelino, C. (2003) – Inferences about Mesolithic life style on the basis of anthropological data: the case of the Portuguese shell middens. - *Mesolithic on the move: papers presented at the sixth International Conference on the Mesolithic in Europe, Stockholm 2000* / ed. by Lars Larsson et al., Oxford : Oxbow Books, pp. 184-188

Cunha, J.G.M.C. (1965) – Aproveitamentos hidro-eléctricos da bacia do Zêzere: consequências geográficas. Tese de licenciatura em Geografia, apresentada à FLUL

Cunha, L. (1988) – As Serras Calcárias de Condeixa-Sicó-Alvaiázere: estudo de geomorfologia, Faculdade de Letras. Tese de doutoramento em Geografia Física, apresentada à FLUC, Coimbra

Cunha, L. (1990) – As Serras Calcárias de Condeixa-Sicó-Alvaiázere: estudo de geomorfologia, Instituto Nacional de Investigação Científica, Lisboa

Cunha, L. O. Moreira e S. Lopes (2003) – Inventário Arqueológico de Ourém, *TECHNE* 8, pp. 217-226

Cura, S. (2002) – Indústria Lítica da Amoreira: uma gestão diferenciada das matérias-primas, *ARKEOS* 13 – Perspectivas em Diálogo – Territórios, Mobilidade e Povoamento no Alto Ribatejo IV, Complexos macrolíticos, Tomar, 2003, pp. 207-246

Cura, S. (2004) – Comentário à Carta Arqueológica do Concelho de Constância, in Carta Arqueológica do Concelho de Constância Escora – Associação de Jovens para a Preservação Cultural e Arqueológica de Montalvo, Constância

Cura, S., Cruz, A., Oosterbeek, L., Rosina, P. (2004), As indústrias macrolíticas do Alto Ribatejo: o caso do sítio da Amoreira, Ethel Allué et al. (eds.), *Actas del Primer Congreso Peninsular de Estudiantes de Prehistoria*, Tarragona, pp. 268-275

Cura, S.; Cruz, A.; Rosina, P. (2004) – As indústrias (macro)líticas do Médio Tejo: Uma condicionada e/ou eficaz exploração da matéria-prima local. *Actas do I Seminário de Paleontologia e Arqueologia do Estuário do Tejo*, Edições Colibri, pp. 71-80

Damour, M. (1864) – Sur le Callais nouveau phosphate d'alumine hydraté recueilli dans un tombeau celtique du Morbihan. *C. R. hebdomadaire des séances de l'Académie des Sciences (Paris)* pp. 936-940

Daniels, S. G. H. (1972) – Research design models, Clarke (ed.), *Models in Archaeology*, London, Methuen, pp. 201-229

Daveau, S. (1970) – Le bassin Tertiaire du Tage: Problèmes d'interprétation géomorphologique. Lisboa, Finisterra, *Revista Portuguesa de Geografia* V, pp. 291-300

Daveau, S. (1980) – Espaço e Tempo: Evolução do ambiente geográfico de Portugal ao longo dos tempos pré-históricos. Extraído do IIº vol. *CLIO – Revista do centro de história da universidade de Lisboa*. Lisboa, pp. 13 a 37

Daveau, S. (1998) – Portugal geográfico, 2ª ed., Lisboa

Daveau, S., Rebelo, F., Lourenço, L. (1986), *Cordilheira central: livro guia da excursão de 26 e 27 de Setembro de 1986*, IV Colóquio Ibérico de Geografia, Instituto de Estudos Geográficos, Coimbra

Daveau, S., Ribeiro, O. (1986) – Conhecimento actual da história da geografia em Portugal. *Academia das Ciências, Sep. de História e Desenvolvimento da Ciência em Portugal*, pp. 1041-1060

Delibes de Castro, G., Santonja, M. (1986) – El fenómeno megalítico en la provincia de Salamanca, Ediciones de la Diputación de Salamanca

Demangeon, A. (1943) – *Problèmes de Géographie Humaine*, Librairie Armand Colin, Paris

Demolon, A. (1952) – *Dynamique du sol. Principes d'Agronomie*, 5ª Edição. Paris

Derruau, M. (1982) – *Geografia Humana*, vol. I, Biblioteca de Textos Universitários, Editorial

Presença, Lisboa

Detry, C. (2004) – Relatório Arqueozoológico da Anta I e II do Rego da Murta, IPA

Detry, C. (2005) – Relatório arqueozoológico da Anta I e II de Rego da Murta, IPA

Dias, M. F. R. C. (1992) – Anta da Foz do Rio Frio ou Casa dos Mouros, Restaurações Efectuadas, Relatório de Estágio no âmbito do C.E.S.E em Arte, Arqueologia e Restauro (opção: Arqueologia), Policopiado

Días, E., Bonet, H., Álvarez, N. y Pérez Jorda, G. (1997) – La Bastida de les Alcuses (Moixent): Resultados de los trabajos de excavación y restauración. Años 1990-1995. *Archivo de Prehistoria Levantina*, XXII, 215-295

Diniz, M. (2003) – O Neolítico antigo do interior alentejano: leituras a partir do sítio da Valada do mato (Évora). Muita gente, poucas antas: Origens, espaços e contextos do megalitismo. In *Actas do II Colóquio Internacional sobre megalitismo*, Lisboa, pp. 57-80

Donald, M. (1991) – *Origins of the Modern Mind: Three Stages in the Evolution of Culture and Cognition*. Cambridge (MA), Harvard University Press

Duarte, A. (2002), *Indústria lítica*, dissertação de D.E.A. pelo Institut de Paléontologie Humaine

Duarte, A. J., Rosina, P., Oosterbeek L. (2004), *Indústria Lítica de Fonte da Moita*, Ethel Allué e tal. (eds.), *Actas del Primer Congreso Peninsular de Estudiantes de Prehistoria*, Tarragona, pp.63-68

Dunnell, R. C. (1977) – *Prehistoria Moderna. Introducción sistemática a la Arqueología Prehistórica*. Madrid. Ediciones Istmo

E.S.R.I. (1995b) - *GIS in K-12 Education*, White Papers, Environmental Systems Research Institute (E.S.R.I.): Redlands, Ca, USA

Etxeberria, F. (1994) – Aspectos macroscópicos del hueso sometido al fuego. Revisión de las cremaciones descritas en el País Vasco desde la Arqueología. *Munibe (Antropología-Arqueología)*, 46, pp. 111-116

Fabregas Valcarce, R. (1984) – La Industria de Piedra Pulida en Las Sepulturas Megalíticas de Galicia, *Separata de Trabajos de Prehistoria*, vol. 41, pp.129-163

Fábregas Valcarce, R. (1991) – Megalitismo del Noroeste de la Península Ibérica. Tipología y Secuencia de los Materiales Líticos, Madrid, UNUED.

Félix, P. (1993) – A Região Nabantina no Final da Pré-história. *Boletim Cultural da Câmara Municipal de Tomar*, 19

Félix, Paulo (1999) - O Final da Idade do Bronze no Centro-Oeste Peninsular: a Contribuição do Ribatejo Norte, *Revista de Guimarães, Volume Especial, II, Guimarães, 1999*, pp. 715-740

Ferdière, A. (1980) - La fouille, pour quoi faire?, Schnapp, A. (dir.), *L'Archéologie aujourd'hui*, pp. 23-60

Ferembach, D.; Schwidetzky, I.; Stloukal, M. (1980). Recommendations for age and sex diagnosis of skeletons. *J. Hum. Evol.* 9, pp. 517 – 549.

- Fernandes, J. L. J. (2000) – O Homem, o Espaço e o Tempo no Maciço Calcário Estremenho: O olhar de um geógrafo. Edições Colibri, Faculdade Letras Universidade de Coimbra
- Fernandez Martinez y Victor, M. (1992) - Teoría y Método de la arqueología. Síntesis. Madrid
- Fernandez Martinez, Victor, M. (1992) - Teoría y Método de la Arqueología, Madrid, Editorial Sianesis, pp. 46 - 54
- Fernandez Nieto, F. J. (1970-71) – Aurifer Tagus, Zephyrus, XXI-XXII, pp. 245-259
- Ferreira, A. C., (1985) – A Anta da Capela da Senhora do Monte – Contribuição para o estudo do megalitismo da freguesia de Penela da Beira, Trabalhos de Antropologia e Etnologia, SPAE, Vol. XXV - Fasc. I, Porto, pp. 41-62
- Ferreira, M.T.; Cunha, E. (2002) – Relatório Antropológico Preliminar do Material osteológico humano exumado da Anta de Rego da Murta I. Coimbra, Departamento de Antropologia da Universidade de Coimbra. Relatório Técnico-científico. Maio, 16, IPA
- Ferreira, M.T.; Silva, A.M. (2003) – Anta de Rego da Murta I: relatório antropológico. Coimbra, Departamento de Antropologia da Universidade de Coimbra Relatório Técnico-científico. Dezembro, IPA
- Ferreira, O. (1951) – Os artefactos pré-históricos de calaíte e a sua distribuição em Portugal. Arqueol. Hist. 8ª série, Lisboa, pp. 85-93
- Ferreira, O. (1958) – Os vasos de boca elíptica do Museu de Torres Novas, 1º Congresso Nacional de Arqueologia – Actas e Memórias, vol. 1, pp.231-234
- Ferreira, O. (1974) – Acerca das cerâmicas neolíticas encontradas na parte superior dos concheiros da região de Muge. Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal, 58, Direcção-Geral de Minas e Serviços Geológicos, pp. 191-195
- Ferreira, O. V. (1970) – Alguns objectos inéditos, bastante raros, da colecção do professor Manuel Heleno, O Arqueólogo Português, Lisboa. 3ª série: 4, pp. 163-174
- Ferreira, O., Leitão, M. (1981) – Portugal Pré-Histórico – Seu enquadramento no Mediterrâneo. Lisboa, Publicações Europa-América
- Ferreira, O., Paço, A., Zbyszewsky, G. (1971) – Resultado das Escavações na Lapa da Bugalheira (Torres Novas), Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal, nº 55, Lisboa
- Ferreira, O., Zbyszewsky, G. (1972/73) – Contribuição para o conhecimento do Paleolítico da região de Torres Novas, Serviços Geológicos de Portugal, separata, Lisboa
- Ferring, R. (1991) – Report on the 1991 Prehistoric investigations at Santa Cita, Relatório de escavação, IPA
- Fiedel, S. J. (1996) - Prehistoria de América, Barcelona, Editorial Crítica, 1996 apresentado ao IPPAR, Lisboa
- Figueiral, I. (1998) – O Abrigo da Pena d'Água (Torres Novas): a contribuição da antracologia. Revista Portuguesa de Arqueologia. Lisboa. I:2, pp.73-80
- Figueiral, I. (1999) – Castelo Velho (Freixo Numão, Portugal). The Charcoalified plant remains

and their significance, *Journal of Iberian Archaeology*, vol. 1, pp 159-267

Figueiredo, A. (2002) – Relatório das escavações de 2001 da Anta I do Rego da Murta/Ramalhal, Alvaiázere. Instituto Português de Arqueologia. Torres Novas (policopiado).

Figueiredo, A. (2003a) – Anta 1 do Rego da Murta – Campanha 2001, *TECHNE 8*, Tomar, pp. 23-28

Figueiredo, A. (2003c) – Relatório das escavações de 2002 da Anta I do Rego da Murta/Ramalhal, Alvaiázere. Instituto Português de Arqueologia. Torres Novas (policopiado).

Figueiredo, A. (2004). Contributo para o estudo e compreensão do megalitismo no Alto Ribatejo: A Anta I do Rego da Murta, Alvaiázere, Leiria. <http://www.gt.estt.ipt.pt/rm/cap2004final.htm>.

Figueiredo, A. (2004a) – A Anta I do Rego da Murta - Descrição sumária dos trabalhos efectuados em 2003, *Techne*, vol 9, Tomar, *Arqueojovem*, pp. 115-126

Figueiredo, A. (2004b) – Contributo para o estudo e compreensão do megalitismo no Alto Ribatejo: A Anta I do Rego da Murta, Alvaiázere, Leiria, *Actas do IV congresso Peninsular de Arqueologia*.

Figueiredo, A. (2004c) – O monumento romano do Rego da Murta/Ramalhal, *Techne*, vol 9, Tomar, *Arqueojovem*, pp. 139-150

Figueiredo, A. (2004d) – A Anta II do Rego da Murta (Alvaiázere) – Resultados da 1ª campanha de escavações, *Techne*, vol 9, Tomar, *Arqueojovem*, pp. 127-138

Figueiredo, A. (2004e) – Relatório das escavações de 2003 da Anta II do Rego da Murta/Ramalhal, Alvaiázere. Instituto Português de Arqueologia. Torres Novas (policopiado).

Figueiredo, A. (2004f) – Relatório das escavações do Monumento Romano de Rego da Murta/Ramalhal, Alvaiázere. Instituto Português de Arqueologia. Torres Novas (policopiado).

Figueiredo, A. (2004g) – Relatório das prospecções de 2003 da zona limitrofe ao complexo megalítico de Rego da Murta/Ramalhal, Alvaiázere. Instituto Português de Arqueologia. Torres Novas (policopiado).

Figueiredo, A. (2004h) – Relatório do restauro da Anta I do Rego da Murta/Ramalhal, Alvaiázere. Instituto Português de Arqueologia. Torres Novas (policopiado).

Figueiredo, A. (2005) – Contributo para a análise do megalitismo no Alto Ribatejo. O complexo megalítico do Rego da Murta, Alvaiázere, *AL-MADAN*, Almada. 2ª série: 13, pp. 134-136

Figueiredo, A. (2007) – Complexo Megalítico de Rego da Murta. Pré-História Recente do Alto Ribatejo (IV-IIº milénio a.C.): Problemáticas e Interrogações, dissertação de doutoramento em Arqueologia e Pré-História, Universidade do Porto, Faculdade de Letras (TESE DOUTORAMENTO)

Figueiredo, A. (2010) – Rituals and Death Cults in Recent Prehistory in Central Portugal (Alto Ribatejo), in *Documenta Praehistorica XXXVII*, University of Ljubljana, Faculty of Arts, Department of Archaeology and on National and University Library. Pp85-94

Figueiredo, A. (2011) – Análise Intra e Inter-locais: os sistemas de informação geográfica na análise de sítios arqueológicos – o Caso do Complexo Megalítico de Rego da Murta (Alvaiázere), *Miscellanea: Proceedings of the XV UISPP World Congress (Lisbon, 4-9 September 2006) / Actes du XV Congrès Mondial (Lisbonne, 4-9 Septembre 2006)*, Vol 47 edited by Luiz Oosterbeek and Cláudia Fidalgo.

Figueiredo, A. (2013 a.) - O Sítio Arqueológico da Anta I de Rego da Murta. *Antrope* 0, 9-17. Disponível em: http://www.cph.ipt.p/ownloa/ntropeDownload/NTROPE%20/evista_antrope_N0.pdf Google Scholar

Figueiredo, A. (2013 b) - Os menires do Complexo Megalítico do Rego da Murta (Alvaiázere, Leiria): Resultados das intervenções do Menir I e II do Rego da Murta. *Antrope* 0, 213-25. Disponível em: http://www.cph.ipt.p/ownloa/ntropeDownload/NTROPE%20/evista_antrope_N0.pdf Google Scholar

Figueiredo, A. (2013c) – O Sítio arqueológico pré-histórico da Farroeira (Alvaiázere): resultados de uma intervenção não intrusiva. *Revista Antrope*, nº 0, Dezembro de 2013, Registo Centro Nacional ISSN: 2183-1386, editada pelo Centro de Pré-História do Instituto Politécnico de Tomar. http://www.cph.ipt.pt/download/AntropeDownload/ANTROPE%200/revista_antrope_N0.pdf Pp52-58

Figueiredo, A. (2017). Cenários, dinâmicas e rituais na pré-história recente na região do Nabão. In *Cadernos de Estudos Leirienses*. Vol. 13. Setembro 2017. Texinverso. ISSN 2183-4350.

Figueiredo, A. (2019) – O sítio Arqueológico Algar da Água (Alvaiázere) – resultados de 2017 a 2019. Monografia Arqueológica dos trabalhos de intervenção realizados no sítio Algar da Água, Alvaiázere. Edição: IPT, LABACPS, CAAPortugal e CMAlvaiázere.Tomar. ISBN: 978-989-8840-40-0 (livro impresso) Depósito Legal: 465626/19 e ISBN: 978-989-8840-41-7 (PDF / PDF/A)

Figueiredo, A., Oosterbeek, L., Guizi, G., Azarello, M., Westengaard, S., Cura, S., Burenhult, G., Minelli, A., Thun Hohenstein, U., Peretto, C. (2005) – The Architectural evolution in prehistory: The MomentPast Project. *Journal of Iberian Archaeology*, vol. 7, ADECAP, pp. 75-99

Figueiredo, A.; Oosterbeek, L. (2004) *Landscape Producers – An informatical archaeological project for the comprehension of the architecture evolution in pre-history*, *Actas do Congresso Computers Applications in Archaeology*, Prato, Italy, in prelo.

Figueiredo, A.; Anderson Tognoli, Claudio Monteiro, Rui Saraiva, Rui Gonçalves, Silvério Figueiredo. (2014) - O sítio de habitat Pré-histórico de Loureira (Alvaiázere-Centro Portugal-Leiria) in v. 1, n. 3 *Revista Memorare*. Universidade do Sul de Santa Catarina, Santa Catarina ISSN 2358-0593.Pp.52a67.http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/memorare_grupep/article/view/2512/1795

Anna J. Waterman, Alexandra Figueiredo, Jonathan T. Thomas, and David W. Peate (2013) – Identifying migrants in the late Neolithic Burial of the Antas of Rego da Murta (Alvaiázere, Portugal) using strontium isotopes, *Revista Antrope*, nº 0, Dezembro de 2013, Registo Centro

Nacional ISSN: 2183-1386, editada pelo Centro de Pré-História do Instituto Politécnico de Tomar. http://www.cph.ipt.pt/download/AntropeDownload/ANTROPE%200/revista_antrope_N0.pdf Pp190-197

Figueiredo, A.; Vilas-Estévez, B e Silva, F. (2018) - O Planeamento e Orientação do Rego da Murta Dolmens (Alvaiázere, Portugal) Publicado online pela Cambridge University Press: 13 de abril de 2018, Proceedings of the Prehistoric Society , Volume 84 , dezembro de 2018 , pp. 207 – 224, DOI: <https://doi.org/10.1017/ppr.2018.4> - <https://www.cambridge.org/core/journals/proceedings-of-the-prehistoric-society/article/abs/planning-and-orientation-of-the-rego-da-murta-dolmens-alvaiazere-portugal/D935F4ED5F18DAE795F90EF23B898736>

Figueiredo, A.; Frazão, K.; Monteiro, C.; Tognoli, A.; Santos, D. (2017) – Abordagens preliminares sobre o sítio arqueológico XIII, Complexo Megalítico Rego da Murta, Alvaiázere, Distrito de Leiria, Portugal. In revista Antrope, nº 8.

Figueiredo, Alexandra; Monteiro, Cláudio; Tognoli, Anderson; Peixe, Alexandre (2020) – Algar da Água (Alvaiázere): Retrato preliminar da ocupação da Pré-história à Alta Idade Média, in atas do Congresso de História e Património da Alta Estremadura e Terras de Sicó, Alvaiázere, 21 e 22 de setembro de 2019, Leiria: 27-45

Figueiredo, M. J. (1995) (coord) – Retrospectiva: 1911-1977, catálogo de exposição no Museu Municipal Dr. Santos Rocha, Figueira da Foz

Finnegan, M. (1978). Non metric variation of the infracranial skeleton. *J. Anat.* 125, pp. 23 -37.

Fisher, R. (2005) - Ancient Knowledge of the Chaco Canyon Anasazi - Sunracer Publications <http://www.canyonsworldwide.com/chacoCanyon/p1.htm>

Fonseca, J., Vilanova, S., Meghraoui, M., Bossi, V., Cardoso, J. L., Oosterbeek, L. (2000) – ECGS Fieldtrip to the Lower Tagus Valley, Portugal – Lisbon, 09/09/2000, Guide Book, Lisboa, Instituto Superior Técnico

Ford, J. A., Steward, J.H. (1954) – On the Concept of Types, “American Anthropologist”, t. 56, pp. 42-57

Frade, F. (1963) – Novas investigações hidrobiológicas acerca das águas do Zêzere: Albufeiras de Cabril, Bouçã e Castelo do Bode. Boletim da Comissão de Fiscalização das Águas de Lisboa, nº 42. Imprensa Portugal-Brasil

França, J. C. (1964-65) – Nota preliminar sobre a revisão do Lusitano em Portugal Sep. de: “Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal”, tomo XLVIII, Serviços Geológicos de Portugal, Lisboa

França, J. C., Ferreira, O. (1959) – Trabalhos de Antropologia e Etnologia, Homenagem ao Professor Doutor Mendes Correia, Porto, pp. 451-456

Franco, J. A. (1971) – Nova Flora de Portugal, Lisboa.

Freire, A. (2001) – Archaeological Map of Mação in digital format (GIS), dissertação de Mestrado

Europeu pelo Instituto Politécnico de Tomar e Rijksuniversiteit Leiden

Fried, M. (1967) – *The Evolution of Political Society*, Nova Iorque, Random House, 1967

G.E.E.M. (1969) – Épipaléolithique-Mésolithique. Les microlithes géométriques, *Bulletin de la Société Préhistorique Française. Études et Travaux*, 66, Paris, pp.355-366

G.E.E.M. (1975) – Épipaléolithique-Mésolithique. L'outillage du fonds commun, *Bulletin de la Société Préhistorique Française. Études et Travaux*, 72, Paris, pp.319-332

Gallay, G.; Spindler, K.; Trindade, L.; Ferreira, O. da V. (1973) – O Monumento pré-histórico de Pai Mogo (Lourinhã), *Associação dos Arqueólogos Portugueses*, Lisboa

Gaspar, F., Baptista, A. (2001) – Relatório dos Trabalhos Arqueológicos do Sítio dos Colos (S. Facundo, Abrantes), *Instituto Português de Arqueologia*, Lisboa.

Gebauer, A. B., Price, T. D. (1992) – Foragers to farmers: na introduction, in Gebauer, A. B., Price, T. D. edition. *Transitions to Agriculture in Prehistory*, Madison-Wisconsin, Prehistory Press, pp. 1-10

Gema Chacón, M., Raposo, L. (2001) - Análisis comparativo de la industria lítica en sílex del yacimiento de Estrada do Prado (Portugal) y del nivel K del Abric Romani (España), *ARKEOS*, vol. 11, pp. 141-162

George, P. (1985) - *La Geografía de la Población en el Centro de la Geografía Humana*, *Estudios Geográficos*, Tomo XLVI, pp. 178-179C.S.I.C. – Instituto de Economía y Geografía Aplicadas, Madrid,

Gilman, A. (1990) – *Marxism in American archaeology*, Lamberg-Karlovsky, pp. 63-73

Giot, P.-R. (1988) – *Stones in the Landscape of Brittany*. In RUGGLES, C. (ed.) - *Records in Stone*. Cambridge: Cambridge University Press, pp.319-324.

Godwin, H. (1984) - *History of the British Flora: a Factual Basis for Phytogeography*, 2ª ed., Cambridge University Press

Gomes Bellard, (1996). *El análisis antropológico de la cremaciones*. *Complutum Extra* 6(II), pp. 55 – 64.

Gomes, L. F.; Carvalho, P. S. (1993) – *Novos Elementos sobre o vaso campaniforme na Beira Alta*, *Estudos Pré-Históricos*, vol.I, CEPBA, pp. 29-49

Gomes, M. V. (1982) - *Aspects of megalithic religion according to the portuguese menhirs*. *Actas do III Valcamonica Symposium*. Capo di Ponte: Ed. del Centro, pp. 385-401.

Gomes, M.V. (1983) – O menir dos Gregórios (Silves). *Revista de Guimarães*. XCIII, pp. 133-148.

Gomes, M. V. (1986) - *O cromeleque da Herdade de Cuncos (Montemor-o-Novo, Évora)*. *Almansor*. 4, pp. 7-42.

Gomes, M. V. (1993) – *O Marco de Anta ou estela-menir de Caparrosa (Tondela, Viseu)*. *Estudos Arqueológicos da Beira Alta*. 1, pp. 7-27.

Gomes, M. V. (1994a) – *Menires e cromeleques no complexo cultural megalítico português*

– trabalhos recentes e estado da questão. Actas do Seminário “O Megalitismo no Centro de Portugal”. Viseu, pp. 317-342.

Gomes, M. V. (1994b) - O sepulcro colectivo de Pedra Escorregadia (Vila do Bispo, Faro) - Notícia da escavação de 1991. Actas das V Jornadas Arqueológicas. Lisboa: A.A.P., pp. 79-91.

Gomes, M. V. (1996) – Megalitismo do Barlavento Algarvio – Breve Síntese. Setúbal Arqueológica. 11-12, pp. 147-190.

Gomes, M. V. (1997a) – Anta da Belhoa (Reguengos de Monsaraz, Évora). Resultados da campanha de escavações de 1992. Cadernos de Cultura, 1. Reguengos de Monsaraz: Câmara Municipal de Reguengos de Monsaraz, pp. 39-69.

Gomes, M. V. (1997b) – Cromeleque da Portela de Mogos. Um monumento sócio-religioso megalítico. In SARANTOPOULOS, P. (ed.) – Paisagens Arqueológicas a Oeste de Évora. Évora: Câmara Municipal de Évora, pp. 35-40.

Gomes, M. V. (1997c) – Cromeleque dos Almendres. Um dos primeiros grandes monumentos públicos da Humanidade. In SARANTOPOULOS, P. (ed.) – Paisagens Arqueológicas a Oeste de Évora. Évora: Câmara Municipal de Évora, pp. 25-34.

Gomes, M. V. (1997d) – Estátuas-menires antropomórficas do Alto-Alentejo. descobertas recentes e problemática. Actas do III Colóquio Internacional de Arte Megalítico. La Coruña: Museo Arqueológico e Histórico. pp. 255-288

Gomes, M. V. (1997e) – O menir da Herdade das Vidigueiras (Reguengos de Monsaraz, Évora). Resultados dos trabalhos efectuados em 1988. Cadernos de Cultura de Reguengos de Monsaraz. I, pp. 17-37.

Gomes, M. V. (2000a) – Cromeleque do Xerez. A ordenação do caos. In SILVA, A.C. (Ed.) Das pedras do Xerez às novas terras da Luz. Beja: Edia, pp. 17-190.

Gomes, M. V. (2000b) – A rocha 175 de Fratel, iconografia e interpretação. Viseu: Centro de Estudos Pré-Históricos da Beira Alta, pp. 81-115.

Gomes, M. V. (2000c) – O menir e o recinto do Barrocal. Resumo das comunicações apresentadas ao II Colóquio Internacional sobre Megalitismo (Reguengos de Monsaraz, 2000), pp. 25.

Gomes, M. V. (2002) – Cromeleque dos Almendres. Um monumento socio-religioso neolítico. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Técnica de Lisboa. (texto policopiado).

Gomes, M. V.; Cabrita, L. M. (1993) – Dois novos povoados neolíticos, com menires, no Barlavento Algarvio. Actas do Encontro de Arqueologia da Costa Sudoeste. Setúbal Arqueológica, XI-XII, pp. 191-198

Gomes, M. V.; Monteiro, J. P. (1974-1977) – A estela-menir decorada da Caparrosa, Beira Alta. Nota de descoberta. O Arqueólogo Português. S.III, 7-9, pp. 89-93.

Gonçalves, A., Huet de B., Gonçalves, M., António A. (1981/2) – Estudo mineralógico de elemen-

tos de adorno decorverde provenientes de estações arqueológicas portuguesas, Porto, Instituto de Antropologia Dr. Mendes Corrêa, Sep. de Portugal, nova série, 2,3

Gonçalves, F. A. (1969-1970) – Afloramentos Câmbricos do Alto Alentejo e do Ribatejo (Lisboa), Separata do Boletim do Museu e Laboratório Mineralógico e Geológico, vol. II, fasc.2, Lisboa, pp. 357-365

Gonçalves, J. P. (1970) - Menires de Monsaraz. Arqueologia e História. [s.l.]. IX s.: II, pp. 157-176.

Gonçalves, J. P. (1972) – Um novo menir no termo de Monsaraz. Palavra. nº 56. pp.1-2

Gonçalves, J. P. (1976) – Novos menires gravados no paraíso megalítico de Monsaraz. Actas do V Congreso de Estudios Extremeños. Mérida. pp 41-48.

Gonçalves, J. P. (1981) – Novos menires na Pedra Longa. A Defesa. 2997, pp. 5.

Gonçalves, V. S. (1991) – Sítios, Horizontes e Artefactos. Arquivo de Cascais. Cascais: Câmara Municipal.

Gonçalves, V. S. (2000a) – Debate em torno às origens do megalitismo. In Gonçalves, V.S., (ed.) Muitas Antas, Pouca Gente?- Actas do I Colóquio Internacional sobre Megalitismo. Lisboa: IPA, p. 303-319

Gonçalves, V. S. (2000b) – O grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz e a evolução do megalitismo no Ocidente peninsular (espaços de vida, espaços de morte: sobre as antigas sociedades camponesas em Reguengos de Monsaraz) in V.S. Gonçalves, 2000 (ed.) Muitas antas, pouca gente? Actas do I Colóquio Internacional sobre Megalitismo (Reguengos de Monsaraz, 1996) Trabalhos de Arqueologia, 16. Lisboa, IPA

Gonçalves, V. S. (2003) (coord.) – Debates. Muita gente poucas antas? Origens, espaços e contextos do Megalitismo. Actas do II Colóquio Internacional sobre Megalitismo. Lisboa, pp. 509-534

Goodman, A.; Rose, J. (1991). Dental enamel hypoplasias as indicators of nutritional status. In: Kelley, M.; Larsen, C. (eds.). Advances in dental anthropology. New York, Wiley-Liss: 279 - 293.

Graça, A., Gomes, J., Oosterbeek, L. (2004) - Povoamento pré-Histórico da Chamusca, IN: Ethel Allué e tal. (eds.), Actas del Primer Congreso Peninsular de Estudiantes de Prehistoria, Tarragona, pp. 212-219

Grade, J., Moura, A. C. (1985) – Catálogo das Argilas portuguesas utilizadas na Indústria Cerâmica, Ministério da Indústria e Energia, Direcção geral de Geologia e Minas.

Grau Almero, E., Perez Jorda, G., Hernandez Carretero, A. (1998) - Paisaje y agricultura en la protohistoria extremeña. En: RODRÍGUEZ DÍAZ, A., Extremadura protohistórica: paleoambiente, economía y poblamiento. Universidad de Extremadura, Cáceres.

Grilo, L.M. (2002 - no prelo) - Projecto de Monitorização da Bacia do Zêzere - Análise Estatística de Inquéritos, Area Doméniu, vol. 2

Grimaldi, S., Rosina, P (2001) – O Pleistoceno Médio Final no Alto Ribatejo (Portugal Central): O Sítio da Ribeira da Ponte da Pedra, ARKEOS 11, Territórios, Mobilidade e Povoamento no Alto

Ribatejo II – Santa Cita e o Quaternário da Região, Tomar, pp.89 -115

Grimaldi, S., Rosina, P. (1999) - Geoarchaeology e Technology and cronology. In Cruz A.R. et al, New advances on the prehistory of Alto Ribatejo. Mediterranean Prehistory online. www.med.abaco-mac.it

Grimaldi, S., Rosina, P. (2001) - O Pleistoceno Médio final no Alto Ribatejo (Portugal Central), o sítio da Ribeira da Ponte da Pedra. In: Cruz A.R., Oosterbeek L. (coord.), série ARKEOS, vol.11, pp.89-108, CEIPHAR-Tomar

Grimaldi, S., Rosina, P., Boton, F. (1999) - A behavioral perspective on “archaic” lithic morphologies in Portugal. The case of Fonte da Moita open air site. Journal of Iberian Archaeology 1, pp. 33-57. Porto.

Grimaldi, S., Rosina, P., Boton, F. (2000) - Um sítio ao ar livre do pleistoceno médio no Alto Ribatejo (Portugal): Fonte da Moita. Paleolítico da Península Ibérica, Acta do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular, vol. 2º, pp.123-136, ADECAP-Porto.

Grimaldi, S., Rosina, P., Corral Fernandez, I. (1998) - Interpretazione geo-archeologica di alcune industrie litiche “Languedocensi” del medio bacino del Tejo (Alto Ribatejo – Portugallo). In: Cruz, A.R., Oosterbeek, L., Pena dos Reis, R. (coord.), Quaternário e Pré-História do Alto Ribatejo (Portugal), série ARKEOS, vol. 4, pp. 145-226. CEIPHAR-Tomar, pp.145-226

Grimaldi, S., Rosina, P., Cruz, A. R., Oosterbeek, L. (1999a) - A geo-archeological interpretation of some “Languedocian” lithic collections of the Alto Ribatejo (Central Portugal). In Cruz, Milliken, Oosterbeek, Peretto (Eds). Human Population Origin in the Circum Mediterraneo Area: Adaptations of the Hunter-Gatherer Groups to Environmental Modifications. Mediterranean Prehistory online. www.med.abaco-mac.it

Grimaldi, S., Rosina, P., Cruz, A., Oosterbeek, L. (1999b) - A geo-archaeological interpretation of some “Languedocian” lithic collections of the Alto Ribatejo (Central Portugal), IN: A.R. Cruz, S.Miliken, L. Oosterbeek, Peretto, C., coord. (1999) Human Population Origins in the Circum-Mediterranean Area: Adaptation of the Hunter-Gatherer groups to environmental Modifications, série ARKEOS, vol.5, Centro Europeu de Investigação da Pré-História do Alto Ribatejo, pp.231-242.

Guilemard, D. (1995) – La Conservation à Long Terme des Objects archéologiques. In La Conservation en Archéologie. Paris Masson.

Gutiérrez Lloret, S. (1997) – Arqueologia – Introducción a la historia material de las sociedades del pasado, Universidad de Alicante – Publicaciones, Alicante.

Haas, J. (1982) - The Evolution of the Prehistoric State, Nova Iorque, Columbia University Press, 1982.

Han, J., Kamber, M. (2001) - Data mining: concepts and techniques, Ed. Morgan Kaufmann, San Francisco

Harris, E. C. (1989) - Principles of Archaeological Stratigraphy, London, Academic Press

Limited.

Harrison, R. J. (1975) – The Bell Beaker Cultures of Spain and Portugal. American School of Prehistoric Research. Peabody Museum. Harvard University. Bulletin nº 35, pp. 36-39

Hauser, G.; De Stefano, G. (1989). Epigenetic variants of the human skull. Stuttgart, Schweizerbart.

Head, K. H. (1984) - Manual of Soil Laboratory Testing : Effective Stress Tests. John Wiley & Sons (Sd)

Heggie, D. C. (1981) - Megalithic Science, Ancient Mathematics and Astronomy in Northwest Europe, Thames and Hudson Ltd., London

Heinzelin de Braucourt, J. (1962) – Manuel de typologie des industries lithiques. Bruxelles

Hernando, G. A. (1999) – Los primeros agricultores de la Península Ibérica. Una historiografía crítica del Neolítico. Síntesis, Madrid.

Hernando, G. A. (2000) – La cuestión de la «llegada» del Neolítico a la Península Ibérica desde el Sur o desde el Este. Un análisis historiográfico de coyunturas políticas y evidencias arqueológicas. Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular, Vol. I, pp.383-395.

Hernando, G. A. (1994) – El proceso de neolitización, perspectivas teoricas para el estudio del neolítico, Zephyrus, XLVI, pp.123-143

Herrmann, B.; Grupe, G.; Hummel, S.; Piepenbrink, H.; Schutkowski, H. (1990). Praehistorische Anthropologie. Leitfaden der Fels- und Labormethoden. Berlin, Springer Verlag.

Höck, M. e Kalb, P. (2000) – Novas investigações em Vale de Rodrigo. in V.S. Gonçalves, 2000 (ed.) Muitas antas, pouca gente? Actas do I Colóquio Internacional sobre Megalitismo (Reguengos de Monsaraz, 1996) Trabalhos de Arqueologia, 16. Lisboa: IPA, pp. 159-166

Hodder, I. (1982) – Symbols in action. Ethnoarchaeological studies of material culture, Cambridge

Hodder, I. (1986) – Reading the Past. Cambridge, Cambridge University Press

Hodder, I. (1990) – The Domestication of Europe. Oxford, Blackwell

Hodder, I. (1992) – Theory and practice in archaeology, Londres

Hodder, I. (1995) - Interpreting Archeology: finding meaning in the past. Londres, Routledge.

Hodder, I. (1999) - The Archaeological process, an introduction. Blackwell Publishers

Hodges, H. (1989) - Artefacts, an introduction to early materials and technology, Duckworth, London

Hoskin, M. e Calado, M. (1998) - Orientations of Iberian Tombs: Central Alentejo Region of Portugal. Archaeoastronomy, 23. Cambridge. pp. 77-82

Jalhay, E., Paço, A. (1945) - El castro de Vilanova de San Pedro, Actas y Memorias de la Sociedad Espanola de Antropologia, Etnografia y Prehistoria. - T. 20, Madrid.

Jalhay, E.; Paço, A. (1941) – A Gruta II da Necrópole de Alapraia. Anais da Academia Portuguesa

de História. Vol. 4. Lisboa: APH

Jarman, M. R., Bailey, G. N., Jarman, H. N. (1982) - Early European Agriculture, its foundation and development, Cambridge University Press, Cambridge

Johansson, L-U. (1986) - Hueso y Materiales Afines. In Conservación Arqueológica in Situ. México: Instituto Nacional de Antropología e Historia de México / Instituto Getty de Conservación.

Jorge, S. O. (1978) - Pontas de seta provenientes de túmulos do Noroeste Peninsular, Mínia, 2ª série, I (2), Braga, pp. 99-175

Jorge, S. O. (1979) - Contributo para o estudo de materiais provenientes de estações neolíticas dos arredores da Figueira da Foz. Actas da 1ª Mesa-Redonda sobre o Neolítico e o Calcolítico em Portugal. Porto, pp. 53-82.

Jorge, S. O. (1986a) - Povoados da Pré-História Recente da Região de Chaves Vª Pª de Aguiar, vol. I - A, Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras do Porto, Porto.

Jorge, S. O. (1990a) - A consolidação do sistema agro-pastoril, in Nova História de Portugal, Vol I: Das origens à romanização (coordenação de J. Alarcão), Lisboa, Editorial Presença, pp. 102-162.

Jorge, S. O. (1990b) - Desenvolvimento da Hierarquização Social e Metalurgia, Nova História de Portugal, coord. Jorge de Alarcão, Editorial Presença, pp. 163-212

Jorge, S. O. (1990c) - Dos últimos caçadores-recoletores aos primeiros produtores de alimentos. In Alarcão, J. (dir) - Nova História de Portugal. Lisboa: Presença. I, pp. 75-101.

Jorge, S. O. (1994) - Colónias, fortificações, lugares monumentalizados. Trajectória das concepções sobre um tema do calcolítico peninsular. Revista da Faculdade de Letras do Porto. II: XI, pp. 447-546.

Jorge, S. O. (1999) - Domesticar a Terra. Lisboa: Gradiva.

Jorge, S. O. (2000) - Problematizando a Pré-história recente de Portugal (VI-II milénios a. C.). Trabalhos de Antropologia e Etnologia, XL, 3-4, pp. 75-99.

Jorge, S. O. (2002) - Castelo Velho de Freixo de Numão: um recinto monumental pré-histórico do Norte de Portugal. Património e Estudos. Lisboa: IPPAR, pp. 145-163.

Jorge, S. O. et al. (2005) - Preliminary considerations on forms of spatial organisation and construction techniques in late prehistoric sites (Chalcolithic/Bronze Age) of the type of Castelo Velho and Castanheiro do Vento (Bila Nova de Foz Côa) - resemblances and differences in comparison with megalithic and similar constructions, Journal of Iberian Archaeology, 7, 2005, pp. 101-124.

Jorge, V. O. (1977) - Menhirs du Portugal. Colloque du 150 Anniversaire de la Société Polymathique du Morbihan. Vannes: Société Polymathique du Morbihan, pp. 99-124.

Jorge, V. O. (1979a) - Escavação das Mamoas 2 e 3 de Outeiro de Gregos (Serra da Aboboreira, Baião) - Notícia Preliminar, Revista de Guimarães, Vol. LXXXIX, Guimarães, pp. 251-264.

Jorge, V.O. (1982) – Megalitismo do Norte de Portugal: o Distrito do Porto – Os Monumentos e a sua Problemática no Contexto Europeu, Porto, Faculdade de Letras, dissertação de Doutoramento policopiada. Vol 1 e 2. Porto

Jorge, V. O. (1983) – Gravuras portuguesas. *Zephyrus*, Salamanca, 36, pp.53-61

Jorge, V. O. (1983-84) – Megalitismo do norte de Portugal: um novo balanço. *Portugália*. Porto 4-5, pp. 37-51

Jorge, V. O. (1984a) – Escavação da Mamoa da Gestosa (Sandim, Vila Nova de Gaia), *Gaya*, II, Gabinete de História e Arqueologia de Vila Nova de Gaia, pp. 19-38

Jorge, V. O. (1984b) – Escavação da Mamoa da Mina do Simão (Serra da Aboboreira-Amarante). *Arqueologia*. Porto, 9, pp.3-21

Jorge, V. O. (1985) - Novas Datações de Radiocarbono para Mamoas do Concelho de Baião. *Arqueologia*. Porto. 11.

Jorge, V. O. (1986a) – Arte Rupestre em Portugal, in *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, XXVI, pp. 27-50

Jorge, V. O. (1986b) – Polymorphisme des tumulus préhistoriques du Nord du Portugal: le cas d'Aboboreira. *Bulletin de la Société Préhistorique Française*. 86-3, pp. 177-182.

Jorge, V. O. (1986c) – Escavação da Mamoa 3 de Meninas do Castro. Serra da Aboboreira (Baião). *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 26:1-4, pp.75-93

Jorge, V. O. (1987a) – Em torno de Alguns Problemas do Megalitismo Europeu. *Projectar o Passado*. Lisboa: Presença. pp. 227-240

Jorge, V. O. (1987b) – Megalitismo de Entre Douro-Minho e de Trás-os-Montes (Norte de Portugal): conhecimentos actuais e linhas de pesquisa a desenvolver, *Separata da Revista da Faculdade de Letras*, II série, vol. IV, Porto, pp.269-286.

Jorge, V. O. (1987c) - *Projectar o Passado*. Lisboa: Ed. Presença, pp. 203-224.

Jorge, V. O. (1988) – Datas de Carbono 14 para a Mamoa de Chã de Parada 4 (Baião). *Arqueologia*. Porto. 17, pp 121-123.

Jorge, V. O. (1989) - Arqueologia social dos sepulcros megalíticos atlânticos: conhecimentos e perspectivas actuais. *Revista da Faculdade de Letras-História*. Porto. VI, pp. 365-443.

Jorge, V.O. (1990a) – O Languedocense. *Arqueologia em Construção. Ensaios*. Lisboa, Presença.

Jorge, V. O. (1990b) - *Arqueologia em construção. Ensaios*. Lisboa: Presença.

Jorge, V. O. (1990c) – O Neolítico - A emergência das Sociedades Agrícola-Pastoris na Perspectiva da Pré-História; Contextos Religiosos do Megalitismo; «Monumentalização» e «Necropolização» no Megalitismo Europeu - *Arqueologia em Construção*. Lisboa: Presença. pp. 197-249

Jorge, V. O. (1990d) – Monuments mégalithiques du nord du Portugal. *Probleme der Megalithgräber Forshung*. Berlin, New York : Walter de Gruijt, pp. 35-52.

Jorge, V. O. (1991) – Novos dados sobre a Fraga d'Aia (Paredes da Beira – São João da Pesqueira). *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 31 (1-4), Porto, pp. 181-185

Jorge, V. O. (1996) - Economias neolíticas e megalitismo: introdução ao problema. Porto: Faculdade de Letras.

Jorge, V. O. (1997) – Questões de Interpretação da Arte Megalítica. In *Brigantium*, vol.10. pp.47-65

Jorge, V. O. (1998) - O Império da Ordem e a proliferação dos não-lugares: contradições da gestão do património arqueológico in Jorge, Susana Oliveira e Jorge, Vítor Oliveira, *Arqueologia Percursos e Interrogações*, Porto, ADECAP.

Jorge, V. O. (2000) – Debate em torno às origens do megalitismo. In Gonçalves, V.S., (ed.) *Muitas Antas, Pouca Gente- Actas do I Colóquio Internacional sobre Megalitismo*. Lisboa: IPA, p. 303-319

Jorge, V. O. (2002) – Arqueologia dos monumentos da Pré-história recente. Algumas sugestões interpretativas. *Revista da Faculdade de Letras. Ciências e Técnicas do Património*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, I série, 1, pp. 13-26.

Jorge, V. O. (2003) – De que falamos quando falamos de arte? E de arte pré-histórica? E de megalitismo? E de arte megalítica? Alguns breves tópicos para uma reflexão sobre temas em que se impõe pormo-nos de acordo sobre as nossas (possíveis e desejáveis) discordâncias. Muita gente poucas antas? Origens, espaços e contextos do Megalitismo. *Actas do II Colóquio Internacional sobre Megalitismo*. Lisboa, pp. 395-406

Jorge, V. O. et al. (2002) – Castanheiro do Vento and the significance of monumental Copper and Bronze Age sites in northern Portugal, *Monuments and Landscape in Atlantic Europe. Perception and Society during the Neolithic and Early Bronze Age* (ed. C. Scarre), London, Routledge, pp. 36 – 50.

Jorge, V. O. et al. (2003) – Castanheiro do Vento, a late prehistoric monumental enclosure in the Foz Côa region, Portugal – recent research (1998-2002), *Journal of Iberian Archaeology*, 5, pp. 137-161.

Jorge, V. O. et al. (2006) – Sítio pré-histórico do Castanheiro do Vento (Vila Nova de Foz Côa): principais conclusões das escavações de 2005, *Portugalia, new series* (in preparation).

Jorge, V. O., Baptista, A. M., Silva, E. J. L., Jorge, S.O. (1997) - Escavação de mamoa 2 do Alto da Portela do Pau. Castro Laboreiro (Melgaço), Porto, SPAE, *Trabalhos Eventuais*, 5.

Jorge, V. O., Baptista, A., Silva, E., Jorge, S. O. (1997) – As Mamoas do Alto da Portela do Pau, Castro de Laboreiro, Melgaço – *Trabalhos de 1992 a 1994*, Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, Porto.

Jorge, V. O., Jorge, S. O. (1991) – Figurations humaines préhistoriques du Portugal : dolmens ornés, abris peints, rochers gravés, statues-menhirs, in *Revista da Faculdade de Letras*, IIª série,

vol. VIII, pp. 341-384

Jorge, V. O.; Almeida, C. A. (1980) – A estátua-menir fálca de Chaves. Porto: Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto.

Jorge, V. O.; Jorge, S. O. (1991) – Figurations humaines préhistoriques du Portugal: dolmens ornés, abris peints, rochers gravés, statues-menhirs. Revista da Faculdade de Letras. II série, VIII, pp. 341-384.

Joussaume, R. (1985) – Des dolmens pour les morts - Les mégalithismes à travers le monde, Collection «La mémoire du Temps», Poitiers, Hachette, pp. 228-230.

Joussaume, R. (2000) – Debate em torno às origens do megalitismo. In Gonçalves, V.S., (ed.) Muitas Antas, Pouca Gente?-Actas do I Colóquio Internacional sobre Megalitismo. Lisboa: IPA, p. 303-319

Kalb, P. (1987) – Monumentos megalíticos entre Tejo e Douro, in Megalitismo en la Peninsula Ibérica, Madrid, Ministério da Cultura, pp. 95-109.

Kalb, P. e Höck, M. (1995a) – Vale de Rodrigo (Évora): Projecto Interdisciplinar para a Investigação do Megalitismo Numa Região do Sul de Portugal. Trabalhos de Antropologia e Etnologia. Porto, 35:2, pp. 195-210.

Kalb, P. e Höck, M. (1995b) – Monte da Ponte: Prospecção geológica e arqueológica na zona megalítica de Vale Rodrigo. Actas de la 3ª Reunión Nacional de Geoarqueología. Santiago de Compostela 18-20 Diciembre de 1995.

Kemp, K. K., Goodchild, M.F., Dodson, R.F. (1992) - Teaching GIS in Geography: The Professional Geographer. May, pp. 181-191

Kingery, W. D. (1996 a) - A role for material science. Learning from Things, Method and theory of material culture studies, ed. W. David Kingery, pp. 175-180

Kingery, W. D. (1996 b) - Materials science and material culture. Learning from Things, Method and theory of material culture studies, ed. W. David Kingery, pp. 181-203

Koob, S. P. (1975) - The Consolidation of Archaeological Bone. Conservation in archaeology and the applied arts. Preprints of the Stockholm Congress, London: IIC. pp. 239-241.

La Baume, S. (1990) - Les Matériaux Organiques. La Conservation en Archéologie. Paris: Masson.

Lamarque, C. (1991). Caries, usure et parodontie d'une population médiéval provenant du Quartier Saint-Étienne à Toulouse. DEAU, Bordeaux, Université de Bordeaux I.

Laplace, G. (1964) – Essay de typologie systématique, Università degli Studi di Ferrara.

Laplace, G. (1968) – Recherches de typologie analytique, Origini II, Preistoria e Protostoria delle Civiltà Antiche, Roma, pp. 7-63

Larsson, L. (1990). Dogs in Fraction - Symbols in Action. Fourth International symposium "The Mesolithic in Europe", Leuven, Leuven University Press.

Le Roux, C.; Le Cerf, Y.; Gautier, M. (1989) – Les mégalithes de Saint-Just (Ille-et-Vilaine) et la fouille des alignements du Moulin Coujou. *Révue Archéologique de L'ouest*, 6, pp. 5-29

Le Roux, C.-T. (2000) – Debate em torno às origens do megalitismo. In Gonçalves, V.S., (ed.) *Muitas Antas, Pouca Gente? Actas do I Colóquio Internacional sobre Megalitismo*. Lisboa: IPA, p. 303-319

Leisner, G. (1938) – Verbreitung und Typologie der galizisch- nordportugiesischen Megalithgraber, Marburg.

Leisner, G. (1944) – O Dolmen de falsa cúpula de Vale-de-Rodrigo Biblos, vol. XX. pp.1-30

Leisner, G. (1948/49) – Antas dos Arredores de Évora. *A Cidade de Évora*. 15-16/17-18. pp.3-40/499-534

Leisner, G. (1949) – Antas dos Arredores de Évora, *Estudos de História, Arte e Arqueologia*, Évora.

Leisner, G. e V. (1951) – Antas do Concelho de Reguengos de Monsaraz. *Materiais para o Estudo da Cultura Megalítica em Portugal*, Instituto para a Alta Cultura, Lisboa.

Leisner, V. (1965) – Die megalithgraber der Iberischen Halbinsel. *Der Westen. Madrider Forschungen*, Band 1,3. Lieferung, Berlin.

Leisner, V. (1998) - Die Megalithgraber der Iberischen Halbinse/. *Deutsches Archaologisches Institut, Abteilung Madrid* .- Berlin: Walter de Gruyter, (Madrider Forschungen, 1)

Leisner, V., Ribeiro, L. (1986) – Die dolmen von Carapito, *Madrider Mitteilungen*, vol. 9, Berlin, pp. 11-62.

Leisner, V.; Zbyszewski; Georges; Ferreira, O. V. (1969) – Les monuments préhistoriques de Praia das Maças e Casainhos. Lisboa: *Serviços Geológicos de Portugal*.

Leisner, V.; Zbyszewski, G.; Ferreira, O. V. (1961) - Les grottes artificielles de Casal do Pardo (Palmela) et la culture campaniforme. Lisboa: *Serviços Geológicos de Portugal*.

Leite Velho, G. (2003) - (Re)Construindo Castelo Velho: práticas digitais para uma realidade virtual, *Recintos Murados da Pré-História Recente*, Coord. Susana Oliveira Jorge, Porto-Coimbra, pp.51-66.

Lemorini, C., Grimaldi, S., Rosina, P. (2001) - Observações funcionais e tecnológicas num sítio ao ar livre no Portugal Central: Fonte da Moita. In: Cruz A.R., Oosterbeek L. (coord.), série ARKEOS, vol.11, pp.117-140. CEIPHAR-Tomar

Lemorini, C., Grimaldi, S., Rosina, P. (2001) – Observações Funcionais e Tecnológicas num Habitat Paleolítico: Fonte da Moita (Portugal Central), *ARKEOS 11, Territórios, Mobilidade e Povoamento no Alto Ribatejo II – Santa Cita e o Quaternário da Região*, Tomar, pp.117-140

Lemorini, C.; Grimaldi, S.; Rosina, P. (2001) – Observações funcionais e tecnológicas num sítio ao ar livre no Portugal Central: Fonte da Moita, In *ARKEOS, 11, CEIPHAR*, pp.117-140

- Leroi-Gourhan, A. (1945) - Milieu et techniques: évolution et techniques. Paris. Editions Albin Michel,
- Leroi-Gourhan, A. (1972) – Cuadros de morfologia descriptiva, La Prehistoria, de A. Leroi-Gourhan, G. Bailloud, J. Chavaillon y A. Laming-Emperaire. Nueva Clío, Barcelona, pp. 157-183
- Leroi-Gourhan, A. (1990) - As religiões da pré-história., trad. Maria Inês da Franca Sousa Ferro e Victor Gonçalves . Lisboa, Ed. 70
- Lesur, J. Gascó, J. Tresset, A. Vigne, J-D (2001) – Un approvisionnement Chasseen Causseard Exclusivement Fonde Sur La Chasse ? La Faune de Roucadour (LOT). Préhistoire du Sud-Ouest, nº 8, Bulletin nº 1
- Lewis, G. (1998) – Magic, Religion and the Rationality of Belief, Companion Encyclopedia of Anthropology: Humanity, Culture and Social Life, Ed. Tim Ingold, Routledge, London and New York, pp. 563-590
- Lillios, K. (1991) - Competition to Fission :The Copper to Bronze Age Transition in the Lowlands of West-Central Portugal (3000-1000 BC), dissertação de doutoramento pela Universidade de Yale.
- Lockyer, N. (1906) – Stonehenge and other British stone monuments astronomically considered. London.
- Lopes, S. R., Jorge, V. O. (1973) – O complexo de Arte Rupestre do Tejo (Vila Velha de Ródão – Nisa): Notícia preliminar, Arqueologia e História, 9ª série, vol. IV, Lisboa, 1972 a), separata, Lisboa.
- Lubell, D.; Jackes, M.; Schwarcz, H.; Knyf, M.; Meiklejohn, C. (1994) – The Mesolithic-Neolithic transition in Portugal: isotopic and dental evidence of diet. Journal of Archaeological Science. San Diego. 21, pp.201-216
- Lubell, D.; Jackes, M.; Schwarcz, H.; Meiklejohn, C. (1986) – New radiocarbon dates for Moita do Sebastião. Arqueologia. Porto, 14, pp.34-36
- Luís, L., Silva, P. (1992) - Alvaizere - Contributo para o Estudo da Arqueologia do Concelho, F.L.U.C., Coimbra, pp.126-129.
- Lukacs, J. (1989). Dental paleopathology: methods for reconstructing dietary patterns. In: Iscan, M.; Kennedy, K. (eds.). Reconstruction of life from the skeleton. New York, Alan, R. Liss Inc.: 261 - 286.
- Lumley, H., Lautman, F. dir. (1991) – Le Mont Bego, Coloquio de Tende, 2 vol.
- Lussu, T., Rosina, P., Oosterbeek, L., Costa, F. (2001) - O musteriense de Santa Cita (Tomar, Alto Ribatejo, Portugal): investigação e conservação, ARKEOS, vol. 11, pp. 13-70.
- Machado, M. J. (1988) - A bacia hidrográfica do Rio Zêzere. Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica, Lisboa
- Maisels, Ch. K. (1999) - Early Civilizations of the Old World, Londres, Routledge.
- Mapa do Atlas do Ambiente, Portugal, escala 1/1000 000. Acidez e Alcalinidade dos Solos, segundo o esquema da FAO para a Carta dos Solos da Europa
- Mapa do Atlas do Ambiente, Portugal, escala 1/1000 000. Carta dos solos, segundo o esquema

da FAO para a Carta dos Solos da Europa

Mapa do Atlas do Ambiente, Portugal, escala 1/1000 000. Precipitação por dias, dados referentes entre 1931 e 1960

Marciano da Silva, C. (2000) – Sobre o possível significado astronómico do cromeleque dos Alendres. *A Cidade de Évora*, 4. 2ª Série. pp. 109 – 128

Mário Ruspoli (1987) – *Cave of Lascaux*, Hardcover,, Reissue

Marques, J. et. al. (1993) – *Excel GIS e Spatial Visualization Tool*, actas do IIº encontro sobre Sistemas de Informação Geográfica, Cascais, Novembro.

Marques, P. (1996) – *Paisagem Cárstica e Povoamento*, Novo Contributo para o Estudo e Desenvolvimento do Passado Arqueológico de Alvaiázere, tese de Seminário do Curso de Estudos Superiores Especializados em Arte, Arqueologia e Restauro – transcrita na base de dados do ARQSOFT.

Marques, P. (1999) – Novo contributo para o Estudo da passado arqueológico de Alvaiázere, *TECHNE*, vol. 5, pp. 65-140.

Martinez, A. J., Moreno, J. J. F. (1992) - El Dolmen de “el Alto de la Tejera” (Carrascosa de la Sierra, Soria). El fenomeno megalítico en el Alto Duero, *Trabajos de Prehistoria*, Vol. 49, Madrid, pp. 155-188

Martins, A. F. (1949) – *Maciço Calcário Estremenho*, contribuição para um estudo de geografia física, Coimbra, Tese de pré-história em Ciências Geográficas, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Martins, C. (1985) – *Arqueologia – Gruta do Cadaval (Tomar)*, *Espeleo Divulgação*, nº4, pp. 46-47, Tomar

Mata Parreño, C., Pérez Jorda, G., Iborra Eres, M.P., Grau Almero, E. (1997) - El vino de Kelin. *Universitat de València*, València.

Matos, V., Cardoso, F. (2002) – Os restos humanos exumados no monumento funerário de Colos (S. Facundo, Abrantes) – *Estudo Antropológico*, Relatório Técnico, Instituto Pedro Nunes, Coimbra, entregue no IPA, Lisboa.

Maurício, J. (1986a) – A Lapa da Modeira, Almondinha, nº 1, Torres Novas, pp. 8-10

Maurício, J. (1986b) – A Lapa dos Namorados, Almondinha, nº 1, Torres Novas, pp. 11-13

Maurício, J. (1986c) – Neolítico na Sala do Ricardo, Almondinha, nº 1, Torres Novas, pp. 14-19

Maurício, J. (1986d) – Lapa da Canha Longa, Almondinha, nº 1, Torres Novas, pp. 20-31

Maurício, J. (1986e) – A Lapa do Picadeiro, Almondinha, nº 1, Torres Novas.

Maurício, J. (1988) – *Contribuição para o Conhecimento da Pré-História do Concelho de Torres Novas*, Almondinha, nº 1, Torres Novas, pp. 6-9

Mauss, M. (1988) – *Ensaio sobre a dádiva*, Lisboa

Mays, S. (1998) – *The Archaeology of Human Bones*. London. Routledge.

McKinley, J. (2000) – The analysis of cremated bone. In Cox, M. & Mays, S. (Eds.) *Human*

Osteology. In *Archaeology and Forensic Science*. London. Greenwich Medical Media.

Mendonça, A. Z. (1933) - O rio Tejo – breve descrição geográfica. Lisboa, Anuário dos Serviços Hidráulicos, I, pp. 7-16

Michniak, R. (1979) – Origin of Chert nodules in The Upper Maestrichtian siliceous limestones from the environs of Kazimierz Dolny on the Vistula River. *Archiwum Mineralogiczne* XXXV-1. pp. 107-113

Michniak, R. (1980) – Petrography and origin of dark irregular chert nodules from the Lower Turonian sediments in the vicinity of Ozarów Central Poland. *Archiwum Mineralogiczne* XXXIV-2. pp. 100-106

Migliavacca, M. (2000), Val da Laje, Jogada, Pinheiros, ARKEOS, vol. 9, pp. 143-180

Milisauskas, S. (2002) – *European Prehistory. A Survey*, Nova Iorque/Londres, Kluwer Academic/Plenum Publishers, 2002.

Miller, D. (1982) - Structures and strategies: an aspect of the relationship between social hierarchy and cultural change, Ian Hodder (ed), pp. 89-98.

Miller, D. (1998) – *Artefacts and the Meaning of Things*, Companion Encyclopedia of Anthropology: Humanity, Culture and Social Life, Ed. Tim Ingold, Routledge, London and New York, pp. 396-419

Miller, D., Tilley, Ch., eds. (1984) – *Ideology, Power and Prehistory*, Cambridge, New Directions in Archaeology

Miller, H. J., Han, J. (2001) - *Geographic data mining and knowledge discovery*. Taylor & Francis, London

Moberg, C. A. (1981) – *Introdução à Arqueologia*, Lisboa, Edições 70

Moorrees, C.; Fanning, E.; Hunt, E. (1963). Age variation of formation stages for ten permanent teeth. *Journal of Dental Research*, 42(6): 1490-1502.

Moura, M. F. C. (1994) – *Paisagem Cársica e Povoamento: Contribuição para o estudo da distribuição espacial das estações da Idade do Bronze no Alto Alentejo*. Tese do seminário do Curso de Estudos Superiores especializados em Arte, Arqueologia e Restauro. Escola Superior de Tecnologia de Toma - transcrita na base de dados ARQSOFTE.

Mouterde, R. (1964-65) - *Coupe du Lias au sud de Condeixa - Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal, Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal, tomo XLVIII, Lisboa*

Mouterde, R. (1967) – *Stratigraphie du Lias de la région d'Alvaizere*, Serviços Geológicos de Portugal, Lisboa, pp. 153-168

Mouterde, R., Rocha, B. (1983) - *Le lias de la région de Rio de Couros (nord de Tomar)* Homenagem ao prof. dr. Carlos Teixeira, *Boletim da Sociedade Geológica de Portugal*, 22, pp. 209-220

Mozzi, P. (1998) - *Evoluzione Geomorfologica della bassa valle del fiume Nabão*. In Cruz,

Oosterbeek, Pena dos Reis (coord.), Quaternário e Pré-História do Alto Ribatejo (Portugal), ARKEOS, vol. 4, pp.37-58

Mozzi, P. (2000) - Geomorphological and geological investigations in the Zêzere and Nabão river basins (Ribatejo, Portugal), ARKEOS, vol. 9, pp. 127-142

Mozzi, P., Raposo, L., Cruz, A. R., Oosterbeek, L., Pena dos Reis, R. (1999) – Morpho-stratigraphy of Quaternary deposits and the archaeological record: the case of the Tejo and Nabão valleys (Ribatejo, Portugal). ARKEOS 5, Human Population Origins in the Circum Mediterranean Area, Tomar, pp. 63-84

Mozzi, P., Raposo, L., Cruz, A.R., Oosterbeek, L., Reis, R.P. (1999) - Morpho-stratigraphy of Quaternary deposits and archaeological record: the case of the Tejo and Nabão valleys (Ribatejo, Portugal), A.R. Cruz, S.Miliken, L. Oosterbeek, Peretto, C., coord. (1999) Human Population Origins in the Circum-Mediterranean Area: Adaptation of the Hunter-Gatherer groups to environmental Modifications, série ARKEOS, vol.5, Centro Europeu de Investigação da Pré-História do Alto Ribatejo, pp. 63-84.

Narciso, A. C. (1944) – Os Nossos Rios, Editora Médica, Lisboa

Neiva, C. (1933) – O Dólmen da Fonte Coberta (Chã de Aljô), Boletim da Associação Fil. Nat. Vol. 1, nº 5, pp. 61-82

Nicod, J. (1972) – Pays et Paysages du Calcaire, Col. Le Geographe, Presses Universitaires de France, Paris.

Nunes, S., Sousa, V. (2006) – Geografia Industrial na Comunidade Urbana do Médio Tejo: “O Triângulo” Abrantes, Torres Novas e Tomar Revisitado. Revista do Instituto Politécnico de Tomar, Tomar

Obemaier (1924) – El dolmen de Soto (Trigueros; Huelva). Bol. Soc. Esp. Exc. pp. 1-31

Oliveira, J. (1995) – Monumentos megalíticos da bacia hidrográfica do Rio Sever (Marvão, Castelo de Vide, Nisa, Valência de Alcântara, Herrera de Alcântara e Cedillo). Lisboa: Colibri

Oliveira, J. (1997) – Datas absolutas de monumentos megalíticos da bacia hidrográfica do Rio Sever. Actas do II Congresso de Arqueologia Peninsular, T.II. Zamora: Fundación Rey Afonso Henriques. pp. 229-239

Oliveira, J. (1998) - Antas e menires do Concelho de Marvão. Ibn Maruán, 8. pp. 13-47

Oliveira, J. (2000a) – O megalitismo de xisto da Bacia do Sever (Montalvão-Cedillo). in V.S. Gonçalves, 2000 (ed.) Muitas antas, pouca gente? Actas do I Colóquio Internacional sobre Megalitismo (Reguengos de Monsaraz, 1996) Trabalhos de Arqueologia, 16. Lisboa: IPA

Oliveira, J. (2000b) – A Anta da Fábrica da Celulose (Mourão). Memórias d’Odiana - Estudos Arqueológicos do Alqueva, 2. pp. 193 - 218

Oliveira, J. e Sarantopoulos, P. (1994) – Alguns monumentos megalíticos afectados pela expansão urbana da cidade de Évora. Actas das V Jornadas Arqueológicas. Lisboa: AAP. pp.187-194

- Oliveira, J; Oliveira, C. (2000) – Menhires del distrito de Portalegre, Extremadura Arqueológica VIII, El Megalitismo en Extremadura (Homenaje a Elias Diéguez Luengo) Mérida, pp. 105-126
- Olivier, G.; Demoulin, F. (1984). *Pratique anthropologique à l'usage des étudiants*. Paris, Université Paris 7.
- Olwing, K. F., Hastrup, K. (1997) - *Siting Culture: The Shifting Anthropological Object*, London and New York
- Oosterbeek L., Cruz, A. R. (1985) - A Gruta do Cadaval, Elementos para a Pré- História do Vale do Nabão. *Arqueologia na Região de Tomar*, 1, pp. 61-76.
- Oosterbeek L., Cruz, A. R. (1988) - Neolitização do Vale do Nabão. E.S.T.T. Tomar.
- Oosterbeek, L. (1985) - A facies megalítica da Gruta do Cadaval (Tomar), *Actas da Reunião do Quaternário Ibérico*, nº 1, Vol.II, G.E.T.C. e G.T.P.E.Q., Lisboa, pp. 147-159.
- Oosterbeek, L. (1986a) - Vestígios do Neolítico e do Calcolítico na região de Tomar, *Jornal "Cidade de Tomar"* de 12-9-1986.
- Oosterbeek, L. (1986b) - Gruta do Cadaval, *Informação Arqueológica* (1985), nº7, Departamento de Arqueologia do IPPC. Lisboa, pp.72-73.
- Oosterbeek, L. (1987a) - Gruta do Cadaval, *Informação Arqueológica* (1986), nº8, Departamento de Arqueologia do IPPC. Lisboa, pp.79-80.
- Oosterbeek, L. (1987b) – Gruta dos Ossos, *Informação Arqueológica* (1986), nº8, Departamento de Arqueologia do IPPC, Lisboa, pp.80-81.
- Oosterbeek, L. (1988) – Relatório de Escavação da Gruta dos Ossos, Centro de Pré-História, Instituto Politécnico de Tomar, Tomar
- Oosterbeek, L. (1989) – Relatório de Escavação da Gruta dos Ossos, Centro de Pré-História, Instituto Politécnico de Tomar, Tomar
- Oosterbeek, L. (1993a) – Nossa Senhora das Lapas: excavation of prehistoric cave burials in Central Portugal, *Papers of The Institute of Archeology*, vol. 4, London, pp. 49-62
- Oosterbeek, L. (1993b) – Gruta dos Ossos - Tomar - Um ossuário do Neolítico Final, *Boletim Cultural*, nº 18, Câmara Municipal de Tomar, pp.10-27.
- Oosterbeek, L. (1994) – Echoes from the East: The western network. North Ribatejo (Portugal): an insight to unequal and combined development, 7000 – 2000 B.C. London, *Dortorate thesis presented to the University College London*, Tese fotocopiada, Instituto Politécnico de Tomar, Tomar..
- Oosterbeek, L. (1997) – Echoes from the East: The western network. North Ribatejo (Portugal): an insight to unequal and combined development, 7000 – 2000 B.C., *ARKEOS 2*, Tomar.
- Oosterbeek, L. (1998) - Turismo e Arqueologia – anotações para um processo em construção, *Ciclo de Conferências de Gestão Turística e Cultural - 1º caderno*, Tomar, Centro de Estudos Turismo e Cultura, Instituto Politecnico Tomar, pp.11-20
- Oosterbeek, L. (1999a) - Alto Ribatejo: Património Arqueológico e Desenvolvimento Regional, *Boletim do Rotary Club de Tomar*, nº41, pp. 18-21.

Oosterbeek, L. (1999b) - The Alto Ribatejo and the Neolithisation, *Journal of Iberian Archaeology*, vol. 1, pp. 69-82.

Oosterbeek, L. (2000a) - A Past for the Future and a Past for the Present, *La Gestione del Patrimonio Culturale - Proceedings of the 16th Colloquio Internazionale per i Beni Culturali, Roma, DRI-Ente Inerregionale*, pp.22-25

Oosterbeek, L. (2000b) - Continuidade e descontinuidade na pré-história - estatuto epistemológico da Arqueologia e da Pré-História, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia* 40 (3-4), Porto, Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, pp.51-74.

Oosterbeek, L. (2001a) - Re-thinking the Mesolithic-Neolithic transition in the Iberian Peninsula: a view from the West, *Documenta Praehistorica XXVIII - 8th Neolithic Studies*, pp.75-84

Oosterbeek, L. (2001b) - Stones, carvings, foragers and farmers in the Southwest of Europe. A view from the inland, *Prehistoria* 2000, UISPP, pp. 150-168

Oosterbeek, L. (2002a) – Le culte de l'eau dans le Alto Ribatejo, *ARKEOS* 13, Territórios, Mobilidade e Povoamento no Alto Ribatejo III – Arte Pré-Histórica e o seu Contexto, Tomar, pp. 227-256

Oosterbeek, L. (2002b) – Territórios, Mobilidade e povoamento no Alto Ribatejo II (TEMPOAR), *ARKEOS* 12, Territórios, Mobilidade e Povoamento no Alto Ribatejo III – Arte Pré-Histórica e o seu Contexto, Tomar, pp. 323-325

Oosterbeek, L. (2003a) - Prehistoric Art and the Archaeological and Environmental Park of the Alto Ribatejo, A.R.Cruz e L.Oosterbeek (coords.), *Arte Pré-Histórica - arqueologia, valorização*, *ARKEOS* 14, Tomar, CEIPHAR, pp. 53-58

Oosterbeek, L. (2003b) – Vale do Ocreza – Campanha de 2000, *TECHNE* 8, Arqueojovem, Tomar, pp. 41-70

Oosterbeek, L. (2004a) - Archaeographic and conceptual advances in interpreting Iberian Neolithisation, *Documenta Praehistorica XXXI*, Ljubljana, pp.83-87

Oosterbeek, L. (2004b) - Megaliths in Portugal: the western network revisited, Göran Burenhult (ed.), *Stones and Bones. Formal disposal of the dead in Atlantic Europe during the Mesolithic-Neolithic interface 6000-3000 BC*, Oxford, BAR-International Series 1201, pp.27-37

Oosterbeek, L. (2004c) - A Neolitização do Alto Ribatejo e a questão do "langdocense", in A. Baptista, *Carta Arqueológica do Concelho de Constância, Constância, Escora*, pp. 211-213

Oosterbeek, L., Cruz, A. (1991) – Arqueologia da Morte. *Boletim Cultural da Câmara Municipal de Tomar*, 15, pp.280-281.

Oosterbeek, L., Cruz, A. (2000) - Alto Ribatejo. Património Arqueológico e Desenvolvimento Regional, *Al-Madan, série II*, vol. 9, pp.212-213

Oosterbeek, L., Cruz, A. (2000) - Nota sobre o complexo arqueológico de Alvaiázere, *TECHNE*, vol.6, pp.121-125

Oosterbeek, L., Cruz, A. (2003) - Ribeira da Atalaia - Campanha de 2001, *TECHNE*, vol. 8, pp.

Oosterbeek, L., Cruz, A. et al. a) (1999) – Novos dados crono-estratigráficos e paleo-ambientais do Pleistoceno e do Holoceno no Alto Ribatejo, *Contributos das Ciências e das Tecnologias para a arqueologia da Península Ibérica, Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular*, vol. 9, pp. 99-110

Oosterbeek, L., Cruz, A. R. (1992) – O Rio Nabão há 4.000 anos – O Povoado da Fonte Quente e o mais antigo povoamento no vale do Nabão, *Boletim Cultural*, nº17, Câmara Municipal de Tomar, pp. 27-42.

Oosterbeek, L., Cruz, A., Reis, R. P., Garcia, F. B., Martí, E. A., Migliavacca, M., Mozzi, P. (2000) – Novos dados crono-estratigráficos e paleo-ambientais do Pleistoceno e do Holoceno no Alto Ribatejo, *ARKEOS 9, Territórios, Mobilidade e Povoamento no Alto Ribatejo I - Industrias e ambientes*, Tomar, pp.23-36

Oosterbeek, L., Cruz, A., Rosina, P., Figueiredo, A., Grimaldi, S. (2002) – TEMPOAR – Territórios, Mobilidade e Povoamento no Alto Ribatejo (Portugal) – 1998-2001 (síntese global dos trabalhos realizados), *ARKEOS 12, Perspectivas em Diálogo*, Tomar, pp.261-322

Oosterbeek, L., Cruz, A., Rosina, P., Figueiredo, A., Grimaldi, S. (2003) – TEMPOAR – Territórios, Mobilidade e Povoamento no Alto Ribatejo (Portugal) – 1998-2001, ed. Instituto Politécnico de Tomar

Oosterbeek, L., Cruz, A.R., Cura, S., Rosina, P., Grimaldi, S., Gomes, J. (2004) – Ribeira da Ponte da Pedra – Relatório da campanha de escavação de 2003. *TECHNE 9*: 21-54. *Arqueojovem-Tomar*

Oosterbeek, L., Cruz, A.R., Félix, P.J. (1992) – Anta 1 de Val da Laje: Notícia de 3 anos de escavação 1989-91, *Boletim Cultural*, nº16, Câmara Municipal de Tomar. Tomar, pp.31-49

Ortner, D. (2003). *Identification of pathological conditions in human skeletal remains*. San Diego, Academic Press. 2ª Edição.

Osório, D. (2001) – Reorganization of ArqSoft 2000, dissertação de Mestrado Europeu pelo Instituto Politécnico de Tomar e Rijksuniversiteit Leiden

Osório, F. (1998) – La Explicación en Antropología, *Cinta de Moebio No.4*. Facultad de Ciencias Sociales. Universidad de Chile. <http://rehue.csociales.uchile.cl/publicaciones/moebio/04/osorio01.htm>

Paço, A. (1970) – *Trabalhos de Arqueologia de Afonso do Paço I*. Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses.

Paço, A. (1971) – *Trabalhos de Arqueologia de Afonso do Paço II*. Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses.

Pailain, Ch. (1976) – Une série detritique terrigène les «Grés de Silves»: Trias et Lias inférieur du Portugal, *Memórias dos Serviços Geológicos de Portugal*, nº 25 (n.s.), Lisboa

Paradela, P.L., Zbyszewski, G. (1971) – *Hidrogeologia geral do centro e sul de Portugal: livro-guia da excursão nº 9*. Direcção Geral de Minas e Serviços Geológicos, Lisboa

- Parsons, T. (1968) - *La Estructura de la Acción Social*, Guadarrama, Madrid
- Pearson, M. P. (1984) - *Social change, ideology and the archaeology record*, *Marxist Perspectives in Archaeology*, edited by M. Spriggs. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 59-71.
- Pena dos Reis, R. (1998) – *Estratigrafia e Controlos Depositionais*, ARKEOS 4, Quaternário e Pré-História do Alto Ribatejo (Portugal), Tomar, pp.21-36
- Pena dos Reis, R. (1998) – *Estratigrafia e Controlos Depositionais dos Terraços Fluviais Quaternários*, na região de Tomar-Entroncamento. ARKEOS, 4, pp. 21-35.
- PEREIRA G., (1880) – *Antiguidades Prehistóricas. Dolmens d'Évora. O Universo Ilustrado*. Lisboa.4 (32), pp.252-255.
- Pereira, J. (2006) – *Carta Arqueológica do Concelho de Ourém – coordenação de Jaqueline Pereira*, edição da Câmara Municipal de Ourém, Ourém
- Pereira, J. A. (1997) – *ArqSoft – versão 2.0*, Base de dados geo-referenciada do Alto Ribatejo, ARKEOS, nº 4, Quaternário e Pré-História do Alto Ribatejo (Portugal), pp. 260-276.
- Pereira, J. L. (1998) – *Tecnologia de Bases de Dados*, 2ª Edição, FCA – Editora de Informática, Lisboa.
- Pereira, M. A. H. (1970) – *Monumentos Históricos do Concelho de Mação*, Camara Municipal de Mação, Mação.
- Pereira, M. A. H. (1972) – *A Coelheira Calcólica de Penhascoso*, *Actas das II Jornadas Arqueológicas*, 2, Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 17-64
- Pérez Jorda, G., Iborra Eres, M.P., Grau Almero, E., Bonet Rosado, H., Mata Parreño, C. (1998) - *La explotación agraria del territorio en época ibérica: los casos de Edeta y Kelin*. XXII Colloqui Internacional per l'estudi de l'Edat del Ferro. Museu d'Arqueologia de Catalunya, Girona.
- Petrén, T., Roux, F. (1981) - *Introdução à Anatomia Humana*. Lisboa: Dom Quixote.
- Petrescu, M. (2000) - *Étude comparative de certaines associations végétales forestières du Portugal et de la région de la Dobroudja (Roumanie)*, ARKEOS, vol. 9, pp. 59-82
- Piel-Desruisseaux, J.-L. (1986) – *Outils Préhistoriques: Forme, Fabrication, Utilisation*, Paris, Masson
- Pina, H.L. (1971) – *Novos Monumentos Megalíticos do Distrito de Évora*. *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia*, Vol. I. Coimbra. pp. 151-161
- Pina, H. L. (1976) – *Cromlechs und Menhire Bei Évora in Portugal*. *Madrider Mitteilungen*, 17. Heidelberg. pp. 9-20
- Powell, M.L. (1985). *The analysis of dental wear and caries for dietary reconstruction*. In: Gilbert, R.I.; Mielke, J.H. (eds.). *The analysis of prehistoric diets*. Orlando, Academic Press: 307 - 338.
- Prague, C. N., Irwin, M. R. (1999) – *Microsoft Access 2000 Bible*, IDG Books Worldwide, Inc.
- Price, N. S. (1995) – *Conservation on Archaeological Excavations*. Rome: ICCROM.

Price, T. D., Feinam, G. M. (1995) -Foundations of Social Inequality, Nova Iorque/Londres, Plenum Press, 1995.

Ramil, P., (1993) - Paleobotánica de yacimientos arqueológicos holocenos de Galicia (NW cantábrico). *Munibe (Antropologia-Arkeologia)*, 45, 165-174.

Rapoport, A. (1998) – Spatial Organization and the Built Environment, Companion Encyclopedia of Anthropology: Humanity, Culture and Social Life, Ed. Tim Ingold, Routledge, London and New York, pp. 460-502

Raposo, L. (2003) – Arte Megalítica – As placas e os báculos das Antas Alentejanas, in revista *Evolução*, Centro Português de Geo-História e Pré-História, Lisboa, pp.10-13

Raposo, L., Carreira, J.R., Salvador, M. (1985) – A estação acheulense final de Milharos, Vale do Forno, Alpiarça. *Actas da I reunião do Quaternário Ibérico*, vol. 2, Lisboa, pp.41-60

Raposo, L., Silva, A. C. (1984) – O Languedocense: ensaio de caracterização morfotécnica e tipológica, *Arqueólogo Português*, série IV, vol. 2, Lisboa.

Raposo, L., Silva, A. C. (1996) - A Linguagem das Coisas, ensaios e crónicas de arqueologia. Lisboa: Europa-América.

Raposo, L., Silva, A. C. (s/d) – A estação languedocense do Xerez de Baixo (Guadiana), in *Setúbal Arqueológica*, nº 3, pp. 43-84.

Rau, V. (1949) - Estremadura et Ribatejo: livret-guide de l'excursion, Virgínia Rau et Georges Zbyszewski, Lisbonne, Union Géographique Internationale.

Redman, Ch. (1990) - Los Orígenes de la Civilización, Barcelona, Editorial Crítica, 1990.

Redman, Charles L. (1978) - The rise of civilisation- from early farmers to urban society in the Ancient Near East, San Francisco, Freeman and Co.

Renfrew, C. (1972) – The Emergence of Civilisation: the Cyclades and the Aegean in the Third Millennium BC. London, Methuen.

Renfrew, C. (1973) – (Editor) *The Explanation of Culture Change: Models in Prehistory*. London, Duckworth.

Renfrew, C. (1976) – Before Civilisation, the Radiocarbon Revolution and Prehistoric Europe. London, Cape. 1976, London Penguin

Renfrew, C. (1983) – (Editor) *The Megalithic Monuments of Western Europe*. London, Thames and Hudson.

Renfrew, C. (1998) – Mind and Matter: Cognitive Archaeology and External Symbolic Storage. [Cognition and Material Culture: the Archaeology of Symbolic Storage](#), Cambridge, McDonald Institute for Archaeological Research, Ed. by Colin Renfrew and Chris Scarre, pp. 1-6

Renfrew, C., Bahn, P. (1993) – Arqueología: Teorías, Métodos y Práctica. Ediciones Akal, S.A., España

Renfrew, C., Bahn, P. (2000) - *Archaeology: Theories, Methods and Practice*, London, Thames &

Hudson, 3.^a ed., 2000.

Renfrew, C., Scarre, C. (1998) - [Cognition and Material Culture: the Archaeology of Symbolic Storage](#), Cambridge, McDonald Institute for Archaeological Research

Ribeiro, O. C. (1866) - Descrição do solo quaternário das bacias hydrographicas do Tejo e Sado. Comissão Geológica de Portugal, Lisboa

Ribeiro, O. C. (1871) - Descrição de alguns sílex e quartzitos lascados encontrados nas camadas dos terrenos terciário e quaternário das bacias do Tejo e Sado. Academia Real das Sciencias de Lisboa, Lisboa

Ribeiro, O. C. (1947) – Inquérito de Geografia Regional, Instituto para a Alta Cultura – Centro de Estudos Geográficos, 2.^a ed., Lisboa

Ribeiro, O. C. (1949) - O fosso do médio Zêzere, Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal, tomo 30. Direcção Geral de Minas e Serviços Geológicos, Lisboa.

Ribeiro, O. C. (1968) - Excursão à Estremadura e Portugal Central, Finisterra, Revista Portuguesa de Geografia. Vol. III, nº6. Lisboa

Ribeiro, O. C. (1968) – Excursão à Estremadura e Portugal Central, Finisterra. Revista portuguesa de Geografia.

Ribeiro, O. C. (1995) - Les recherches de géographie historique au Portugal. Sep. de: Géographie Historique et Culturelle de l'Europe - Hommage au Professeur Xavier de Planhol. Presses de l'Univ. de Paris-Sorbonne. Paris, pp. 329-351.

Ribeiro, O. C., Lautensach, H. (1997) - Geografia de Portugal. Organização, comentários e actualização de Suzanne Daveau, 3a ed. - Vol.1: A posição geográfica e o território. - Vol. 2: o ritmo climático e a paisagem. - Vol. 3: O povo português, Lisboa. Ou 1997

Ribeiro, C. (1866) - Description du terrain quartenaire des bassins du Tage et du Sado. Version française par M. Dalhuny. - Lisbonne: Typographie de l'Academie Royale des Sciences

Ribeiro, C. (1871) - Descrição de alguns sílex e quartzites lascados encontrados nas camadas dos terrenos terciário e quaternário das bacias do Tejo e Sado: memória apresentada à Academia Real das Sciencias de Lisboa, Notícia de algumas estações e monumentos préhistóricos. Lisboa

Rice, P. M. (1987) – Pottery Analysis: A Sourcebook. University of Chicago Press, Chicago.

Rocha, A. S. (1899-1903) – Estação Luso-Romana da Caverna do Bacelinho da Serra de Alvaiázere, Portugália, Tomo I, pp. 137-139.

Rocha, A. S. (1899-1903) - Vestígios da Época do Bronze em Alvaiázere, Portugália, Tomo I, pp.135-136.

Rocha, A. S. (1904) - Materiais para o Estudo do Bronze em Portugal, Portugália, pp.13-14.

Rocha, A. S. (1907) – O museu municipal da Figueira da Foz: catalogo. Imprensa Lusitana, Figueira da Foz

Rocha, A. S. (1911) – Materiaes para o estudo da Idade do Cobre em Portugal, Figueira da Foz,

Imprensa Lusitana de A. Veiga.

Rocha, A. S. (1949) – Memórias e explorações arqueológicas, Antiguidades pre-históricas do concelho da Figueira da Foz., Coimbra, Vol. 1.

Rocha, A. S. (1954) – Materiais para a história da Figueira nos séculos XVII e XVIII, 2a ed., Casa Minerva

Rocha, L. (1997) – Os menires de Pavia, Mora (Portugal). II Congr. Arqueol. Peninsular, t.II, Zamora, Fundación Rey Afonso Henriques. pp. 221-228

Rocha, L. (1999a) – Povoamento megalítico de Pavia. Mora: Câmara Municipal de Mora

Rocha, L. (1999b) – O megalitismo funerário da área de Pavia, Mora (Portugal). Estado actual da investigação. II Congrèss del Neolític a la Península Ibèrica, SAGVNTVM – PLAV, Extra-2, pp. 421-428

Rocha, L. (2000) – O alinhamento da Têra, Pavia (Mora): resultados da 1ª campanha (1996). in V.S. Gonçalves, 2000 (ed.) Muitas antas, pouca gente? Actas do I Colóquio Internacional sobre Megalitismo (Reguengos de Monsaraz, 1996) Trabalhos de Arqueologia, 16. Lisboa: IPA, pp.

Roche, J. A. (1960) – Le gisement mésolithique de Moita do Sebastião: Muge, Portugal Archéologie, Vol. 1, Lisboa, Instituto de Alta Cultura.

Roche, J.; Ferreira, O. da V. (1961) - Révision des boutons perforés en V de l'énéolithique portugais Anthropologie, vol. 65, Paris, pp. 67-73

Roche, J.; Ferreira, O. da V. (1961) – Révision des boutons perforés en V de l'énéolithique portugais, Anthropologie, Vol. 65, Paris, pp. 67-73

Rodrigues, M. C. M. (1986 a) – Código para a análise das placas de xisto gravadas do Alto Alentejo, Câmara Municipal de Castelo de Vide, vol. I, Lisboa

Rodrigues, M. C. M. (1986 b) – Estudo Ideológico-Simbólico das Placas de Xisto Gravadas, Câmara Municipal de Castelo de Vide, vol. II, Lisboa

Rodrigues, S. (2000) – A estação neolítica do Prazo (Freixo de Numão – Norte de Portugal) no contexto do Neolítico Antigo do Noroeste Peninsular, Algumas considerações preliminares, in Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular (UTAD, Vila Real, Portugal, Setembro de 1999), vol. 3, Porto, ADECAP, pp. 149-180

Rodrigues, S.; Angelucci D. (2004) - New data on the stratigraphy and chronology of the prehistoric site of Prazo (Freixo de Numão), Revista Portuguesa de Arqueologia. volume 7. número 1. pp.39-60

Rodriguez-Ariza, M. O. (1993) – Los procesos de formación y transformación del registro arqueológico en los estudios antracológicos, Arqueología Espacial, 16-17, Teruel, pp. 371-390

Romariz, C., Almeida, C. C., Crispim, J. A. (1987) – Sistemas Cársicos do Litoral Atlântico, Symposium on Applied and Environmental Geology, Tomar.

Rosina, P. (1997) – Analisi Archeometriche di provenienza di manufatti silicei del Paleolitico

Medio e Superiore dell'Italia centro-tirrenica. Primi Risultati. Università "La Sapienza" di Roma, Tesi di Laurea in Scienze Geologiche, Roma

Rosina, P. (2001) - Quadro Morfo-sedimentario dei Depositi Quaternari nella Media Valle del Tago (Alto Ribatejo, Portogallo Centrale): un esempio di applicazione di un SIG, dissertação de Mestrado Europeu pelo Instituto Politécnico de Tomar e Università degli Studi di Ferrara

Rosina, P. (2002) - Stratigraphie et Géomorphologie des terrasses fluviales de la Moyenne Vallée du Tage (Haut Ribatejo – Portugal) DEA, Universidade de Perpignan, França

Rosina, P. (2004) - I depositi Quaternari della media valle del Tago e le industrie litiche associate, Tese de doutoramento apresentada na Universidade de Ferrara.

Rosina, P. (2004, no prelo) - Os terraços fluviais do Tejo e a fauna associada. I Seminário "Paleontologia e Arqueologia do estuário do Tejo", Montijo, 28-30 de Maio de 2004.

Rosina, P., Anastácio, R. (2004) - Elaboração da carta morfo-sedimentar dos depósitos quaternários do Alto Ribatejo (Portugal Central) recorrendo a um sistema de informação geográfica. Gabinete de Publicações, Instituto Politécnico de Tomar..

Ruget-Perrot, Ch. (1961) – Études stratigraphiques sur le Dogger et le Malm inférieure du Portugal au Nord du Tage: Bajocien, Bathonien, Callovien, Lusitanien, Memórias do Serviço Geológicos de Portugal, nº7 (n.s), Lisboa.

Ruiz Zapatero, G., Mozota, F. B. (1988) - Metodología para la investigación en arqueología territorial, Antropología y Arqueología, Suplemento N.º 6, San Sebastian, pp. 45 - 54.

Sainte – Suzanne, J.L. (1963) – Étude géologique de la région d'Alvaiázere (province de Beira-Litoral, Portugal), D.E.S., Lyon.

Sanches, M. J. (1995a) – O povoado da Lavra, Serra da Aboboreira. A Idade do Bronze em Portugal, Discursos de Poder. Lisboa Instituto Português de Museus, pp. 116-117

Sanches, M. J. (1995b) – O Abrigo do Buraco da Pala (Mirandela) no Contexto da pré-história recente de Trás-os-Montes e Alto Douro. Dissertação de Doutoramento apresentado à Faculdade de Letras do Porto. Porto, 2 vol. I e II

Sanches, M. J. (1996) – Ocupação pré-histórica do Noroeste de Portugal. Zamora: Fundación Rei Afonso Henriques.

Sanches, M. J. (1997) – Pré-História Recente de Trás-os-Montes e Alto Douro, 2 vol. I e II, Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia

Sanches, M. J. (2003) – Sobre a ocupação do neolítico inicial no norte de Portugal. Muita gente, poucas antas? Origens, Espaços e Contextos do Megalitismo, in Actas do II Colóquio Internacional Sobre Megalitismo, Lisboa, pp. 156-179

Sangmeister, E.; Jiménez Gómez, M. (1995) Zambujal: Kupferfunde aus den Grabungen 1964 bis 1973 Mainz : Verlag Philipp von Zabern

Santana, A. A. S. (1992) - Modelos de Ocupación en Áreas de Montaña: la Isla de Gran Canaria

(1478-1865), Pirineos, Revista de Ecología, Jaca.

Santos Junior, J.R. (1930) - Arte Rupestre, Congresso do Mundo Português, I, Lisboa, pp. 329-376

Santos Junior, J. R. (1940) - Pinturas megalíticas no concelho de Carrazeda de Ansiães, Intituto de Antropologia da Univ. do Porto, Porto

Santos, L. M. F. (2002) – A Bacia Hidrográfica do Rio Nabão, Aspectos cársicos e actividades de lazer na área do Agroal. Tese de mestrado em geografia, Coimbra.

Santos, L., Celia, T., Klemanova, Z., Polaskova, L. (2003) - Youth for a Sustainable Environment”, Bird project a passion and quest , Publicação da Arqueojovem, TECHNE 8, Portugal

Santos, Luís (2001) - Simulation tools for interpreting archaeological scenarios, dissertação de Mestrado Europeu pelo Instituto Politécnico de Tomar e Rijksuniversiteit Leiden

Santos, M.F. (1974) – Dolmens et Menhirs de l’Alentejo. Les Dossiers de L’Archeologie, 4. Dijon. pp. 11-18

Santos, Maria José. M. (2000) - Contributo para o inventário bibliográfico do Alto Ribatejo (até 1998), ARKEOS, vol. 9, pp. 229-262

Saunders, S. (1978). The development and distribution of discontinuous morphological variation of human infracranial skeleton. Dossier 81: National Museum of Man, Mercury Series.

Scarre, C. (1992) – The Early Neolithic of Western France and megalithic origins in Atlantic Europe. Oxford Journal of Archaeology. Oxford, 11 (2), pp. 121-154.

Scarre, C. (1994) – The meaning of death: funerary beliefs and the prehistorian. In RENFREW, C.; ZUBROW, E. (eds.) The Ancient Mind. Elements of cognitive archaeology. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 75-82.

Scarre, C. (1998 a) – Arenas of Action? Enclosure Entrances in Neolithic Western France c. 3500-2500 BC. Proceedings of the Prehistoric Society, 64, pp. 115-137.

Scarre, C. (1998 b) – Exploring Prehistoric Europe. Oxford: Oxford University Press.

Scarre, C. (1998 c) – Traditions of Death: Mounded Tombs, Megalithic Art, and Funerary Ideology in Neolithic Western Europe. In EDMONDS, M.; RICHARDS, C. (eds) - Understanding the Neolithic of North-Western Europe. Glasgow: Cruithne Press, pp. 161-187.

Scarre, C. (2001) – Pilgrimage and Place in Neolithic Western Europe. In SMITH, A.T.; BROOKES, A. (Eds) – Holy Ground: Theoretical Issues Relating to the Landscape and Material Culture of Ritual Space. Oxford: British Archaeological Reports International Series 956, pp. 9-20.

Scarre, C. (2002 a) – A pattern of Islands: the Neolithic monuments of North-West Brittany. European Journal of Archaeology, 5 (1), pp. 24-41.

Scarre, C. (2002 c) – Coast and cosmos. The Neolithic monuments of northern Brittany. In SCARRE, C. – Monuments and Landscape in Atlantic Europe. London: Routledge, pp. 84-102.

Scarre, C. (2002 d) – Introduction: situating monuments. The dialogue between built form and landform in Atlantic Europe. In SCARRE, C. – Monuments and Landscape in Atlantic Europe. London: Routledge, pp. 1-14.

Scarre, C. (2004) - Monumentos de pedra “rude” e pedras troféu: a relação com os materiais nos megalitos da Europa ocidental. In CALADO, M. (ed.) – Sinais de Pedra. I Colóquio Internacional sobre Megalitismo e Arte Rupestre. Évora: Fundação Eugénio de Almeida.

Scarre, C., P.Arias, G.Burenhult, M. Fano, L. Oosterbeek, R. Schulting, A. Sheridan, A. Whittle (2004), *Megalithic Chronologies*, IN: Göran Burenhult (ed.), *Stones and Bones. Formal disposal of the dead in Atlantic Europe during the Mesolithic-Neolithic interface 6000-3000 BC*, Oxford, BAR-International Series 1201, pp.65-112

Scarre, C.; Raux, P. (2000) - A new decorated menhir. *Antiquity*, 74, pp. 757-758.

Schalling, M. C. (1995) – The Canteirões Cemetery, Neolithic cave burials in the Nabão valley in Central Portugal, Dissertação de Doutoramento apresentada na Universidade de Leiden, Holanda (policopiada) – transcrita na base de dados ARQSOF.

Scheuer, L.; Black, S. (2000) – *Developmental Juvenile Osteology*. London, Academic Press.

Schiffer, M. B. (1978) – Methodological Issues in Ethnoarchaeology, in Gould (ed.), *Explorations in Ethnoarchaeology*, pp. 229-247

Schubart, H., Sangmeister, E. (1987) - Zambujal: povoado fortificado da Idade do Cobre. Torres Vedras, Câmara Municipal de Torres Vedras.

Seglie, D. (2001) - Prehistoric Art: Guide to Good Practice, EuroPreArt Project, past signs and present memories - inventory, contextualisation, preservation and accessibility, CeSMAP, European Commission – Education and Culture DG, Culture 2000 Programme

Séglie, D., Oosterbeek, L, Figueiredo, A., Colado, H. et al. (2002b) - A Guide of good practice for pre-historic art, Tomar, Europeart

Semenov, S. A. (1964) – *Prehistoric Technology*, London, Cory, Adams & Mackay.

Senna Martinez, J.C. (1989) – Pré-História Recente da Bacia do Médio e Alto Mondego. Algumas contribuições para um modelo sociocultural, Lisboa, 3 vol. Dissertação de doutoramento apresentada à FLUL, policopiada.

Senna-Martinez, J. C. (1994 a) – Megalitismo, habitat e sociedades: A bacia do médio e alto Mondego no conjunto da Beira Alta, in *Actas do Seminário “O megalitismo no Centro de Portugal: novos dados, problemática e relações com outras áreas peninsulares”*, Viseu, Centro de Estudos Pré-históricos da Beira Alta, pp. 15-30.

Senna-Martinez, J. C. (1994 b), O habitat das Carriceiras (Carregal do Sal): notícia preliminar, in *Actas do Seminário “O megalitismo no Centro de Portugal: novos dados, problemática e relações com outras áreas peninsulares”*, Viseu, Centro de Estudos Pré-históricos da Beira Alta, pp. 55-62.

Senna-Martinez, J.C. (1994) – Megalitismo, Habitat e Sociedades: A Bacia do Médio e Alto Mondego no conjunto da Beira Alta. *Actas do Seminário – O Megalitismo no Centro de Portugal*. Viseu, pp. 15-29

Séronie-Vivien, M. R. (1982) – *Introduction à L’Étude des Poteries Préhistoriques*, Siège Social : Hôtel des Sociétés Savantes

Serrão, E. C. (1979) – Discussão in Actas da 1ª. mesa-redonda sobre a periodização do Neolítico e Calcolítico do território português, Trabalhos do Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto, nº.3, Porto, pp. 181.

Serrão, E. C., Lemos, F. S, Monteiro, J. P., Querol, M. L.A. (1972) – Novas descobertas no complexo de Arte Rupestre do Tejo (Ródão-Nisa), II Jornadas Arqueológicas, Lisboa.

Serrão, E. C., Lemos, F. S, Monteiro, J. P., Querol, M. L.A. (1972) – O complexo de arte rupestre do Vale do Tejo (Vila Velha de Ródão - Nisa), Primeiras hipóteses e programa de trabalhos, Lisboa.

Serrão, E. C., Lemos, F.S., Monteiro, J. P., Angeles Querol. M., Lopes, S. R., Jorge, V. O. (1972) – O complexo de arte rupestre do Vale do Tejo (Vila Velha de Ródão – Nisa): Notícia preliminar. Arqueologia e História, Lisboa, 9ª série IV, pp. 349-380.

Serrão, E.; Marques, G. (1971) – Estrato pré-campaniforme da Lapa do Fumo (Sesimbra), CNAP 2.1 Coimbra, pp. 121-142

Service, E. R. (1970) - Organização Social Primitiva, Porto, Edições Despertar, 1970 (Coleção "Ciências Sociais").

Service, E. R. (1984) - Los Orígenes del Estado y de la Civilización, Madrid, Alianza Editorial, 1984.

Serviço Geológicos de Portugal (1992) – Carta Geológica de Portugal, esc. 1 500 000. Direcção-Geral de Minas e Serviços Geológicos, Lisboa.

Serviços Geológicos de Portugal (1992) – Carta Geológica de Portugal, esc. 1.500 000. Serviços Geológicos de Portugal. Lisboa

Sharer, R. J., Ashmore, W. (1993) - Archaeology: Discovering our Past. Mayfield, Mountain View.

Shee Twohig, E. (1981) – The Megalithic Art of Western Europe, Clarendon Press, Oxford.

Sigaut, F. (1988) – L'évolution technique des agricultures européennes avant l'époque industrielle, Revue Archéologique du Centre de la France, t. 27 (1), pp. 7-41

Silva, A. M. (1993) – Os restos humanos da gruta artificial de São Pedro do Estoril II. Estudo Antropológico. Relatório de investigação em Ciências Humanas. Coimbra, Departamento de Antropologia, Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra. Policopiado.

Silva, A. M. (1995) – Sex assessment using calcaneus and talus. Antropologia Portuguesa 13: 85-97.

Silva, A. M. (1996) – O Hipogeu de Monte Canelas I (IV – III milénios a.C.): Estudo paleobiológico da população humana exumada. Trabalho de síntese. Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica. Coimbra, Departamento de Antropologia, Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra. Policopiado.

Silva, A. M. (2003) – Portuguese Populations of the Late Neolithic and Chalcolithic Periods exhumed from Collective burials: an overview. Anthropologie XLI/1-2: 55 - 64.

Silva, A. M. (2005) – Restos odontológicos da Anta II do Rego da Murta: resultados preliminares. Novembro.

Silva, A. M.; Ferreira, M.T. (2005) – Anta I do Rego da Murta: relatório antropológico dos restos dentários da Campanha de 2003. Coimbra, Departamento de Antropologia da Universidade de Coimbra Relatório Técnico-científico. Agosto, 17pp.

Silva, A.M. (2002) – Antropologia Funerária e Paleobiologia das populações portuguesas (litorais) do Neolítico Final/Calcolítico. Dissertação de Doutoramento em Antropologia Biológica. Coimbra, Departamento de Antropologia, Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra. Policopiado.

Silva, C. M. (2000) – Sobre o possível significado astronómico do cromeleque dos Almendres. A Cidade de Évora. Évora: C.M. Évora, pp. 109-128.

Silva, C. M. (2004) – The Spring Moon. *Archaeoastronomy. Supplement of the Journal for the History of Astronomy.*

Silva, C. M.; Calado, M. (2003) – New astronomically significant directions of the Central Alentejo Megalithic Monuments. *Journal of Iberian Archeology*, 5, pp.67-88.

Silva, C. T. (1983) – O Megalitismo e os Primeiros Metalurgistas. in *História de Portugal*, Vol. I. Lisboa: Edições Alfa. pp. 73 -89

Silva, C. T. (1987) – Megalitismo do Alentejo Litoral e do Sul do Baixo Alentejo (Portugal). in *El Megalitismo en La Peninsula Iberica*. Madrid. pp. 85-93

Silva, C. T. (1989) – Novos Dados Sobre o Neolítico Antigo do Sul de Portugal. *Arqueologia*, 20.

Silva, C. T. (1993) – O Neolítico Antigo; O Neolítico Médio e Final. O Megalitismo. in A.C.F. SILVA; L. RAPOSO e C.T. SILVA, *Pré-História de Portugal*. Lisboa: Universidade Aberta. pp. 149-165

Silva, C. T. (2003) – Debates. Muita gente poucas antas? Origens, espaços e contextos do Megalitismo. *Actas do II Colóquio Internacional sobre Megalitismo*. Lisboa, pp. 509-534

Silva, C. T. ; Soares, J. (1987) - *Les Communautés du Neolitique Ancien dans le sud du Portugal. Premières Communautés Paysannes en Mediterranée Occidentale. (Colloque International du C.R.N.S., Montpellier, 1985.)* Paris. pp. 663-671

Silva, C. T.; Soares, J. (1982) – Des Structures d’Habitat du Neolitique Ancien au Portugal *Actes du Colloque International de Prehistoire. Le Neolitique Ancien Mediterranéen.* Montpellier. pp.17-28

Silva, C. T.; Soares, J. (2000) – Protomegalitismo no Sul de Portugal: inauguração das paisagens megalíticas in *Muitas antas, pouca gente?*, *Actas do I Colóquio Internacional Sobre o Megalitismo*, pp. 117-134.

Silva, E. (1994) - Distribuição Espacial de Povoados do 3º Milénio do Alto Ribatejo, Tese de Seminário do Curso de Estudos Superiores Especializados em Arte, Arqueologia e Restauro (Opção Arqueologia da Paisagem) da Escola Superior de Tecnologia de Tomar, 2 Vo.

Silva, E. J. L. (1988) – O Menir de Marco de Anta (Ponte da Barca), *Revista de Ciências Históricas*, vol III, Universidade Portucalense, Porto, pp.11-24

Silva, E. J. L. (1989) – Escavação da Mamoa de Aspra, Vila Praia de Âncora (Caminha), Revista de Ciências Históricas, Universidade Portucalense, vol. IV, Porto, pp.13-38.

Silva, E. J. L. (1994) – Megalitismo do Norte de Portugal: O litoral Minhoto, O Megalitismo no Centro de Portugal (Mangualde, Nov.1992), Viseu, pp.157-169

Silva, F. (1999) – Neolitização e Megalitismo nos Planaltos Centrais do Centro-Norte Litoral de Portugal (Maciço da Gralheira): afirmação e consolidação das economias agro-pastoris em ambiente de média montanha. II Congresso del Neolític a la Península Ibérica. Sagvntvm – Plav, Extra – 2, pp. 521-530

Silva, F. (2000) – A estação Epipaleolítica-Mesolítica do Cabeço Branco (Portinho, Oiã, Oliveira do Bairro, Aveiro), Arqueologia, 25, Porto, pp.79-88.

Silva, F.; Silva, A. (1994) – Menires de Alvarenga e da serra da Freita (Arouca, Aveiro). Breve notícia. Actas das V Jornadas Arqueológicas. Lisboa, pp.109-123.

Silva, I. (1992) - Mamoa 1 de Chã de Carvalhal: Resultados preliminares da análise polínica. pp. 141-151

Silva, J. P. (1890) – Notice sur les Monuments Mégalithiques du Portugal (Memória apresentada ao Congresso de Montpellier, 1879). Boletim de Architectura e de Archeologia da Real associação dos Architectos e Archeólogos Portuguezes. Tomo VI, 2ª Série. Lisboa. pp. 101-102

Silva, M. (1994) – O Povoamento da Região de Alvaiázere no Final da Pré-história - Contributo para o Levantamento Arqueológico do Concelho de Alvaiázere; Perspectiva de Arqueologia Espacial para os Povoados: Alvaiázere 1 - Loureira - Sobral do chão - Ameixieira. Tese de Seminário do Curso de Estudos Superiores Especializados em Arte, Arqueologia e Restauro – transcrita na base de dados ARQSOFT.

Simões, T. (2003) – A ocupação do neolítico antigo de São Pedro de Canaferrim: novos dados em perspectiva. Muita gente, poucas antas: Origens, espaços e contextos do megalitismo. In a Actas do II Colóquio Internacional sobre megalitismo, Lisboa, pp. 115-134

Sinopoli, C. M. (1991) – Approaches to Archaeological Ceramics, University of Wisconsin – Milwaukee, Plenum Press. New York and London

Sinopoli, C. M. (1991) – Approaches to Archaeological Ceramics. Plenum Press, New York and London

Skibo, J. M., Feinman, G. M. (1998) – Pottery and People, a dynamic interaction. Foundations of Archaeological Inquiry, University of Utah Press

Smith, B. H. (1984) – Patterns of molar wear in hunter-gatherers and agriculturalists. Am. J. Phys. Anthropol. 63: 39 – 84.

Smith, B. H. (1991) – Standards of human tooth formation and dental age assessment. In: Kelley, M.; Larsen, C.S. (eds.). Advances in Dental Anthropology. New-York, Wiley-Liss: 143 – 168.

Soares, A.; Cabral, J. (1993) – Cronologia absoluta para o Calcolítico da Estremadura e do Sul

de Portugal. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 33 (3-4), pp. 217-236

Soares, J. (1983) – Caçadores e Recolectores do Pós-Würm. *História de Portugal*, Vol. I. Lisboa: Edições Alfa. pp. 63-71

Soares, J. (1995) – Mesolítico-Neolítico na costa sudoeste: transformações e permanências. In *Actas do 2º Congresso de Arqueologia Peninsular (Trabalhos de Antropologia e Etnologia)*, 35). Porto, 6, pp. 27-45

Soares, J. (1996) – O Neolítico e as Origens do Megalitismo. *Al-madan*, 5. Almada. pp. 37-45

Soares, J. (2003) – Debates. Muita gente poucas antas? Origens, espaços e contextos do Megalitismo. *Actas do II Colóquio Internacional sobre Megalitismo*. Lisboa, pp. 509-534

Soares, J. e Silva, C. T. (1992) – Para o Conhecimento dos Povoados do Megalitismo de Reguengos Setúbal Arqueológica. Vol. IX. Setúbal. pp 37-88

Soares, J.; Silva, C. T. (1979) – Alguns Aspectos do Neolítico Antigo do Alentejo Litoral. *Actas da 1ª Mesa Redonda sobre o Neolítico e o Calcolítico em Portugal*. Porto. pp 9-50

Soares, J.; Silva, C. T. (2003) – A transição para o neolítico na costa sudoeste portuguesa. Muita gente, poucas antas: Origens, espaços e contextos do megalitismo. In *Actas do II Colóquio Internacional sobre megalitismo*, Lisboa, pp. 45-56

Soneville-Bordes, D., Perrot, J. (1954) – Les typologique du Paléolithique supérieur. *Outillage lithique. Grattoirs, II – outils solutréens*. Bull. S.P.F., pp. 327-331

Spence, C. (1990) - *Archaeological Site Manual*. London: Museum of London.

Stloukal, M.; Hanáková, H. (1978). Die laenge der Laengsknochen altslawischer Bevoelkerung – unter besondere beruecksichtigung von Wachstumsfragen. *Homo* XXIX (1): 53 – 69.

Thomas, J. (1991a) - *Rethinking the Neolithic*. Cambridge: Cambridge University Press.

Thomas, J. (1991b) – The Hollow Men? A Reply to Steven Mithen. *Proceedings of the Prehistoric Society*, 57, pp. 15-20.

Thomas, J. (1998) – Some problems with the Notion of External Symbolic Storage, and the Case of neolithic Material Culture in Britain. [Cognition and Material Culture: the Archaeology of Symbolic Storage](#). Cambridge, McDonald Institute for Archaeological Research, Ed. by Colin Renfrew and Chris Scarre, pp. 149-156

Tilley, C. (1996) – The power of rocks: topography and monument construction on Bodmin Moor. *World Archaeology*. 28, pp. 161-176.

Tilley, C. (ed.) (1993) – *Interpretative Archaeology*, Oxford, Berg Publishers

Tixier, J. (1963) – Typologie de l'Épipaléolithique du Maghreb. *Mémoires du Centre de Recherches anthropologiques, préhistoriques et ethnographiques*, 2, Alger, Paris

Tixier, J. (1965) – Procédés d'analyse et questions de terminologie concernant l'étude des ensembles industriels du Paléolithique récent et de l'Épipaléolithique dans l'Afrique du Nord-Ouest. *Proceedings of a Symposium held at Burg Wartenstein, Áustria, July-August, University of Chicago Press*, pp. 771-820

Trigger, B. (1989) – A History of Archaeology: Theories, Methods and Practice, Thames and Hudson, Londres e Nova Iorque, 1996

Trigger, B. (1990) – The Huron: Farmers of the North. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1969, revised edition.

Turner, C.G.; Nichol, C.; Scott, G.R. (1991). Scoring procedures for key morphological traits of the permanent dentition: the Arizona State University Dental Anthropology System. In: Kelley, M.; Larsen, C. (eds.). Advances in Dental anthropology. New York, Wiley-Liss: 13 - 31.

U.S. Dept. of Agriculture (1992) – Soil Conservation Service. Soil Survey Staff, (draft) 1983, 1972. National Soils Handbook. Washington, DC.

Ubelaker, D. (1989). Human skeletal remains: excavations, analysis, interpretation. Washington, Taraxacum Washington. 2ª Edição.

Ucko, P. J., Rosenfeld, A. (1967) – Paleolithic Cave Art, mcgraw-Hill Book Company: New York.

Valente, M. J. (1998) – Análise preliminar da fauna mamalógica do Abrigo da Pena d'Água (Torres Novas): campanhas de 1992-1994. Revista Portuguesa de Arqueologia. Lisboa 1:2, pp. 85-96

Varela, M. (2000) - Clustering de Documentos. Relatório para a disciplina de Processamento de Língua Natural I, Mestrado em inteligência artificial aplicada, Universidade de Évora

Vasconcelos, J. L. (1900) – A Mesa dos Ladrões em Valle d'Ovos, O Archeologo Português, vol. V, pp.107-110

Vasconcelos, J. L. (a) (1917) – Coisas Velhas, O Archeologo Português, vol. XXII, pp.107-169

Vasconcelos, J. L. (b) (1917) – Excursão Extremenha, O Archeologo Português, separata do vol. XXII, nº 1 a 12, pp.3-13

Vasconcelos, L. (1972) – o complexo de Arte Rupestre do Vale do Tejo, Vila Velha de Ródão – Nisa: primeiras hipóteses e programa de trabalhos, O Arqueólogo Português, série 3, vol. 6, Lisboa, pp. 63-77

Veiga, E. (1891) - Antiguidades Monumentais do Algarve. Lisboa : Imprensa Nacional. IV.

Velde, B., Druc, I. (1998) – Archaeological Ceramic Materials. Origin and Utilization, Springer, Germany.

Velho, A. (2000) – Simulando o passado: A realidade virtual ao serviço da arqueologia, Proceedings of the 1999 Peninsular Archaeology Congress, vol 9, Porto, ADECAP, pp. 547-562

Velho, A. (2001a) – A emergência das sociedades agro-pastoris: Análise teórica do conceito de Neolítico, Trabalhos de Antropologia e Etnologia, vol. 41, Porto, SPAE, pp. 139-156

Velho, A. (2001b) – The Europeart project, a GIS experiment, Proceeding of the 6th Workshop Archaeologie und Computer, Wien, in CD.

Velho, A. (2001c) - EuroPreArt database and its relationship with a GIS experiment, dissertação de Mestrado Europeu, University of Gotland.

Velho, A. (2002a) – A verdade da ciência: o dilema racional da compreensão teórica,

Arqueologia, vol 26, Porto, GEAP, pp.131-134

Velho, A. (2002b) – O monumento megalítico de Rego da Murta, relatório das campanhas de escavação de 1999 a 2001, *Techne*, vol 5, Tomar, Arqueojovem, pp. ...

Velho, A. (2003) – A Anta I do Rego da Murta – Campanha de 2001, *Techne*, vol 8, Tomar, Arqueojovem, pp. 23-28

Vilaça, R. (1986) – A Mamoa da “Mama do Furo” (Figueira da Foz), *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol. XXVI – fasc.1-4, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, Porto.

Vilaça, R. (1986) – A Mamoa da Mama do Furo (Figueira da Foz), in *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol. 26, fasc. 1-4, pp. 95-126

Vilaça, R. (1988) – Subsídios para o Estudo da Pré-história Recente do Baixo Mondego, Lisboa, Instituto Português do Património Cultural, *Trabalhos de Arqueologia* 5.

Vilaça, R. (1995) – Aspectos do povoamento da Beira Interior (Centro e Sul) nos finais da Idade do Bronze, vol. I e II. *Trabalhos de Arqueologia*, nº 9. Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico. Departamento de Arqueologia.

VV.AA. (1999) – Nova Augusta – Especial Arqueologia, *Revista Cultural*, nº 11, Biblioteca Municipal de Torres Novas.

VV.AA. (1994) - *Ancient Cities*, vol. especial da revista *Scientific American*

Wasterlain, R.S. (2000). *Morphé*. Análise das proporções entre os membros, dimorfismo sexual e estatura de uma amostra da Coleção de Esqueletos Identificados do Museu Antropológico da Universidade de Coimbra. Dissertação de Mestrado em Evolução Humana.Coimbra, Departamento de Antropologia, F.C.T.U.C. Policopiado.

Whittle, A. (1995) – *Europe in the Neolithic. The creation of new worlds*. Cambridge: Cambridge University Press.

Whittle, A. (2000) – ‘Very Like a Whale’: Menhirs, Motifs and Miths in the Mesolithic-Neolithic Transition of Northwest Europe. *Cambridge Archaeological Journal*, 10, 2, pp. 243-259.

Whittle, A. (2002) – Conclusion: long conversations, concerning time, descent and place in the world. In SCARRE, C. – *Monuments and Landscape in Atlantic Europe*. London: Routledge, pp.192- 204.

Word, W. R., Jonson, D. L. (1982) - A survey of Disturbance Process in Archaeological Site Formation, Schiffer (ed.), *Advances in Archaeological Method and Theory* (Selections for Students from volume 1 through 4), New York / London, Academic Press, pp. 539-605

Zbyszewski, G. (1946) - *Etude géologique de la région d'Alpiarça*. Serviços Geológicos de Portugal, Lisboa, pp.227-308.

Zbyszewski, G. (1949) - *Étude geologique de la region d'Alpiarça*. Lisboa, *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, tomo XXVII, pp. 145-267

Zbyszewski, G. (1953) – *Carta Geológica de Portugal*, esc. 1:50.000. Nota explicativa da Folha 31-A Santarém. Serviços Geológicos de Portugal. Lisboa

Zbyszewski, G. (1958) - Le quaternaire du Portugal. Separata do Vol.XIII do Bol. Sociedade Geológica de Portugal. Instituto de Alta Cultura,

Zbyszewski, G. (1973) – Contribuição para o conhecimento do paleolítico da região de Torres Novas, Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal, Lisboa, p. 81-99

Zbyszewski, G. (1985) – Livro-Guia da Excursão – Terraços Quaternários da Bacia Inferior do Tejo, 1ª Reunião do Quaternário Ibérico: Lisboa, 4 de setembro de 1985. Grupo de Trabalho Português para o Estudo do Quaternário, Lisboa

Zbyszewski, G. et al. (1971) – Estação paleolítica de Ramalhosa (Riachos-Torres Novas). Lisboa, Arqueólogo Português, série III, vol. V, pp. 7-35

Zbyszewski, G., Ferreira, O. da Veiga, Leitão, M., North, C.T. (1972) - O Paleolítico do povoado pré-romano de Chões de Alpompe (Santarém). Lisboa, Arqueologia e História, 9ª série, vol. IV, pp. 7-31

Zbyszewski, G., Ferreira, O. da Veiga, Santos, M. C. (1969) - Acerca do campo fortificado de Chões de Alpompe (Santarém). Lisboa, Arqueólogo Português, série III, vol II, pp. 50-59

Zbyszewski, G., Ferreira, O.V. (1969) – Carta geológica de Portugal, escala 1:50.000. Notícia explicativa da folha 35-A, Santo Estêvão, Serv. Geológicos de Portugal

Zbyszewski, G., Manuppella, G., Ferreira, O. da Veiga, com a colab. de Mouterde, R., Ruget-Perrot, Ch. (1974) - Carta Geológica de Portugal na escala de 1:50.000: notícia explicativa da folha 27A - Vila Nova de Ourém. Serviços Geológicos de Portugal, Lisboa

Zbyszewski, G., Manuppella, G., Ferreira, O. V. (1971) - Carta geológica de Portugal na escala de 1/50.000: notícia explicativa da folha 27-C, Torres Novas. Serviços Geológicos de Portugal. Lisboa

Zbyszewski, G., Penalva, C., Cardoso, J. L. (1979) - Indústrias pré-históricas nas praias actuais da costa norte da foz do Tejo, Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal, 65. Serviços Geológicos de Portugal, Lisboa, pp. 239-251.

Zbyszewski, G.; Ferreira, O. V.; Reynolds de Sousa, H.; North, C.T.; Leitão, M. (1977a) - Nouvelles découvertes de Cromlech et de Menhirs au Portugal. Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal. Lisboa. LXI, pp. 63-73.

Zbyszewski, G.; Ferreira, O. V.; X; Leitão, M.; North, C.T.; Norton, J. (1981) – Nouvelles données sur le Néolithique Ancien de la station cardiale de Sagres (Algarve). Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal, 67, pp. 301-311.

Zbyszewski, G. (1947) – Etude géologique de la région d'Almeirim, Direcção Geral de Minas e Serviços Geológicos, Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal, 28, Lisboa

Zilhão, J. (1982) – Gruta do Caldeirão – Relatório dos Trabalhos Arqueológicos de Sondagens em 1981, Boletim Cultural e Informativo da C.M. de Tomar, nº 4, pp.153-159

Zilhão, J. (1983) – Gruta do Caldeirão (Pedreira – Tomar), Informação Arqueológica, nº 3, pp. 50-53

Zilhão, J. (1984a) – Escavações Arqueológicas na Gruta do Caldeirão (Tomar) – Relatório de

1982-83, Boletim Cultural e Informativo da C.M. de Tomar, nº 7, pp.137-208

Zilhão, J. (1984b) – Gruta do Caldeirão, Informação Arqueológica, nº 4, pp.94-95

Zilhão, J. (1984c) – A Gruta da Feteira (Lourinhã): Escavações de salvamento de uma necrópole neolítica. Trabalhos de Arqueologia 1. IPPC, Lisboa.

Zilhão, J. (1985) – Gruta do Caldeirão – Relatório Técnico-Científico dos Trabalhos Arqueológicos realizados em 1983, Arqueologia da Região do Tomar, suplemento nº 1 ao Boletim Cultural e Informativo da C.M. de Tomar

Zilhão, J. (1990) – Le Processus de Neolithisation dans le Centre du Portugal. M. O. Daniel Cahen. Rubane & Cardial. Liège, Etudes et Recherches Archéologiques de L'Université de Liège.

Zilhão, J. (1992) – Gruta do Caldeirão. O Neolítico Antigo. Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico. Lisboa

Zilhão, J. (1993) – The spread of agro-pastoral economies across Mediterranean Europe: a view from the Far West. Journal of Mediterranean Archaeology. Sheffield, 6: I. pp. 5-63

Zilhão, J. (1995) – O Paleolítico Superior da Estremadura Portuguesa. Tese de Doutoramento apresentada na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Zilhão, J. (1998) – A passagem do Mesolítico ao Neolítico na costa do Alentejo. Revista Portuguesa de Arqueologia. Lisboa. I: I, pp. 27-44

Zilhão, J. (2003) – Debates. Muita gente poucas antas? Origens, espaços e contextos do Megalitismo. Actas do II Colóquio Internacional sobre Megalitismo. Lisboa, pp. 509-534

Zilhão, J., Maurício, J., Souto, P. (1991) – A arqueologia da Gruta do Almonda (Torres Novas). Resultado das escavações de 1988-89. Actas das IV Jornadas Arqueológicas. Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses.

Zilhão, J., Maurício, J., Souto, P. (1993) – Jazidas Arqueológicas do Sistema Cárstico da Nascente do Almonda, Nova Augusta, revista de Cultura, nº7

Zilhão, J., Real, F., Araújo, A. C. (1987) – Abrigo do Agroal – campanha de 1986, Informação Arqueológica, 8, IPPAR, Lisboa, pp.87-90

ANEXO 1
SÍTIOS E MAPAS

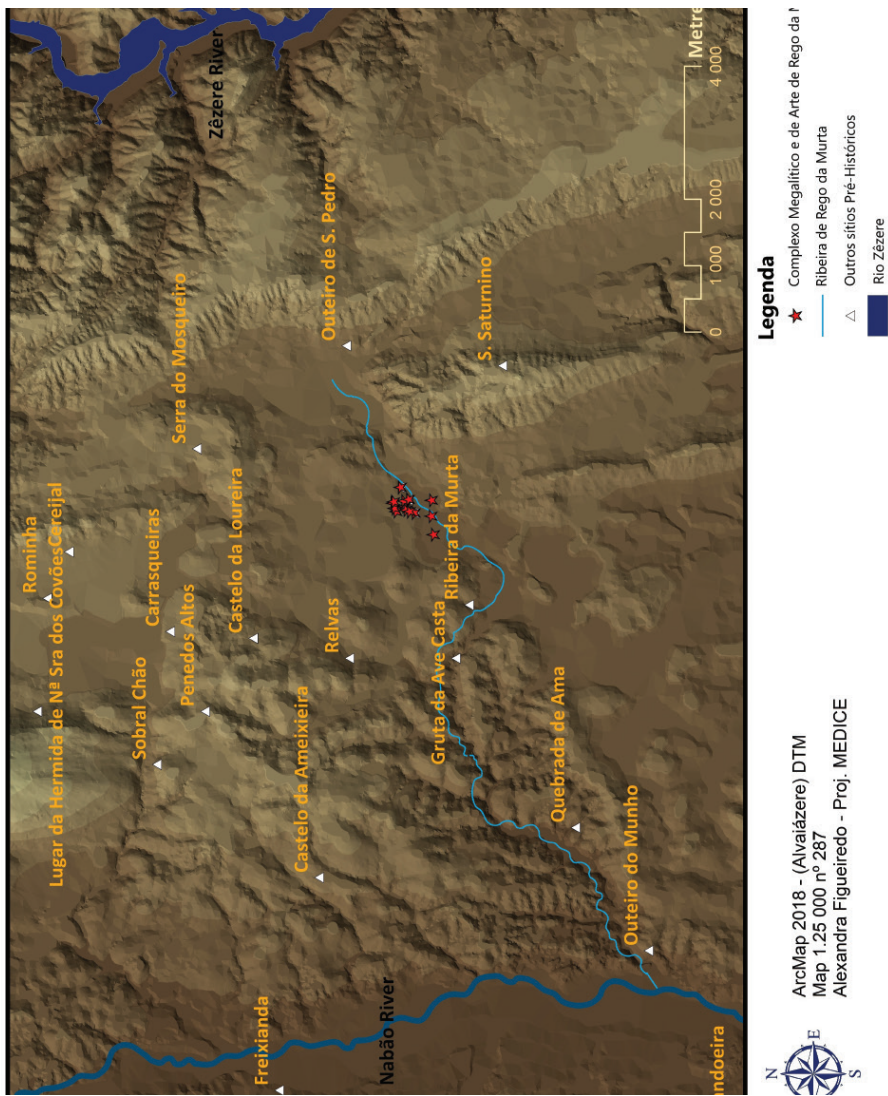


Figura nº 1 - Modelo digital do terreno com a informação da localização do Complexo Megalítico e de Arte Rupestre de Rego da Murta a vermelho. A branco apresentam-se as estações conhecidas da Pré-história recente.

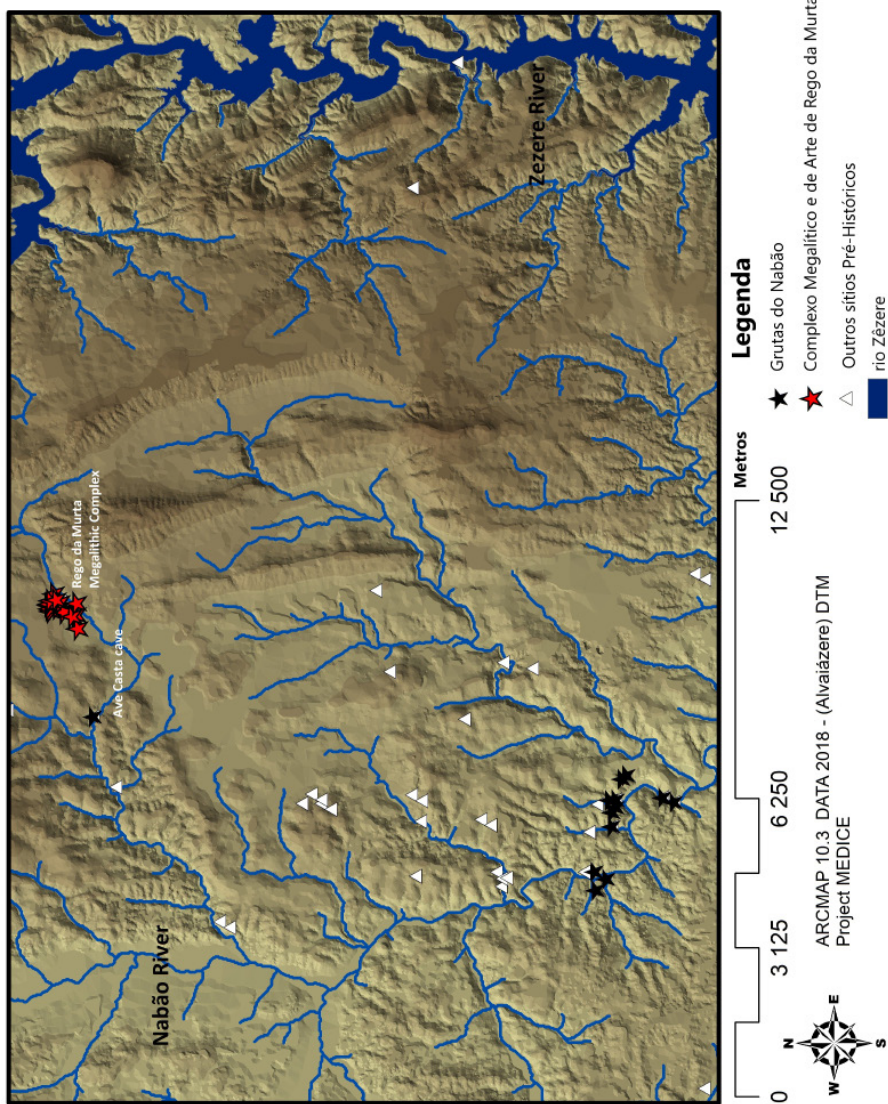


Figura nº 2 - Modelo digital do terreno onde se apresentam as cavidades do Nabão com vestígios da Pré-história recente.

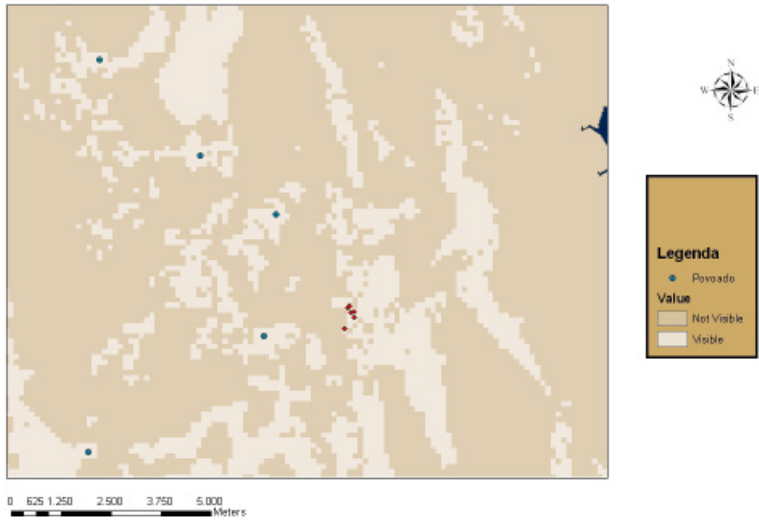


Figura nº 3 - Mapa de visibilidade dos sítios conhecidos que rodeiam o Complexo Megalítico e de Arte Rupestre de Rego da Murta.

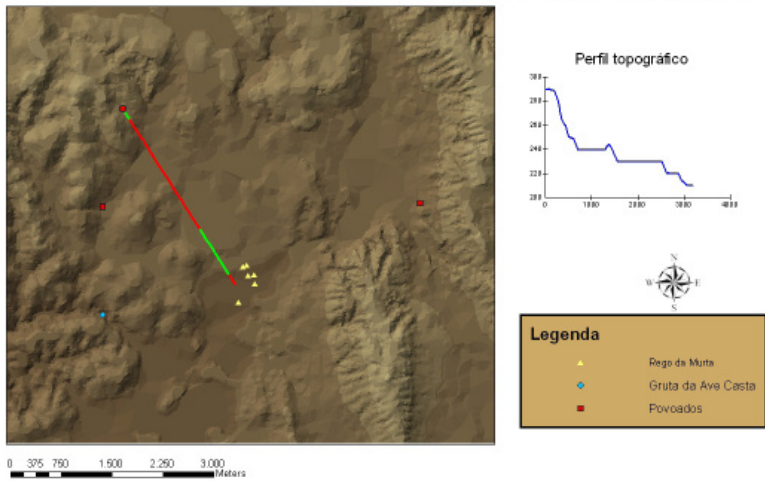


Figura nº 4 - Linha de visibilidade e perfil topográfico entre o habitat de Castelo de Loureira e o Complexo Megalítico e de Arte Rupestre de Rego da Murta.

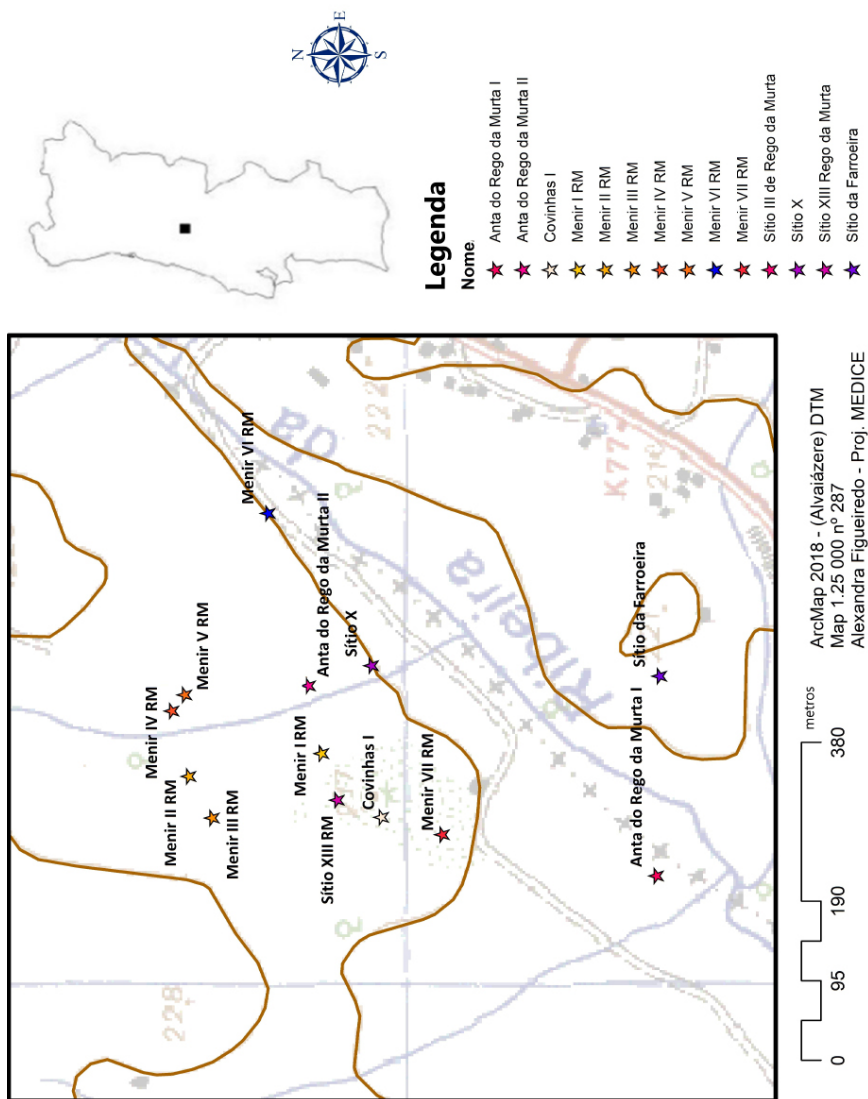
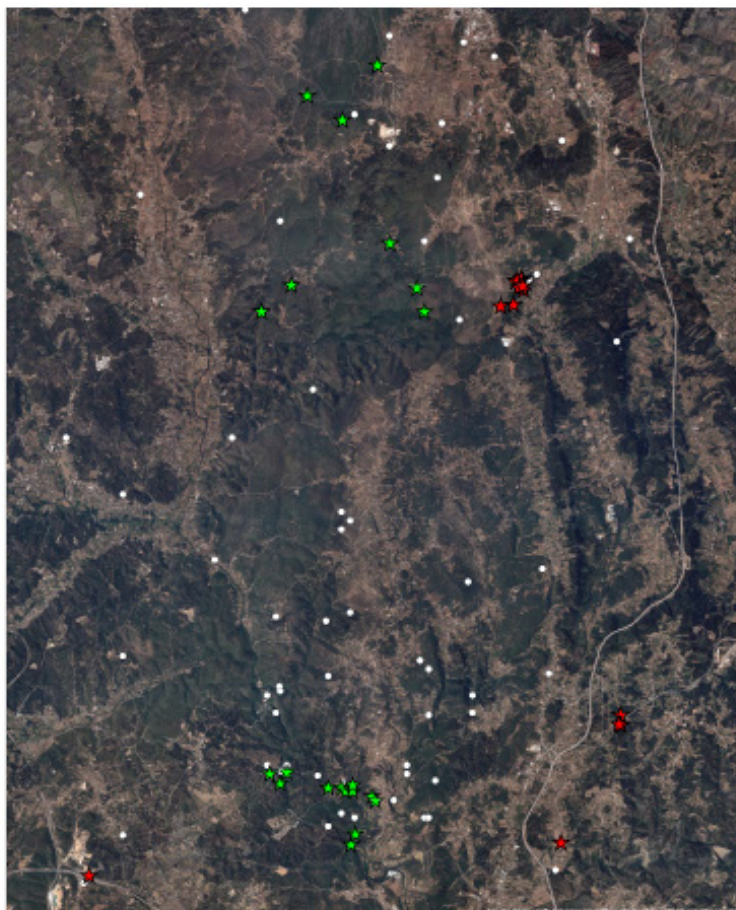


Figura nº 5 - Mapa cartográfico com a dispersão dos sítios arqueológicos do Complexo Megalítico e de Arte Rupestre de Rego da Murta.



0 0,5 1 2 3 4 Metros

Legenda

- ★ Grutas
- ★ Monumentos megalíticos
- Outros sítios arqueológicos

World Imagery

ArcGIS 10.3
2020
Projeto MEDICE
IPT-LABACPS /CAAPortugal



Figura nº 6 - Foto de satélite entre o Nabão e o Zêzere e localização das grutas e dos monumentos megalíticos reconhecidos.

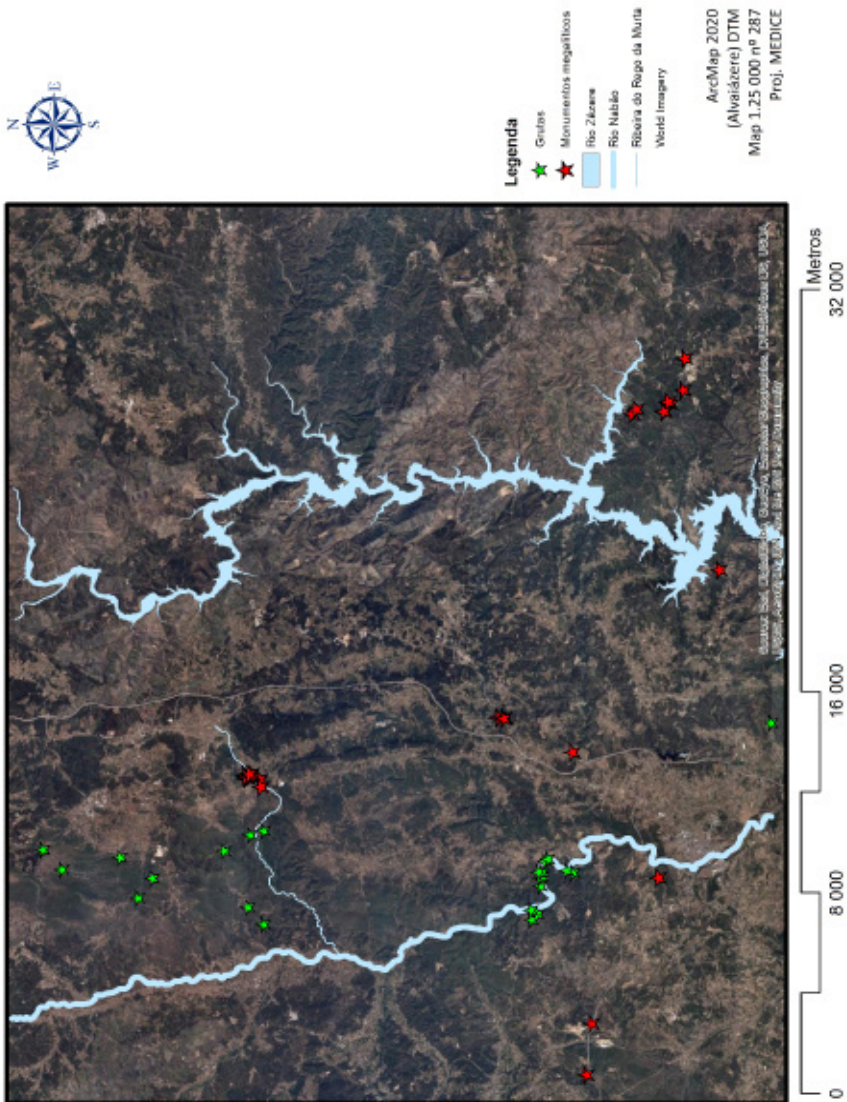


Figura nº 7 - Foto de satélite entre o Nabão e o Zêzere com a localização das grutas e dos monumentos megalíticos reconhecidos. Apresenta-se ainda os rios Nabão e Zêzere e a linha referente à ribeira de Rego da Murta.

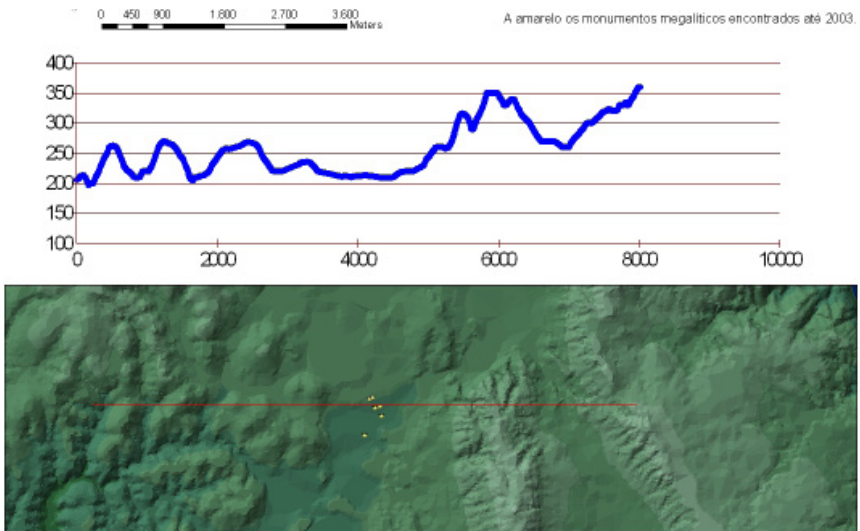


Figura nº 8 - Perfil topográfico da paisagem Oeste-Este, onde se implantam os monumentos megalíticos de Rego da Murta.

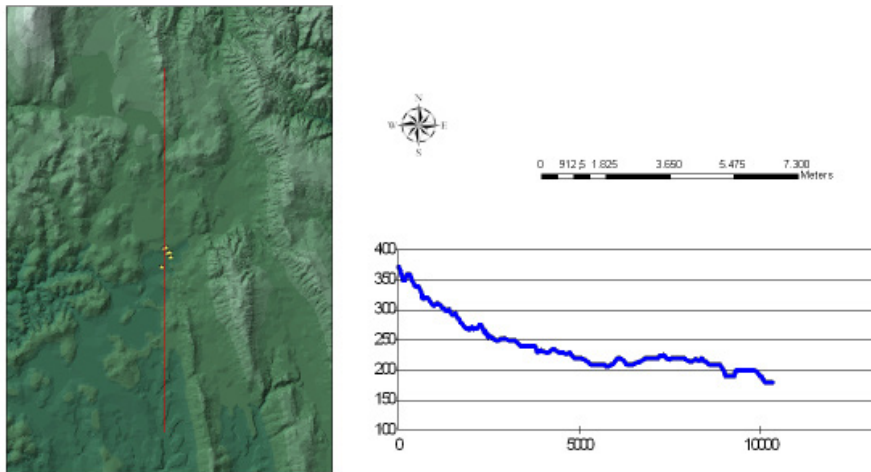


Figura nº 9 - Perfil topográfico da paisagem Norte-Sul, onde se implantam os monumentos megalíticos de Rego da Murta.



Figura nº 10 - Anta I de Rego da Murta, após escavações e restauro.



Figura nº 11 - Anta II de Rego da Murta, após escavações e restauro.



Figura nº 12 - Menir I de Rego da Murta.



Figura nº 13 - Menir VI de Rego da Murta.



Figura nº 14 - Menir II de Rego da Murta.



Figura nº 15 - Menir IV de Rego da Murta.



Figura nº 16 - Menir VII de Rego da Murta.



Figura nº 17 - Laje com arte rupestre. Sítio de Covinhas I, em Rego da Murta.

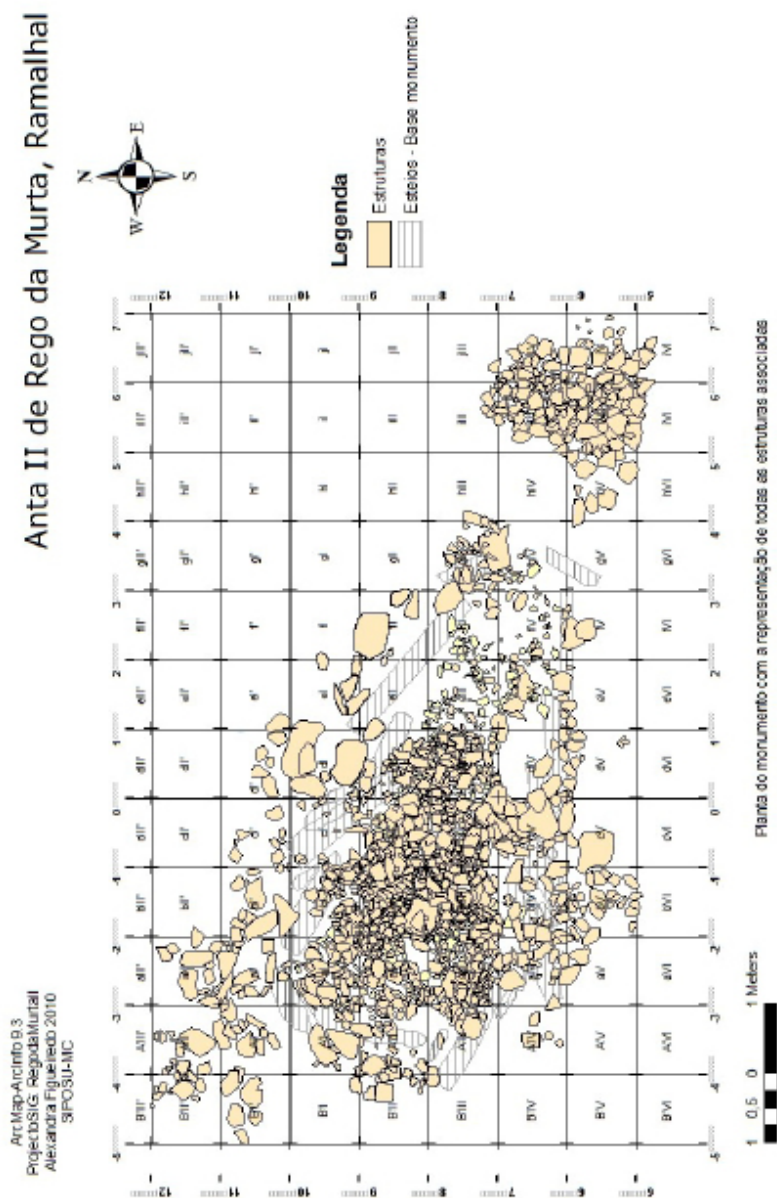
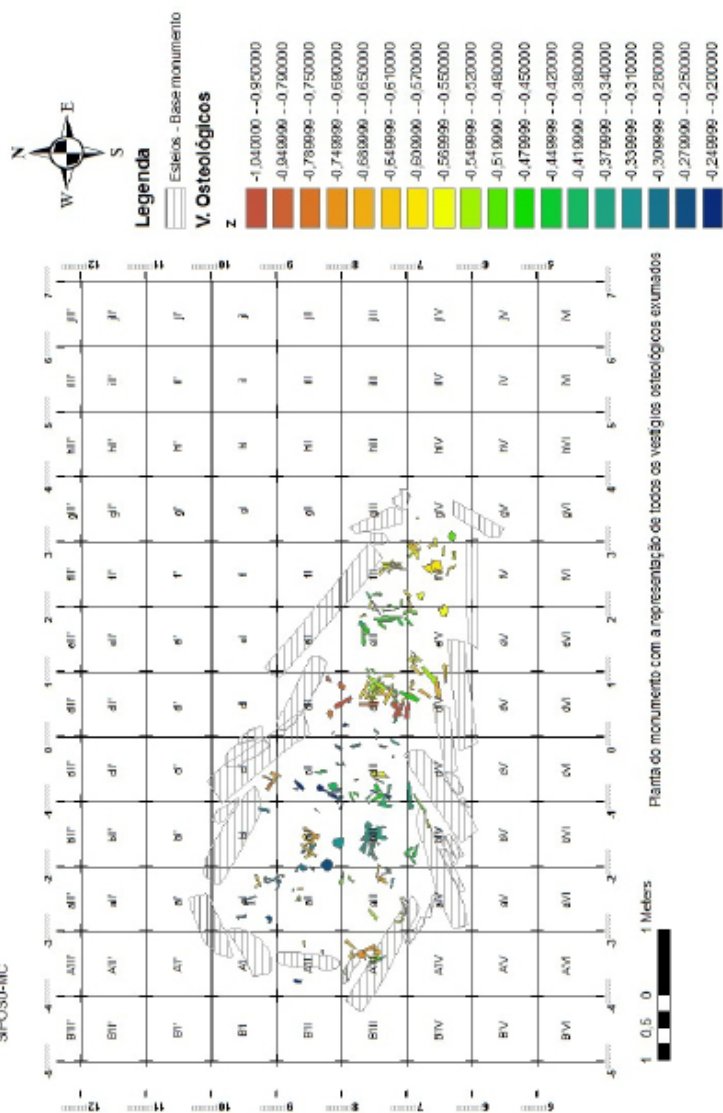


Figura nº 20 - Planta da Anta II de Rego da Murta com a vetorização de todas as estruturas registadas.

Anta II de Rego da Murta, Ramalhal



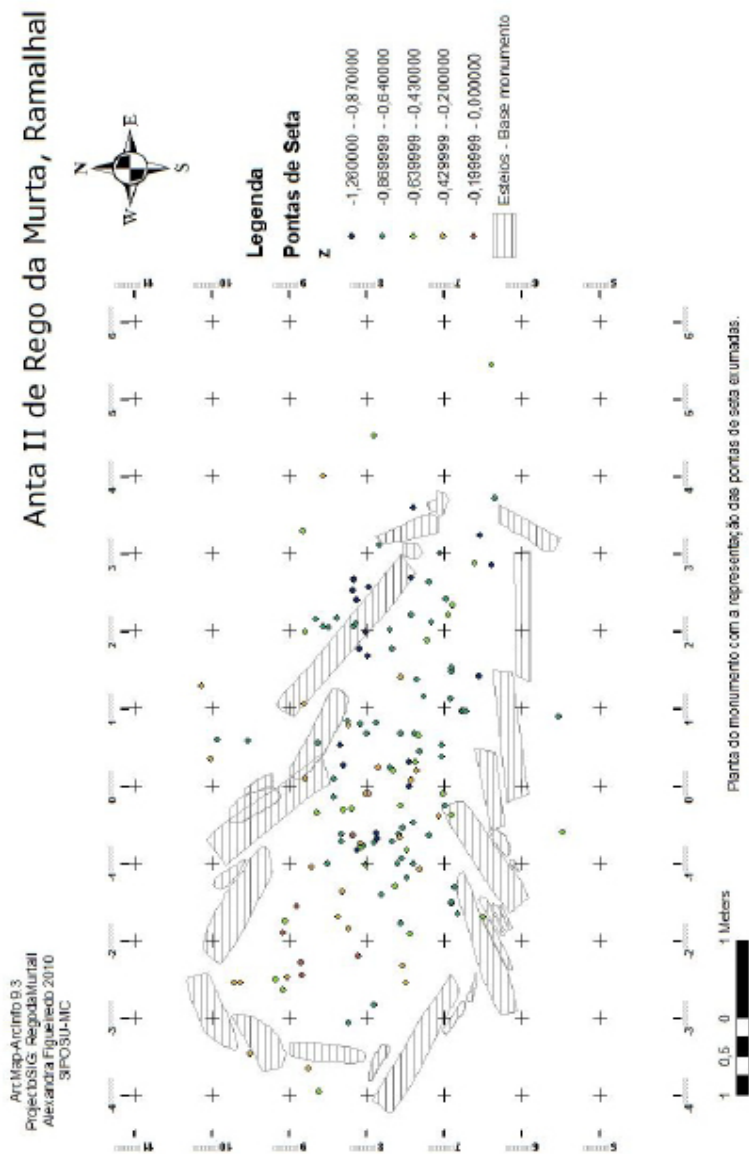


Figura nº 22 - Planta da Anta II de Rego da Murta, com a localização das pontas de seta que foram exumadas durante os trabalhos arqueológicos.

Anta II de Rego da Murta, Ramalhal

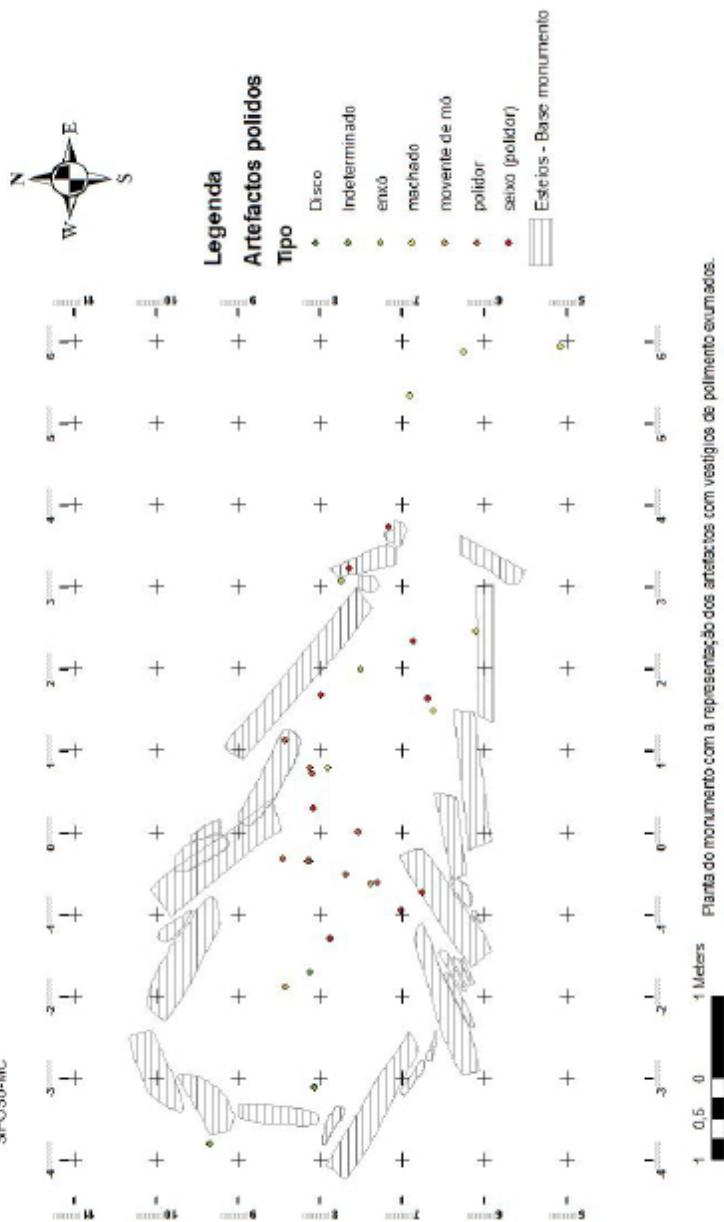


Figura nº 23 - Planta da Anta II de Rego da Murta, com a localização dos artefactos polidos que foram exumadas durante os trabalhos arqueológicos.

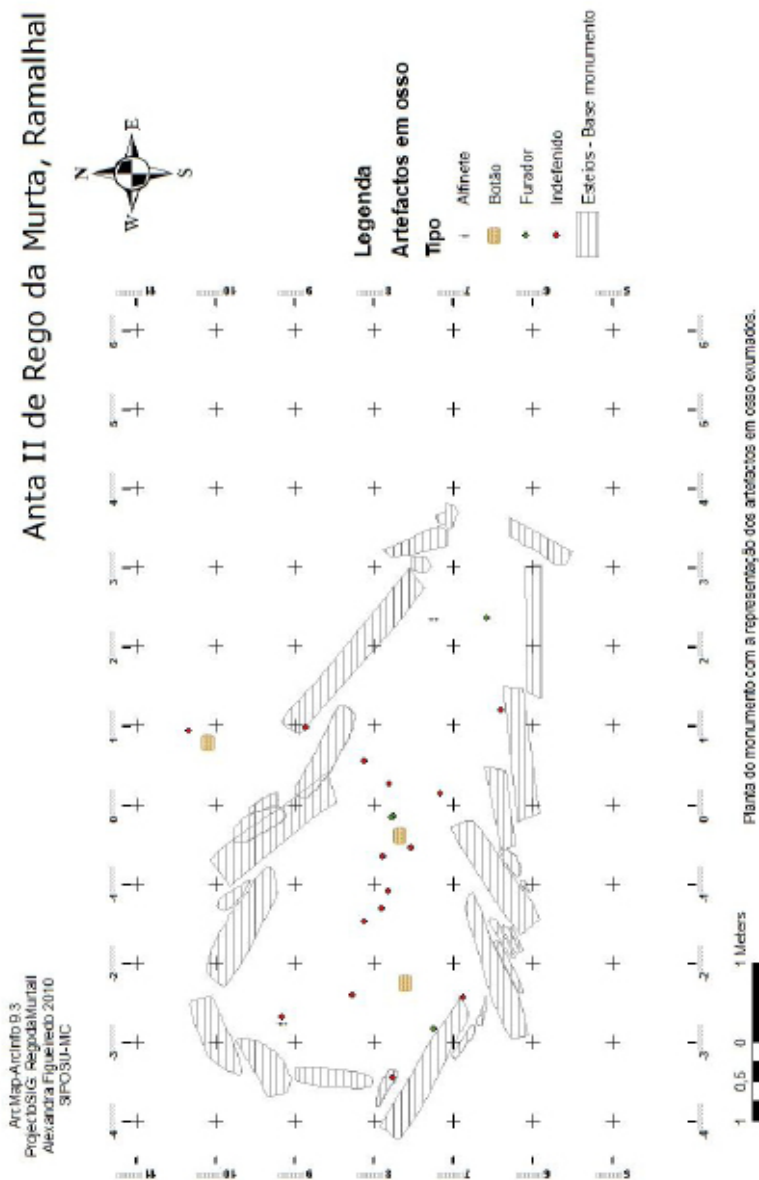


Figura nº 24 - Planta da Anta II de Rego da Murta, com a localização dos artefactos em osso, que foram exumadas durante os trabalhos arqueológicos.

Anta II de Rego da Murta, Ramalhal

Arq. Map-ArcInfo D 3
 Projecto SIG - Rego da Murta I
 Alexandra Figueiredo 2010
 SPO3U-MC

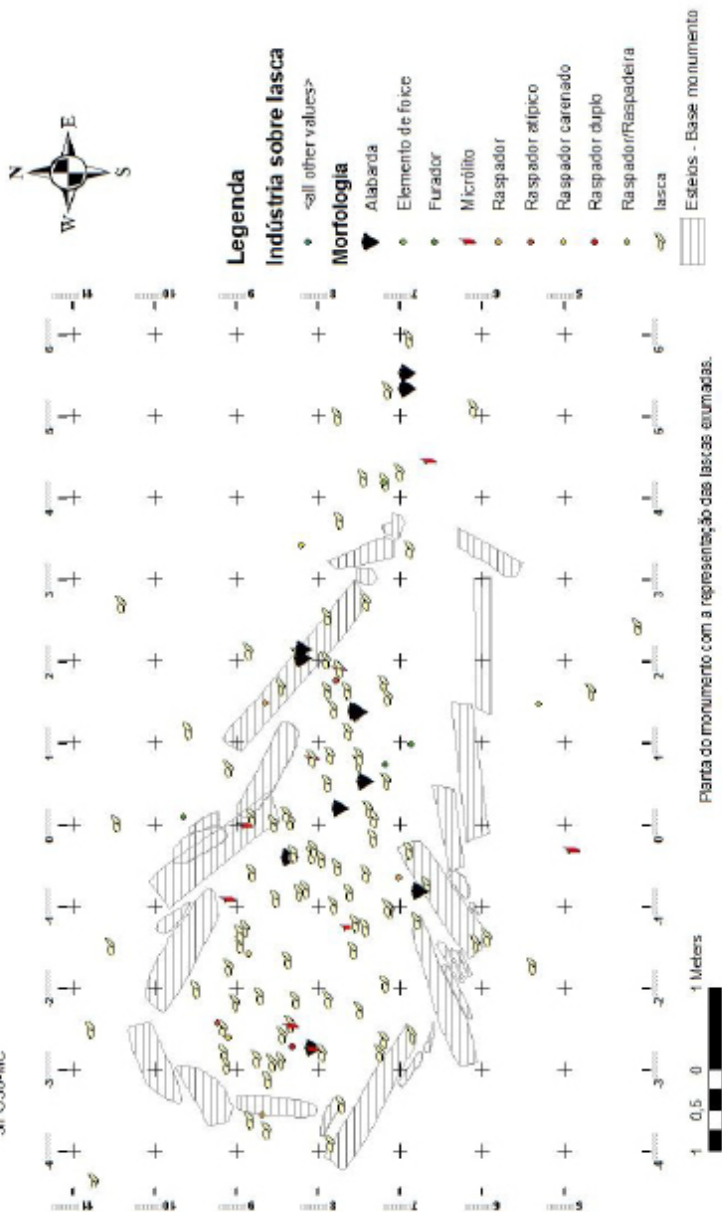


Figura nº 25 - Planta da Anta II de Rego da Murta, com a localização dos artefatos líticos sobre lasca, que foram exumadas durante os trabalhos arqueológicos.

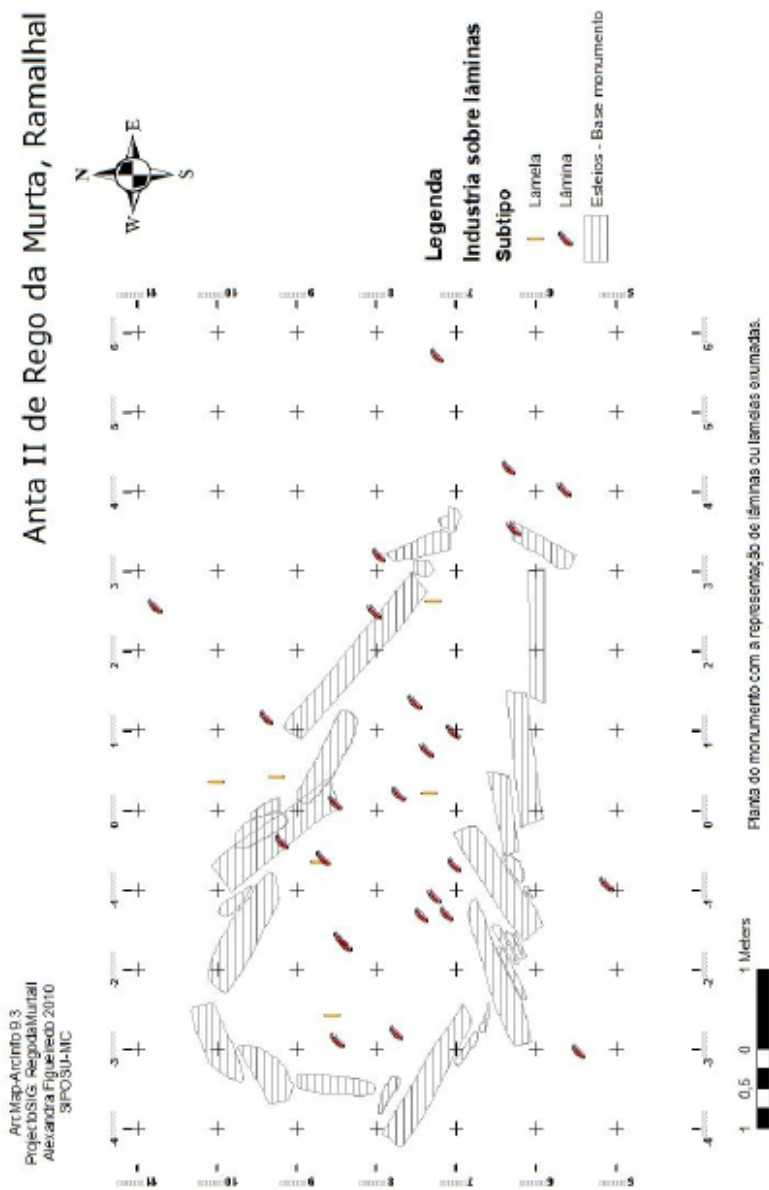


Figura nº 26 - Planta da Anta II de Rego da Murta, com a localização dos artefatos líticos sobre lâmina, que foram exumadas durante os trabalhos arqueológicos.

Anta II de Rego da Murta, Ramalhal

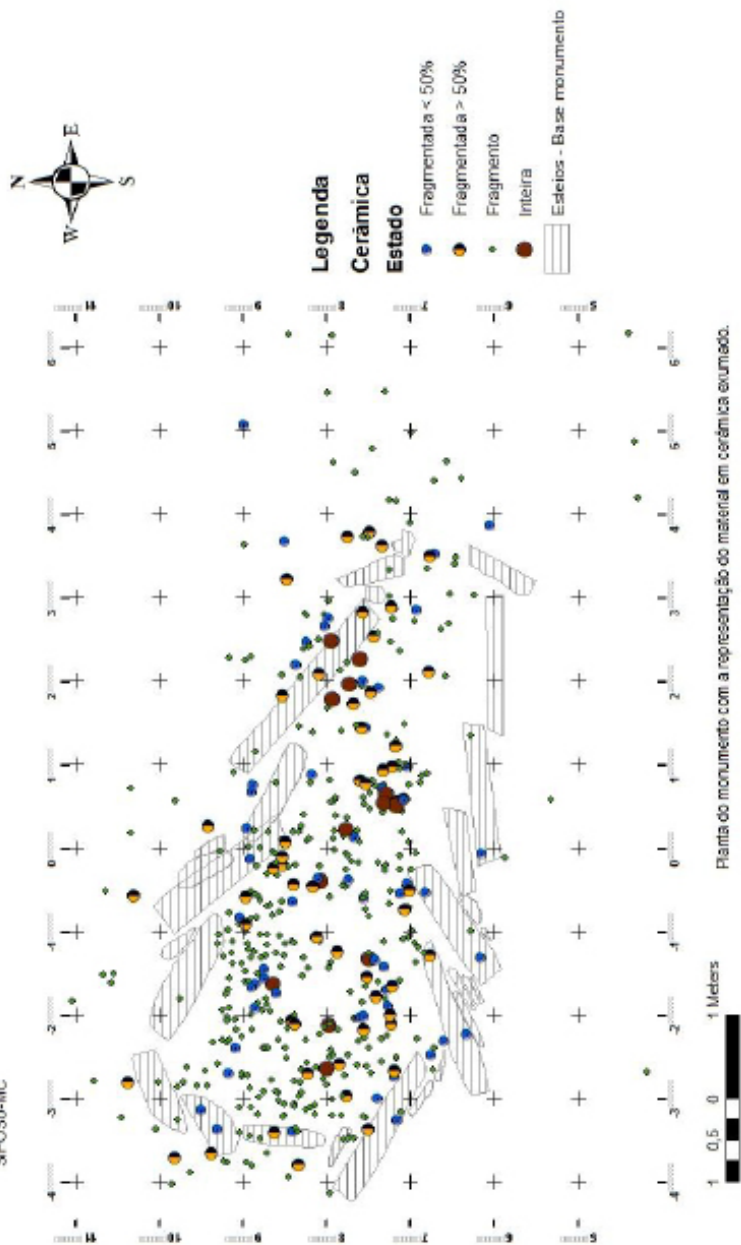


Figura nº 27 - Planta da Anta II de Rego da Murta, com a localização dos artefatos cerâmicos, que foram exumadas durante os trabalhos arqueológicos.

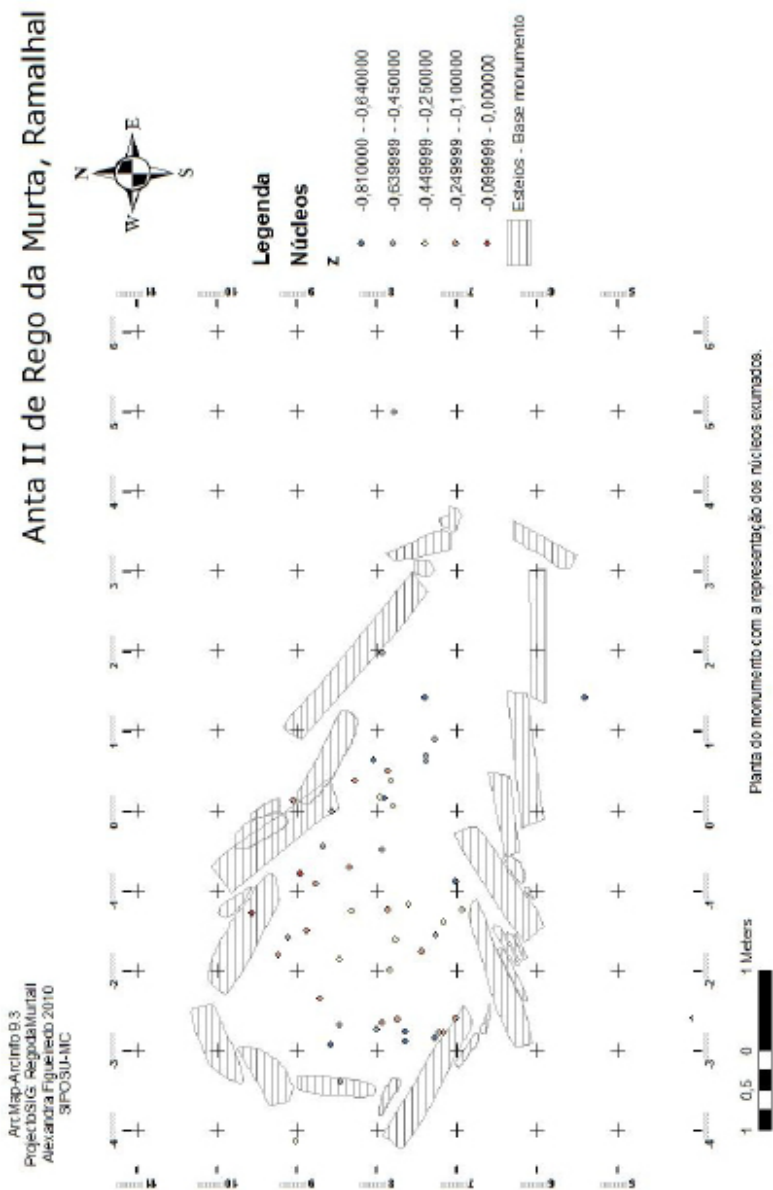


Figura nº 28 - Planta da Anta II de Rego da Murta, com a localização dos artefatos líticos sobre núcleo, que foram exumadas durante os trabalhos arqueológicos.

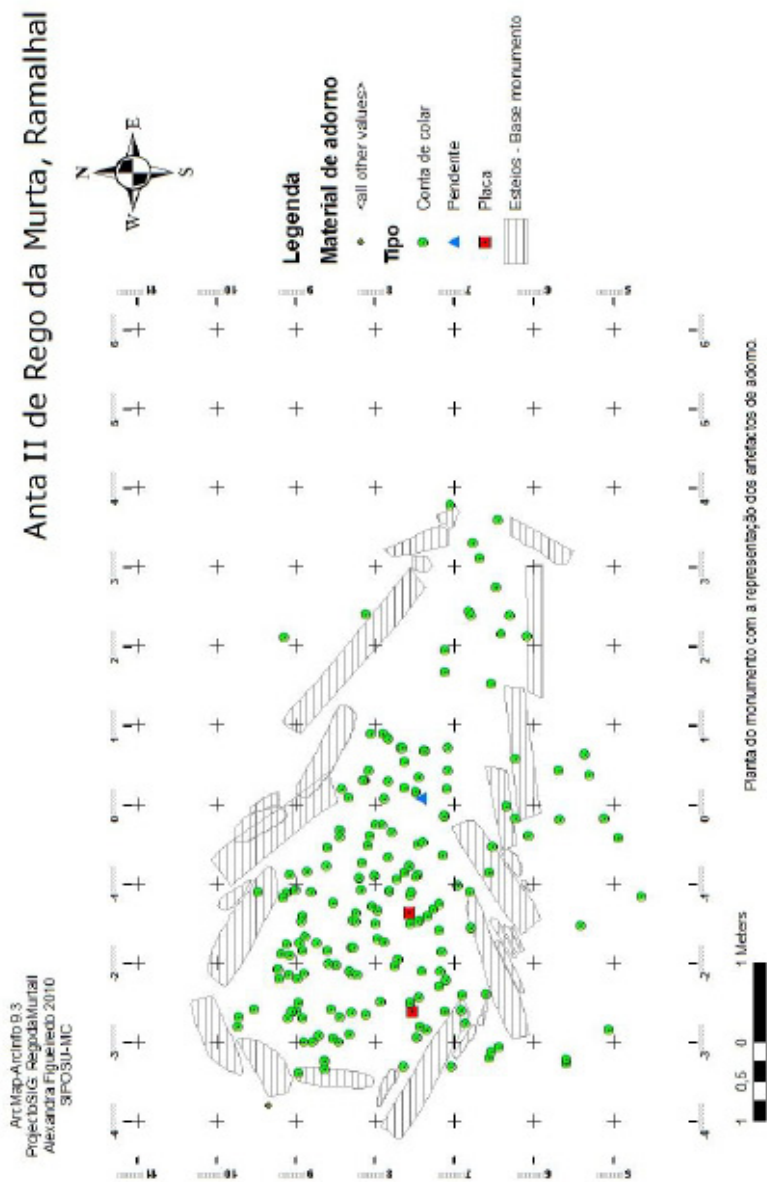


Figura nº 29 - Planta da Anta II de Rego da Murta com a localização dos artefactos de adorno que foram exumados durante os trabalhos arqueológicos.

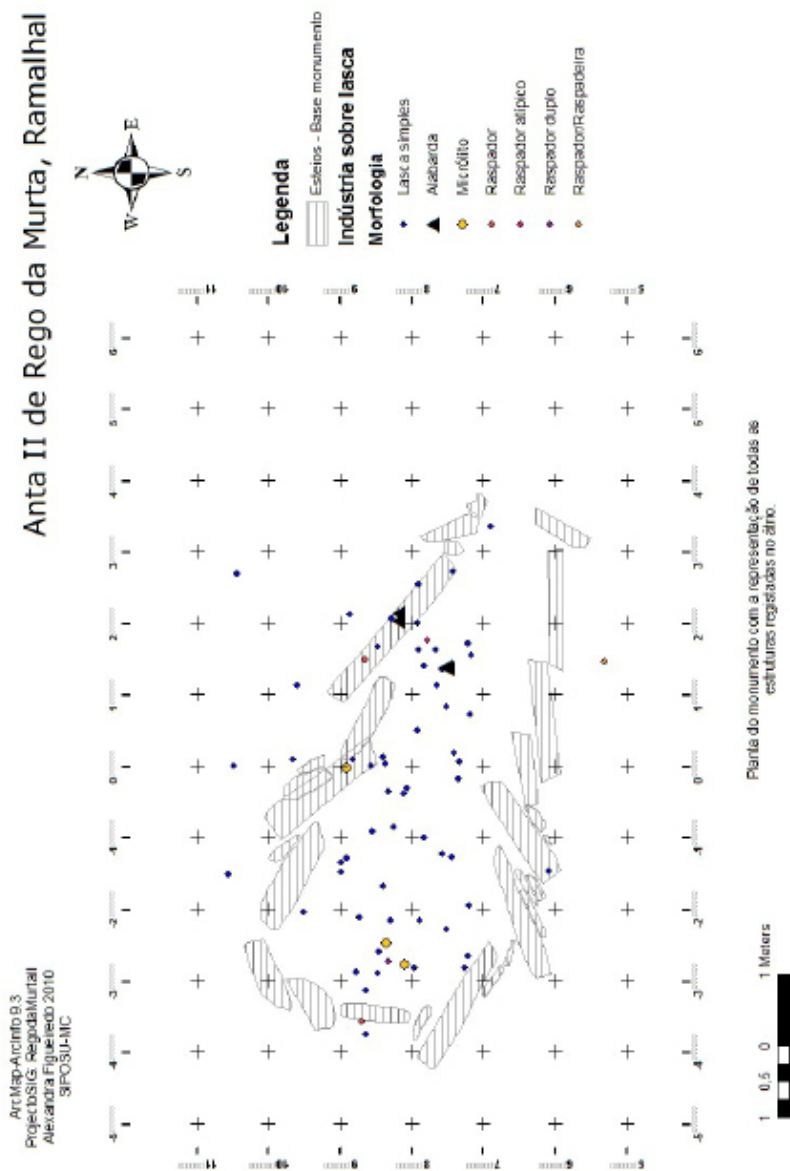
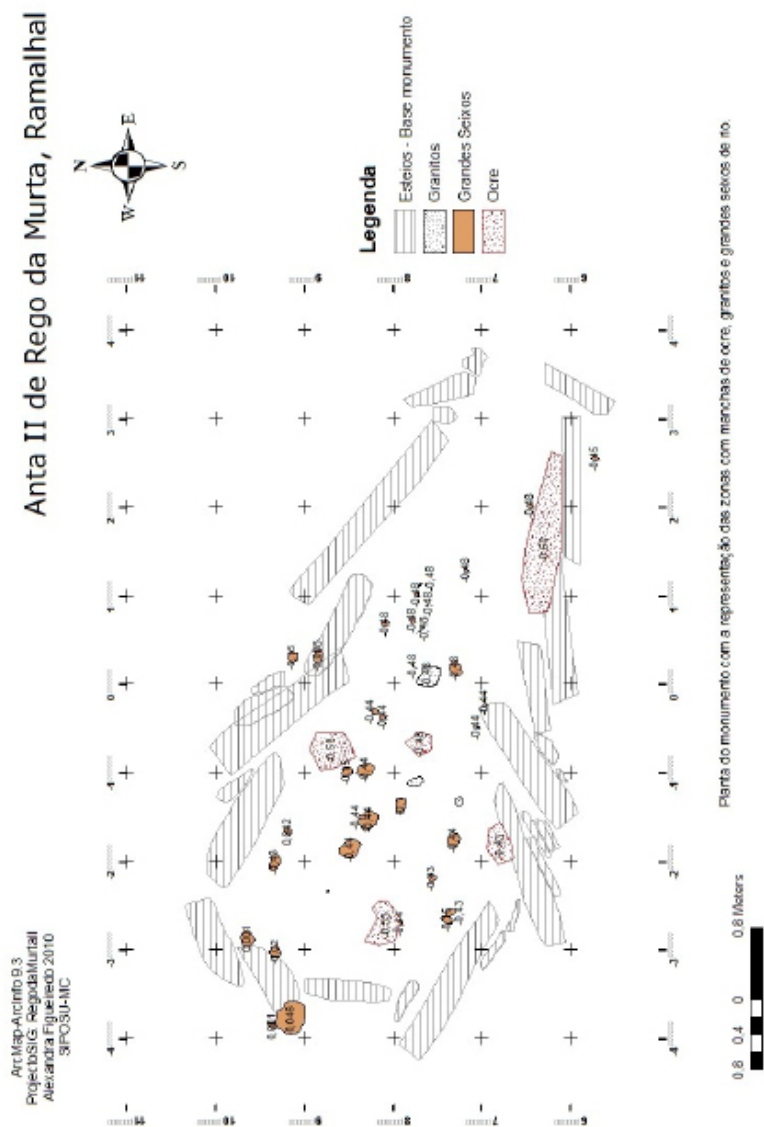


Figura nº 30 - Planta da Anta II de Rego da Murta, com a localização dos artefactos líticos sobre lasca (raspadores, raspadeiras e alabardas), que foram exumadas durante os trabalhos arqueológicos.



Planta do monumento com a representação das zonas com manchas de ocre, granitos e grandes seixos de rio.

0.8 0.4 0 0.8 Meters

Figura nº 31 - Planta da Anta II de Rego da Murta, com a representação das áreas em que se observou a presença de ocre, ou a descoberta de seixos ou blocos de granito.

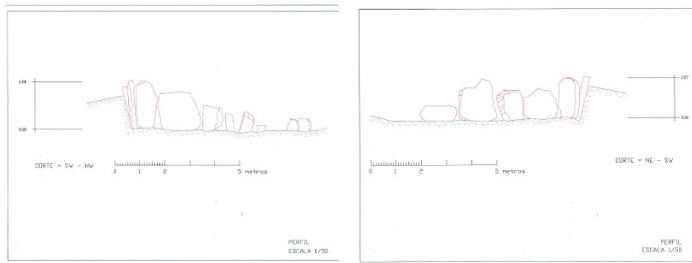
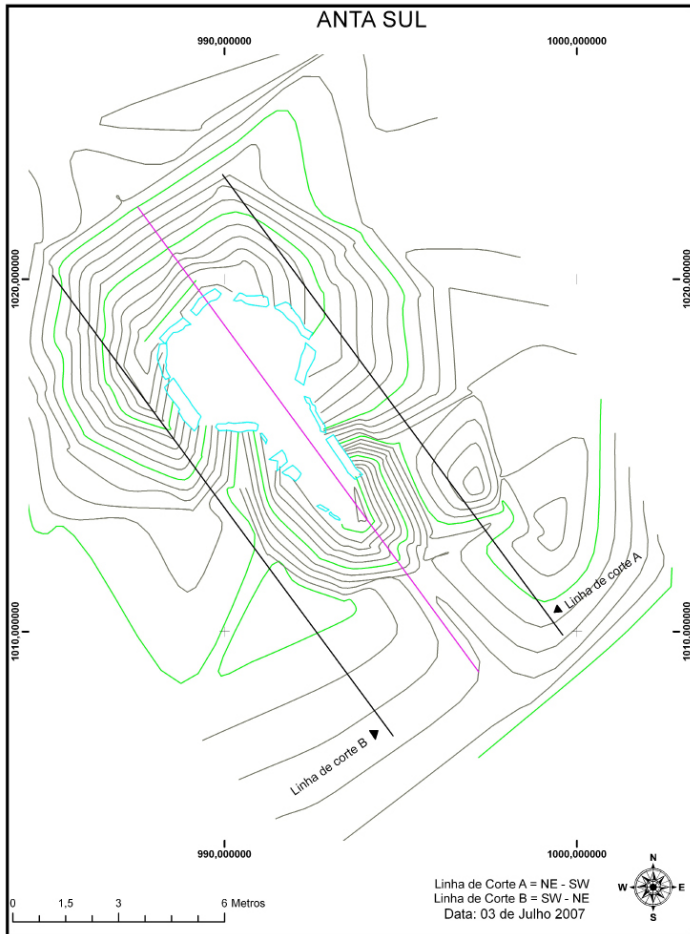


Figura nº 32 - Levantamento topográfico da Anta I de Rego da Murta e desenho lateral esquerdo e direito das lajes registadas.

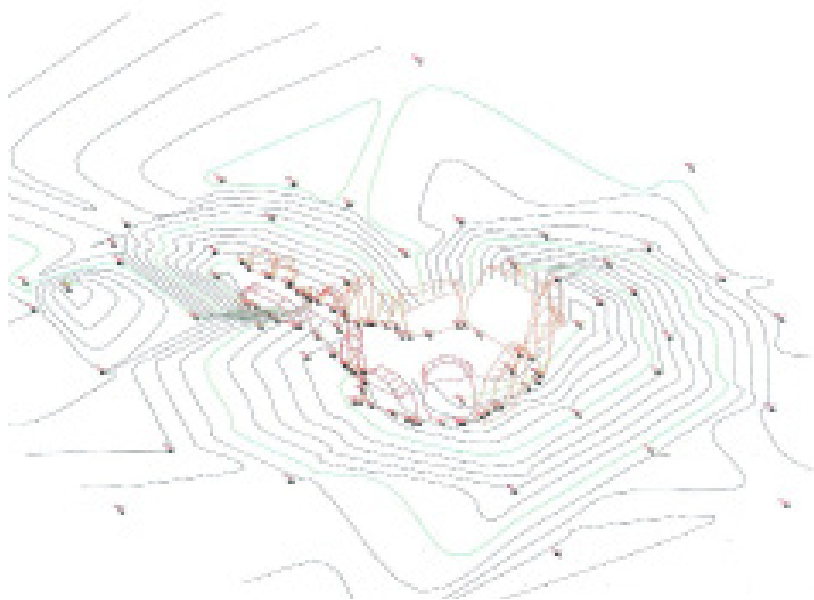
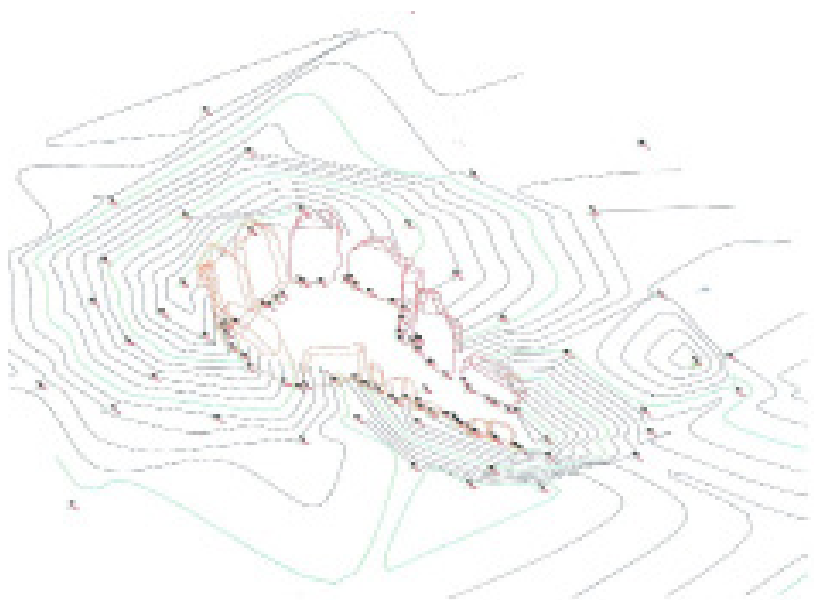


Figura nº 33 - Exposição do levantamento topográfico em 3D da Anta I de Rego da Murta.

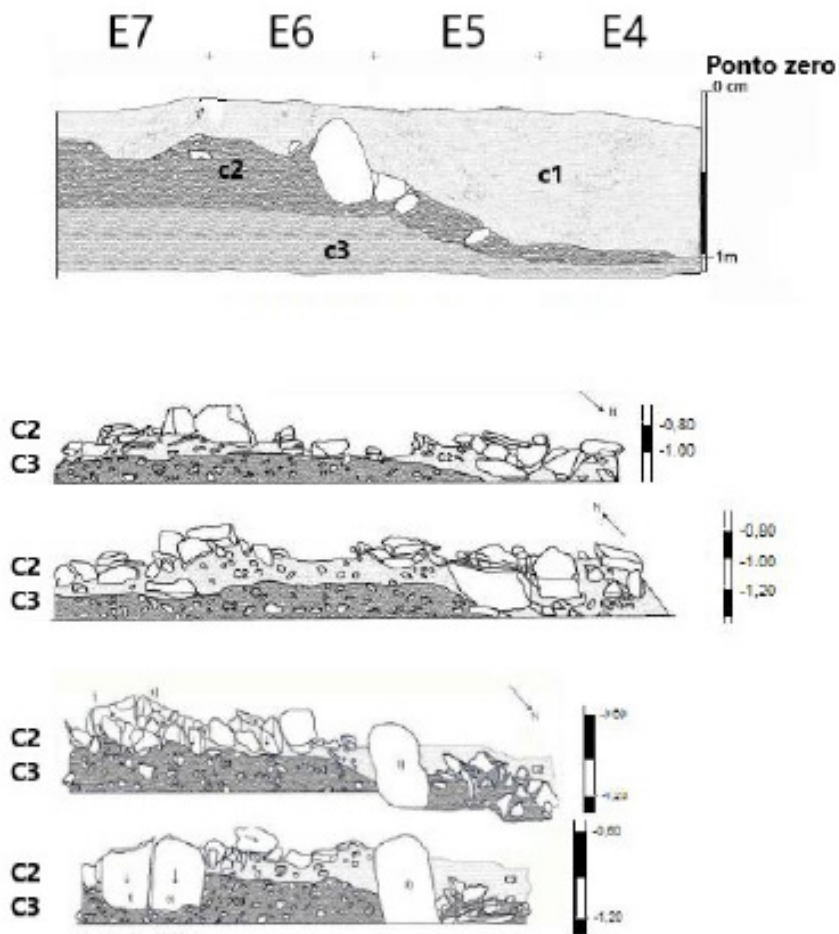
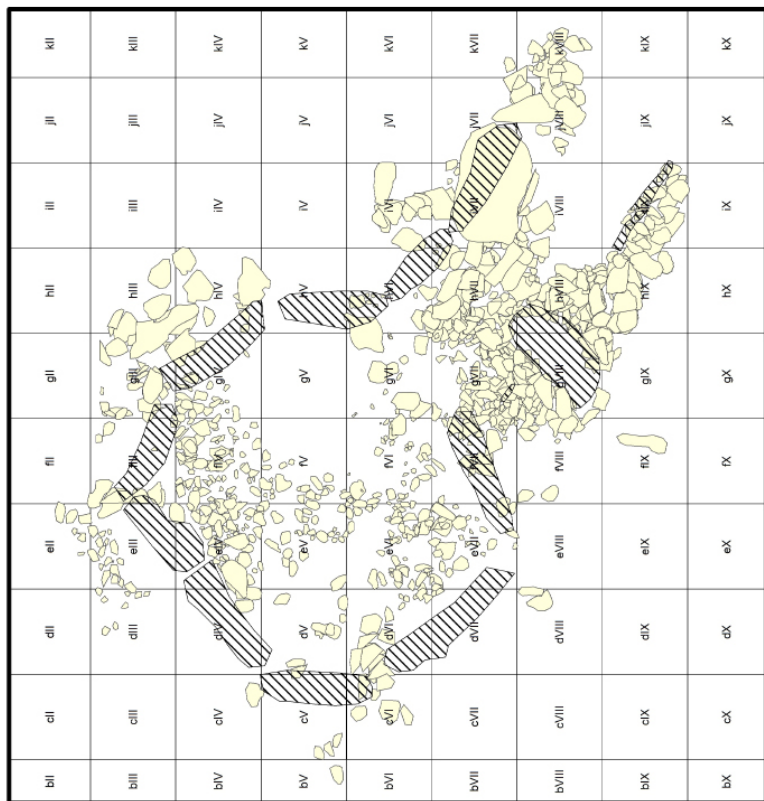


Figura nº 34 - Cortes e perfis realizados durante os trabalhos de intervenção, em 2003, da Anta I de Rego da Murta.

Anta I do Rego da Murta



Legenda

- Esteios
- Estruturas

Data from 1999-2003
 ArcMap 10.3 Project TEMPOARII
 Alexandra Figueiredo 2005

Figura nº 35 - Planta da Anta I de Rego da Murta, com a representação das lajes do monumento e estruturas verificadas durante as intervenções.

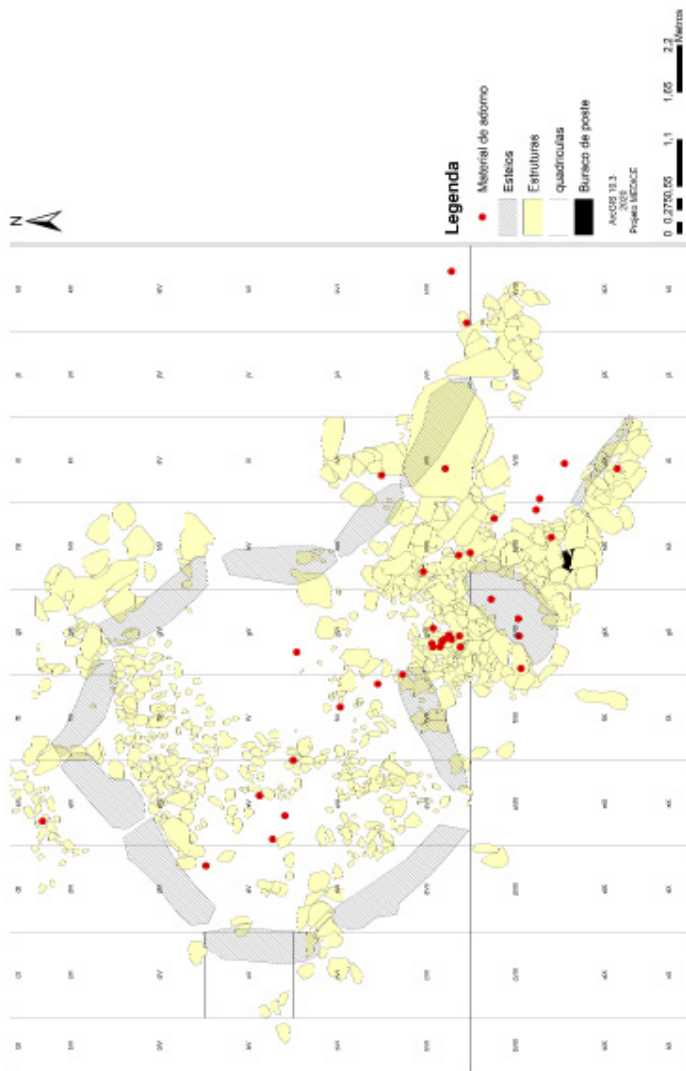


Figura nº 36 - Planta da Anta I de Rego da Murta com a localização dos artefactos de adorno exumados durante os trabalhos.

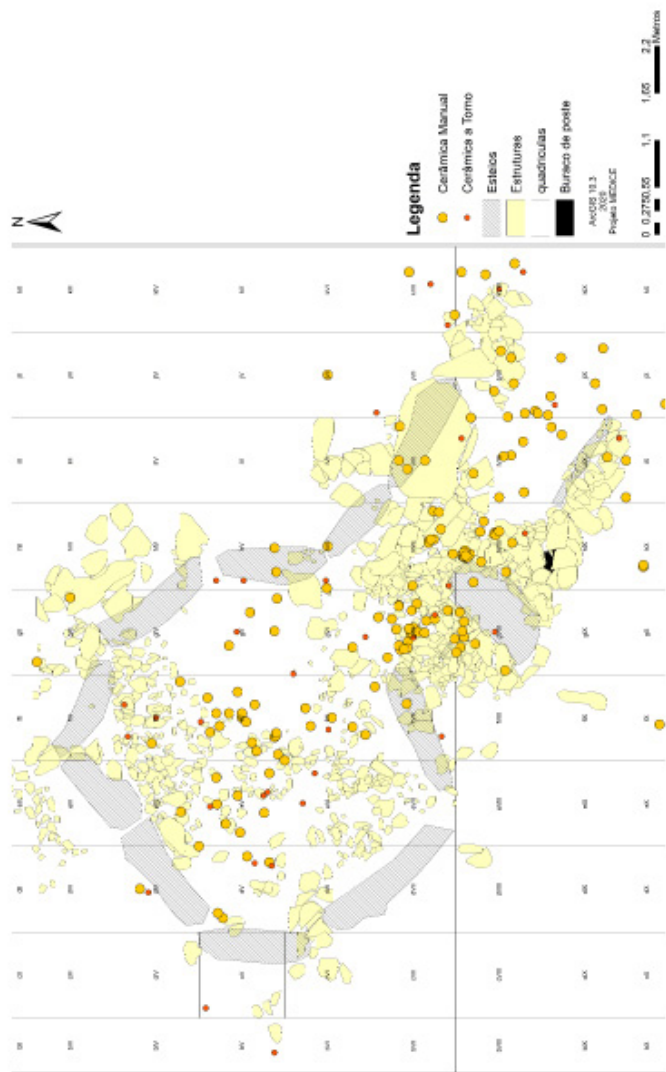


Figura nº 37 - Planta da Anta I de Rego da Murta com a localização dos artefactos cerâmicos, manuais e torno, exumados durante os trabalhos.

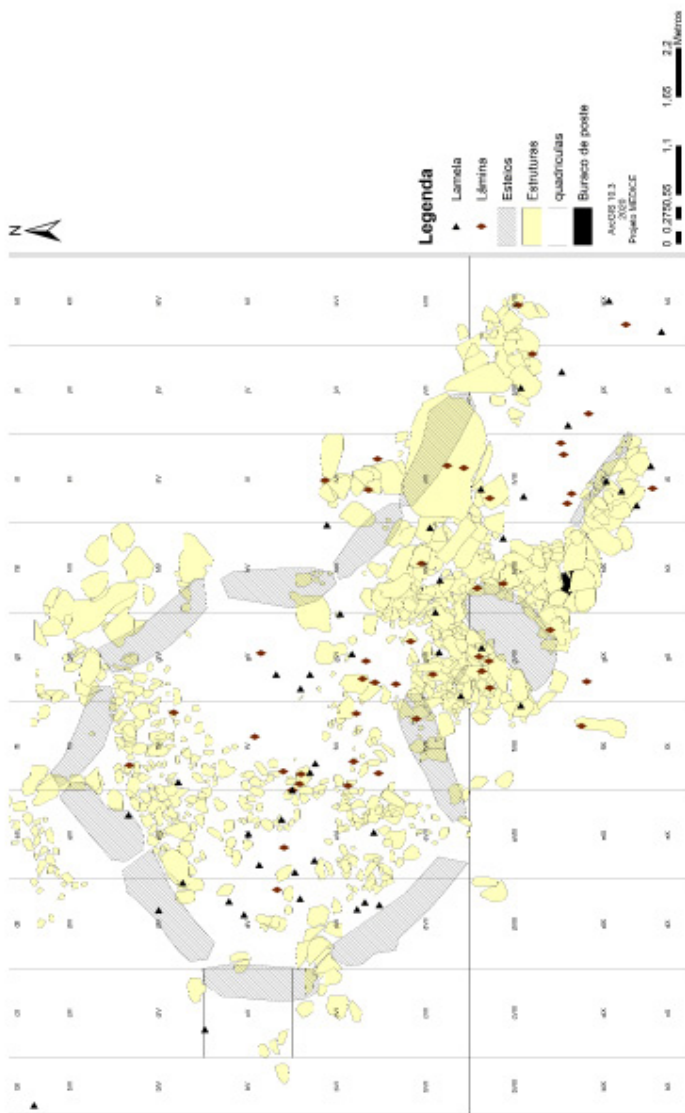


Figura nº 38 - Planta da Anta I de Rego da Murta com a localização dos artefactos líticos laminares e lamelares exumados durante os trabalhos.

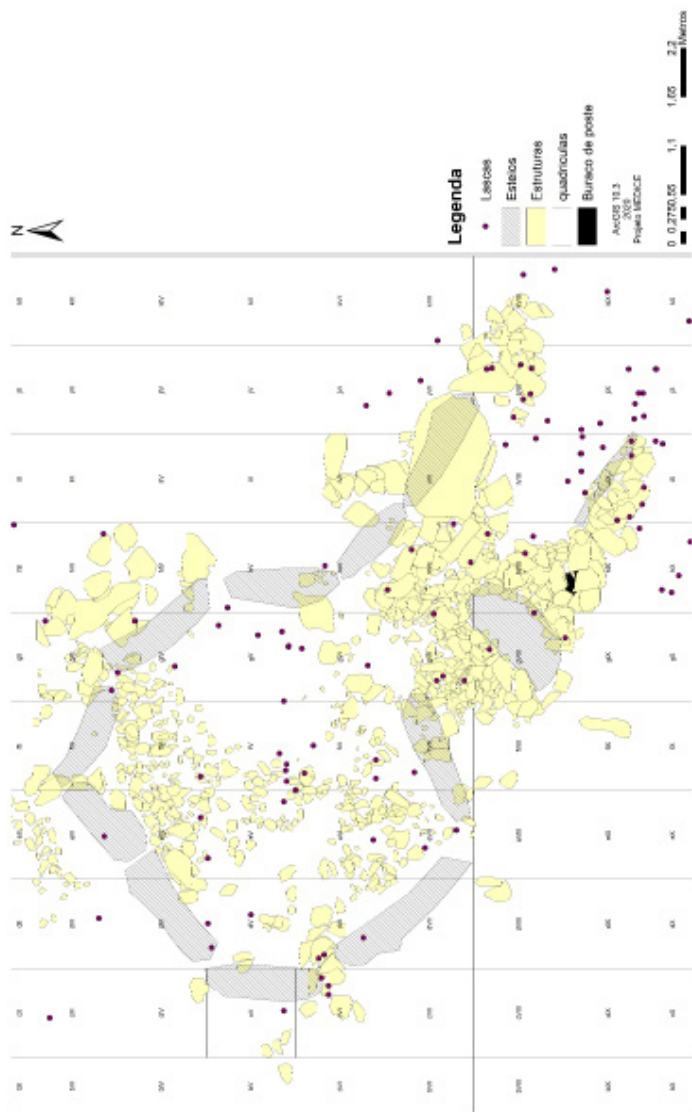


Figura nº 39 - Planta da Anta I de Rego da Murta com a localização dos artefactos líticos em lasca exumados durante os trabalhos.

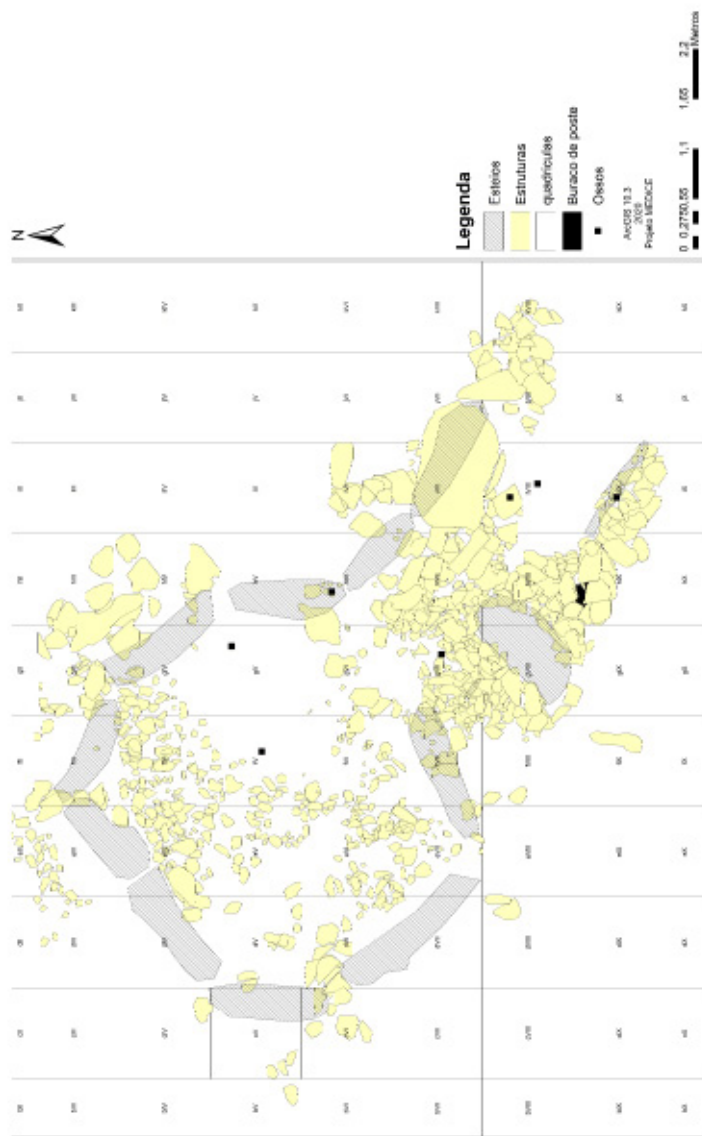


Figura nº 40 - Planta da Anta I de Rego da Murta com a localização dos artefactos em osso exumados durante os trabalhos.

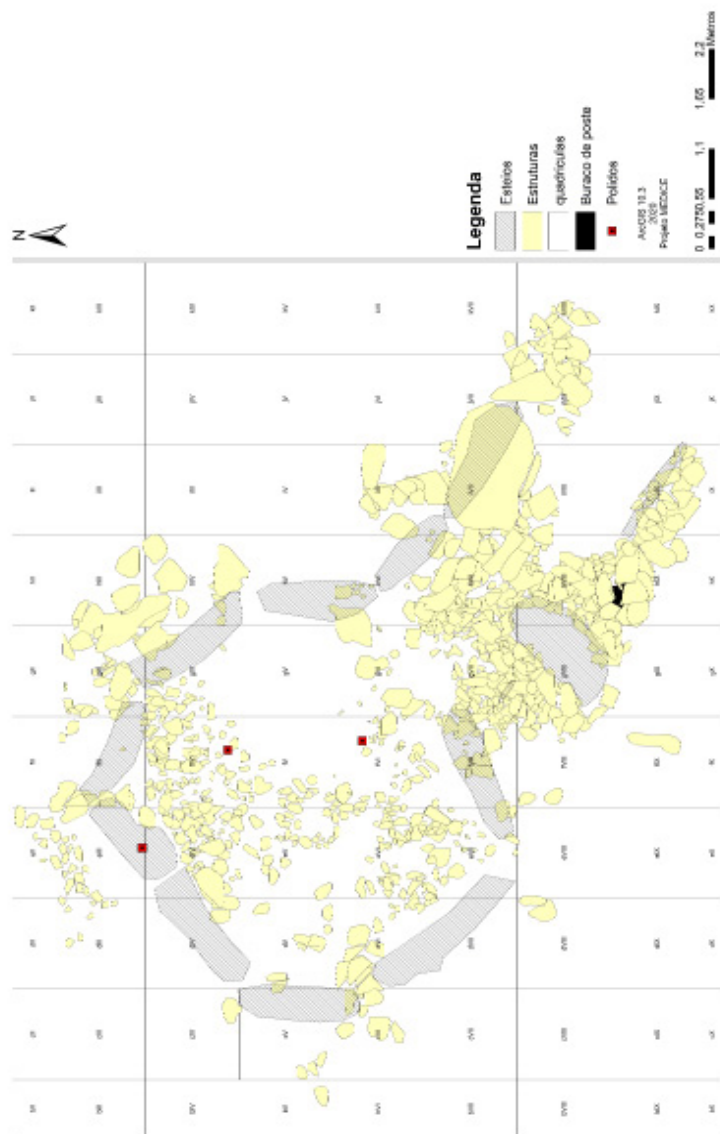


Figura nº 41 - Planta da Anta I de Rego da Murta com a localização dos artefactos líticos polidos exumados durante os trabalhos.



Figura nº 42 - Planta da Anta I de Rego da Murta com a localização dos artefactos líticos de tipologia ponta de seta exumados durante os trabalhos.

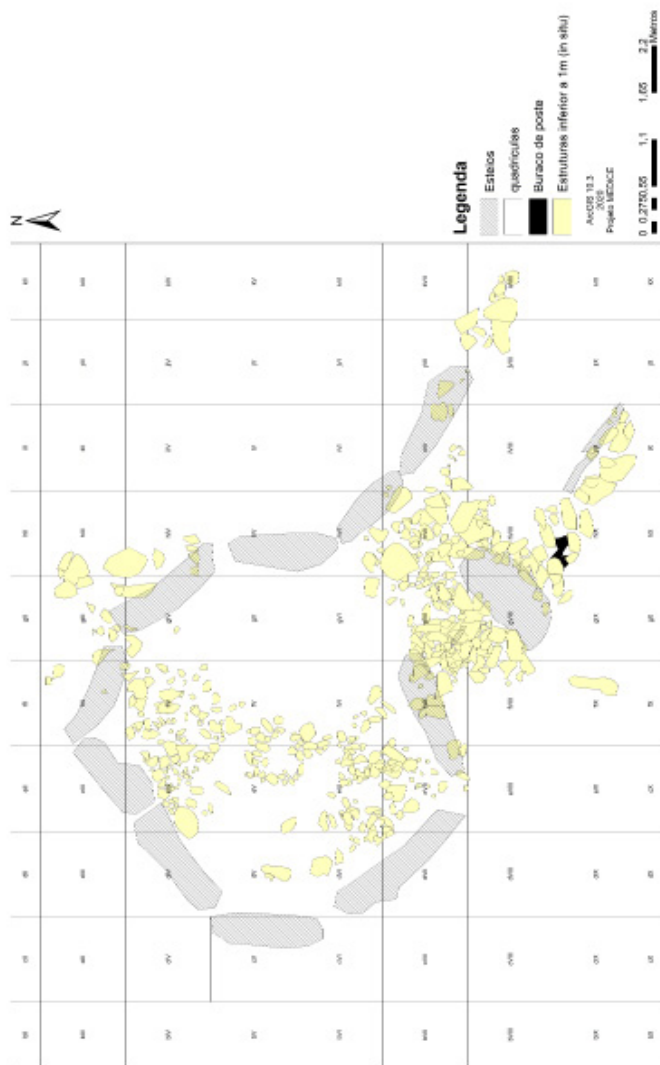


Figura nº 43 - Planta da Anta I de Rego da Murta com a representação das estruturas registadas a uma profundidade igual ou superior a 1 metro.

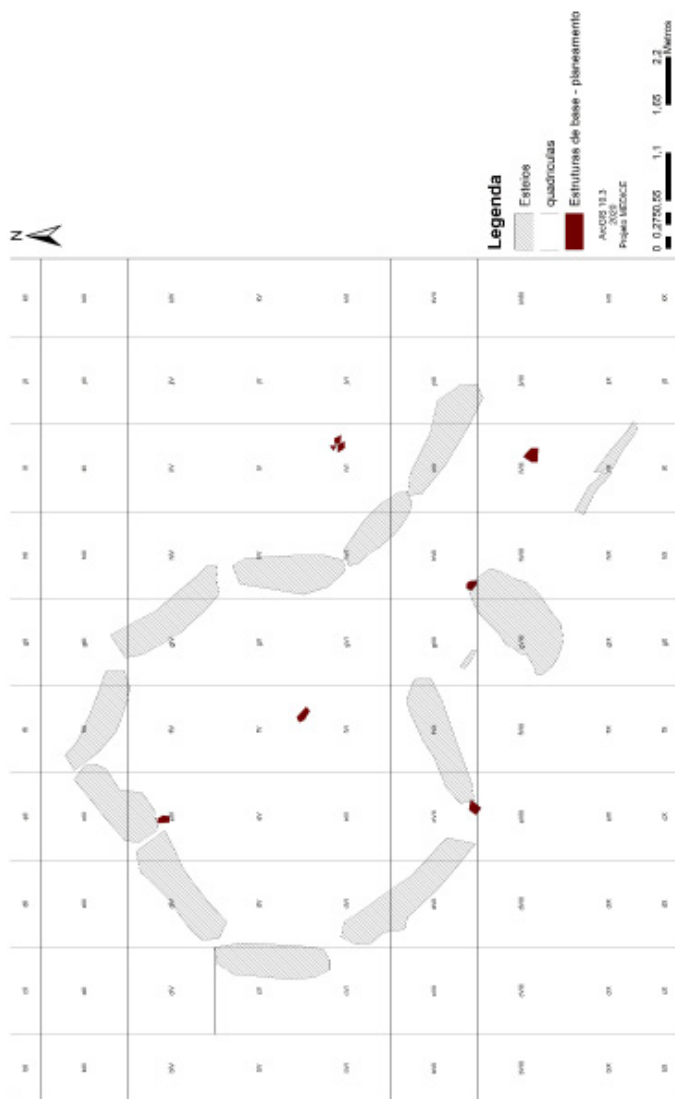


Figura nº 44 - Planta da Anta I de Rego da Murta com a localização e representação dos blocos em quartzito registados na base do monumento, colocados para possível planeamento, antes da sua construção.



Figura nº 45 - Fotografia da Anta I de Rego da Murta durante a realização dos trabalhos, em 2003. Vista de Este-Oeste.



Figura nº 46 - Fotografia de pormenor do corredor da Anta I de Rego da Murta, vista de topo.



Figura nº 47 - Corte sul, da zona externa da Anta I de Rego da Murta.



Figura nº 48 - Pormenor da parede do corredor, lado esquerdo, onde é possível visualizar uma estrutura de buraco de poste.



Figura nº 49 - Fotografia da Anta II durante os trabalhos arqueológicos. Camada 2.



Fotografia nº 50 - Fotografia da Anta II de Rego da Murta durante os trabalhos arqueológicos. Camada 3.



Figura nº 51 - Fotografia dos trabalhos de escavação junto às lajes de base da câmara.



Figura nº 52 - Fotografia da zona de contrafortagem exterior do corredor, lado esquerdo, da Anta II de Rego da Murta.



Fotografia nº 53 - Fotografia da contrafortagem interior, lado esquerdo, da Anta II.



Figura nº 54 - Enchimento e estruturas de condenação registadas no interior do monumento. É visível o amontoado de ossos, numa das fossas analisadas.



Figura nº 55 - Pormenor da parte superior de uma das fossas, término da condenação.



Figura nº 56 - Imagem dos trabalhos arqueológicos sobre os ossários.

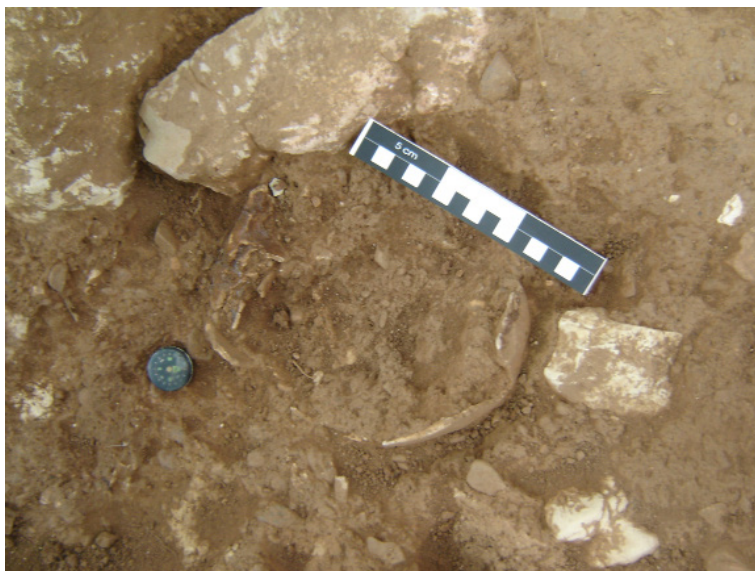


Figura nº 57 - Imagem de uma calote craniana durante as escavações.



Figura nº 58- Pormenor da parte superior de uma das fossas, nº 5, término da condenação.



Figura nº 59 - Pormenor da estrutura de condenação sobre a fossa nº 5 localizada no centro da Anta II de Rego da Murta.



Figura nº 60 - Fotografia em campo da descoberta de uma lâmina em cobre, localizada na câmara da Anta II de Rego da Murta.



Figura nº 61 - Imagem de uma estrutura de buraco de poste localizada no exterior do monumento, Anta II, lado NE.



Figura nº 62 - Fotografia de sul sobre a estrutura de átrio da Anta II de Rego da Murta.



Figura nº 63 - Fotografia do exterior da Anta II de Rego da Murta, corte no lado NW. Visível duas camadas C1 e C3.



Figura nº 64 - Fotografia de um dos cortes internos da Anta II de Rego da Murta. Visível duas camadas: C2 e C3.



Figura nº 65 - Fotografia da laje com arte rupestre. Sítio Covinhas I.

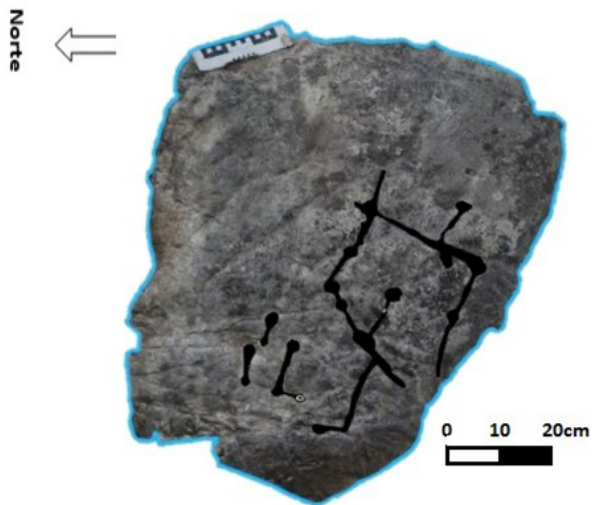


Figura nº 66 - Imagem de fotogrametria com a representação das Covinhas e tubos assinalados.

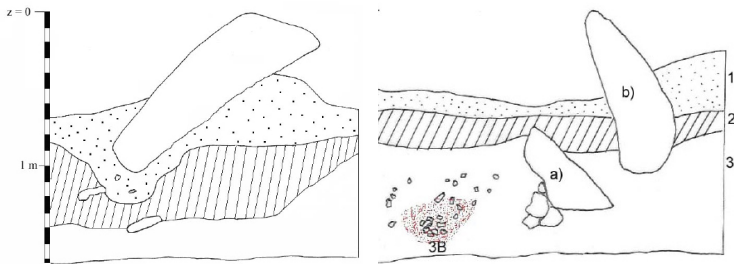


Figura nº 67 - Corte do Menir I (à esquerda) e Menir II (à direita). Visível as três camadas, onde se integra na C3 o Menir II e no C2, o Menir I.

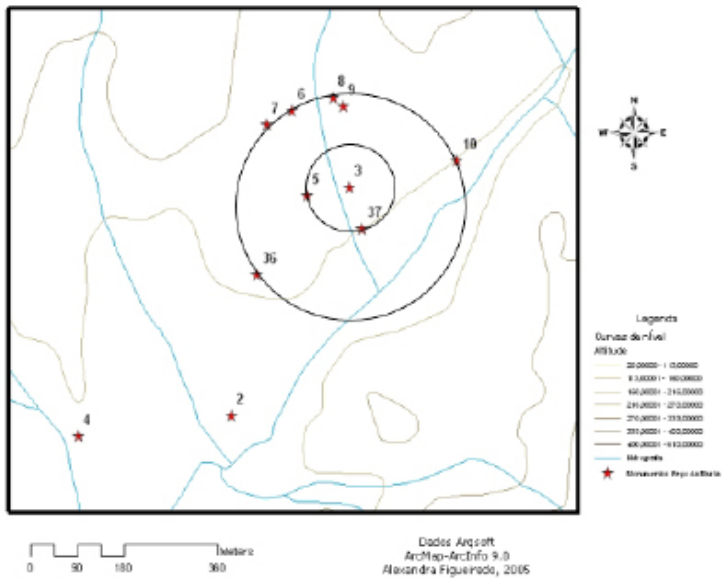


Figura nº 68 - Mapa da distribuição dos menires, com uma possível relação espacial entre eles. 3 - Anta II de Rego da Murta; 2- Anta I de Rego da Murta; 4 - Sítio III de Rego da Murta. Restantes números são menires.

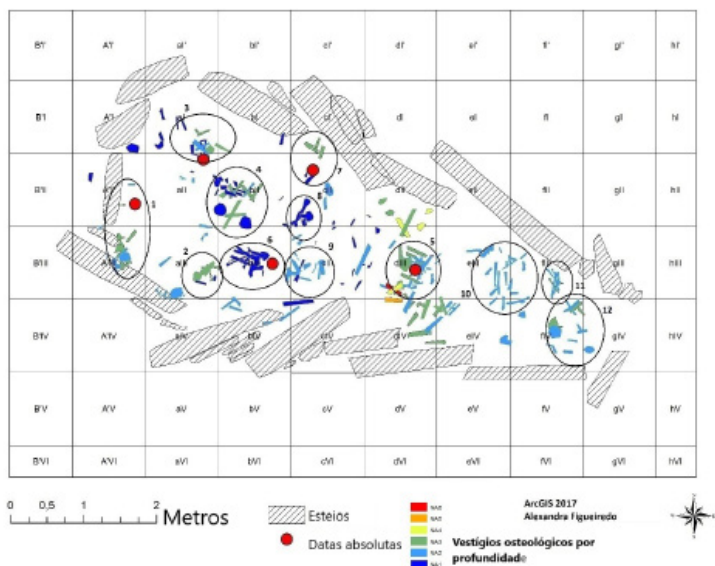


Figura nº 69 - Mapa da distribuição dos vestígios osteológicos e agrupamentos por ossários, conforme interpretação.

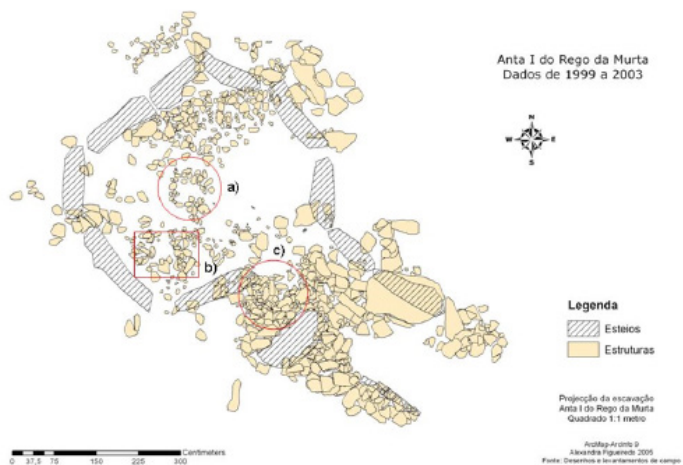
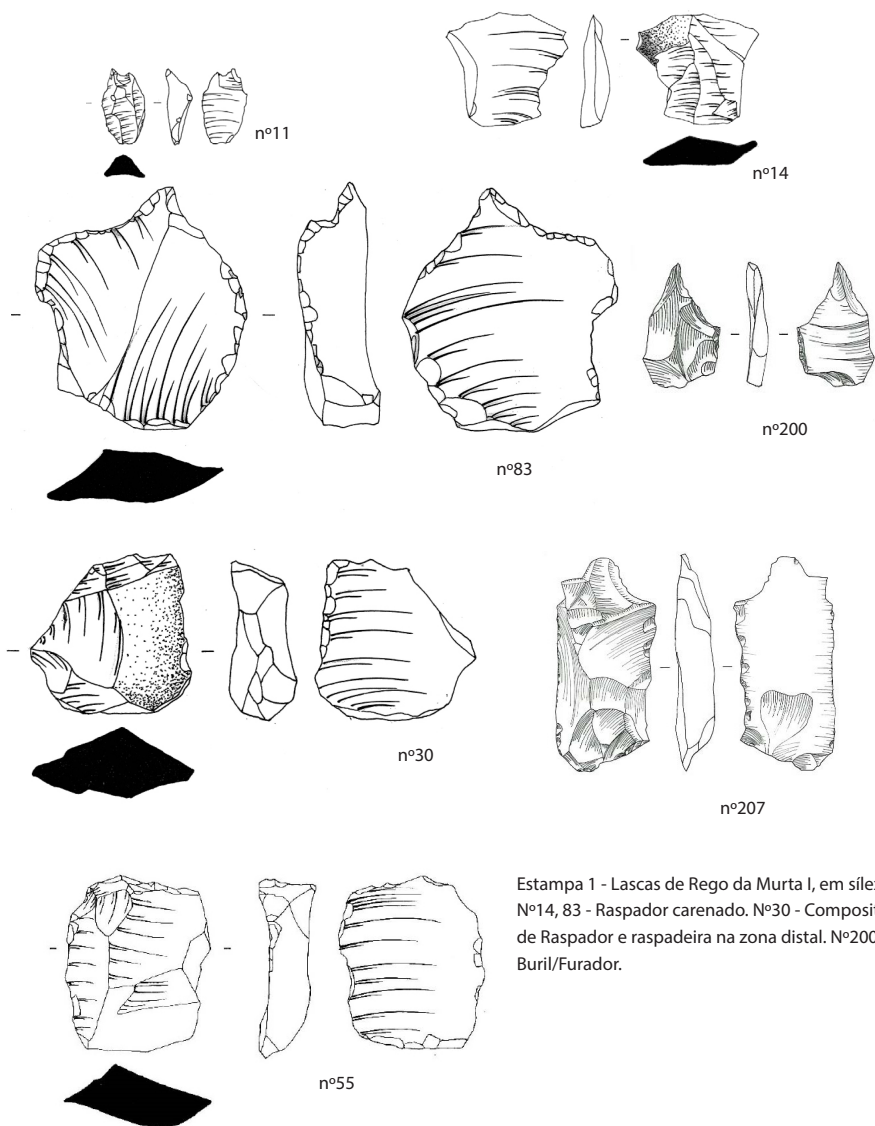


Figura nº 70 - Mapa da Anta I de Rego da Murta, com estruturas registadas, assinalando as 3 áreas mais bem preservadas.

ANEXO 2
ESTAMPAS E FOTOGRAFIAS

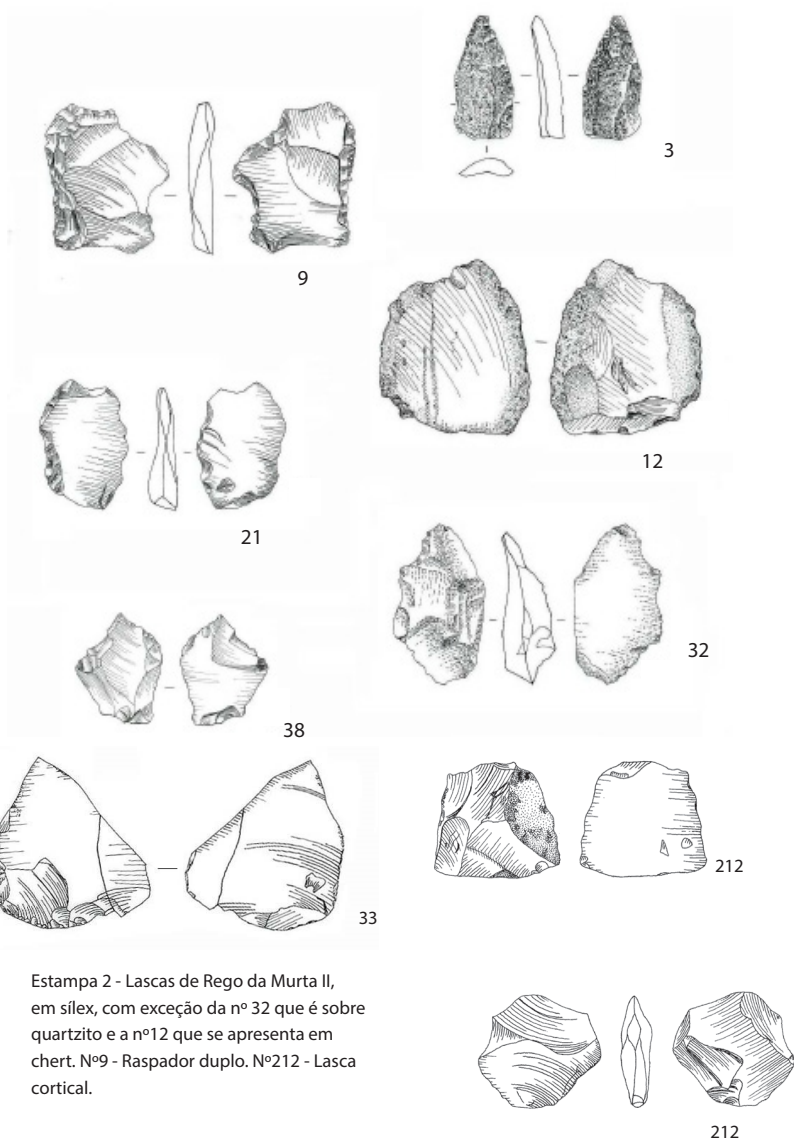
Lascas

RMI



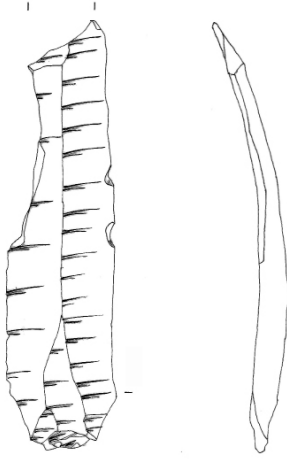
Estampa 1 - Lascas de Rego da Murta I, em sílex. Nº14, 83 - Raspador carenado. Nº30 - Composito de Raspador e raspadeira na zona distal. Nº200 - Buriil/Furador.

— 1 cm

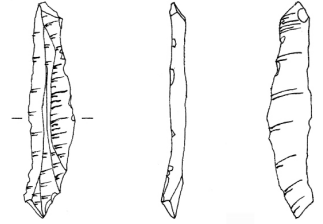


Lâminas

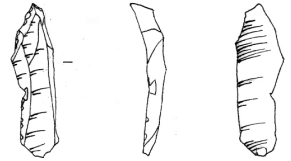
RMI



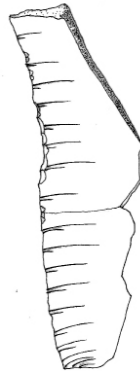
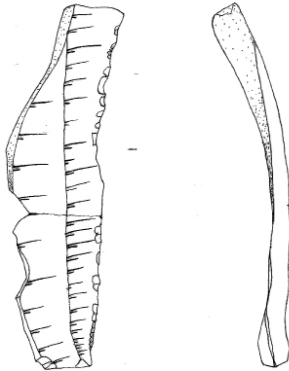
L3



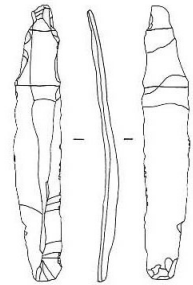
L64



L61



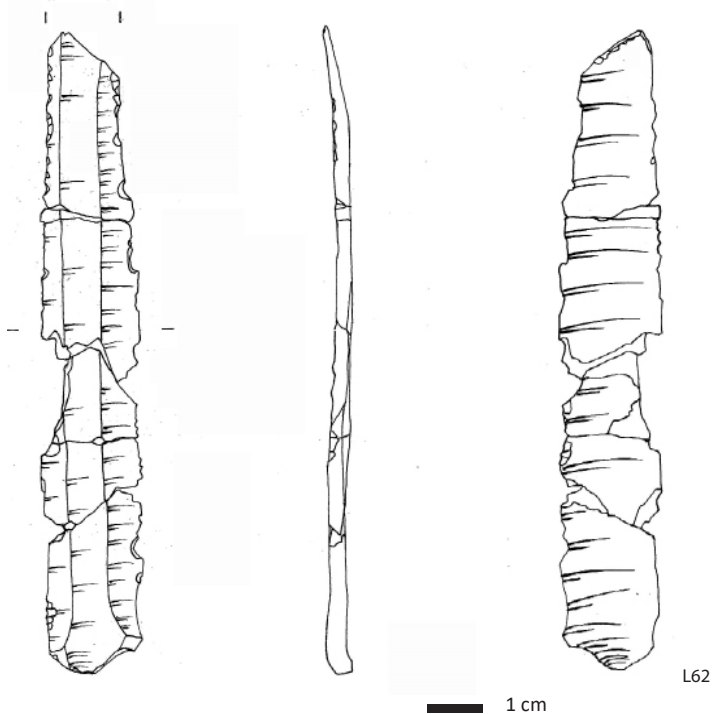
L10



L40

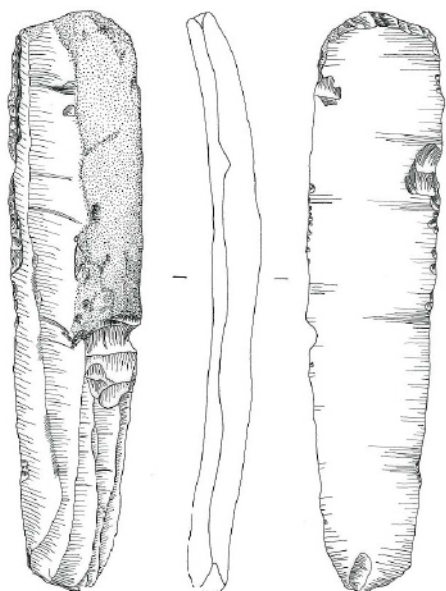
Estampa 3 - NºL3 e L10 - Lâminas em sílex. NºL61 e L64 - Lamelas em sílex. NºL40 - Lamela em quartzo hialino.

1 cm



L62

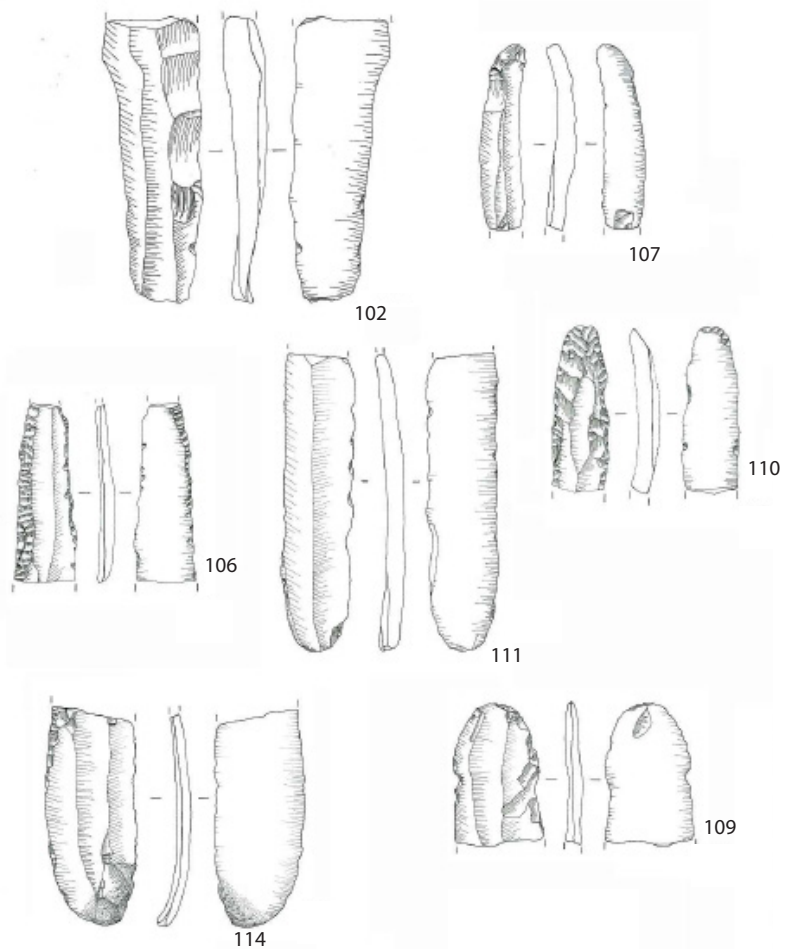
1 cm



L105

1 cm

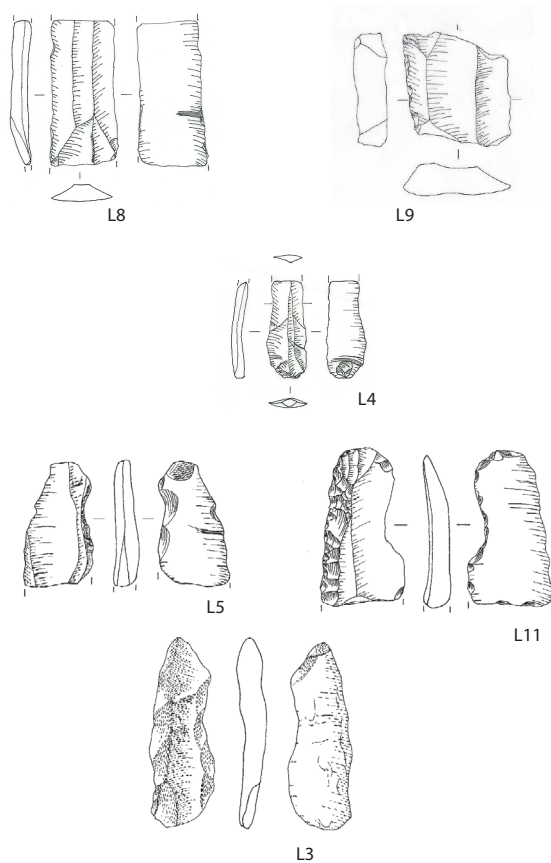
Estampa 4 - NºL62 - Lâmina em chert, secção trapezoidal, com vestígios de retocagem abrupta nos bordos. NºL105 - Lâmina em sílex, parcialmente cortical, secção subtriangular, com retoques abruptos em ambos os bordos e traços de uso no bordo direito.



Estampa 5 - Lâminas e lamelas em sílex truncadas provenientes de Rego da Murta I. N.ºL106, L107 e L110 - Lamelas retocadas. N.ºL114 e n.º L109 - Fragmentos de lâminas retocados. O n.ºL110 e L106 apresentam retoques invasores e contínuos nos bordos. Morfologia: Raspador sobre lamela.

— 1 cm

RMII

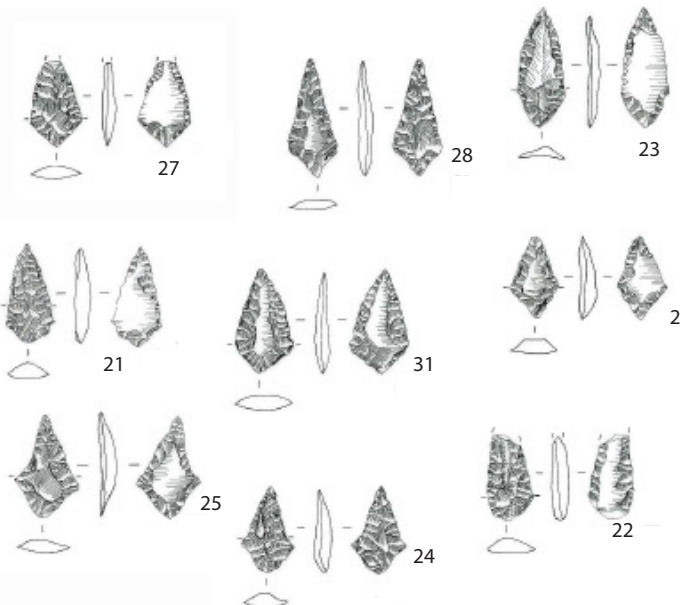


Estampa 6 - Lâminas e lamelas da Anta de Rego da Murta II. NºL3 - Lâmina em quartzito. NºL4 - Lamela em sílex, com traços de uso nos bordos. NºL5, L8, L9 e L11 - Lâminas em sílex, de seção trapezoidal. A nº L11 apresenta retoques variados em todos os bordos. Morfologia: Raspador sobre lâmina

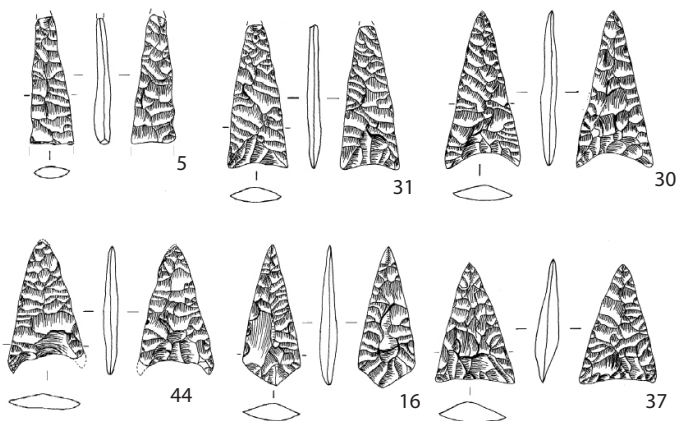
— 1 cm

Pontas Seta

RMI



RMII

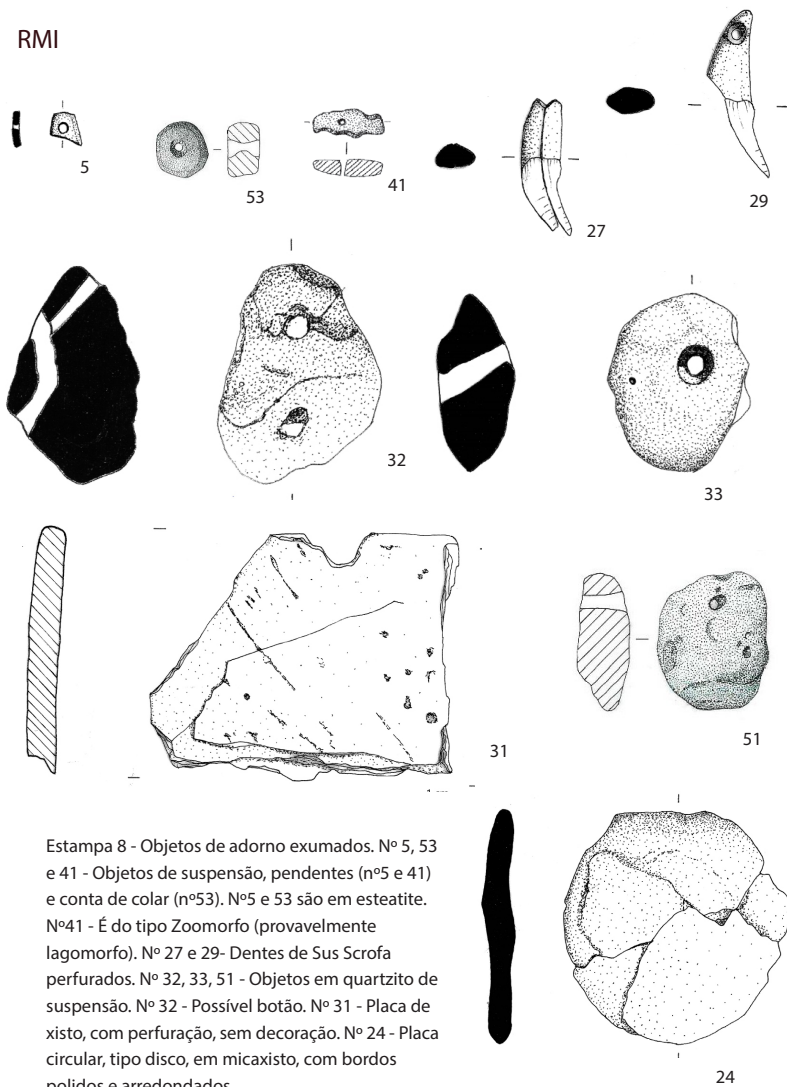


Estampa 7 - Pontas de seta exumadas, em sílex.
 Nº 27, 28, 23, 31, 2 e 16 - Ponta de base triangular.
 Nº 21 e 22 - Ponta de base convexa. Nº 24 e 25 - Ponta de base atípica triangular com pequenas aletas laterais na zona mesial.
 Nº 5 - Ponta de base plana.
 Nº 30, 31, 44, 37 - Ponta de base concava.

— 1 cm

Adorno

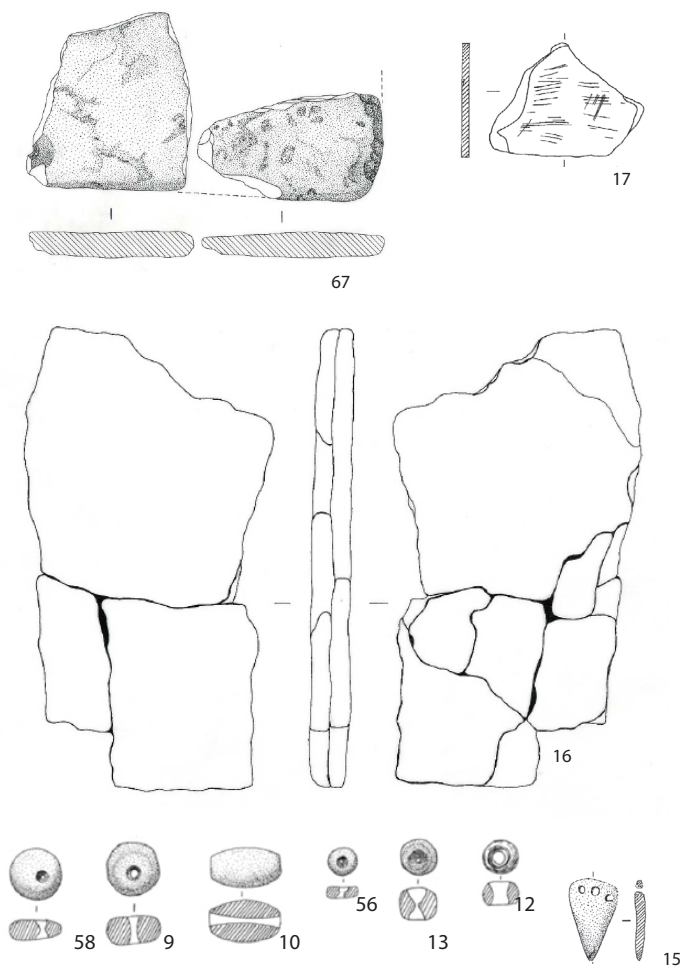
RMI



Estampa 8 - Objetos de adorno exumados. Nº 5, 53 e 41 - Objetos de suspensão, pendentes (nº5 e 41) e conta de colar (nº53). Nº5 e 53 são em esteatite. Nº41 - É do tipo Zoomorfo (provavelmente lagomorfo). Nº 27 e 29- Dentes de *Sus Scrofa* perfurados. Nº 32, 33, 51 - Objetos em quartzito de suspensão. Nº 32 - Possível botão. Nº 31 - Placa de xisto, com perfuração, sem decoração. Nº 24 - Placa circular, tipo disco, em micaxisto, com bordos polidos e arredondados.

1 cm

RMII

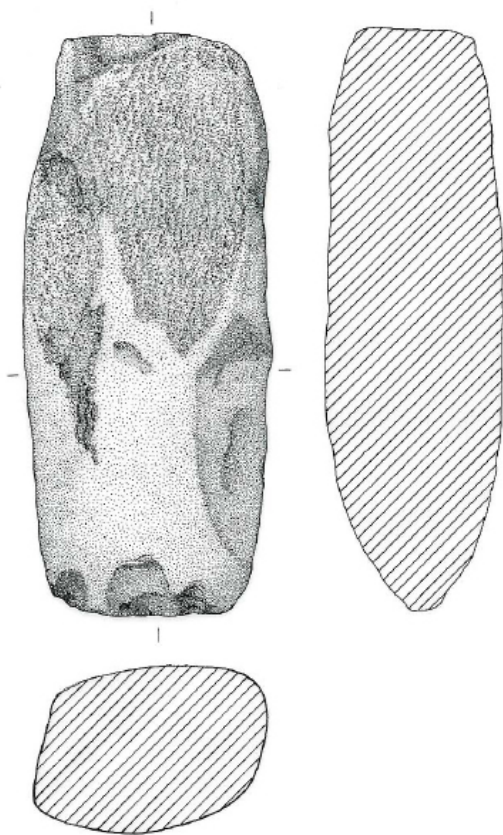


Estampa 9 - Exemplos de objetos de adorno ou simbólicos exumados da Anta II de Rego da Murta. Nº 67, 16 e 17 - Placas em xisto (nº 67 e 17) e em calcário (nº16), polidas e sem decoração. Nº58, 9, 10, 56, 13 e 12 - Contas de colar em variscite (nº58, 9; 56), possível crisoprásio (nº10, 13) e azeviche (nº12). Nº15 - Pendente, em esteatite, de forma subtriangular, com 3 orifícios.

— 1 cm

Polidos

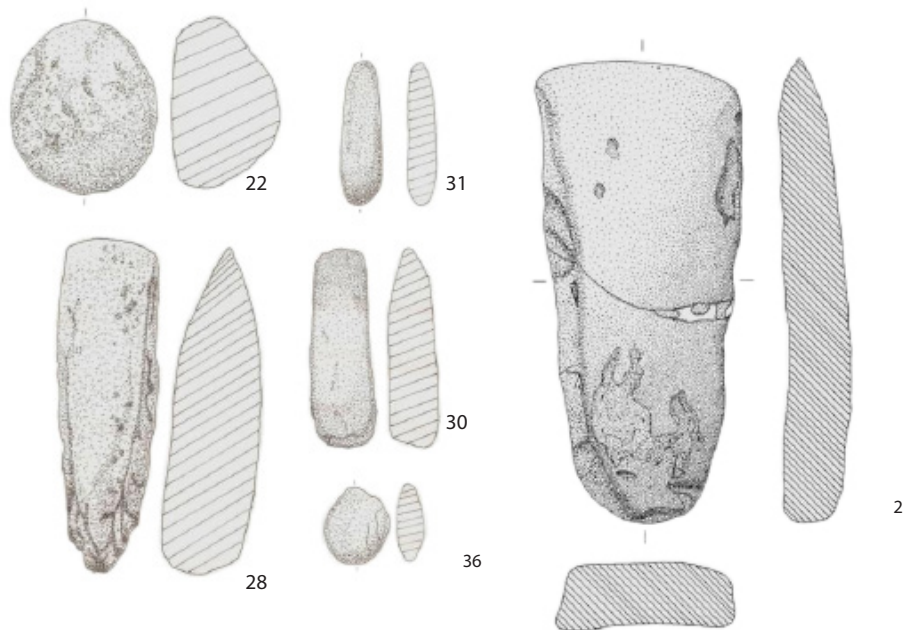
RMI



Estampa 10 - Machado polido em anfibólito, de forma e secção retangular, com talão lavrado e gume com ângulo útil de 60 a 90 graus, com traços de uso na zona distal. Apresenta polimento total de cerca de 25%, localizado na zona do gume. O gume é retilíneo e o bisel é simétrico.

— 1 cm

RMII

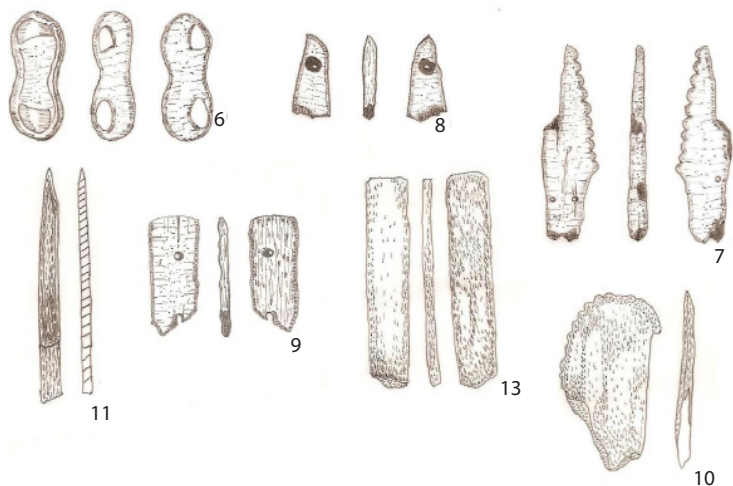


Estampa 11 - Polidores, machado e enxó proveniente da Anta II de Rego da Murta, em quartzito e anfíbolito. Nº2 - Enxó, em anfíbolito, de forma trapezoidal e secção retangular. Apresenta bisel simétrico, gume curvilíneo fino, perfil aplanado e talão redondo. Contém um ângulo útil menor do que 30 graus e um polimento das faces em cerca de 75%. Nº 28 e 30 - Machados polidos, em anfíbolito, de secção quadrangular, com polimento parcial, ocupando entre 30 a 40% do corpo do objeto. Os gumes apresentam bisel semi-simétrico, com ângulo útil aproximado de 60 graus. Nº 22 e - Polidor ou pequeno movente em quartzito. Nº 31 - Polidor alongado, em anfíbolito, com traços de uso na zona proximal.

1 cm

Artefatos Osseos

RMII

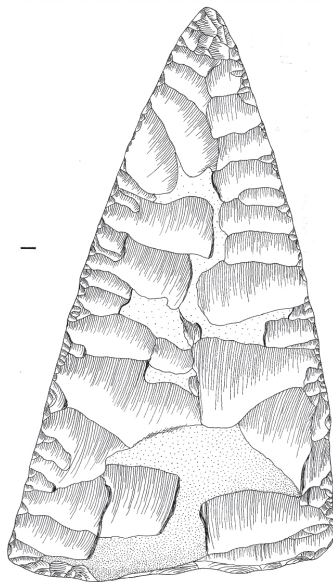
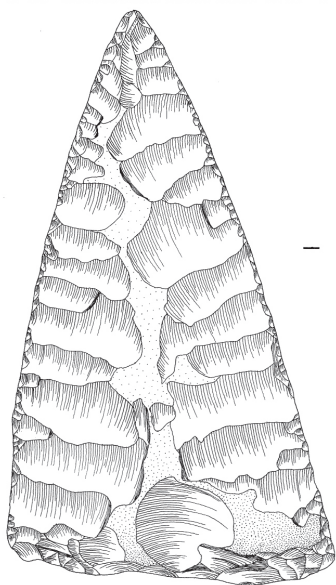


Estampa 12 - Indústria óssea exumada de Rego da Murta II. Nº6 - Possível botão, apresenta uma das faces mais desgastada. Nº 8 - Objeto de suspensão, com espessura semelhante ao Nº 10 e ao Nº 7, poderá pertencer à mesma peça. Nº 7 - Objecto em osso polido e gravado no sentido de perfazer uma zona serrilhada. Nº 11 - Furador em osso. Nº 9 e 13 - Espátula polida em ambas as faces, a nº 9 apresenta um orifício para suspensão. Nº10 - Báculo em osso, fracturado na zona proximal. Apresenta a cabeça serrilhada. Nenhum dos objetos apresenta gravuras ou vestígios de pintura.

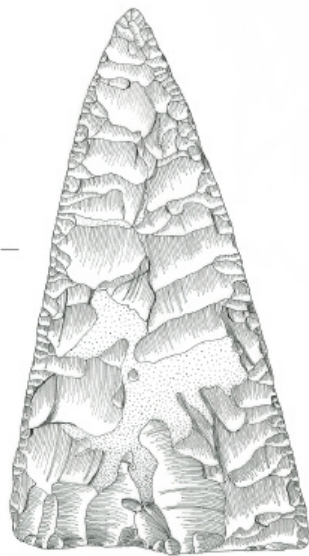
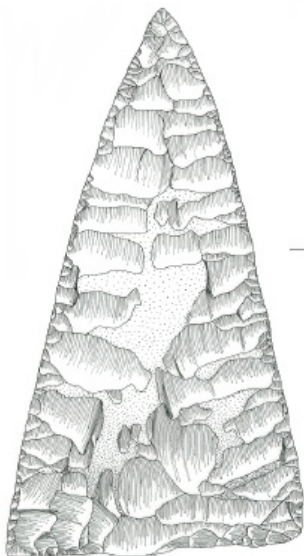
1 cm

Alabardas

RMII

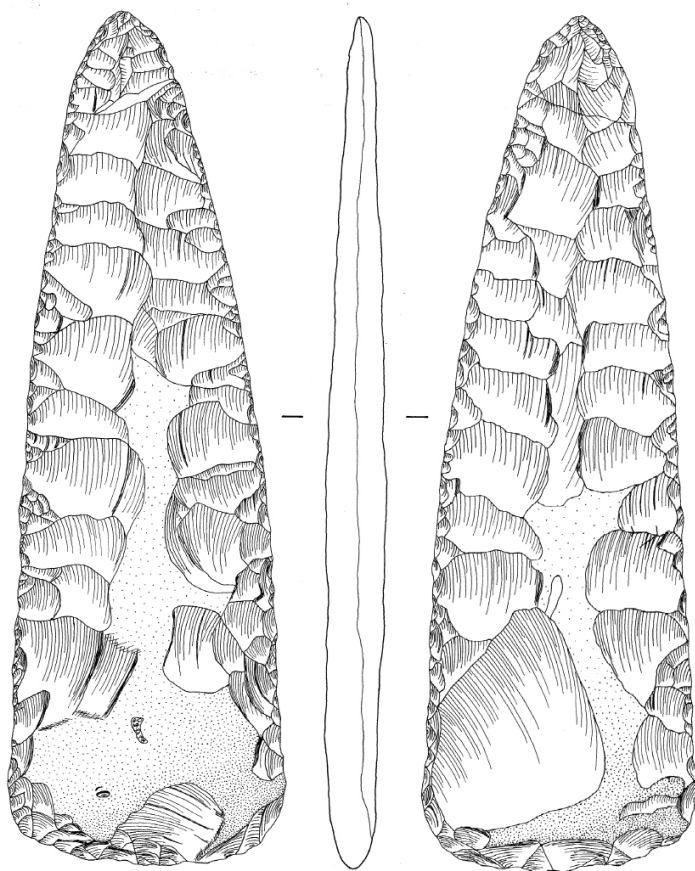


75



77

1 cm



73

Estampa 13 - Exemplo de alabardas retiradas da Anta II de Rego da Murta. Nº75 - Alabarda, em sílex, de contorno triangular e secção biconvexa. Bordos semiconvexos e assimétricos. Base semiretilínea. Nº73 - Alabarda, em sílex, de contorno triangular e secção biconvexa. Os bordos são semiconvexos e a base é convexa e facetada com retoques longos a invasores, escamosos e contínuos. Apresenta ao longo dos gumes retoques invasores, longos e curtos. Nº77 - Alabarda, em sílex, de contorno triangular e de secção biconvexa, com bordos convexos e base reta, facetada e com retoques longos a invasores, escamosos e contínuos. Todas apresentam a superfície polida.

■ 1 cm

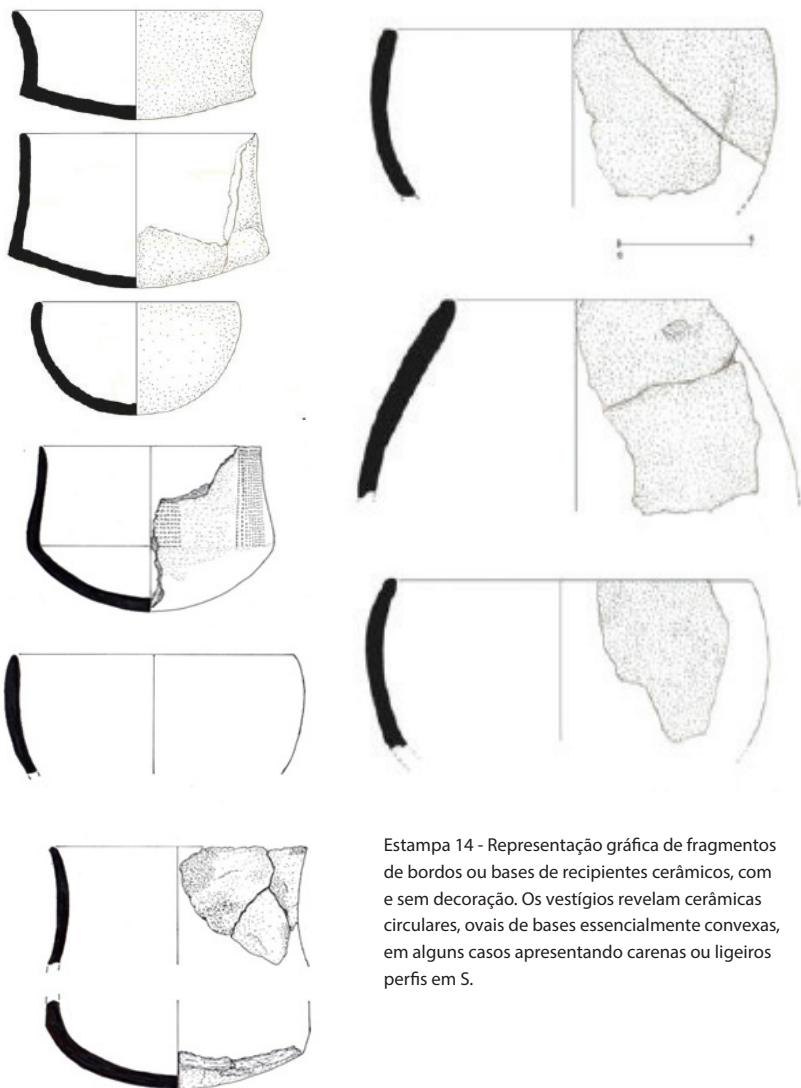
Ceramicas

RMI



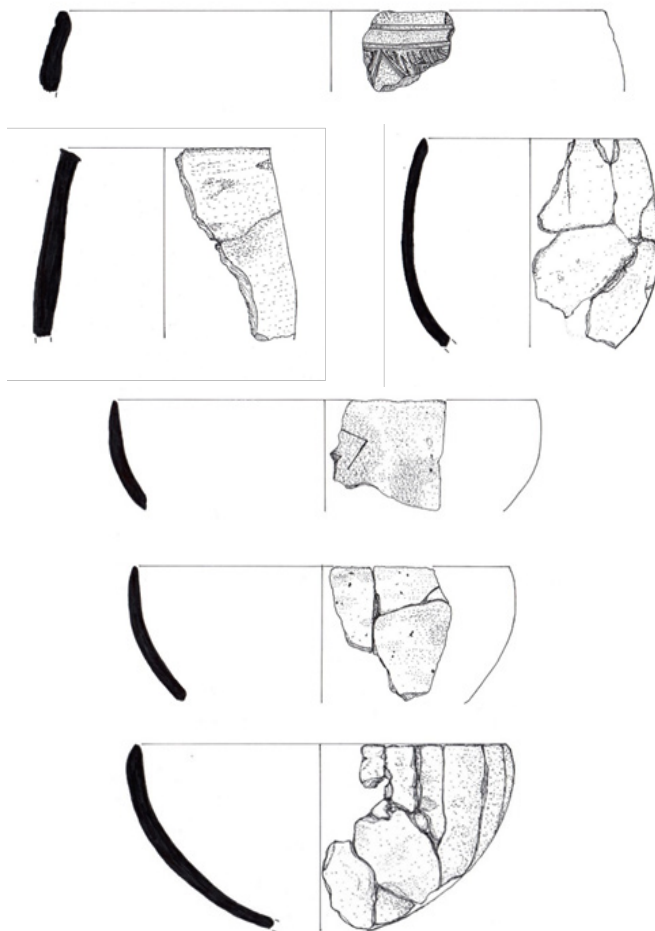
1 cm

RMII



Estampa 14 - Representação gráfica de fragmentos de bordos ou bases de recipientes cerâmicos, com e sem decoração. Os vestígios revelam cerâmicas circulares, ovais de bases essencialmente convexas, em alguns casos apresentando carenas ou ligeiros perfis em S.

■ 1 cm



Estampa 15 - Representação gráfica de fragmentos cerâmicos, com ou sem decoração, provenientes de Rego da Murta II.

■ 1 cm

Cerâmicas



439



563



247



253

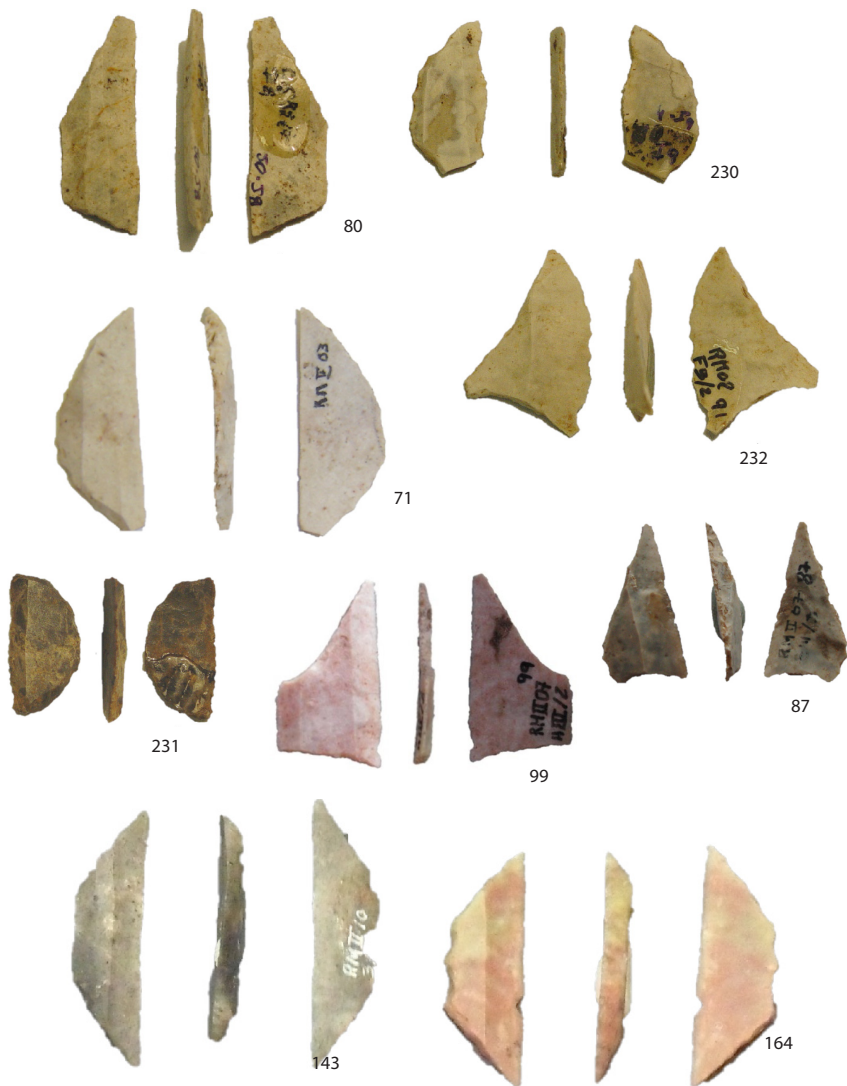


68-70

Estampa 16 - Fotografias de alguns recipientes cerâmicos. Nº439 - perfil em S. Nº247 - Troncocônico. Nº 253 - Com carena a decoração metopada por impressões pontilhado. Nº68-70 - Com presença de asa. Nº563 - decorado com excisões.

— 1 cm

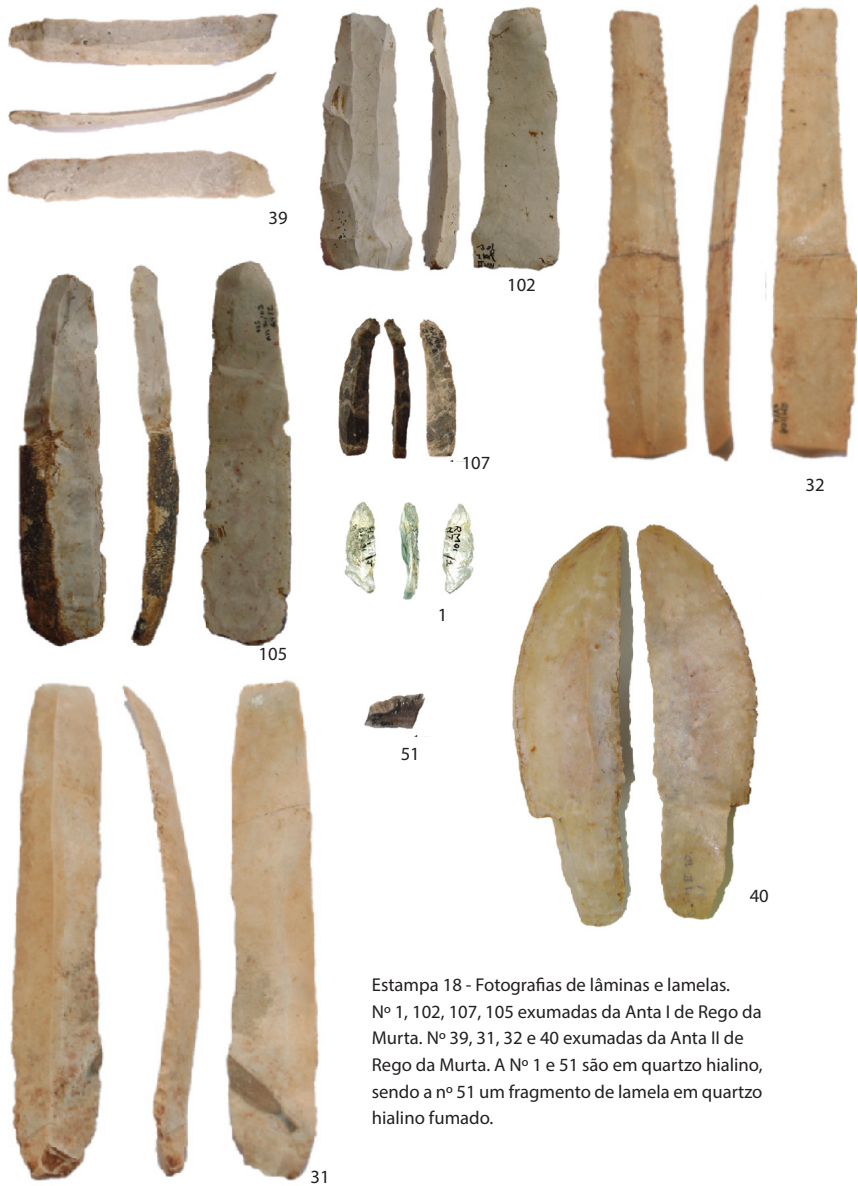
Microlitos



Estampa 17- Micrólitos em sílex. Nº 80, 230, 231 e 232 - Anta I de Rego da Murta; Nº 71, 99, 87, 143 e 164 - Anta II de Rego da Murta. Nº 80, 232, 99, 87, 143 e 164 - Trapézios. Nº 230, 71, 231 - Crescentes

1 cm

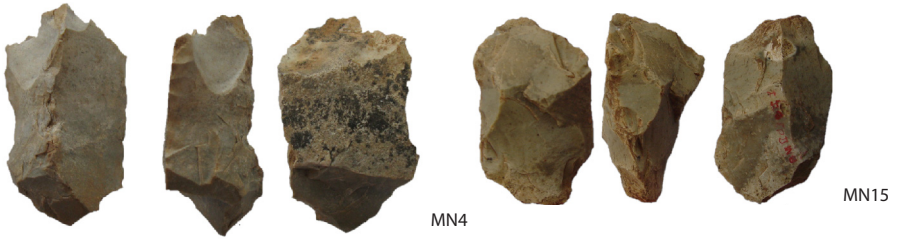
Lâminas



Estampa 18 - Fotografias de lâminas e lamelas.
Nº 1, 102, 107, 105 exumadas da Anta I de Rego da Murta.
Nº 39, 31, 32 e 40 exumadas da Anta II de Rego da Murta.
A Nº 1 e 51 são em quartzo hialino, sendo a nº 51 um fragmento de lamela em quartzo hialino fumado.

— 1 cm

Macrolíticos, Núcleos e Percutores



— 1 cm



MN31



MN 33



MN172



MN37

Estampa 19 - Fotografias de núcleos, percutores e macrolíticos da Anta II de Rego da Murta II. Nº MN4 e MN5 - Núcleos em chert. Nº MN178 e MN32 - Seixos em quartzito usados como percutores. NºMN31 Movente em quartzito. Nº MN172 - Pequeno núcleo em quartzo hialino. NºMN33 - Grande raspadeira em quartzito (macrolítico). Nº MN37 - Movente em granito.

— 1 cm

Polidos



30



28



4

1 cm

300



2

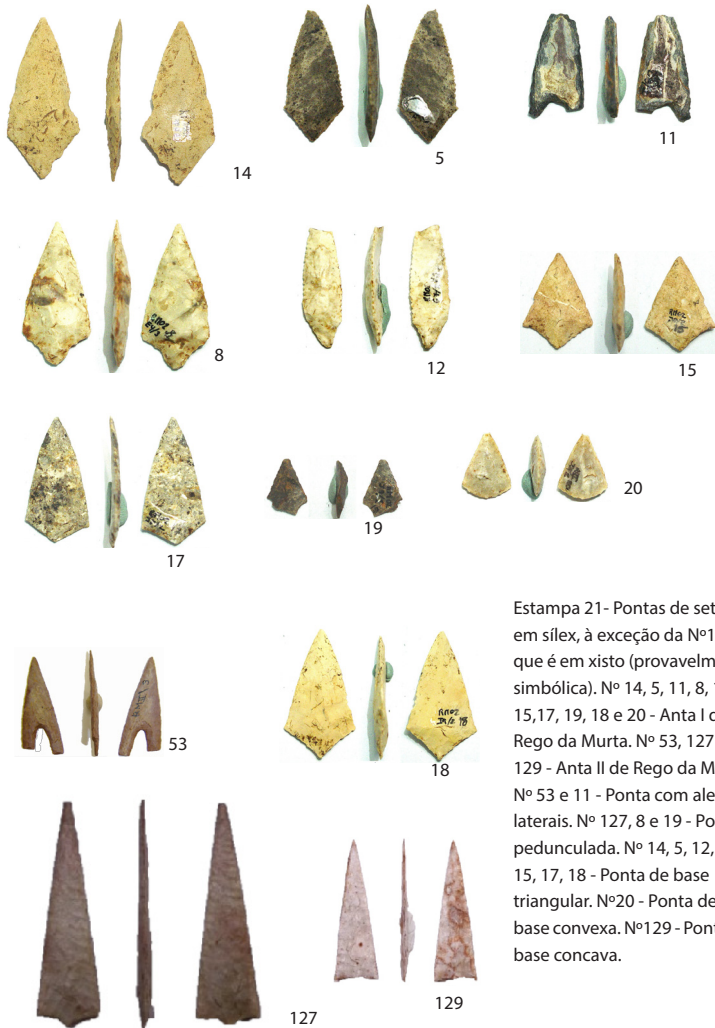


5

Estampa 20 - Nº1 - Goiva alongada e polida integralmente, com talão estrangulado e gume curvilíneo fino.
 Nº2 - Enxó, em anfíbolito, de forma trapezoidal e secção retangular.
 Nº 28 e 30 - Machados polidos, em anfíbolito, de secção quadrangular, com polimento parcial, ocupando entre 30 a 40% do corpo do objeto.
 Nº 4 - Machado com traços de uso no gume de percussão, secção retangular e com um polimento parcial superior a 75%. Nº 5 - Pequenomachadinho, possivelmente ritual, sem traços de uso a assinalar, polido integralmente.

— 1 cm

Pontas Seta



Estampa 21- Pontas de seta em sílex, à exceção da Nº11 que é em xisto (provavelmente simbólica). Nº 14, 5, 11, 8, 12, 15, 17, 19, 18 e 20 - Anta I do Rego da Murta. Nº 53, 127 e 129 - Anta II de Rego da Murta. Nº 53 e 11 - Ponta com aletas laterais. Nº 127, 8 e 19 - Ponta pedunculada. Nº 14, 5, 12, 15, 17, 18 - Ponta de base triangular. Nº20 - Ponta de base convexa. Nº129 - Ponta de base concava.

1 cm

Artefatos Osseos



Estampa 22- Fotografias de instrumentos ósseos provenientes das Anta I e II de Rego da Murta. Rego da Murta II - NºRMII-1 - Botão em osso, em forma de laço, com duas perfurações centrais, simétricas e troncocónicas, que atravessam do reverso para o anverso, com vestígios de traços de uso. Nº 5 - Botão em laço, com duas perfurações subcirculares, localizadas no reverso. Nº25 - Parte mesial de um objeto simbólico, com ambas a face polida, sem decoração, apresenta uma pequena aleta lateral. Nº 23 - Estilete com cabeça embutida, fraturada, em forma de laço, possível colher de mel. Nº 20 - Pequeno fragmento de um objeto de suspensão, com uma perfuração circular na extremidade. Nº 16 - Fragmento de artefacto serrilhado nos bordos, junto a uma das extremidades, onde apresenta um pequeno orifício. Objeto de suspensão. Rego da Murta I - Nº3 - Pequeno fragmento subcircular alongado. NºRMI-1 - Furador afeiçoado, com cerca 6mm de diâmetro de perfuração e 11cm de comprimento.

1 cm

Adorno e simbólicos





Estampa 23 - Fotografias de elementos de adorno e objetos simbólicos de Rego da Murta II. Nº47 Placa de xisto trapezoidal, com ambas as faces polidas, com decoração incisa. Apresenta linha de cabeça a 1/5 da peça, com triangulações preenchidas a reticulado. No topo possui uma perfuração troncocônica. Na área limpa, junto à perfuração, numa das faces apresenta um crescente (possível representação de astro lunar), realizados a traço muito fino. Nº38 - Placa de xisto, disforme, assemelhando-se a um possível báculo, sem decoração. As faces são polidas e possui um orifício na área mais curta. Nº82, 85 e 89 - Contas de colar.

Alabardas



136



135

Estampa 24 - Fotografia de duas alabardas de Rego da Murta II. Ambas são simétricas, com bordos apresentando traços de uso e retoques diversos, desde invasores a abruptos. As bases são convexas. Apresenta faces polidas.

— 0,2 cm

Cobre



Estampa 25 - Nº 2 - Fragmento proximal de um objeto de suspensão de secção circular e forma alongada.

Nº 3 - Furador em cobre, fraturado.

